

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS

**PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS,
FIGURAÇÃO, PODER E
DIFERENCIAÇÃO EM BICÓ,
CUIAMUCU E CANELA-FINA –
COMUNIDADES AMAZÔNICAS**

Campinas
2008

GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS

**PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS,
FIGURAÇÃO, PODER E
DIFERENCIAÇÃO EM BICÓ,
CUIAMUCU E CANELA-FINA –
COMUNIDADES AMAZÔNICAS**

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Dra. MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

M428p	<p>Matos, Gláucio Campos Gomes de. Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina – Comunidades Amazônicas / Gláucio Campos Gomes de Matos. - Campinas, SP: [s.n], 2008.</p> <p>Orientadores: Maria Beatriz Rocha Ferreira. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.</p> <p>1. Comunidades amazônicas. 2. Configurações. 3. Poder. 4. Extrativismo. 5. Agrarização. 6. Futebol I. Ferreira, Maria Beatriz Rocha. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
-------	--

Título em Inglês: Sociocultural activities, figurations, power and differentiation in Bicó, Cuiamucu and Canela-Fina – Amazon Communities.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Amazon Communities; Configuration; Power; extraction economy; Agrarianization; Football.

Área de Concentração: Atividade Física Adaptação e Saúde.

Titulação: Doutorado em Educação Física.

Banca Examinadora: Ademir Gebara. José Aldemir Oliveira. Marcelo Weishaupt Proni. Maria Beatriz Rocha Ferreira. Mário Maia Bracco.

Data da Defesa: 17-12-2008.

GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS

**PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS,
FIGURAÇÃO, PODER E DIFERENCIAÇÃO
EM BICÓ, CUIAMUCU E CANELA-FINA –
COMUNIDADES AMAZÔNICAS**

Este exemplar corresponde à defesa da Tese de
Doutorado apresentado por Gláucio Campos
Gomes de Matos à Comissão julgadora em:
17/12/2008



Dra .MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA
Orientadora

Campinas
2008

COMISSÃO JULGADORA



DOUTORA: MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA

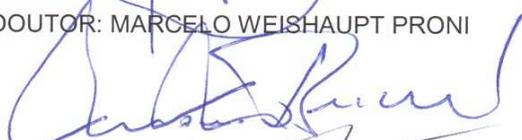
Orientadora



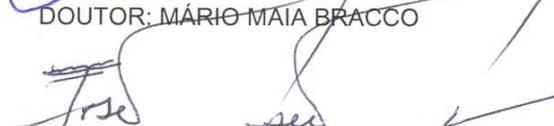
DOUTOR: ADEMIR GEBARA



DOUTOR: MARCELO WEISHAUPT PRONI



DOUTOR: MÁRIO MAIA BRACCO



DOUTOR: JOSÉ ALDEMIR OLIVEIRA

Dedicatória

Dedico este trabalho a

Minha esposa Soraney e minha filha Taiana. Nessa empreitada, aprendemos juntos, eu cá e elas lá, a conviver controlando nossas emoções.

Alcides Werk, in memoriam, e Marleny, meus pais, responsáveis pelo meu caminhar.

Alcides, Roseane, Dirk e Larissa, meus irmãos.

À Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, pelo contínuo estímulo ao avanço científico.

Agradecimentos

Meus agradecimentos aos profissionais, em cujos encontros técnicos e científicos, colaboraram para o enriquecimento deste trabalho:

Prof. Dr. Paulo F. Bührnheim in memoriam, e Profa. Dra. Nair Otaviano Aguiar, do laboratório de Zoologia da Universidade Federal do Amazonas – Ufam

Otávia Cunha dos Santos e Rosalba da Costa Bilby, biólogas, responsáveis pelo Herbário da Ufam

Dra. Joana D’Arc Ribeiro, da Faculdade de Ciências Agrárias – Ufam

Mestre Hailton Luiz Siqueira da Igreja. Prof. Do Departamento de Ciências Exatas – Ufam

Carlos Cid Ferreira e José Ferreira Ramos, respectivamente pesquisador e técnico do Herbário do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia - Inpa

Dr. Augusto Loureiro Henriques – Curador da coleção de invertebrados do Inpa

Dr. Gil Vieira. Coord. De Pesquisa em Silvicultura Tropical – Inpa

Mestre Paulo Cezar Machado Andrade. Faculdade de Ciências Agrárias/ Ufam. Coord. Do Programa Pé-de-pincha.

Dr. Manuel de Jesus Vieira Lima Junior. Departamento de Ciências Florestais – Ufam

Mestre Haroldo A. Guerreiro. Coordenador de Ótica e Física Moderna – Ufam

Dr. Valmir Souza de Oliveira – Departamento de Ciências Florestais – Ufam

Ednelza Santos de Albuquerque e Marcelo Reis. Designer

Médico Veterinário Augusto Kluczkovski Junior

Prof. MSc. Marcelo Garcia

Padre Paulo Pinto – Pároco da Igreja Nossa Senhora de Lurdes da Arquidiocese de Manaus.

Padre Irineu Neubaner de Oliveira – Pároco da Igreja de Nossa Senhora Aparecida de Boa Vista do Ramos.

Prof. Yan Marcelo Sampaio Rodrigues

Raul Linhares Moreira – desenhista

Roberta Tojal – ao tratar de manipulação de imagem

Benayas Inácio Pereira – pela revisão de texto

Aos membros da banca, pela imparcialidade com que avaliaram esta tese:

Prof. Dr. Ademir Gebara

Prof. Dr. José Aldemir Oliveira

Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni

Prof. Dr. Mário Maia Bracco

Professores da FEF/UNICAMP que direta e indiretamente contribuíram nessa empreitada acadêmica:

Prof. Dr. Ademir Demarco

Profa. Dra. Antonia Dalla Pria Bankoff ,

Prof. Dr. Edison Duarte

Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Profa. Dra. Heloisa Turini Bruns

Prof. Dr. Jocimar Daolio

Prof. Dr. Jorge Sérgio Pérez Gallardo

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Profa. Dra. Maria da Consolação Tavares

Prof. Dr. Miguel de Arruda

Profa. Dra. Maria Emília Godoi / IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira

Prof. Dr. Pedro José Winterstein

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Ao apoio do Prof. Dr. Philippe Remy Devloo. Na retaguarda, acompanhou essa jornada acadêmica.

À equipe da Biblioteca da FEF/UNICAMP, a nos disponibilizar o acervo bibliográfico para nossas investidas teóricas.

Dulce Inês; Andréa da Silva; Carmem Cocon; Marli Ferreira; Helena Gonçalves; Luís Gonzaga; Geraldo Marciano.

À equipe da pós-graduação da FEF/UNICAMP

Maria Moraes; Mariângela Bartier; Simone Ide; Dora Mariano.

Aos profissionais de diferentes setores da FEF/UNICAMP

Tânia Felipe; Newton de Mello; Selvino Frigo; Carlos Zamai; Paulo Lopes; Geraldo Donizetti.

À equipe do setor de informática da FEF/UNICAMP

Luís Filipe Figueira; Beeroth de Souza; Lucas Silva.

Aos amigos que deram apoio emocional nessa jornada, longe de minha família:

Dona Ana Fatarelli Rocha e sua família; Arlete Rocha; Nazareth Rocha; Odosar Fatarelli Rocha; Natha Rocha e Jurandir Pitsch.

Dr. Ismael Fernando Fatarelli e Suely Fatarelli

Aos companheiros que deram suporte na prazerosa viagem de investigação empírica:

Raimundo Aparecido Marinho e família; Raimundo Pedro Dias e família; os amigos que se dispuseram a colaborar enquanto caçador, pescador, agricultor e criador de boi. Meus sinceros agradecimentos.

Aos companheiros de estudo:

Josias da Silva; Ana Paula Cunha; Aylton Figueira; Ubiratan Alves; Deoclecio Gruppi; Roberta Tojal; Aluisio de Souza

Aos professores do DEGIN/FEF/UFAM

Profa. Dra. Artemis Soares; Profa. Dra. Kátia Augusta; Profa. Dra. Priscilla Trapp; Mestra Virginia Martel; Mestra Carmen Martini; Prof. Kemel Barbosa; Profa. Chang Yen In

Ao departamento de pós-graduação da Ufam, pelo constante apoio durante essa jornada acadêmica: Dona Ires, Sr. Jasson, Sr. Paulo.

Ao CNPq, por consentimento à bolsa de estudo, sem a qual haveríamos dificuldades na jornada acadêmica.

À dona Ilma Pereira dos Santos e a Ednelza, Gabriel, Hamilton, Socorro e Soraia Albuquerque pelo apoio substancial à minha família quando de minha ausência nessa empreitada acadêmica.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina – comunidades amazônicas.** Tese de doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2008

RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida em três comunidades do Município de Boa Vista do Ramos/ AM, a 270km de Manaus em linha reta ou, como é mais comum, 367km pelas estradas de rios. A viagem em barco de Manaus a Boa Vista é de 16 a 17 horas. Da sede do município à Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, mais duas horas em motor de rabeta. Os nomes fictícios escolhidos às comunidades pesquisadas têm como objetivo resguardar suas identidades. O objeto desta pesquisa foi estudar figuração, poder, diferenciação e redes de interdependência imbricadas às práticas socioculturais do extrativismo animal e vegetal: caça, pesca e produtos da floresta; o cultivo do solo com o plantio da mandioca, a criação de boi e a prática do futebol como espaço de lazer. Os objetivos foram (i) fornecer subsídios para maior compreensão do modo de vida de populações residentes em comunidades do Amazonas, conhecidos por “ribeirinhos”, em suas práticas sócio-culturais; (ii) revelar processos de diferenciação socioculturais ocorrendo nas comunidades pesquisadas por interferência do processo de integração, maior monetarização, programas sociais do governo, aumento populacional, monitorização da terra – vigilância via satélite e agentes fiscalizadores – pelo Estado, mudanças na percepção do valor simbólico de produtos naturais e a influência da prática esportiva nacional; (iii) fornecer subsídios que possam a vir contribuir com as discussões ambientais no Amazonas, levando em consideração o modo de vida de sua população. Optamos pelos procedimentos etnográficos, que nos possibilitou descrever as práticas corporais socioculturais a partir de observação participante, entrevistas, conversas, diálogos. O conceito de figuração nos proporcionou compreender a área de pesquisa inserida em redes de interdependências funcionais mais ampliadas. Os conceitos de crescimento extensivo e intensivo foram os critérios utilizados para discutir as práticas socioculturais. O aumento demográfico e geográfico, melhor padrão de vida da população, maior mobilidade espacial e social imbricadas no processo de integração fez notar seus efeitos ao ecossistema da região. O uso do fogo, a força motriz e a incorporação da motosserra empurraram a mata para mais longe. Enquanto a roça equilibra as relações de poder, a criação de boi tornou-se o diferencial social. Ela fez derrubar mais a mata de terra firme e igapó, empurrando a roça, áreas de caça e pesca para mais longe da casa. O boi exige maior organização para obter melhores resultados. Com as redes de interdependências ampliadas e as novas aspirações surgindo nas comunidades pesquisadas, pode-se notar maior pressão sobre a caça, peixe, quelônio e madeira. Nesse contínuo de práticas, a rotina é interrompida no ‘jogo de bola’. Embora observado que a excitação prazerosa ocorra em outras atividades, é no jogo de bola que homens e mulheres a compartilham pública e socialmente, desobstruídas de obrigatoriedade.

Palavras-Chaves: Comunidades amazônicas; figuração; poder; diferenciação; extrativismo; agrarização; futebol.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. Social-cultural Activities, Configurations, Power, and Differentiation in the Amazon Communities of Bicó, Cuiamucu and Canela-Fina. Doctoral Thesis in Physical Education, State University of Campinas (Unicamp), 2008.

ABSTRACT

The study was made of three communities of the county of Boa Vista do Ramos, AM, 270 km from Manaus as the crow flies but 367 km by river. The trip from Manaus to Boa Vista takes 16 to 17 hours. From the city hall to Bicó, Cuiamucu and Canela-Fina it takes another two hours by motor canoe. Fictitious names for the communities studied were chosen to conceal their identity. The objective of this research was to study figuration, power, differentiation and networks of interdependency involved in the social-cultural activities of an animal and vegetable extraction economy consisting of: hunting, fishing and collecting forest products; cultivation of manioc, raising cattle and playing football as leisure. The objectives were: (i) to furnish helps for greater comprehension of the life-style of populations resident in Amazon communities, known as “ribeirinhos” (river dwellers), in their social-cultural activities; (ii) to discover the processes of social-cultural differentiation that occur in the communities studied due to the interference from the integration process, greater monitoring, government social programs, population increase, monitoring the soil – satellite surveys and field agents – by the State, changes in the perception of the symbolic value of natural products and the influence of national sports activity; (iii) to provide material that can contribute to environmental discussion in the Amazon, taking into consideration the life-style of its population. We opted for ethnographic proceedings that made it possible for us to describe social-cultural activities by means of participative observation, interviews, conversations and dialogues. The concept of figuration enabled us to comprehend the research area inserted in webs of more ample functional interdependencies. Concepts of extensive and intensive growth were used as criteria to discuss social-cultural activities. Demographic and geographic expansion, the population’s better standard of living and its greater spatial and social mobility involved in the integration process have notably effected the ecosystem of the region. The use of fire, motorization and the incorporation of the chainsaw have shoved the forest farther away. While the roça equalizes relations of power, cattle raising has become a social differential. It causes cutting down more soil and in swampland forests, pushing the farm, hunting areas and fishing farther away from home. With interdependent webs extended and new aspirations arising in the communities studied, one can notice greater pressure upon game, fish, turtles and wood. In this continuity of activities, routine is interrupted with ‘playing ball’. Although it was observed that pleasurable excitement occurs in other activities, it is in playing ball that men and women publicly and socially share, unimpaired by obligation.

Key-Words: Amazon communities; configurations; power; extraction economy; agrarianization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização do Município de Boa Vista do Ramos.....	33
Figura 2 -	Ingestão de água do cipó d'água.....	42
Figura 3	-Recreio na época da seca passando por baixio. Prático orienta o caminho.....	86
Figura 4 -	Crianças e jovens acompanham a construção do casco. Embarcação escavada a partir de um único tronco de árvore.....	88
Figura 5	Preparação da farinha.....	89
Figura 6	Homens na derrubada da mata.....	106
Figura 7 -	Roçado mal queimado dificulta o trabalho dos participantes do puxirum. Menos espaço para o plantio e maior é a exigência física.	108
Figura 8 -	Crianças: uma na prática de arco e flecha, outra com pequeno arpão.....	158
Figura 9 -	Batição, técnica de pescar no período da vazante do rio.....	163
Figura 10 -	Técnica de pescar fazendo o cerco aos peixes com o uso de malhadeira	164
Figura 11 -	Adolescentes na prática da pescaria do arpão.....	172
Figura 12 -	Pescaria de arpão em águas rasas.....	173
Figura 13 -	Rapazes sururucando – captura de tracajá no capim.....	177
Figura 14 -	Adolescente expondo o filhote de veado mateiro.....	194
Figura 15 -	Lavatório de porco-queixada. Torna-se bebedouro à medida que o verão escasseia a água na floresta.	213
Figura 16 -	Esquema mostrando a estratégia de caçadores para caçada na ilha, de anta ou veado	230

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CODESAV	Comissão Executiva Permanente de Sanidade Animal
CPRM-AM	Serviço Geológico do Brasil
FNS	Força Nacional de Segurança
FEF	Faculdade de Educação Física
GECAN	Grupo Estratégico de Combate ao Crime Ambiental
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IDAM	Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IPAAM	Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas
MAPA	Ministério da Agricultura
OIE	Organização Internacional de Saúde Animal
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
SEPROR	Secretaria de Estado de Produção Rural
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Introdução	15
CAPÍTULO I.....	31
1. Caminhos percorridos: procedimentos metodológicos e fundamentação teórica - conceitos.....	31
1.1 Procedimentos metodológicos	31
1.2 Delimitação da área de estudo.....	32
1.3 Bicó, Cuiamucú e Canela-Fina sob a marca da água e o uso do rio.....	34
1.4 Objeto da pesquisa.....	40
1.5 Objetivos da pesquisa.....	40
1.6 Tipo de pesquisa.....	40
1.7 Contribuição de pesquisadores e dos moradores da área de investigação.....	43
1.8 Outras fontes.....	44
2. Fundamentação teórica – conceitos	45
2.1. Adaptação.....	45
2.1.1 Adaptação ao calor e umidade relativa do ar elevada.....	50
2.2 Conceitos.....	55
2.2.1 Conceitos em Norbert Elias.....	55
a) Figuração.....	55
b) Poder.....	57
c) Os pronomes pessoais como modelos figuracionais.....	58
d) Envolvimento e distanciamento.....	59
e) O entendimento de lazer.....	60
2.2.2 Contribuições de Johan Gousblom.....	69
Capítulo II.....	75
1. Na estrada de rios, o barco me lava – e os demais indivíduos – à Bicó, Cuimucú e Canela-Fina.....	75
1.1 Chegada em Bico, Cuiamucú e Canela-Fina.....	82
Capítulo III.....	89
1. Prática agropecuária – cultivo do solo (plantio da mandioca) e criação de boi.....	89
1.1 O regime do fogo em Bicó, Cuiamucú e Canela-Fina	93
2. Cultivo da mandioca.....	103
2.1 Puxirum, ajuri ou mutirão.....	108

2.2 Figuração no puxirum.....	113
2.3 No roçado o puxirum se revela.....	119
2.4 Condição física e exigência do esforço no puxirum.....	121
2.5 Ainda sobre o puxirum.....	124
3. Criação de boi.....	130
3.1 Assim, ainda se cria boi e assim, ainda se mata boi.....	140
Capítulo IV	141
1. Extrativismo animal e vegetal.....	141
1.1 Extração da madeira.....	143
1.2. Pescaria.....	148
1.2.1 Pescaria de caniço	156
1.2.2 Pescaria de arco e flecha.....	157
1.2.3 Pescaria de linha.....	159
1.2.4 Pescaria de malhadeira	161
1.2. 5 Facheação ou porongação.....	165
1.2. 6 Pescaria de arpão	166
1.2.7 Sururucar (captura de tracajá) e retirada de ovos.	176
1. 3. Caçada.....	184
1.3.1 Caçada na mata.....	197
1.3.2 Caçada a pato-do-mato.....	203
1.3.3 Caçada de canoa.....	207
1.3.4 Caçada em moita.....	210
1.3.5 Caçada de cachorro.....	215
1.3.6 Caçada na varrida.....	223
1.3.7 Caçada na ilha.....	224
Capítulo V	233
1. O futebol como espaço de lazer.....	233
1.1 Etnografando o espaço de jogo.....	234
1.2 O torneio, os jogadores e os espectadores.....	235
1.3 O jogo pelo olhar da teoria.....	239
Considerações Finais	247
Referências Bibliográficas	255

Apêndices	265
APÊNDICE A: Solicitação ao Comitê de Ética da Universidade do Amazonas a Isenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	266
APÊNDICE B: Documento encaminhado á Marinha do Brasil.....	267
APÊNDICE C: Participantes de alguns puxiruns dos quais nos envolvemos para coleta de dados.....	268
Anexos	270
ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	271
ANEXO B: Parecer do Comitê de Ética.....	272
ANEXO C: Documento da Marinha do Braisl.....	273
ANEXO D: Texto apresentado no dia da defesa sob o título: <u>SEMEAR A TERRA, PLANTAR FLORESTA E POVOAR OS RIOS</u> , por: Dr. José Aldemir Oliveira	275

Introdução

Situar o leitor historicamente talvez seja uma forma de incitá-lo a compreender melhor o pesquisador na escolha do objeto de estudo e o espaço onde é estudado. A história nos coloca numa posição de rever o passado e refletir sobre esse passado. Coloca-nos numa posição de saber quem somos, de onde viemos. Embora essa não seja uma pesquisa de um historiador, dados históricos nos ajudarão na compreensão de nosso estudo.

Na teoria de Norbert Elias observa-se que não há um ponto zero, há um processo que culmina, em algum momento da história, e revela-se como se fosse o início de algo, ofuscando a visão de muitos para o aqui e o agora. Tudo está em processo e nele nos situamos ou somos parte dele. Elias (1980) nos permite visualizar e a entender a nossa posição ao discutir os pronomes pessoais como modelos figuracionais. Aos 45 anos de idade, com formação em Educação Física, parece não ter nexos pesquisar indivíduos, que dependendo da figuração, podem ser caçadores, agricultores, pescadores e extrativistas residentes em comunidades na extensa área territorial do Amazonas, que para efeito geopolítico denominamos comunidades rurais. Talvez não tivesse nexos se fôssemos, segundo Elias (1994a), indivíduos desprovidos do *nós*. Fôssemos seres atomizados, sem história, isto é, chegássemos ao mundo como um adulto pronto, uma partícula agregada à sociedade. Se somos o que somos hoje, é porque somos seres relacionais e nossa individualidade diz respeito à nossa individualização. Nós, como enfatiza Elias (1980, p. 129), não atravessamos o processo, nós somos o processo. Com essa visão, ao examinar o conceito de indivíduo, Elias critica o conceito tradicional de indivíduo o qual está ligado a uma imagem mental, pois, segundo o autor, “fomos educados desde pequenos para nos tornarmos independentes, adultos perfeitamente autoconfiantes, desligados de toda a gente”. Nesse sentido, buscamos enfatizar nesse trabalho um *eu* adulto carregado de experiências passadas por muita gente.

Minha experiência no interior do Estado do Amazonas iniciou-se com meu nascimento em Nhamundá, um dos seus 62 municípios. Depois minha família morou em diferentes cidades, dentre elas Manaus e Maués no qual passei minha infância e início da adolescência, onde pude conhecer, ao viajar em companhia de meus pais e conhecidos,

moradores e comunidades situadas ao longo de rios e lagos desse município. Me lembro de meus pais, segundo seus relatos orais, já terem uma experiência de uma época, muito antes de hoje, em que o rural “batia” na porta de suas casas. Mais tarde essa convivência, arraigada na memória, levou-me a ser técnico em agropecuária. E assim foi minha infância, adolescência e não diferente, como adulto, andar por várias comunidades do Amazonas em companhia de indivíduos detentores de técnicas e habilidades para pescar, caçar, cultivar o solo. Indivíduos cujo conhecimento permitiam-lhe e permitem explorar o ambiente por terra ou por água.

Essa experiência de vida gerou conhecimento científico na dissertação de mestrado intitulada “Atividades corporais – uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas”, defendida em 1996 na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira.

Vimos naquela fase, pelo viés da adaptação humana, o homem inserido dentro de um tempo cíclico, num clima quente e úmido se “relacionando” com a natureza. Os resultados nos trouxeram inquietações, apontando para um maior aprofundamento do estudo, que no mestrado, ficou pouco explorado por limitações a julgarmos estar vinculado ao tempo e a apropriação do referencial teórico daquele momento.

Hoje, 12 anos após apresentar a dissertação de mestrado, voltamos a área com um olhar subsidiado pela teoria figuracional de Norbert Elias, para aprofundar questões nas relações sociais interna e externa do grupo. Nessa perspectiva, num ambiente de clima quente e úmido, nosso objeto concentrou-se no estudo de figurações, poder, diferenciação e redes de interdependência imbricadas às práticas socioculturais do extrativismo animal e vegetal: da caça, pesca e produtos da floresta; o cultivo do solo, especificamente o plantio da mandioca; a criação de boi e a prática do futebol como espaço de lazer de moradores residentes nas comunidades de Cuiamucu, Bicó e Canela-Fina, subordinadas ao Município de Boa Vista do Ramos, no Baixo Amazonas, a 18 horas de viagem, em barcos de linha, de Manaus. Chamo a atenção do leitor para os nomes atribuídos às comunidades.

Na designação real, as comunidades pesquisadas levam nomes religiosos, duas delas estão ligadas à religião católica e uma à adventista. Para salvaguardar suas identidades, as denominações simbólicas escolhidas pelo autor, neste trabalho, foram Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Por trás dos nomes fictícios há um significado que entrelaça o dia-a-dia de seus habitantes.

Bicó se refere à denominação afetiva ou de admiração que as pessoas demonstram ao grande mamífero que habita as matas da região, qual seja, a anta (*Tepirus terrestris*). Tal animal merece atenção ao ser caçado por, suas qualidades inatas de pressentir o perigo. Ao ser abatido, dá ao indivíduo fama de um bom caçador, mas os membros da religião adventista não o consomem, pois é, segundo a Bíblia, uma carne impura. Bicó refere-se a uma comunidade que predomina a religião católica. Canela-Fina é denominação que se dá ao veado, principalmente o veado vermelho ou mateiro (*Mazama americano*), animal que sofre forte pressão por ser apreciado tanto pelos adventistas quanto pelos católicos. Em Canela-Fina predomina a religião católica e é a comunidade que deu origem as duas outras. Cuiamucu se refere ao filhote de tracajá (*Podocnemis unifilis*). Embora não seja consumido pelos adventistas, tanto eles quanto os católicos, fazem pressão em sua captura. Os primeiros para comercializar e os segundos para o consumo e a comercialização. Cuiamucu é comunidade que surge em 2003 por pressão política e ideologias de pessoas que buscavam ter sua própria comunidade formada por adventistas. Hoje, Cuiamucu é constituído por adventistas e católicos. Os nomes utilizados para identificar as comunidades irão surgir no contexto do trabalho designando o nome de caça ou como substantivo nomeando as comunidades. No capítulo I, o leitor vai ter melhor visão da área de investigação.

Faço observação ao uso dos adjetivos rural e urbano. O primeiro relativo ao campo, à vida campestre e o segundo relativo à cidade. O uso em situação de estado e dicotômico dos adjetivos ofusca nossa percepção de transição e nos induz a um juízo de valor, que via de regra, recai sobre o “rural” perdendo de vista o processo de transição. Como poderemos observar na seqüência do texto, Manaus surgiu de um povoado. Substantivo que designa aldeia, lugarejo. Da mesma forma o Município de Boa Vista do Ramos, surge de um lugarejo semelhante a Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Por questões geopolíticas podemos dizer que os lugarejos são comunidades rurais de Boa Vista do Ramos. E onde fica o rural desses lugarejos? Será que se encerra ali mesmo? Essa é uma questão que os moradores da área de pesquisa podem responder sem se referir ao rural e urbano, isto é, referem-se numa perspectiva de transição. Ao chegarmos na residência de um conhecido e perguntarmos: O Raimundo está? *Não*. Ele foi para onde? *Ele foi para o centro*.

O centro é o lugar mais próximo da mata ou mais distante da residência. O centro é um lugar de trabalho, pode ser uma clareira na mata onde a roça é cultivada, onde se constrói a casa de farinha e se duvidarem, conforme cresce a família, alguém estará, em breve,

residindo no centro, que deixa de ser o centro. A mesma pergunta é feita a outra pessoa ao qual nos responde que seu pai, mãe ou o seu irmão está *pra cabeceira*. Cabeceira também é o lugar mais afastado da casa principal. Pode ser cabeceira de rio e estar mais dentro da mata. Com as idas e vindas, a cabeceira se torna habitada por mais pessoas e em breve torna-se povoado. A cultura se instala e a floresta cede espaço, assim como os animais silvestres, dando lugar aos animais e plantas domésticas. Não é diferente lançarmos a pergunta aos indivíduos procedentes dessas “comunidades” que já instalaram sua morada em Boa Vista do Ramos. O D. está? *Não. Está pro centro. Ou ainda, está para estrada.*

Centro e estrada é o espaço mais distante da casa, porém, mais próximo da mata. Em breve a segunda casa desse pai estará, assim como tantas outras, instalada na área que antes era o centro e o centro ou a cabeceira se tornam mais longe, talvez em uma outra década, mas o que importa é que está sempre em processo de transição. Nesse sentido, nossa pesquisa estuda pessoas residindo num espaço geográfico em processo de transição. As mudanças ocorrendo nesse processo busca-se apresentar no decorrer de nossa descrição.

Elias (1994b), ao estudar processos de longa duração nos instiga a buscar no tempo, na história a compreensão do espaço estudado, em processo. Johan Goudsblom, seguidor das idéias de Elias, avança no processo de longa duração e nos proporciona contributos para a concepção desta pesquisa empírica, o que nos faz, seguindo a linha dos autores, situar a área estudada no tempo e no espaço.

O primeiro europeu a percorrer o rio Amazonas foi o espanhol Francisco Orellana entre 1539 e 1542, mas são os portugueses que em 1639 tomam posse do Rio Amazonas por meio da expedição de Pedro Teixeira e somente em 1669 a Fortaleza de São José do Rio Negro foi construída como um ponto militar estratégico para resguardar os rios dos invasores holandeses e espanhóis, que na época pelo domínio da terra, eram inimigos da Coroa Portuguesa.

Manaus nasce, como um povoado, denominado Lugar da Barra, ao redor dessa fortaleza em 1669. Em 1778, a população constava de 220 índios, trinta e quatro brancos e dois negros. Ao longo da história o lugar é levado à categoria de vila, depois de cidade em 1848, quando em 1850, com a elevação do Amazonas à categoria de Província, a Cidade da Barra, já mostra mudanças: uma praça, dezesseis ruas, 243 casas e perto de três mil habitantes. A implantação da navegação comercial a vapor em 1853, restrito a navios brasileiros e 13 anos depois é ampliado à navegação internacional em 1866, o “progresso” avança. A Cidade da Barra

que em 1856 passa a ser chamada Manáos, em homenagem à nação indígena Manáo (Mãe dos Deuses), prospera com a exportação de produtos resultados do extrativismo, entre os quais castanha, guaraná, cumaru, couro e látex da seringueira.

Dunlop em 1888 descobre, utilizando a borracha, o pneumático para bicicletas e depois os irmãos Michelin a aplicam em automóveis. O Amazonas, como o principal produtor mundial de borracha fruto do extrativismo, orienta sua economia. Manaus sente o “impacto” do progresso no período do Ciclo da Borracha (1879 a 1912), o qual fez migrar para cidade, nordestinos e brasileiros de outras regiões, ingleses, franceses, judeus, gregos, portugueses, italianos e espanhóis. A população de Manaus em 1900 é em torno de 20 mil habitantes e o Amazonas chega aos 250 mil. Manaus passa por mudança em sua estrutura aos moldes europeus. Ganha luz elétrica, água encanada, bondes elétricos, porto flutuante, sistema de telefonia, praças e prédios luxuosos e os requintes ainda não presentes em outras cidades brasileiras. Em 1912, o Ciclo da Borracha perde força e a economia do Estado entra em caos e quem pode, abandonou Manaus, porém, a vida continuou, não só na capital do Estado, mas no Amazonas. Afinal já estava em processo a expansão demográfica. Nesse sentido continuamos em busca de evidências históricas para chegarmos a área de pesquisa.*

A origem da cidade de Boa Vista do Ramos vincula-se ao Município de Maués, conhecida por Terra do Guaraná, que está distanciada de Manaus a 268 km em linha reta e 356 km por via fluvial. Maués surge em 1798, passa por várias classificações políticas ao longo da história e chega a ser considerada município em 1896.

O Município de Boa Vista do Ramos surge em forma de povoado às margem do Paraná** do Ramos, mas é levado à condição de zona distrital de Maués somente em 1938. Em 1961 passa a ser município, mas em 1964 volta a ser subdistrito de Maués. Em 1981, retoma a posição de município e se desmembra da comarca de Maués.***

Aqui é um momento que a imersão na história ilumina nossa compreensão dos processos pelos quais culminam ao surgimento, nas “entranhas” do Amazonas, das comunidades Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Há de se entender, ao longo de nosso trabalho de campo, evidências de como os primeiros moradores chegaram a essa região. Que evidências são essas?

*http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az.php; <http://www.aam.org.br/aam/municipio/historia.asp>;

** Paraná – braço de rio principal de desemboca, após longo percurso, no rio principal. O Paraná do Ramos, é braço do rio Amazonas onde surge Boa Vista do Ramos e outros municípios do Baixo Amazonas.

*** http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az.php

São os produtos de extrativismo: castanha, cumaru, guaraná, látex da seringueira, madeira que abundava na região, mas é o depoimento – 14-9-07 – de R. A. 72 anos, que nos reforça o início da ocupação, ou melhor, o surgimento das comunidades pesquisadas. *Eu nasci*, começa a relatar, *em 1935 e já existia gente. Isso* (ao se referir ao espaço pesquisado) *já é muito antigo. O tio de mamãe morreu em 1936 e sabe lá com quantos anos ele morreu. Minha mãe nasceu em 1903. A minha avó, morreu em 1941*, e complementa: *naquela época ninguém sabia ler nem escrever*, o que nos coloca numa posição de reconstituir a história pelas informações orais. Dessa forma a comunidade Canela-Fina supõe-se ter iniciado nos meados do século XIX. A partir desse tempo, surgem as duas outras, Bicó e muito depois, Cuiamucu em 2003. Chamo à atenção do leitor para o fato da existência da área de pesquisa se aproximar do início da Cidade de Boa Vista, quando povoado.

Estudando a retrospectiva do Amazonas vê-se que o Estado atraiu milhares de pessoas para trabalhar na exploração extrativista de seus produtos naturais, não sendo difícil imaginá-las serem “desprovidas” de conhecimento da região. No período da borracha o poder do Estado centralizava-se na capital ficando a cargo dos coronéis da borracha ditar as regras para quem de longe vinha e pouco conhecia da área onde a borracha nas entranhas da mata se “escondia”. Quem vinha para o Amazonas, já chegava endividado e os chamados soldados da borracha acabavam por ficar à mercê dos patrões, pois não tinham como saldar suas dívidas.

Em razão da Segunda Guerra Mundial configurou-se na Amazônia o segundo ciclo da borracha – 1942 a 1945 – porém, curto. Em síntese, nesse processo histórico observa-se que a figuração do ciclo da borracha culminou por “arrastar”, ou melhor, incentivou a maior migração de pessoas de outras regiões do Brasil e do mundo em busca de algo melhor: de um lado os patrões e do outro os peões. Essa migração provocou na Amazônia, e no Amazonas especificamente, um dos primeiros impactos ambientais em seu ecossistema, causado pela intervenção humana.

E aqueles que vieram no ciclo da borracha não esperavam a chegada, no mercado internacional, da borracha asiática, principalmente provinda da Malásia, Ceilão e da África, deixando para a história do Amazonas um período de decadência. É possível observarmos que a caída da produção da borracha culmina, segundo Marina Silva (<http://www.senado.gov.br/web/senador/marinasi/artogos>) com o primeiro gesto de biopirataria no Brasil, especificamente no Acre, na Amazônia em 1912. Os pesquisadores ingleses, comenta

Marina, cometeram tal crime, levando para a Malásia a semente da então conhecida seringueira.

Por hora basta entendermos que as pessoas oriundas de outras regiões – do Brasil e do mundo – trouxeram consigo marcas de um nível de civilização que foi impactante tanto para as relações sociais como ambientais no Amazonas. A diversidade de culturas e hábitos que se interpenetraram e “dissiparam” pelo Amazonas, obviamente não coincidiram com os que na região viviam. Esse entrecruzar de raças, dessa miscigenação surge o caboclo ou, comumente chamado de ribeirinho. Tal denominação poderá ser melhor entendida ao discutirmos sobre o assunto água no capítulo I onde faz-se-á a delimitação da área de estudo.

No livro *Processo Civilizador* (1994b), Norbert Elias estudou mudanças nas condutas sociais, boas maneiras, mudanças de comportamento e de poder na Europa Ocidental. Um período longo da história que se enquadra entre 1350 a 1850. A história do Amazonas é conferida por uma “invasão” ou melhor, a colonização por homens “civilizados”, homens e mulheres que trouxeram consigo níveis de diferenciação e individualização de uma época. Cabe-nos na perspectiva da teoria do *Processo Civilizador*, investigar mais a fundo os outros civilizados que no Amazonas já existiam: os índios.

Os migrantes poderosos, é possível imaginar, para sentirem menos as pressões ecológicas buscaram moldar a arquitetura da Capital do Estado à de sua terra de origem, mas não menos importante observar o poder que a classe empresarial impunha um comportamento e, esse comportamento, acredita-se ter sido importante para manutenção do poder nessa e outras classes sociais da época.

No lado extremo do equilíbrio da balança de poder, aqueles que vieram sangrar a *Hevea brasiliense* (seringueira) convergiam para os seringas na floresta e margens de rios. Lá os soldados da borracha aprenderam, com quem já vivia, habilidades e competências para sobreviver e manter ou formar a unidade familiar. As pressões ecológicas manifestadas por intermédio do clima quente e úmido, picadas de insetos, conhecimento de espécies silvestres – animais e vegetais – aos poucos foram sendo absorvidas num processo de adaptação ao ecossistema amazônico. Vale dizer, no entanto, que quem veio para o Amazonas trazia um nível de conhecimento, em cujo as aspirações estava a exploração ambiental para comercialização, o que se contrapõem ao conhecimento ameríndio da época. Quem veio para o Amazonas não veio para viver em harmonia com ambiente, veio para explorá-lo em benefício próprio.

Obviamente não foi intenção sintetizar a história do Amazonas nessas poucas

linhas, mas buscar evidências do processo civilizacional o qual lhe influenciou, no sentido de que

Os processos de civilização são considerados uma característica universal das sociedades humanas. Onde quer que vivam, desde que pessoas morem juntas, formam “unidades de sobrevivência”. Adquirem competências que lhes permitem sobreviver, particularmente, nos nichos onde se encontram. Aprender as manhas da sobrevivência e transmiti-las á geração seguinte. (GOUDSBLOM, In GARRIGOU, LACROIX, 2001, p. 243).

E continua o autor: “trata-se da formação dos regimes de comportamento que as pessoas impõem às outras e a si mesmas, regimes que lhes permitem, de uma certa maneira, fazer frente aos problemas que encontram em sua vida e que são transmitidos uns aos outros. No curso do processo de transmissão, esses regimes podem sofrer mudanças maiores ou menores” (GOUDSBLOM, In GARRIGOU, LACROIX, 2001, p. 243). Dessa forma, no contexto deste trabalho, podemos observar as mudanças que se deslocam no tempo e no espaço em Canela-Fina, Bico e Cuimucu.

Um exemplo pode ajudar nesse entendimento. A faca e o terçado são instrumentos de trabalho no corte do mato, no tratar o peixe ou cortar carne, mas são instrumentos cujo manuseio, dado o autocontrole, que se diga não saiu da floresta. O autocontrole imposto ao indivíduo não oferece riscos no cotidiano da vida em comunidade. Se a faca ou terçado forem usados contra o ser humano ou o não humano, se torna uma arma de ataque ou defesa. No caso de luta corporal entre os humanos é covardia o uso de arma contra o outro desarmado e na medida do possível, tenta-se desarmar o valente armado, mas é no uso diário o fato que chamo a atenção ao ver um adolescente passar “naturalmente” a faca ou o facão com a parte perfurante voltada para si. É como, em “meio a floresta”, esse comportamento já existisse em sua natureza. Ao perguntar quem te ensinou isso? Responde o adolescente com a maior naturalidade: *eu aprendi assim mesmo. Como? Vendo. Meu pai faz assim e diz para fazer assim.* Para relacionar o retrospectivo ao exemplo proposto observamos nas pesquisas de Elias a alusão a esse pequeno gesto *cortês*, que trago da área de pesquisa, como regra de etiqueta datada de 1560: “Se passa uma faca a alguém, pegue-a pela ponta e lhe ofereça o cabo”, “porque não seria polido agir de outra maneira”. (ELIAS, 1994b, p. 130).

Voltando ao panorama histórico do Amazonas, sai da linha de frente a figuração da borracha e dá-se continuidade ao extrativismo de óleos vegetais, castanha

amazônica, madeira, guaraná etc. Dando um salto na história, entra no cenário amazônico a juta que chegou ao Brasil por volta² de 1930 com uma Missão Japonesa chefiada por Tsukasa Oyetsuka. Nessa negociação política, o Governo do Amazonas concede ao Governo Japonês um milhão de hectares de terra. A missão se dirigiu para Parintins, município próximo de Boa Vista do Ramos. A juta é procedente da Índia e nos leva a refletir, se o Brasil, especificamente o Amazonas, foi “vítima” da biopirataria, os indianos também não escaparam dela. O Brasil, porém, foi “presenteado” por outras culturas: cana-de-açúcar (Nova Guiné); café (Etiópia), jaca (Índia), manga (Ásia), rambutã (Ásia), nim (Índia), mangostão (Indonésia), bicho-da-seda (China), entre outros. Nesse jogo pelo domínio de mercado internacional, surgem figurações nas quais condutas humanas não são bem recebidas, mesmo que seja do outro lado do mundo e em diferentes momentos da história. O interessante é observar no processo de individualização (ELIAS, 1994a), a identificação tanto de quem levou a borracha quanto aquele que trouxe a juta. Dessa forma não devemos ser tão românticos ao delatar, como fez Marina Silva, os biopiratas da seringueira do ano de 1883, sem observarmos que a economia do Brasil teve como sustentáculo o café e a cana-de-açúcar.

Para não alongarmos o texto, utilizando exemplos históricos de figurações no Amazonas, sem nos darmos conta do ocorrido na Malásia e na Índia, o que possibilitou a produção da borracha de um lado e a juta de outro foram as condições climáticas e o solo fertilizado das várzeas, e por sua vez a geografia amazônica colaborou para “decadência” da borracha ao mesmo tempo que contribuiu para a produção da juta. E no cerne da questão ambiental, fomos nós, na rede de interdependência (ELIAS, 1994a), como consumidores – nacionais e internacionais – da tecelagem e seus derivados, os colaboradores para que a monocultura da juta, em determinado período da história fosse plantada, não na floresta, mas às margens desmatadas das várzeas de rios de água branca do Amazonas. Enquanto o extrativismo do látex manteve a floresta em pé, o plantio da juta veio para derrubá-la, “atingindo seu apogeu em 1965 com 47.687 toneladas” ([http:// WWW.castanhal.com.br/monografia_juta.pdf](http://WWW.castanhal.com.br/monografia_juta.pdf)). Em seguida, a juta “caiu” de produção, ou melhor, a competitividade do mercado internacional associado ao subproduto do petróleo – polietileno – barateou um dos derivados da juta, no caso as sacarias, para produção de sacos plásticos. Hoje, com a nova discussão ambiental, a crítica sobre o excessivo uso do saco plástico e sua resistência à decomposição quando no ambiente, começa a

² [http:// WWW.castanhal.com.br/monografia_juta.pdf](http://WWW.castanhal.com.br/monografia_juta.pdf)

gerar um outro nível de consciência. É “possível” que a juta, no Amazonas retome a produção como alternativa a causar “menor” dano ambiental. Não podemos, entretanto, dizer se o retorno do cultivo da juta vai estimular em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, os descendentes dos primeiros plantadores de juta que reclamam de reumatismo como seqüela do tempo de imersão de parte do corpo na água, ao terem se submetido a essa atividade.

O breve histórico nos permite situarmos, compreendermos quem estamos estudando e a bagagem, as competências que trouxeram as pessoas para a área onde instalaram sua morada e transmitiram aos seus descendentes. Nesse sentido, nos 12 anos de observação participante, mas com uma experiência de mais de 25 anos freqüentando a área, estudamos figurações, diferenciação, relações de poder, redes de interdependências que vem ocorrendo na área de pesquisa. Para tal utilizaremos os conceitos de crescimento intensivo e extensivo que Goudsblom (2002), se apropriou da economia. O primeiro se refere à melhoria no padrão de vida, à incorporação de mais conhecimento e o segundo ao crescimento demográfico, que se dá num ambiente de clima quente e úmido e exige dos indivíduos uma adaptação biocultural, no que se refere à dissipação do calor, um ritmo aprendido e adequado para a execução de práticas corporais socioculturais como derrubar a mata, cavar o solo para o plantio da mandioca quando em temperatura de 38^oC ou 39^oC. Aproveitando o espaço, o ciclo da borracha e posteriormente a cultivo da juta foram dois eventos impactantes para o ecossistema no Amazonas, que podemos analisar por intermédio dos conceitos de crescimento intensivo e extensivo. Goudsblom, também, nos ajuda a compreender o uso do fogo na área de pesquisa. Com base na teoria, vamos apontar processos de diferenciação socioculturais que vem ocorrendo no universo empírico.

Elias (1994a, p. 117), ao discutir o comportamento guiado por forças instintivas e guiado por força social, nos deixa melhor esclarecido quanto ao objeto de nosso estudo. Elias fala que:

Quanto mais os atos das pessoas são regidos por forças naturais indomadas dentro delas mesmas, menos elas diferem entre si em seu comportamento. E, quanto mais variada e difundidamente essas forças instintivas são contidas, desviadas e transformadas – primeiro pelo amor e pelo medo dos outros, depois também pelo autocontrole –, mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças em seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais “individualizados” tornam-se os indivíduos.

Com isso estamos considerando que homens e mulheres em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina possuam um nível de diferenciação, entretanto nas relações sociais isso continua em processo. Na seqüência da leitura, Elias (1994a, p.117) reforça que: “Com a crescente diferenciação da sociedade e a conseqüente individualização dos indivíduos, esse caráter diferenciado de uma pessoa em relação a todas as demais torna-se algo que ocupa um lugar particularmente elevado na escala social de valores”. Tal nível de diferenciação, segundo Elias (1980, p. 158), “significa que o indivíduo fica preso em cadeias de interdependência cada vez maiores, instituindo relações funcionais que não consegue controlar”.

Qual a relação deste trabalho com a Educação Física? Pensamos ser o momento de responder ou esclarecer essa questão, que talvez venha inquietando o leitor. Nesse sentido, é praticamente inconcebível a uma instituição de formação superior disponibilizar ao mercado de trabalho, profissionais que pouco conhecem de seu povo, de sua terra ou de suas tradições culturais. Evidentemente não generalizo o argumento. A observação recai principalmente sobre a área de minha formação acadêmica, a Educação Física, que por muito tempo não disponibiliza em sua grade curricular disciplina que discuta ou preocupe com esse tema.

Nesse curto tempo de vida acadêmica, poucos ou porque não usar o termo raro, foram os trabalhos científicos direcionados à compreensão do modo de vida de populações ditas “tradicionais” – nesse caso populações indígenas e caboclas – residentes ao longo dos rios, lagos e cabeceiras de rios no Amazonas. Grupos ou pessoas que disponibilizam ao pesquisador, envolvido com a cultura corporal – dança, esporte, luta entre outros temas – uma riqueza de tradição, de costumes ainda por ser compreendido por essa área de conhecimento, porém, em processo de mudanças.

Para atender as exigências do Governo Federal, no que diz respeito à formação de profissionais, a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, tem licenciado ou graduado, em vários municípios do Amazonas, professores que ao menos alguns deles, vão lidar no dia-a-dia com alunos moradores em comunidades como as estudadas por nós. Os filhos dos ribeirinhos, como são conhecidos, serão seus alunos. Nossa grade curricular evidencia escassez de conteúdos voltados para compreensão desses amazônidas.

No momento em que a discussão ambiental coloca a Amazônia numa posição estratégica para o equilíbrio ambiental, a referida faculdade, após 37 anos de atividades não deve

permanecer, penso eu, fora dessa discussão. Nesse sentido, julgo importante compor um corpo teórico para estudarmos e compreendermos os processos de mudança que vem ocorrendo na vida dos moradores desse universo amazônico por meio de suas práticas socioculturais desenvolvidas num ambiente de clima quente e úmido e cuja riqueza natural é cobiçada pela humanidade.

A aproximação de outras áreas entre as quais, Antropologia, Sociologia, Ecologia Humana por exemplo, a Educação Física evidencia a necessidade de extrapolação do conhecimento, sem o qual a visão de corpo, de indivíduo – de homens e mulheres desse universo amazônico – poderia cair em um reducionismo biológico.

Os resultados dos estudos anteriores, como um processo de contínua aprendizagem, estarão explícitos ou implícitos no decorrer dessa investida. Nesse sentido, no aspecto fisiológico, o processo adaptativo dos amazônidas captado na pesquisa de mestrado revelou-se um importante conhecimento para entendê-los quando na execução de suas práticas, cujo clima quente e úmido, exige esforço de baixa a moderada intensidade, ora contínua, ora intermitente para continuação da atividade sem que leve o corpo à exaustão precoce. A necessidade de dissipação do calor, a ingestão de água, o ritmo na execução das atividades são aprendizados que refletem a continuidade da vida nesse ecossistema. No que se refere a outros aspectos da adaptação, os ajustes culturais serão descritos e apresentados ao leitor ao longo de todo o trabalho. A estrutura orgânica do indivíduo e a competência cultural de grupo conferem às pessoas viverem nesse espaço, físico, real e simbólico.

Embora não seja explicitamente observado nos estudos de Elias, pesquisas em comunidades como as eleitas para este trabalho de investigação, é pertinente identificar em sua obra (ELIAS, 1980, 1994, 2000, 2001, 2006, entre outros), que as relações humanas são permeadas pelo comportamento, emoções, conhecimento e poder. São humanos os amazônidas e, como tais não emergiram da floresta: eles foram para “dentro” dela, providos entre outros elementos, de conhecimento, repugnância e vergonha como marca do processo civilizacional. Já levaram consigo o domínio do fogo e tecnização (GOUDSBLOM, 1992; ELIAS, 2006). Os humanos que habitaram, habitam e fundaram as comunidades de Canela-Fina, Bico e Cuiamucu, carregavam consigo um nível de organização social. Interviram no ecossistema e gradativamente “aprenderam” a lidar com ele na base do extrativismo. Necessito afirmar que não estou a ignorar a presença dos primeiros povos na Amazônia. Os mestiços, ao buscarem as “entranhas” dos rios para instalarem suas moradas, levaram um nível de civilização diferenciada dos seus primeiros

moradores.

Ao nos propormos estudar tais comunidades vimos que a teoria eliasiana nos auxilia a perceber as teias de relações, as figurações imbricadas a elas e que num processo histórico se beneficiaram do conhecimento da população. Nada está em situação de estado, nesse sentido, portanto, para compreender a área de pesquisa lembramos ao leitor de um Amazonas, cuja história é marcada pela exploração – extrativista – da borracha, da madeira, de minerais, do peixe, do couro de animais silvestres, entre outros recursos naturais. Essas constantes, no processo social de domínio da natureza, se mantiveram e concomitantemente a elas no cultivo do solo, especialmente o plantio da mandioca e posteriormente a criação de gado.

Com a intenção de estudar figurações, poder, diferenciação e redes de interdependências em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina observamos as práticas socioculturais desenvolvidas por seus moradores. Práticas cuja aprendizagem dá-se pela transmissão de conhecimentos passados de pais para filhos por sucessivas gerações. A instituição desse ensino é a família e o convívio com outras pessoas. Práticas ligadas à sobrevivência dos indivíduos, ou melhor, que proporcionam viver melhor. Em suma, as práticas estudadas são:

- a) cultivo do solo: plantio da mandioca e a criação de boi;
- b) extrativismo animal e vegetal: caça, pesca e produtos da floresta;
- c) o futebol como prática esportiva e de lazer.

Para analisá-las utilizamos o critério de crescimento intensivo e extensivo proposto por Goudsblom (2002), que nos ajuda a visualizar o crescimento demográfico e geográfico ocorrendo na área de pesquisa e a melhoria da qualidade de vida de sua população. Tais critérios nos ajudam a observar as conseqüências antropogênicas ao ecossistema. Imbricado às práticas, buscou-se, através dos conceitos de Elias, captar os “esforços” individuais e coletivos para maior diferenciação social, como as relações de poder que circundam as figurações dos moradores de Canela-Fina, Cuiamucu e Bicó. Não menos deixam de ser enfatizadas as relações de poder desses moradores com os não humanos, relação essencialmente “necessária” num sistema ecológico, onde o comportamento humano é um diferencial para manter-se no topo da pirâmide e sobreviver. No capítulo I, ao discutirmos adaptação, buscamos esclarecer nosso pensamento.

A experiência de campo nos permite observar processos de mudanças, de diferenciação e individualização pelos quais passam os moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. O Estado na busca de beneficiar a todos – bolsa família, condução escolar, seguro defeso, alfabetização de adultos, etc. – contribui para essas mudanças. As linhas de crédito destinadas a atender as pessoas em áreas quanto as pesquisadas, possibilitam a compra de motor de rabeta, “motosserra”, ampliação da área cultivada, a criação de boi, construção de curral, manutenção de pastagem, construção de cerca entre outros benefícios. A aquisição de motores para navegação, de celulares, a abertura de estrada, a aquisição de grupos geradores e a televisão ampliaram a mobilidade e as teias de interdependências dessas pessoas. A maior mobilidade vem contribuindo para a maior integração e possibilitando conceitos simbólicos dos produtos extraídos da floresta e dos rios que não são os mesmos das gerações que configuraram essas comunidades em épocas anteriores. A mobilidade espacial pode ser observada no capítulo II, ao apresentarmos a discussão sobre o transporte, e no que se refere à mobilidade social (MELLO, NOVAES, 1998), isto é, melhor qualidade de vida entre gerações. Espera-se ir deixando implícito no descrever do universo empírico.

Ao abrir as páginas deste trabalho, espera-se que se tenha uma leitura de um espaço – comunidades/ambiente – em processo de mudanças. Ao imergir neste texto, talvez o leitor, no tempo e no espaço, em seu imaginário, consiga ver, sentir ou ouvir vozes que saem da floresta e atravessem suas páginas a despertar sua curiosidade, repugnância, medo ou compaixão: “Fulano foi caçar e matou três porcos; a caçada de canoa este ano deu bem, só eu matei 18 pacas; compadre, o boi do fulano acabou com a roça do sicrano. Ele já foi falar com o delegado; a madeira se a gente cortar dentro do manejo vale 700, 800 reais pelo metro cúbico, mas aqui a gente só consegue 250, 300 reais. Diz que o pessoal da comunidade Cumaru está ganhando dinheiro com a madeira; agora tem muito peixe, o rio está seco e o peixe não tem para onde ir; e a castanha compadre? Deu pouco e só querem dar sete reais na lata; o que está bom de vender este ano é guaraná, tão falando que em Maués já chegou a 20 reais o quilo; cuidado compadre, não vá levar madeira essa semana na cidade que os homens estão lá; e o boi compadre? O boi está ruim, não passa de três reais o quilo; hoje, com essa chuva, quem não tiver comida em casa, toma chibé* ou passa fome; quem não tiver campo em terra firme vai se dar mal, a cheia vem com

* Chibé – mistura de farinha de mandioca, água, sal ou açúcar. A mandioca é rica em carboidrato, nesse caso o chibé é fonte de energia a ser gasta no trabalho do puxirum ou em qualquer outro.

vontade, vai morrer gado por aí; diz que esta semana não vai haver aula, tem reunião na cidade para os professores; e a merenda que não chega para os alunos; já está saindo o dinheiro para quem fez o projeto para roça; onde você vai? Vou à cidade pegar o dinheiro da bolsa família; está muito quente. Este ano o verão vai ser muito forte”. E assim ou não bem assim, os dias vão e outros vêm e o processos de mudanças vão ocorrendo.

Por outro lado, confesso ao leitor que tenho receio se esse trabalho ao cair em mãos de alguém mal-intencionado, pode ajudar a depredar o ambiente que estudamos e aqueles que se assemelham a ele. A pesquisa extrai da “floresta” as manhas de sobrevivência e as tornam públicas. Extraímos da “floresta” as manhas de suas estruturas sociais e as possibilidades de ver nessas figurações as valências abertas e imergir nelas com um maior nível de poder. Quem for para dentro da floresta vai com um conhecimento, social e ambiental da região. Conhecedor da estrutura social peculiar dessas comunidades, pode manipular as pessoas dentro de uma figuração gerando ações em benefício próprio, mas com características depredativas. Entretanto, nem tudo vai em uma única direção. Se forças externas de coerção não punirem o malfeitor, a “natureza” se encarregará disso. Nós e os outros – seres humanos e os não humanos – estamos presenciando o mais concreto dos exemplos do qual surge nossa preocupação. A natureza dá sinais em resposta ao excessivo uso de seus recursos. A observação, em retrospectiva, nos proporciona vislumbrar, já em curso, uma nova força do processo civilizacional.

Enfim, após este breve planar, nosso trabalho revela ao observador resultados de figurações e de processos. O que hoje ainda temos ou fizemos, baseado na teoria eliasiana, é reflexo de algo não planejado oriundo de redes invisíveis de interdependência. Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina se mantêm, ou bem ou mal, em razão das figurações que se formam no seu interior e fora delas. Afinal, segundo Elias (1994b, p.38) “é a maior liberdade das relações humanas, no tocante ao controle exercido por mecanismos automáticos hereditários, que realmente abre caminho para a livre atuação dos mecanismos da rede social”.

Na seqüência dessa introdução informamos ao leitor os assuntos discutidos no interior desse trabalho por meio dos seguintes capítulos:

Capítulo I, trata-se dos procedimentos metodológicos, a delimitação da área de estudo e a fundamentação teórica dos conceitos utilizados ao longo do trabalho;

Capítulo II, busca levar o leitor, através das estradas de rios à Bicó, Canela-Fina e Cuiamucú. Apresenta-se o transporte como um elemento importante da mobilidade e do

processo de integração dessas comunidades.

Capítulos III, IV e V são onde se descreve e interpreta as práticas socio-culturais. É onde a sensibilidade do autor, não aprendida dentro da academia, é revelada;

Capítulo III, discute-se o regime do fogo em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina e descreve-se e interpreta o cultivo da mandioca e a criação de boi;

Capítulo IV, é onde apresentamos as práticas de extrativismo da caça, pesca e produtos da floresta, especificamente a retirada da madeira;

Capítulo V, onde se descreve a prática do futebol como uma atividade desobstruída de obrigatoriedade, isto é, as pessoas vão ao jogo de bola em busca de prazer, no espectro de tempo livre.

Considerações finais, onde se fecham as páginas desta tese, mas espera-se deixar estimulada a criatividade e as idéias a quem nela debruçar-se para avançar nas pesquisas. Por outro lado, manifesto minha inquietação em não poder transmitir ao leitor por meio da escrita, os sons, odores e as formas que o ambiente nos mostra. Quisera eu, em vez de escrever, ter o bico do japiim, do uirapuru, do urutau, da galega, da inambu açu, do mutum, entre outros, para que pudessem ouvir, através dessas letras, seus cantos. Quisera eu poder, por meio dessas páginas, exalar odores de flores, da terra, da mata, do capim umedecido, do esterco de boi e dos animais que nos cercam. Quisera eu poder transformar a escrita em desenhos e mostrar as formas dos seres vivos, que em suas posições miméticas, nos espreitam ao penetrar em seu ambiente. Se não é possível tal realização, me esforço em levar o leitor a compartilhar comigo esse universo, quando em seu imaginário, imergir nele, entretanto, o alerta para o fato de que a convivência nesse universo se faz arraigar em nossa estrutura emocional, em nossa memória olfativa, visual, ou melhor corporal, lembranças que fustiga a alma sem menos querermos e sem saber de onde surgem.

CAPÍTULO I

1. Caminhos percorridos: procedimentos metodológicos e fundamentação teórica - conceitos

1.1. Procedimentos metodológicos

Trata-se dos caminhos percorridos pelo pesquisador no estudo de figurações, poder, diferenciação e redes de interdependências imbricadas às práticas socioculturais de homens e mulheres residentes em Canela-Fina, Bico e Cuiamucu. Nesse espaço delimitado geograficamente para nossa pesquisa, assim quanto no Amazonas, predomina o clima quente e úmido, necessitando de seus moradores ajustes fisiológicos e culturais que contribuem para manutenção da vida e o desenvolvimento de atividades a refletir na qualidade de vida de seus moradores e organização social. Buscou-se auxílio teórico na antropologia, sociologia, ecologia humana, história e a contribuição de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, evidenciando a necessidade do entendimento multidisciplinar para abordagem do objeto estudado, sem o qual, poderíamos cair num reducionismo biológico. O diálogo desafiador entre a Educação Física e o corpo teórico das outras áreas conhecimento, associado à teoria figuracional, nos possibilitou na arquitetura deste estudo. Nesse sentido, o contexto deste capítulo expõe sobre o tipo de pesquisa, procedimentos para obtenção dos dados e a fundamentação teórica, na qual podemos entender a contribuição das áreas de conhecimento às quais nos referimos.

1.2. Delimitação da área de estudo

Como exigência acadêmica, a exemplo de Geertz (1989) a respeito da Briga de Galo em Bali; Malinowski (1978) em Os argonautas do pacífico ocidental; Elias e Scotson (2000) em Estabelecidos e os Outsiders entre outros pesquisadores, se não delimitar a área ou grupo de estudo, o texto em questão vira discurso. Nesse sentido, lemos na Constituição do Estado do Amazonas (1987), em seu art. 24: "Para efeito do que trata o *art. 129*, o aspecto territorial do Estado do Amazonas se integrará de 9 (nove) sub-regiões". Essas nove sub-regiões perfazem um total de 62 municípios e devido à vastidão territorial desses municípios, nos últimos anos formaram-se associações comunitárias, nos vilarejos cujos dirigentes levam seus problemas e reivindicações aos administradores do município.

A área em estudo se concentra na 9.^a sub-região – no Baixo Amazonas, e abrangeu as Comunidades Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, que respondem às leis do Município de Boa Vista do Ramos e segundo dados do IBGE – Censo de 2000 – conta com uma população de 10.482 habitantes na seguinte distribuição: zona urbana 5.017 e na zona rural 5.465 habitantes. Se houvesse via terrestre, teríamos apenas 270km para percorrer em linha reta de Manaus à sede do município, como não há, fazemos esse percurso pelas estradas de rios, percorrendo 367km. Da sede do município à área de pesquisa viajamos quase três horas em pequenas embarcações que denominamos de rabetá.

No Amazonas, em relação a água e a terra, nos referimos a áreas onde a água branca predomina e em outras, a água preta é a predominante. Falamos para nos situarmos geograficamente em área de várzea ou área de terra firme. Área de várzea geralmente é aquela que fica submersa na enchente do rio e terra firme, são terras altas, que não vão ao fundo nesse período. As áreas de várzeas tanto podem ser inundadas por água branca ou água preta. As águas brancas são mais ricas em humos e deixam o solo fertilizado, quando na vazante do rio, propício a plantios de culturas de ciclo curto da melancia, feijão, milho, banana e entre outras a criação de gado, proporcionado pela abundância de pastagem natural. Diferentemente, as águas pretas possuem um ph baixo, ácido e comumente se conhece como rios de menor produtividade ou que na vazante, deixam o solo menos fertilizado. O Encontro das Águas, um grande atrativo turístico no Amazonas se dá pelo encontro da água preta (Rio Negro) com a água branca (Rio Solimões), mas deparamos com outros encontros de águas pelo extenso território aquático da região.

As comunidades pesquisadas se formaram às margens de rios de água preta, e nesse caso, as áreas de várzeas que se dispõem na região denominamos de massapé. Algumas terras baixas ficam imersas na época da cheia, mas quando o rio baixa as terras não vêm fertilizadas quanto na terra de várzea de água branca como acontece no rio Amazonas e seus afluentes. Dessa forma, na área de pesquisa já é de conhecimento dos moradores convivendo com a enchente e a vazante do rio, que a terra de várzea de massapé não se compara, em termos de fertilidade, com a terra de várzea de água branca.

Vamos observar ao longo de nosso trabalho a relação que as pessoas, na área pesquisada, possuem com a água e com os rios. A água assume papel essencial na vida das pessoas e sobre isso procuraremos fazer algumas observações, embora no capítulo seguinte, trataremos da forma como podemos chegar na área pesquisada através das estradas de rios. Como poderíamos deixar de fazer algumas alusões a água/rio num ambiente que ainda depende dela ou dele para nortear suas práticas socioculturais? O que podemos escrever além de sua composição química ou de entender a água apenas como um elemento inerente à estrutura física dos organismos vivos? Pensando com Elias e Goudsblom, nossa reflexão parte do pressuposto de que a água nos levou a um nível de organização, de diferenciação e poder que acompanha a história da humanidade. Faremos nesse momento é uma previa costurando o modo de vida dos residentes em Bικό, Cuiamucu e Canela-Fina, pois seus moradores, como veremos, orientam suas práticas tendo referência o ciclo das águas, entretanto, são os rios suas referências para pescar ou caçar. Não se ouve as pessoas falando: eu vou a água pescar ou caçar, mas sim, eu vou pescar no Buiço ou na cabeceira da Atonico, ou no Araçazinho ou no Tambaqui. É o nome do lugar ou do rio a referência ao se comunicar com o outro, entretanto, o nível da água – vazante e enchete – conduz ou orienta as pessoas em suas programações em suas atividades pelos rios.

1.3 Bικό, Cuiamucu e Canela-Fina sob a marca da água e o uso dos rios

Ao longo de nossa descrição vamos ver que o modo de vida de homens e mulheres de Canela-Fina, Bικό e Cuiamucu e vincula-se a água. Em retrospectiva, a história do Amazonas estabelece uma relação direta com a água. Posteriormente com a terra e muito depois

com o ar. Vimos os civilizados que chegaram no Amazonas pelas estradas de rios e às margens dos rios encontraram os civilizados que já habitavam a região. Graças às estradas de rios, se fez notar a maior mobilidade humana e com ela as redes de interdependências ampliadas, se fez notar também, a maior pressão ecológica sobre os humanos e sobre os não humanos. Foi pela água, e não por terra ou pelo ar, a proporcionar o maior crescimento extensivo na região e a sentirmos os efeitos antropogênicos em seu ecossistema. É ainda, pela água, que se vem a essa região e pela água se vai.

Ao tratarmos sobre as questões da adaptação e sobre uso do fogo, supomos que quem primeiramente viveu na região, interagiu com o ambiente no sentido de interdependência. Com a mobilidade proporcionada pelas estradas de rios, as redes se ampliaram e quem veio para colonizar o Amazonas trouxe consigo o ímpeto de dominar a natureza, isto é, a racionalização voltada para o extrativismo em benefício “unicamente” dos humanos. O rio, alicerçado cada vez mais na tecnologia, possibilitou o escoamento dos produtos naturais para bem servir o crescimento extensivo e intensivo que se figurava em outros continentes. Há evidências no ecossistema a considerar que o crescimento extensivo e crescimento intensivo “não” deram ou pouco deram atenção ao sentido da reciprocidade, homem e meio como é mais provável se notar entre os seus primeiros moradores: os indígenas.

No avançar de nosso estudo, apresentaremos ainda na fundamentação teórica o fato dos amazônidas viverem em prol do rio, ao estabelecerem sua morada em suas margens. Algumas com caracterizadas de terra firme, outras de terra de várzea. Esse ambiente proporcionou a conviverem com as oscilações da água: enchente e vazante dos rios. As terras de várzea baixa, na enchente do rio, ficam submersas. Dessa forma, de olho no ciclo das águas a população de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina volta sua atenção em perspectiva pois sabem que diante das águas pode-se ter períodos de fartura ou escassez de elementos naturais a influenciarem na qualidade de suas vidas. Com relação ao ciclo das águas no cotidiano de pessoas que vivem em comunidades à semelhança das que pesquisamos, Benchimol (1995, p. 71) se expressa: “Essas duas estações, da cheia e da seca do rio, estabelecem as relações e interações funcionais, sociais, econômicas e psicológicas entre o homem e o rio. O povo mora, vive e produz acompanhando o ritmo e ciclo das águas”.

De fato as práticas socioculturais eleitas como indicadores para observarmos as figurações, relações de poder e diferenciação em Bico, Canela-Fina e Cuiamucu, voltam-se para

as oscilações da água. O ciclo das águas ainda incide na organização social na área pesquisada, onde o tempo natural se faz notar ao orientar o comportamento dos indivíduos para o extrativismo animal e vegetal, o plantio da roça, a criação de boi e o jogo de bola. Os referenciais naturais, o tempo cíclico, no entanto, proporciona aos indivíduos uma gama de símbolos apreendidos no calendário. Nas redes de interdependências ampliadas, espera-se que haja algum indivíduo à espera desses símbolos provindo da “generosidade” da natureza.

À medida que determinadas espécies de árvores escassearam, veremos as estradas de rios a permitirem aos humanos a embrenharem-se nas matas alagadas fazendo chegar suas canoas, rabetas e pequenos barcos no porto onde as peças de madeira ainda podem ser encontradas. A água permite ao madeireiro extrair madeira bem mais no centro da mata. A água proporciona ao caçador matar a caça em pequenos espaços de terra, isto é, ao ficarem prisioneiros em ilha, os animais silvestres se tornam caça. É também por meio da água que o caçador, da proa de seu casco, a três, quatro metros de distância detona um balaço na cabeça da paca, tatu ou veado. Facilitando a vida das pessoas, a água permite à canoa ancorar no porto da roça e sem muita dificuldade trazer a mandioca para ser transformada em farinha.

Numa perspectiva ecológica, à semelhança do fogo, entendemos que a água foi incorporada pelos moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina como uma força natural para auxiliar a limpeza da área às margens dos rios. Conforme manifesta a subida da água, as pessoas vão roçando a vegetação de pequeno, médio porte ou derrubando a mata de igapó que margeia o rio. A vegetação cortada fica submersa. As “feridas” abertas por terçados, machados ou motosserras são suficientes para fazer apodrecer os caules cortados, não dando chances de sobrevivência à vegetação cortada e tragada pela água. Na próxima descida da água, a área já surge limpa para ser queimada ou simplesmente cultivada.

Hoje dificilmente alguém chega numa área de várzea desprovido de conhecimento. Se alguém vai a uma área de várzea não vai como, segundo Elias (1998) uma *tabula rasa*, não vai por si só construir um conhecimento. Hoje, o indivíduo não só é abastecido pelo conhecimento trazido pelas gerações anteriores como também, tem à sua disposição a tecnologia a lhe orientar para o devir. No Amazonas, o Serviço Geológico do Brasil (CPRM-AM) proporciona aos ribeirinhos o que se designou tecnicamente como “alerta de cheia”. O serviço possibilita às pessoas se programarem para o devir. Os proprietários de animais têm que

transferirem para a terra firme ou construirão marombas^{*}, senão os bichos morrem afogados. O alerta de cheia possibilita a família ser organizada antes que a água cubra a terra. Hoje, quem vai construir sua morada numa área de terra baixa, área de várzea, não deixa sua casa com menos de um metro de altura do chão, mas se a marca da água está explicitamente se mostrando nas árvores, então dois metros do chão pode ser uma altura que a água não lhe perturbe.

No contexto da adaptação ao clima quente e úmido, veremos que a casa coberta com palha branca é ecologicamente mais adequada a esse clima. Por outro lado o ciclo das águas nos permite outra observação. Nas grandes enchentes a água se aproxima da residência e com a continuidade da cheia a água traga a terra, por isso as palafitas. A cheia do rio repercute na organização das famílias e nas ações corporais das crianças. O grande espaço de terra que possibilitavam as crianças de correr, jogar bola, brincar de pega, brincar com sementes, pescar entre outras atividades, é limitado por dois a três meses ou durante todo o período da cheia. As atividades se restringem aos espaços da roça, a área da casa ou as canoas que se encontram amarradas aos esteios da casa, quando vão se banhar. É momento de as crianças explorarem ao máximo suas casas, de bisbilhotarem a diversidade de objetos existentes na casa a ponto de deixarem os pais sempre em situação de alerta.

A pressão provocada pela água desperta maior atenção às famílias para outra situação. Conforme a água avança, em algumas áreas baixas de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, e principalmente aquelas mais próximas do centro da mata ou das cabeceiras, o teso da terra vai diminuindo, aproximando outros seres vivos dos humanos. Galinhas, porcos, carneiros e cães são pressionados pela natureza a buscarem abrigo cada vez mais próximo da casa onde a terra geralmente é mais alta. A busca pela manutenção da vida não se restringe aos animais domésticos. Assim, conforme a área onde a casa está instalada, é possível constatar a aproximação de ofídios, aracnídeos, lacraias, formigas etc. Entre esses, os mais temíveis são: surucucu (*Lachesis muta*), surucucurana (*Bothrops atrox*), aranha caranguejeira^{**}, sucuriçu

* Construção (pequeno curral) feita de madeira flutuante a suportar o peso dos animais na enchente do rio. Nesse caso a família tem que se organizar para levar a comida ao gado.

** No filo Artrópodes, as aranhas caranguejeiras apresentam-se em grande número de espécies o que merece estudo à parte, no entanto, na sub-ordem Mygalomorphae, tem-se a família Theraphosidae (aranhas caranguejeiras grandes) na qual encontram-se as sub-famílias: Theraphosinae (espécies que habitam os buracos no chão e encontrado mais na ou próximo das matas) e a sub-família Avicularinae, que habita a vegetação acima do solo (copas e troncos). As arborícolas, são peludas e entram normalmente dentro de casa e seu efeito danoso ao homem é mais pela ação irritante – mecânica e química – de seus pêlos sobre a pele, do que pela picada, cuja as quelíceras são ortognatas, diferenciando das aranhas peçonhentas que apresentam quelíceras labidognatas. Contribuição técnica e científica: Dr. Paulo Bühnmheim – laboratório zoologia da Ufam.

(*Eunectes murinus*) e as formigas de fogo (por ex. *Solenopses saevissima*) que não deixam de incomodar os adultos e principalmente as crianças, que tentam aproveitar o espaço que a cada dia se reduz.

A formiga de fogo se espalha pelos arbustos, gramíneas e chão. Quando a água cobre seu reino é visto à deriva, sendo levado pelo vento, as colônias de formiga em forma de bola, de círculo ou sem forma definida. Onde encontram apoio – pau flutuando, galho de árvore, capim – tratam de sair da água. A tensão superficial proporcionada pela água não deixa as colônia afundar. Na passagem de uma base a outra, a tensão superficial proporciona às formigas fazerem pontes vivas. O entrançado delas permite formar a estrutura viva da ponte, enquanto outras transitam por cima, de uma base à outra. No porto onde vai atracar a canoa, a pessoa sabe que se não amarrá-la afastada da margem, ao voltar terá o trabalho para eliminar as formigas. Crianças pequenas que brincam no terreiro são presas fáceis de suas mordidas, que aos prantos acusam estar sendo atacadas. No dia seguinte, impetigos se mostram espalhados nos corpos dos infantes.

Para as crianças, em seu comportamento dinâmico, que se encontram em fase de desenvolvimento, ficar confinadas ao interior da casa não é interessante e as famílias não ficam passivas diante da situação, combatendo as agressoras com o tucupi (suco da mandioca – *Manihot esculenta* Crantz – que contém o ácido cianídrico), ou inflamável (diesel). Mas é o controle biológico que nos chama atenção. A formiga, conhecida vulgarmente na região como formiga-carão ou formiga-doida (*Paratrechina sp.*)*, denominação recebida devido à sua característica de incansável bisbilhoteira, trava uma batalha de vida ou morte pelo domínio do território contra a formiga de fogo. Com atenção voltada para a oculta batalha que se desenrola aos pés dos humanos, é possível observar a estratégia da formiga-carão, qual seja, atacar suas adversárias por meio de uma ação coletiva, que aos poucos tombam frente à desigualdade contribuindo na eliminação da formigas de fogo.

A enchente do rio proporciona abundância de água e uma organização dos indivíduos residentes em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. A vazante do rio diminui o volume de água e modifica essa organização, entretanto, tanto na enchente quanto na vazante se observa o efeito da ação humana sobre o meio. A enchente do rio proporciona muita água para os peixes “fugirem” dos humanos e na vazante “aprisiona” os peixes que não arribam. A vazante torna vulnerável a diversidade ictiológica ao ficarem sob a mira dos pescadores. Com a estiagem e sem

*Identificação: Dra. Joana D’Arc, do laboratório de entomologia da Ufam.

a água caindo do céu, o fogo é mais freqüente e os animais não tendo muita opção de água, vem morrer no bebedouro ao deparar com o caçador que em posição de tiro, o veado pula e morre com um balaço a traspasar seu coração. É na seca do rio que o resultado da pressão sobre o ambiente se faz notar ao se dar conta que a roça ficou mais longe, assim a madeira se distancia da casa e se encontra mais próxima do centro.

Na cheia do rio, a água quando não passava por baixo da casa, fica a dois, três metros de distância dela, enquanto na seca ela recua para dez, vinte metros. Delega-se tarefa para quem vai pegar água para beber, quem vai lavar a roupa ou os utensílios da cozinha. Enfim, a cheia do rio proporciona um nível de percepção referente a água diferentemente da seca do rio.

Pode-se constar em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina que o período da vazante, no pico do verão, a água se torna morna, indesejável para o consumo e higiene corporal. As águas rasas na vazante ficam toldadas (barrenta) em consequência da turbulência do rio causado pelo vento. As pequenas ondas se chocam com o barro em suas margens, deixando o rio esbranquiçado. A concentração de peixes nas águas rasas ajuda a toldar mais a água. Em fuga rápida se vê turvar a área de onde sai. Após um dia de trabalho, dia quente e o corpo pingando de suor é desconfortável banhar-se nessa água, e a natureza presenteia a população fazendo brotar do fundo da terra, às margens do rio, nascentes (o olho d'água como denominamos), fornecendo água límpida e fria a ser utilizada para o consumo e higiene, enquanto a água do rio é praticamente desprezada para esse fim.

O olho d'água começa a fracassar ou pára completamente de minar quando o rio volta a encher. Então, no espaço entre o secar da fonte e o encher do rio, a população tem de voltar conviver e valorizar a água do rio. A seca do rio traz abundância de peixe e rema-se menos para capturá-los, por outro lado pouca água aumenta a distância para área de trabalho, ir ao município, sair e voltar para casa. Mas quem vive na abundância da água, como em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, não deve ter o mesmo nível de percepção de quem vive na escassez de água. Após a alusão feita à água, porém considerando o rio no modo de vida de homens e mulheres da área pesquisada, se deduz que a denominação de ribeirinhos a eles atribuídos pode-se dizer que se justifica.

1.4 Objeto da pesquisa

Estudo de figurações, poder, diferenciação e redes de interdependência imbricadas às práticas socioculturais do extrativismo animal e vegetal: caça, pesca e produtos da floresta; o cultivo do solo, especificamente o plantio da mandioca e, a prática do futebol como espaço de lazer, ocorrendo nas comunidades de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina.

1.5 Objetivos da pesquisa

a) Fornecer subsídios para maior compreensão do modo de vida de populações residentes em comunidades do Amazonas, conhecidos por “ribeirinhos”, em suas práticas socioculturais;

b) Revelar processos de diferenciação socioculturais ocorrendo em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina em contribuição do processo de integração, maior monetarização, programas sociais do governo, aumento populacional, monitorização da terra – vigilância via satélite e agentes fiscalizadores – pelo Estado, mudanças na percepção do valor simbólico de produtos naturais e a influência da prática esportiva nacional.

c) Fornecer subsídios para as discussões ambientais no Amazonas, levando em consideração o modo de vida de sua população;

1.6 Tipo de pesquisa

A proposta dessa investigação se limitaria ao tomarmos unicamente os procedimentos metodológicos utilizados pela área de conhecimento da Educação Física. Para captar e decifrar a dimensão e o significado do objeto em questão – figurações, poder, diferenciação e redes de interdependência imbricadas às práticas socioculturais – fez-se opção por

uma pesquisa participante, de ênfase qualitativa, com trabalho de campo possibilitado pela etnografia, método da Antropologia, que segundo Geertz (1989, p. 20) é uma descrição densa, cujo etnógrafo deve, [...] “em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro, entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedades, fazer o censo doméstico” [...] “escrever seu diário”.

Essa foi uma de nossas preocupações ao termos a pesquisa de campo uma estratégia de trabalho, dando atenção às questões levantadas por Geertz: “O que faz o etnógrafo? Ele escreve”. Mas, não satisfeito, Geertz (1989, p.30) fala que o etnógrafo [...] “observa, registra, analisa.” O autor aponta características da descrição etnográfica: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”.

Ao escrever o trabalho, estando aqui (isto é, longe das comunidades), consideramos as exigências do método para qualidade da pesquisa. Na coleta de dados em campo, estando lá (isto é, na área de pesquisa), foi empregada a observação participante para captar os significados dos símbolos de uma realidade que se mostra à mais de 15 anos na vida do pesquisador, portanto, ao empenhar-se na utilização dessa observação ficou mais claro que

[...] os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar – isto é, peculiar à antropologia –, por meio da qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro “de dentro”, em sua verdadeira interioridade. (OLIVEIRA, 2000, pp. 34 – 35).

O diálogo foi um elemento importante na captação das informações ao acompanhar homens e mulheres nas atividades diárias de extrativismo da caça, pesca, coleta de produtos da floresta, assim como no cultivo do solo e na prática do futebol como espaço de lazer. As questões abertas, utilizadas de acordo com o contexto, propiciaram condições para as pessoas fornecerem informações de maneira espontânea. O tom baixo de voz e expressões curtas referindo-se a símbolos e códigos locais, exige do pesquisador familiaridade para captar dados pertinentes ao seu trabalho de investigação.

Exemplos ilustrativos, da fala dos sujeitos, nos ajudam a compreender o exporto. *O Canela-Fina já está comendo na flor. O veado já está comendo flor de castanheira;*

Aqui o que a gente tem que ter cuidado é com a rabo fino. Rabo fino se refere à cobra surucucu (Lachesis muta), temida por sua qualidade de peçonhenta; Precisa passar rabo de camaleão entre as pernas do homem para acabar com a panema. Camaleão, réptil de sangue frio, é uma espécie de iguana e rabo de camaleão ao qual se referem é uma vegetação trepadeira cujos galhos são encobertos por espinhos; panema é o adjetivo designado ao indivíduo que não tem sorte para caça, pesca, namoro etc; Sai pra lá boca de urubu. Indivíduo que joga praga para não dar certo o que outro está fazendo; Os homens estão na cidade. Os fiscais do Ibama ou da Polícia Federal ou os homens da lei; A bicó já está descendo no bebedouro. A anta está vindo beber água quando do verão causticante; O caboclo é medonho. O termo é pejorativo que ilustra ser uma pessoa, na maioria dos casos de má índole ou de coragem, força física, destemido entre outras situações, vai depender da situação aludida.



Figura 2- Ingestão de água do cipó d'água.
(Manipulação de Imagem: Roberta Tojal. Fotografia – acervo do autor)

Participar das atividades diárias desenvolvidas nas comunidades – entrevistar, conversar, executar – possibilitou coletar preciosas informações e avançar no entendimento dos processos de mudanças. Nos ajudou da mesma forma obter informações de como as experiências são passadas de pai para filho, em diferentes momentos, tais como: táticas de caça e pesca; a busca, na mata, da melhor madeira; a identificação e obtenção de água do – cipó d'água* (*Doliocarpus brevipediceilatus* Garcke). No banco de uma canoa, no roçado, no puxirum para o plantio da mandioca, nas caçadas pelas matas e pelos igapós, nas pescarias ou na casa dos moradores das referidas comunidades foi possível captar um ciclo de atividades de acordo com o tempo natural, mas já enquadrado no tempo do calendário, possibilitando uma preparação para o devir.

1.7 Contribuições de pesquisadores e dos moradores da área de investigação

Como já manifestamos, esse trabalho poderia cair em reducionismo biológico se não figurássemos com outros profissionais. Embora citados como referência e nos agradecimentos, devemos explicitar nossas limitações, reconhecendo o papel do outro – profissional – contribuindo no diálogo técnico e científico para entender as relações. Para tanto entrevistou-se: biólogo, engenheiro de pesca, engenheiro florestal, técnicos em classificação botânica, físico, geólogo, engenheiro agrônomo, contra-mestre fluvial, médico veterinário, pároco. Os designer e o desenhista ilustraram o trabalho.

Quanto aos moradores e moradoras das comunidades, tiveram papel central como fonte primária do trabalho de campo, entretanto, serão dados como anônimos, para resguardar suas identidades e a identidade das comunidades. No momento em que a discussão ambiental avança para punir infratores ambientais, achou-se necessário, para salvaguardar a

* Tipo de vegetação trepadeira encontrada nas matas. Em período de verão, na ausência de água é possível se utilizar do líquido que fica armazenado em seu interior. Para obter água corta-se a aproximadamente 1 metro do solo e, rapidamente, faz outro corte mais acima, de 70 a 80 cm. Assim se consegue reter a água nesse pedaço de cipó. Caso se corte a parte de baixo e demore a cortar em cima, a água subirá para o topo do cipó, e não se terá o líquido, a menos que abra um suspiro e libere água retida. A hipótese, para essa situação natural, é que seja ocasionada pelo fenômeno da capilaridade, devido à tensão superficial e à pressão atmosférica. (Colaboração técnica do Prof. Haroldo A. Guerreiro/ Coord. do Laboratório de Ótica e Física Moderna /Ufam.)

identidade das comunidades e seus moradores, solicitar ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas o pedido de isenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que nos foi (anexo A) concedido, justificando-se o uso dos nomes fictícios das comunidades.

Embora a pesquisa não seja invasiva, portanto, não provocando danos físicos, a preocupação voltou-se para evitar a estigmatização social de homens e mulheres de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, já que tais indivíduos, objeto de nosso estudo, ao serem considerados como extratores de caça, pesca e produtos da floresta, possam ser mal interpretados. Registrada nossa preocupação, informamos que nossa pesquisa transitou nas três comunidades. Nelas residem 29 famílias, somando aproximadamente 300 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Desse total entrevistamos e dialogamos com homens e mulheres: criança a partir dos sete anos, adolescentes e adultos.

1.8 Outras fontes

Comentado os aspectos teóricos, cabe explicitar outras fontes consultadas: Jornais, sites que aparecerão na nota de rodapé ou referências bibliográficas deste trabalho.

2. Fundamentação teórica - conceitos

2.1 Adaptação

Segundo Moran (1994, p.27)

Os organismos, humanos ou não, respondem a características estruturais e funcionais do seu ambiente. As adaptações são decorrentes da exposição a fatores físicos e químicos existentes no ambiente, da interação com outras espécies e da interação com outros indivíduos da mesma espécie.

A intenção de entendermos o conceito de adaptação vincula-se diretamente ao que vai ser descrito no contexto do nosso trabalho. Vamos observar que homens e mulheres em Canela-Fina, Bico e Cuiamucu vivem sobre pressão ecológica e continuam suas atividades, pois trazem em sua estrutura física e funcional elementos, dado os cruzamentos que os designou posteriormente de caboclo ou ribeirinho, a lhes permitir sua sobrevivência num clima quente e úmido, entretanto, vamos apresentar evidências de mudanças que vêm ocorrendo nessas comunidades a mexer com a interação do homem e meio ambiente. Partindo desse entendimento, estaremos dando ênfase a adaptação no nível ontogenético. Mais informações referente às questões da adaptação humana que ocorre nos níveis filogenético e ontogenético, pode-se consultar Lasker (1969); Weiss, Mann (1981), Moran (1994), Rocha Ferreira (1999), Rocha Ferreira (2007).

Nesse sentido, com relação a adaptação cultural, vamos observar nas páginas seguintes, ao discutirmos conceitos como crescimento intensivo e extensivo (GOUDSBLOM, 2002) ou assuntos como o fogo, maior mobilidade advinda de aquisição de transporte pelas famílias residentes na comunidade, maior monetarização, criação de boi e os processos de diferenciação social ocorrendo nessas comunidades, vamos nos dar conta de seus efeitos ao ecossistema. Isso não é difícil ser entendido se lançarmos mão do breve histórico da “criação” da comunidade Canela-Fina há mais de cem anos. Não é de duvidar que seus moradores tenham interagidos com seu ambiente em níveis diferentes do que se observa hoje. Penso não haver

dúvida de que o processo social ocorrido e em curso, que orientou sua população até nossos dias, amparou-se, pensando com Elias (1991), numa racionalidade voltada para o domínio da natureza em prol de seus próprios benefícios. Diferentemente da direção anteriormente tomada por grupos indígenas que mantinham e mantiveram o meio ambiente como fonte primária de sua sobrevivência, na perspectiva de interação.

Com maior mobilidade dos moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina e interferência do governo as parteiras foram perdendo seu valor e o parto passou a ser na sede do município, numa posição deitada, diferentemente da posição de cócoras como acontecia nas comunidades. Os “remédios” caseiros provindo do conhecimento de ervas da floresta, cederam aos remédios de laboratórios. Os remédios caseiros trazem consigo informações aprendidas com os índios e fizeram parte da vida dos moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. A utilização de óleos (vegetais e animais), ervas, raízes e sementes compõem os remédios:

- a mistura do mel silvestre com óleo da copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne) e andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) utilizada para combater resfriado.
- chá de casca de taberebá (*Spondias lutea* L.), usado para asseio de mulher.
- óleo de copaiba, usado para cicatrização de ferimentos.
- manjerioba (*Cassia occidentalis* L.), utilizado torrado para substituir o café. O chá das raízes serve para amenizar a diarreia causada por sarampo.
- óleo extraído do boto vermelho (*Inia geoffrensis*) e da capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) utilizados para crianças asmáticas.
- óleo da banha da sucuriju (*Eunectes murinus*), utilizado para cicatrização de ferimentos.
- pó do osso da capivara para reumatismo.

Há outras sugestões de remédios caseiros utilizados que amenizam as enfermidades de pessoas enquanto se dirigem para a sede do município, mas as interferências externas, o processo de diferenciação social, têm relegado o remédio caseiro. À medida que os antigos deixam a terra e as novas gerações não se preocupam com esses conhecimentos, os medicamentos alopáticos substituem a medicina tradicional praticada na região.

Podemos notar na área de pesquisa outras mudanças na estrutura física das residências que tem a ver com a maior interferência externa, maior mobilidade, a integração ocorrendo e impulsionado maior diferenciação social, onde o jogo de poder acaba por influenciar as figurações em, Cuiamucu, Bico e Canela-Fina. Nesse sentido, observar-se, na seqüência do

conceito de adaptação, as casas construídas em ambiente de clima quente e úmido são formas de ajustes culturais para os seus residentes sofrerem menos às pressões climáticas.

No capítulo posterior, ao discutirmos sobre o fogo, vamos ver o quanto o calor interno da residência incomoda as pessoas, fazendo-as “correr” em busca de sombra e água fresca. Na área de pesquisa temos residências construídas de tábuas e cobertas de folhas de alumínio, telhas de amianto e de palha branca/babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.), com o piso em tábua ou de barro batido. Encontram-se também casas cujas paredes são fechadas de palha branca, o piso de tábua ou de barro batido e a cobertura também de palha. Esse tipo de cobertura é mais agradável na época de estiagem, pois não aquece tanto o interior das residências, o que não acontece com as casas cobertas de telha de alumínio ou de amianto.

A telha de amianto tem durabilidade superior à palha, mas ecologicamente sugere ser inadequada para esse tipo de ambiente. No horário intermediário entre 10h às 17h (continuando por mais horas do dia), quando a temperatura externa pode chegar ao pico de 38⁰C/ 39⁰C, e a sensação térmica no interior das residências maior, traz desconforto, sendo observado que pessoas procuram o terreiro arborizado para ficar mais à vontade. Em períodos do dia quando se faz importante o repouso para recuperação orgânica, as residências não são propícias. Mas, embora a cobertura de amianto traga desconforto, cada vez mais, pode-se verificar as intenções dos moradores para adquiri-las, pois no contexto social, tal diferenciação lhes proporciona status, pelo seu poder de compra.

Num período em que todos dependiam da palha para cobrirem suas casas, o valor real e simbólico do palhal (área de palmeira) no contexto dessas comunidades era de interação. A retirada da palha, para não danificar a palheira e posteriormente a próxima palha a ser colhida por quem dela precisa dispõem da seguinte técnica de corte:

A aproximadamente 40, 80 cm de altura a palheira está no ponto de corte. O extrator retira a palha que lhe vai servir e não danifica o espigão, guia ou talo novo que já vem colado ao espigão principal. Após três, quatro meses esse já estará maduro para ser utilizado novamente para cobrir a casa. Palheira com três, quatro ou mais metros de altura ficam inviáveis desse manejo. À medida que as famílias se empenham em se destacar socialmente, o palhal vem perdendo seu valor real e simbólico pela presença de outros tipos de cobertura. À medida que a criação de boi avança, determinados palhais ficaram apenas na memórias das pessoas.

Dado os exemplos na busca de integrar o assunto adaptação ao universo empírico estudado e o espaço teórico descrito, vamos entendendo ao longo do texto que as mudanças que ocorrem interferem na relação homem e meio ambiente, no sentido da adaptação, de interação, mas há outros aspectos adaptativos importantes de serem observados que nos ajudam a compreender a permanência dos indivíduos nas áreas pesquisadas. Tais aspectos aos quais nos referimos são os ajustes de desenvolvimento, aclimatação e estratégias culturais.

Ao depararmos com um saco de farinha, uma lata de castanha, tábuas empinadas para secar, mata derrubada para o roçado, peixe ou a carne de boi, porco ou carneiro na banca de feirantes, não fazemos idéia de como o corpo precisa responder adequadamente às pressões climáticas – calor e umidade relativa do ar – e o esforço físico. Junta-se a eles o incômodo das picadas de insetos: carapanãs e mutucas. Em alguns lugares o carapanã da malária e/ou da leshimanhiose. Participar de uma atividade de plantio de roça ou derrubada da mata, por exemplo, a pessoa deve estar em condições físicas para suportar essas pressões ecológicas. Na área pesquisada viver melhor pode estar, ainda, vinculado aos ajustes que estamos nos referindo.

Nas considerações feitas acima, ao tratarmos sobre adaptação ontogenética, os ajustes nos ajudam a permear pelas práticas socioculturais, bem como compreender como as pessoas continuam a viver nessa região sob pressões ecológica. Nesse sentido, aclimatação, ajustes de desenvolvimento e culturais são os níveis de adaptação humana ontogenética, Stini (1975), citado por McElroy, Townsend (1979) e Moran (1994), que nos ajudam nessa compreensão:

Aclimatação é adaptação de curto prazo. Para esse caso os autores relatam que os estímulos, após serem cessados, as respostas são reversíveis, (STINI, MORAN; WEINECK, 1991; POWERS, HOWLEY, 2000; FOSS, KETEYIAN, 2000; McARDLE et al, 2003). Exemplos especificando essa situação podem ser ilustrados quando o homem ou mulher de uma das comunidades deixa de executar atividades por longo tempo em derrubar a mata, cavar a terra para plantar por longo tempo. Ao retornar às atividades não deixam de perceber o estresse – dores musculares – pelo qual o corpo passa ou numa situação de sedentário não conseguem finalizar a empreitada.

Ajustes de desenvolvimento ocorrem durante o crescimento e o desenvolvimento (MORAN, 1994). Sobre esses ajustes McElroy, Townsend (1979, p.94) argumentam que

[...] a maioria das adaptações fisiológicas são reversíveis, mas certamente aquelas desenvolvidas durante um longo tempo são irreversíveis, tais como as modificações que ocorrem em populações que crescem em altas altitudes como nos Andes ou Himalaia.

Nesse caso o autor fala que existe um aumento em termos estruturais da caixa torácica e volume pulmonar na altitude. Acrescenta Moran (1994, p.27) “É durante esse período que o organismo humano é capaz de se moldar às condições ambientais predominantes.” E é por intermédio dessa plasticidade que compreendemos a capacidade dupla do material genético, ou seja, em situação de estímulo uma capacidade pode vir a se manifestar, desde que tenha em seu patrimônio hereditário tais características, como Hann (1991) evidencia em seus estudos.

O terceiro nível, segundo Moran (1994, p. 27), “são as estratégias culturais de vestuário, abrigo e comportamentais e estão entre os mecanismos reguladores mais comuns. Eles aumentam as possibilidades humanas de sobreviver e viver com relativo bem-estar em ambientes variados.” Essa última acompanha os posicionamentos de McElroy e Townsend (1979).

Tais conceitos nos ajudam a olhar para as práticas socioculturais a serem descritas e o empenho de homens e mulheres em sua realização. Dessa forma, de posse de tais conceitos, volta-se à perspectiva da exposição acima, no sentido de interação homem e meio ambiente para entender que não seria estranho chegar num assentamento no Amazonas, cujos assentados fossem de um pólo extremo e constatássemos a dificuldade dos assentados em lidar com a terra e com o ambiente de forma geral. O conhecimento da terra de origem pode minar o ambiente ou determinadas espécies – vegetal ou animal – para o qual as pessoas foram deslocadas. O procedimento de colonizar pode nos induzir a uma falsa compreensão do conceito de adaptação. Aquele que induz a colonizar determinados espaços deve dominar técnicas administrativas adequadas a áreas, tipos de transporte, desenvolvimento agropecuária, em suma, deve conhecer o potencial ambiental da região.

Quem se desloca para qualquer ambiente, leva consigo hábitos e conhecimentos peculiares de sua cultura local, que empregados com artefatos, instrumentos, tecnologias e a introdução de novas espécies vegetais e animais, em ambiente estranho ao de origem pode proporcionar o impacto ambiental em prol do bem-estar social individual ou de grupo. Não seria estranho chegar numa área de assentamento no Amazonas e haver derrubada de açazeiro, buritizeiro, tucumanzeiro, piquizeiro, castanheiras, uxizeiro e tantas espécies de vegetação sem que os novos habitantes soubessem de sua função para o ecossistema no qual estão se inserindo.

Provocar um desequilíbrio derrubando árvores frutíferas e afastando das proximidades espécies de animais de caça, é danoso ao grupo humano e não humano, mais não deixa de ser uma aprendizagem. Isto implica dizer, que qualquer assentamento, deve ser precedido de um conhecimento do potencial ou da fragilidade de um determinado bioma, caso contrário, o processo social de domínio da natureza pode ofuscar a compreensão do conceito de adaptação no sentido de interação. A história do Amazonas é exemplo para ilustrar nossa preocupação.

2.1.1 Adaptação ao calor e umidade relativa do ar elevada

Feito a exposição a cima, vamos discutir adaptação ao calor e umidade relativa do ar elevada que se dá por ajustes de desenvolvimento, culturais e de aclimação. Altas temperaturas e umidade relativa do ar é a característica climática do Amazonas. Os habitantes de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina aprendem desde cedo a desenvolver atividades de baixa a moderada intensidade, contínua e intermitente, sempre em busca do equilíbrio térmico e de economizar energia, (MATOS, 1996). Tal aprendizagem inicia ainda quando criança, sob a orientação dos pais por meio da oralidade e da observação de derrubar árvore a machado individualmente ou em dupla, cavar a terra, remar, carpir entre outras atividades. A essas práticas está imbricado um ritmo na sua execução que ao ser assimilado torna-se fator importante para sua continuidade a esse clima quente e úmido do qual nos referimos. Um ritmo frenético, tipo os que vimos no dia-a-dia dos grandes centros “não” é compatível quando se tem um machado na mão, um terçado ou uma enxada. As pessoas aprendem e apreendem com o tempo, um ritmo condizente para manutenção dos níveis adequados da frequência cardíaca em atividades sob a temperatura, no período de estiagem, que pode variar de 38⁰C/ 39⁰C, mas com sensação térmica superior, dado a radiação solar e a radiação refletida. Evitar o superaquecimento ou buscar a termorregulação corporal são fatores importantes para serem observados em ambientes onde ocorrem temperatura e umidade do ar elevados.

As pesquisas mostram que o corpo possui vias de transferência de calor pelas quais mantém o equilíbrio térmico: produção de calor como um subproduto dos metabólicos e pela perda de calor para o ambiente, no entanto, a intempérie propicia que o calor possa ser recebido ou liberado por condução, convecção ou radiação e pela evaporação. Moran (1994);

Weineck (1991); Powers, Howley (2000); Foss, Keteyian (2000); Wilmore, Costill (2001). McArdle et al (2003)

Vamos observar nesses estudos que qualquer desporto ou atividade física é potencialmente perigoso em termo de enfermidade induzida pelo calor. Nesse caso é necessário atenção para alguns sinais que indicam estresse térmico, como sede, cansaço, tontura e distúrbios visuais. (KATCH, KATCH, 1998; FOSS, KETAYIAN, 2000; McArdle et al, 2003). Nesse sentido reforça a importância da aprendizagem, que desde pequenas, as pessoas da área de pesquisa vão gradativamente assimilando a adequar o esforço a agente estressores, pois se assim não fosse, teríamos frequentemente, no Amazonas, acidentes fatais quando a temperatura permeasse os 38⁰C ou 39⁰C chegando a amornar a água dos rios e lagos. O incômodo nesse ambiente é maior por influencia da sensação térmica a justificar-se pela radiação do calor proveniente de tudo que o sol se faz “tocar”. Com uma visão de “empreendedor” alguém surge na comunidade de Canela-Fina como vendedor de gelo. O “comerciante” busca na sede do município o gelo e o acondicionado em caixa de isopor. No pico do verão, o vendedor de gelo supre necessidades daqueles que cobiçam por um copo de água gelada.

Os anos de contínua aprendizagem indicam, aos moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina que as atividades que exigem maior esforço são mais rentáveis quando executado pelo período da manhã, quando a temperatura ainda não atingiu seu máximo. No período de cultivo do solo (roçado, derrubada da mata, queimada) para o plantio da mandioca, em dias quentes com pouca movimentação do ar e o uso, por alguns, de roupa em excesso para se protegerem de mosquitos, espinhos e arbustos cortantes, bem quanto aqueles que estão acima do peso, reclamam constantemente do calor corporal, buscando ingerir água e procurar sombra. No puxirum, como veremos posteriormente, a aguadeira, ao distribuir água, assume função para colaborar na termorregulação corporal dos homens e mulheres envolvidos na atividade.

Os estudos continuam a nos ajudar a ver a importância do estresse térmico ao organismo humano e se possível agirmos em situação de risco. Assim a perda de calor para o ambiente que pode ser pela irradiação, condução e convecção é comprometida pelo “mau” tempo, ficando a cargo da evaporação essa função essencial para a termorregulação corporal, pois ela é a principal defesa fisiológica contra o superaquecimento. (KATCH, KATCH, 1998; POWERS, HOWLEY, 2000; POWERS, HOWLEY, 2000; FOSS, KETAYIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001; McARDLE et al 2003).

É a associação de calor e umidade relativa do ar que nos preocupa, pois trata-se

de uma característica climática da região e pode-se ver o motivo de tal preocupação, na exposição de McArdle et al (2003, p. 641) “Com uma alta umidade, a pressão do vapor ambiente aproxima-se daquela da pele úmida e a evaporação diminui grandemente, apesar de grandes gotas de suor formarem sobre a pele e acabarem caindo”. E na continuidade da leitura vamos observar: “Esse tipo de transpiração representa uma perda de água inútil que pode produzir desidratação e superaquecimento”. E segundo McArdle et al, “o enxugamento contínuo da pele durante a transpiração também dificulta o esfriamento evaporativo. *Por si só o suor não resfria a pele; é a evaporação que esfria a pele*”. (Grifo do autor)

Cita-se que o vestuário para ajudar na dissipação do calor deve ser tipo camisetas reticuladas de mangas curtas, folgadas e de cores claras. Em dia quente e úmido, não convém exercitar-se sem uma camiseta, pois a radiação direta e refletida proveniente do sol que incide na pele, pode facilitar o ganho de calor. É aconselhável usar tecido de algodão de cores claras; isso permitirá a permuta de calor e limitará a absorção de calor devido à radiação solar. (KATCH, KATCH, 1998; FOSS, KETEVIAN, 2000; McArdle et al 2003)

Em Canela-Fina, Bico e Cuiamucu pode ser observado que seus moradores vivem melhor à medida que mantém-se fisicamente em condições favoráveis à prática da derrubada, caçada, pescaria, cultivo do solo, ingestão de água e ritmo empregado na atividade. Tal condição é elemento importante para manterem-se em destaque na figuração de sua sociedade. Todo bom pescador ou caçador, bom de machado ou de enxada, a boa plantadora ou a boa mulher de enxada mantém sua posição nas relações de interdependência funcional pela competência em associar conhecimento do meio, condição física, habilidades no domínio dos artefatos e boas relações afetivas. O que não ocorre com indivíduos na condição de sedentários ou não aclimatados, apresentando dificuldades em manterem-se na região sem uma maior dependência de seus pares. Não basta às mulheres e aos homens apenas massa muscular. A pouca habilidade no manuseio dos artefatos incide sobre maior gasto energético e menor o resultado por tempo utilizado. Não há “nada” de surpreendente ao chegar na área de pesquisa e nos depararmos com indivíduos cuja resistência, força e algumas habilidades motoras sejam mais desenvolvidas do que as do visitante citadino. Remar e o manuseio do machado são exemplos de práticas rotineiras na área pesquisada, assim como o manuseio do estilingue pela criança ou a espingarda pelo adulto.

O conceito de adaptação nos ajuda a enxergar a interferência externa mexendo

com a relação homem e meio ambiente, no sentido de interação, ou melhor de interdependência, ocorrendo em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Tal relação apresento na síntese que se revela em forma de parábola e que denominei, *O homem e a palheira*:

Disse o homem à palheira: Palheira dá-me sua palha. E a palhareia respondeu: dou minha palha sim, se você não me levar ao chão. E o homem retrucou: não lhe levo ao chão pois não há razão e palha não me vai faltaro. Assim, o homem e a palheira interagiam. A palheira filhou e o homem também. Palheira filha e filho do homem viviam nessa interação. Certo dia o tataraneto do homem não deu mais sentido a essa interação. Então, a palheira veio ao chão. No chão a palheira virou carvão.

Ao discutirmos os conceitos de crescimento intensivo e extensivo, o fogo, criação de boi entre outros assuntos, vamos nos dando conta que a interação homem e meio ambiente, no sentido de interdependência, foi mais e mais cedendo espaço para a racionalidade humana voltada para o domínio da natureza em benefício próprio. O conhecimento não convergiu para a interação. Homem e mulher, na área pesquisada, usavam a banha de boto para tratar o enfermo, hoje o dono do boi contrata o pescador para matar o boto e vender-lhe somente a banha para engordar a boiada. O simples fato de empunhar um facão afiado é para vencer a resistência ou a natureza do arbusto que está incomodando alguém; o estilingue na mão de uma criança deve ser flexível para ser estendido, mas resistente o suficiente para matar o passarinho; caçar um animal requer, antes de tudo, entender sua natureza para poder superá-lo; não se pode atear fogo no roçado no período de chuva ou ainda, não se deve construir uma canoa com madeira branca, para que em poucos dias esteja em decomposição sob a água. Em outras palavras, a apropriação de forças naturais ou artificiais para vencer a própria natureza ocorreu no sentido unilateral em prol da comodidade ou da melhor qualidade de vida. Os ajustes de desenvolvimento, aclimatação e os culturais são conceitos que ajudam a compreender homens e mulheres a viver em comunidades como em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina.

Para o visitante ou pesquisador que busca estudar áreas como as referidas aqui, se quiserem ter uma visão fidedigna das atividades desenvolvidas pelas pessoas nas comunidades pesquisadas, não deve estar na condição de sedentário, mas no mínimo aclimatado. Em outras palavras, se quiser entender corporalmente como se pesca, lança mão dos artefatos, embarca numa canoa e rema em busca do peixe, no rio, igapó ou no lago. Lá, entre os erros e acertos,

poderá concluir que o rio não está para peixe; se quiser saber melhor sobre a prática da caçada, lança mão da arma e vai à mata, ao rio ou onde estiver propício para essa prática, suportando, “imóvel” as picadas de carapanãs e mutucas enquanto a caça se aproxima; se quiser saber como carpir, lança mão do terçado ou enxada ou, ainda, se quiser saber sobre o efeito do uso do machado sobre a mão ou sobre o corpo, lança mão da ferramenta e assim se aproxima do vivenciado diariamente pelos moradores a exemplo de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina.

2.2 Conceitos

Importante contribuição na elucidação do objeto estudado foi utilizarmos conceito de figuração, relações de poder, lazer, envolvimento e distanciamento captada da obra de Norbert Elias, a qual possibilitou, entre outros aspectos, entender a rede invisível de interdependência que liga o município de Boa Vista do Ramos e suas respectivas comunidades e nos faz enxergar o processo de transição ao qual já nos referimos e os processos de mudanças que evidenciaremos ao longo do trabalho. Imbricadas a esses processos de diferenciação socio-culturais nas comunidades de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, a integração é um processo vigente, poderoso demais para ser contido.

Johan Goudsblom, como já foi mencionado, nos proporciona os conceitos, extraídos da economia, de crescimento intensivo e extensivo. Sua discussão sobre o domínio do fogo nos possibilita a visualizar o uso do fogo na região estudada. Tentamos, a partir das idéias de Goudsblom, retroceder no tempo e sugerir, assim como o fogo, a utilização e a captação da água passou por um processo de organização. Como não há espaço para esgotar o assunto sobre a água, dá-se indícios de que o seu uso está exigindo cada vez mais, na concepção do processo civilizacional, maior nível de consciência e organização social.

2.2.1 Conceitos em Norbert Elias

a) Figuração

O conceito de figuração em Elias rompe com o abismo que coloca indivíduo de um lado e sociedade de outro. Rompe com a idéia de que a sociedade pudesse existir independente de indivíduos. O conceito de figuração vai compreender a teia de relações de indivíduos interdependentes que ligam-se entre si. O conceito de “configuração serve, portanto, de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de

falarmos e pensarmos como se o <<indivíduo>> e a <<sociedade>> fossem antagônicos e diferentes”. (ELIAS, 1980, p. 141) . No livro *A Sociedade de Indivíduos* (1994) vamos nos dar conta que somos seres relacionais a viver em interdependência. Em *A condição Humana* (1991) e em *Os Estabelecidos e Outsiders* (2000), Elias deixa claro o conceito de figuração.

Em Introdução à Sociologia (1980, p. 18), Elias expõe um diagrama para ilustrar da melhor forma o conceito de figuração. Elias vai dizer que “as pessoas, através de suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras”. E continua: “Estas pessoas constituem teias de interdependências ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados”.

Elias (1980, p. 142) toma o exemplo do futebol para trabalhar o conceito de figuração:

Só podemos compreender o fluxo constante do agrupamento dos jogadores de um dos lados, se virmos que o grupo de jogadores do outro lado também está num fluxo constante. Se se pretende que os espectadores compreendam e gostem do jogo, terão que estar aptos a compreender o modo como estão relacionadas as disposições mutáveis de cada lado – para seguir a configuração fluídas de cada uma das equipes.

Elias deixa, através do conceito de figuração, a entender porque o conceito de poder se transformou de um conceito de substância num conceito de relação:

No seio das configurações mutáveis – que constituem o próprio centro do processo de configuração – há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração. (ELIAS, 1980, p. 143).

Elias chama a atenção para figurações cujas cadeias de interdependências são maiores e mais diferenciadas que nos grandes centros urbanos, e nesse caso, enfatiza que figurações tão complexas terão de ser abordadas indiretamente e compreendidas mediante uma análise dos elos de interdependência. O conceito de figuração nos proporciona o entendimento de que não podemos observar a caça e a pesca “predatória”, ou a retirada de madeira da região como

se fosse um comportamento individual. No contexto de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina podemos ver o comportamento de indivíduos orientados a figurações cujas práticas podem ser consideradas abusivas ou predatórias. O grau de parentesco, compadrio e amizade cria um laço afetivo que permite aos seus membros, “sem” senso de culpa usufruir dos recursos naturais em benefícios próprios em busca de melhor qualidade de vida, mas há de se entender que o uso dos recursos naturais encontrados na área pesquisada – caça, pesca, madeira – não são extensivos a todos. Não é qualquer indivíduo que chega onde não conhece, na casa ou no quintal do outro a se apropria daquilo que “não” é seu, sem ao menos se instalar tensões ou conflitos, portanto aquele que vem de outro lugar, de outra figuração não vai simplesmente imergir onde não se tenha consentimento. Isso implica dizer que a força do *nós*, no sentido de comunidade, está no poder de decisão, mas à medida que as relações de poder mudam, as relações humanas mudam. Nesse sentido não é difícil entender que em uma figuração como de Canela-Fina, Bicó e Cuiamucu, alguém chegando bem intencionado, oferecendo maravilhas, preço no produto e outras coisas mais, não consiga penetrar nela e extrair dela o que era negado a qualquer desconhecido.

b) Poder

O poder, conceito básico na teoria eliasiana, se mostra conforme as relações se estabelecem. Isto implica dizer que o poder não é vitalício e muito menos um talismã, ele vai se mostrar conforme as figurações. Umas duram mais do que outras. Nesse sentido, para Elias (1980, p.80) “o equilíbrio de poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os estados. O poder constitui um elemento integral de todas as relações humanas”, nesse caso, enfatiza Elias que “o poder é uma ocorrência cotidiana. O equilíbrio de poder é pelo menos bipolar e, usualmente, multipolar”. Ele, “o poder, pode ser distribuído muito desigualmente, porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas”. Elias ostenta que “o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas.”

Elias (1980, p.100) fala que “as dificuldades que encontramos ao refletir sobre

os problemas do poder, radicam na natureza polimorfa das suas origens”. Nesse caso, uma solução, segundo o autor, mais adequada “para os problemas de poder seria o considerarmos este, de um modo inequívoco, como sendo uma característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente; como característica estrutural que é, não é nem bom nem má”, mas, segundo Elias (1980, p. 101), “pode mesmo ser boa e má”.

Dependemos, continua a dizer Elias,

dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fizeram da força bruta ou pela necessidade que tínhamos de ser amados, pela necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo.

Elias e Scotson, (2000) em sua pesquisa de campo investiga as relações de poder e prestígio dentro de uma mesma classes social. Na obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*, os autores observam as relações de poder em pessoas de mesma classe social, com a diferença marcante na questão dos estabelecidos, pessoas residindo por mais tempo no local e os outsiders, os recém-chegados. Nessa relação, os primeiros, sentindo-se “donos” do pedaço, se mantinham no poder graças ao carisma incondicional onde o fuxico ou a *fofoca*, depreciativas de um lado colocavam os outsiders no lado baixo da balança e as elogiosas, por outro lado fortaleciam os estabelecidos.

c) Os pronomes pessoais como modelos figuracionais

A discussão dos pronomes pessoais proposta por Norbert Elias (1980), nos ajuda a visualizar nossa posição no discurso ou na ação social. Como diz Elias (1980, p. 137), os pronomes pessoais “são no seu conjunto uma expressão elementar do facto de que cada um se relaciona fundamentalmente com os outros e de que cada ser humano individual é essencialmente um ser social”. Nesse sentido, a discussão acerca dos pronomes pessoais nos ajuda a compreender

que o “conceito de indivíduo se refere a pessoas interdependentes, e o conceito de sociedades a pessoas interdependentes no plural. Ele, da mesma forma torna-nos conscientes de que todas as pessoas de que falamos na terceira pessoa, falam de si próprias na primeira, e de nós, na terceira pessoa.

Na continuidade da discussão Elias(1980, p. 139), ostenta que:

os pronomes pessoais representam o conjunto elementar de coordenadas com as quais podem esboçar todas as sociedades ou agrupamentos humanos. Ao comunicar directa ou indirectamente, referimo-nos a nós próprios como <<eu>> ou <<nós>> e designamos por <<tu>> aqueles com quem queremos comunicar nesse momento. A terceira pessoa que, de um modo temporário ou permanente, fica fora do grupo de comunicação, é designado por <<ele>> ou <<ela>>, ou no plural por <<eles>> ou <<elas>>. É importante observar que o modelo de pronomes pessoais mostra que nunca podemos considerar as pessoas como seres singulares e isolados; temos sempre que encarar inseridas em configurações. Dessa forma pode perceber através desse modelo que não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas, isto é, cada ser pode se referir a si mesmo como <<eu>> e aos outros como <<tu>>, <<ele>>, <<nós>>, <<vós>> ou <<eles>>. O sentido que cada um tem da sua identidade está estreitamente relacionado com as <<relações de nós>> e de <<eles>> no próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos por <<nós>> e <<eles>>.

Segundo Elias (1980, p. 139), “os pronomes nem sempre se referem às mesmas pessoas. As configurações a que habitualmente se referem podem mudar no decurso de uma vida, tal como uma pessoa muda”.

d) Envolvimento e distanciamento

As figuras produzem poder, conhecimentos e emoções, que segundo Elias, não se separam. Nesse sentido, o entendimento dos conceitos de envolvimento e distanciamento, absorvido de sua obra (ELIAS, 1998a), foi um contributivo essencial na investigação de Bicó,

Cuiamucu e Canela-Fina. Em resumo, Elias vai nos falar: quanto mais envolvida a pessoa – sujeito da pesquisa e/ou pesquisador – estiver com o problema ou fato social, menos possibilidade de ver e resolver o problema, ela terá. No pólo oposto, quanto maior o grau de distanciamento, maiores serão as chances de entendê-lo ou resolvê-lo. Esse conceito, na antropologia (GEERTZ, 1989) é entendido sob o olhar de quem é de dentro e de quem é de fora. Quem é de fora, vê coisas que o de dentro não vê, e vice-versa.

Numa figuração, para se conseguir ver algum problema que a permeie, há a necessidade de se distanciar, tem que estar liberto de qualquer envolvimento. Elias (1980, p. 181) nos esclarece com muita propriedade a idéia de distanciamento:

[...] a compreensão da autonomia relativa e da dinâmica imanente de uma configuração é impossível para aqueles que a constituem, enquanto estiverem totalmente envolvidos e intrincados nas alterações e conflitos decorrentes das suas interdependências. Para compreendermos as configurações humanas, é necessário que tenhamos alcançado um distanciamento intelectual considerável relativamente à configuração em que participamos, às suas tendências de mudança, à sua <<inevitabilidade>> e às forças que certos grupos que se entrecruzam, mas que simultaneamente se opõem, exercem uns sobre os outros.

Em *Condição Humana* (1991, p. 13), Elias nos proporciona a entender os conceitos de envolvimento e distanciamento:

Por vezes é útil, para compreender melhor as questões da actualidade, afastarmos-nos delas em pensamento para depois, lentamente, a elas regressarmos. Compreendemo-las, então, melhor. Pois quem se embrenha apenas nas questões do momento, quem nunca olha para além delas, é praticamente cego.

e) O entendimento de lazer

Ao colocarmos o futebol como um assunto a ser estudado, não pretendemos romper com a seqüência que nos propusemos a descrever. De fato, o futebol ficaria numa posição deslocada se fosse considerado como uma atividade intermitente, não contínua. Pode-se

considerar intermitente se observarmos a prática em finais de semana. Assim como poderíamos considerar outras atividades que são desenvolvidas de tempos em tempos com base no tempo cíclico, sem atentarmos à uma estrutura social com a atenção voltada para o devir. O futebol é uma prática desenvolvida geralmente aos finais de semana mas que homens e mulheres – crianças, jovens e adultos – de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, estão esperando o momento para estar presente quando de sua realização. Há no cotidiano dessas comunidades uma preparação antecipada que se evidencia cada vez mais ao se aproximar do final de semana, pois segundo E. de 19 anos – 11-10-06 – *o futebol é bom, eu gosto de jogar. Aqui é a única diversão é ele*, mas não é apenas o jovem rapaz a pensar assim: *É bom o futebol, porque é uma diversão mais bacana que tem por aqui*, é o que comenta F. A. de 58 anos. Assim vamos observando outros depoimentos como de D. de 39 anos: *o futebol é uma coisa muito importante, é o divertimento*. Para E. de 49 anos – 14-9-07 – *o futebol se joga, porque é vontade de se divertir. Distrai o jovem. Abre a boca de rir. A gente se diverte bem*.

É também observado na fala de nosso informante que em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina que pressupõe o entendimento de que há uma distinção entre o que é trabalho e o que é lazer, divertimento, como se expressa H. de 38 anos – 21-7-07 – *o trabalho é uma coisa e o divertimento, o lazer é outra. As pessoas têm necessidade, sim, de divertimento. Deus o livre se fosse só trabalho*. Tais informações nos proporcionam observar no universo empírico pesquisado o futebol como parte do contínuo das práticas socioculturais que não se limitam à caçada, pescaria, plantio da mandioca, criação de boi. Há explicitamente, na fala dos indivíduos, uma clara divisão do que eles consideram trabalho e o que se considera lazer, entretanto, esse universo empírico, nos deixa evidências que as relações de trabalho e lazer não estão tão determinadas como se observa nos centros mais urbanizados. Nesse sentido, instiga-se o leitor/pesquisador às novas investidas que possam ter como referência comunidades do tipo das que estamos estudando, para ampliar a discussão sobre o lazer. Para orientar a apropriação dos termos lazer e futebol na área de pesquisa buscamos referência em Elias e Dunning (1992). Outras perspectivas, entretanto, teóricas e empíricas sobre o futebol, formas de organização em diferentes sociedades podem ser observadas como nos trabalhos de Vinha (1999; 2000); Fassheber (2006); Fassheber; Rocha Ferreira (2006); Vianna (2008).

No texto *a busca de excitação no lazer*, Elias (1992, p. 106), distingue cinco esferas diferentes de tempo livre, e nela vamos nos dar conta que uma parte de nosso tempo livre

não se identifica com lazer. Em sua análise o autor critica o fato de o juízo de valor que está imbricado na análise trabalho e lazer, no sentido de que “o trabalho, de acordo com a tradição, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo; o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência”. O “termo <<trabalho>> refere-se habitualmente a uma única forma específica de trabalho – o tipo de trabalho que as pessoas executam como modo de ganhar a vida”. (ELIAS, 1992, p.107). Cabe ressaltar que Elias não está se referindo às comunidades como a de Bicol, Cuiamucu e Canela-Fina. Elias se refere ao trabalho desenvolvido em sociedades mais diferenciadas e urbanizadas onde o tempo é rigidamente controlado. Tal situação, nessas sociedades, leva as pessoas a utilizarem-se de parte de seu tempo livre para se dedicarem a uma porção de trabalho sem remuneração. O “tempo livre, de acordo com os actuais usos lingüísticos, é todo o tempo liberto das ocupações de trabalho. Nas sociedades como as nossas, só parte dele pode ser votado às actividades de lazer”. (ELIAS, 1992, p. 107).

É nesse entendimento que Elias (1992, p. 108, 109, 110) vai distinguir cinco esferas de tempo livre: 1) trabalho privado e administração da família, no qual se enquadra atividades como: a maioria das atividades da família, incluindo a própria provisão da casa. Muitos desses trabalhos têm de ser realizados, quer gostem ou não; 2) repouso, ao qual pertence atividades de estar sentado, estar a fumar ou a tricotar, dormir, as futilidades sobre a casa, o não fazer nada em particular; 3) providências das necessidades biológicas, onde se enquadra o comer, beber, fazer amor, defecar; 4) sociabilidade, na qual pode se enquadrar aquelas que estão relacionadas ao trabalho como visitar colegas ou um superiores hierárquico ou aquelas que não estão relacionadas com o trabalho, ir a um bar, restaurante, falar de futilidade com o vizinho entre outras e; 5) a categoria das atividades miméticas ou jogo. A esta categoria pertencem atividades de lazer: ida ao teatro, às corridas, à caça, à pesca, ao cinema, dançar, entre outras. Nessa última é onde centramos o futebol ou o jogo de bola como uma atividade de lazer em Bicol, Cuiamucu e Canela-Fina, entendendo que as pessoas participantes, tanto o espectador quanto o ator, não façam dela uma atividade especializada como meio de ganhar a vida.

Para Elias e Dunning (1992, p. 146) “uma característica decisiva das actividades de lazer não só nas sociedades industriais altamente ordenadas mas também, tanto quanto se pode ver, em todos os tipos de sociedades, é a de que o descontrolo das restrições sobre as emoções é controlado, ele mesmo, social e individualmente”. Como se pode observar os

autores não limitam o lazer a sociedades altamente organizadas, e consideram que as [...] “as actividades de lazer proporcionam – dentro de certos limites – oportunidades para experiências emocionais que estão excluídas dos setores altamente rotineiros da vida das pessoas”. (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 150).

Embora os moradores de Cuiamucu, Bico e Canela-Fina, não compartilhem a rotina a exemplo de uma linha de montagem, mecanização a levar aborrecimento àqueles que a vivem nos grandes centros industrializados, não desconsideramos suas rotinas diárias. Tal entendimento nos faz considerar que as pessoas vão ao jogo, ao futebol em busca de tensões agradáveis não fornecidas nas atividades onde se faz necessário a produção de alimento e obtenção de comida para própria sobrevivência.

Um dos aspectos do lazer apontado por Elias e Dunning (1992, p. 139) que pode contrastar com as atividades desenvolvidas para manutenção da vida pode ser:

Em certos aspectos as actividades de um indivíduo têm outros indivíduos como quadro de referência, noutras o quadro de referência é o próprio agente. No caso das actividades de trabalho, o equilíbrio entre estes dois aspectos inclina-se a favor do primeiro, no caso das actividades de lazer, a favor do último.

Tal arguição nos faz pressupor o entendimento de que homens e mulheres da área pesquisada vão ao jogo de futebol desobstruídos de obrigatoriedade, situação essa não observado nas atividades onde a necessidade de manter a vida se faz necessário.

Segundo Elias e Dunning (1992, p. 151, 152)

[...] as ocupações de lazer oferecem um campo de acção mais vasto para um divertimento individual intenso e relativamente espontâneo de curta duração do que qualquer outro tipo de actividades públicas. Representam uma esfera de vida que oferece mais oportunidades às pessoas de experimentarem uma agradável estimulação das emoções, uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com outros e desfrutada com aprovação social e boa consciência.

Na fala de nossos informantes pode-se notar que o futebol representa um espaço no qual as pessoas procuram para o divertimento e a excitação prazerosa, entretendo, com base na

experiência de campo, as atividades de pesca, caça e o plantio da roça podem proporcionar ao praticante momentos de tensão agradável, prazerosa, mas, há de evidenciar que “na excitação séria, não mimética, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias como para os outros”. (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 125) .

Nesse sentido, ao nos referimos às atividades de caça e pesca, desenvolvidas em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, voltadas à “subsistência”, ao suprimento de alimento, seria danoso ao convívio social se um praticante, de posse de sua arma, num grau de excitação, após abater um animal, saísse disparando sua arma para comemorar seu feito. Da mesma forma, na atividade de plantio de mandioca, que estaremos tratando mais à frente, seria de alto risco às vidas humanas se seus praticantes se utilizassem de suas enxadas uns contra os outros, evidenciando seu nível de excitação.

Por outro lado, é a experiência de campo que nos permite observar o prazer, o quanto de excitação agradável proporciona ao caçador, quando aniquila uma anta (*Tapirus terrestris*), um veado (*Mazama americano*), ou quando depara-se com uma manada de porco queixada (*Tayssu pecari*). Da mesma forma, na pescaria, a excitação se evidencia quando o pescador captura um peixe-boi (*Trichechus inunguis*), tucunaré (*Chichla sp*), pirarucu (*Arapaima gigas*) tambaqui (*Colossoma macropomum*), surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*) entre outros animais onde o encontro estabelecido – caçador e caça ou pescador e peixe – se configura em um jogo. A representação simbólica da espécie de animal – tamanho, peso – é a pitada desse jogo. As qualidades inatas dos animais para fugir, na situação de presa, contra os artefatos, as técnicas e táticas aprendidas culturalmente do predador/caçador contribui para o desenrolar do jogo e sua repercussão social. O prazer, a excitação é revelada na “batalha” entre o humano e o não humano.

A experiência de campo nos permite incitar o leitor e levá-lo à reflexão, pois embora as práticas de caça e pesca sejam realizadas em ambientes de rios e matas, espaço diferente do campo de futebol, elas são aceitas socialmente. Embora o prazer, as emoções não sejam vividas ou compartilhadas publicamente, como ocorre no futebol e outros momentos de lazer, o são, individualmente, na mata ou no rio. Quando o sucesso é maior na atividade, mais evidente se torna a excitação. Caso contrário fica o caçador exausto por percorrer horas pela mata e chegar em casa tendo consciência de ter que ir em busca de comida novamente. Nesse caso a caçada ou a pescaria assumem um aspecto de trabalho, no sentido de ter que ganhar a vida. Por outro lado, a posterior, as emoções vividas – na caçada ou na pescaria – serão revividas nos

encontros entre os compadres ou nas histórias teatralizadas. Os fatos vividos são narrados, representados aos descendentes quando reunidos em família ou nas rodas de compadre. Algumas acabam se tornando estórias de pescador ou de caçador.

Nesses encontros “fúteis” da vida em Cuiamucu, Canela-Fina e Bicó, onde crianças, jovens e adultos se reúnem para falar de coisas boas e ruins a permear seus cotidianos, as histórias encerram em si, momentos de aprendizagem, tensão, medo, risco, mas que no momento mimético, no espaço de sociabilidade, ao redor do contador de história, como enfatiza Elias e Dunning (1992, p. 124) “perdem seu ferrão. Confundem-se com uma espécie de prazer”.

Em casa ou na casa do compadre, pescador ou caçador experiente conta suas histórias de vida. De pé, sentado, agachado em volta do contador de histórias, as crianças, jovens e adultos estão atentos aos pormenores, com um detalhe importante, se o contador interromper por alguns segundos sua história, os ouvintes não deixam esfriar a emoção do conto e logo intervêm: “...e aí, o que aconteceu?”.

No centro das atenções o caçador começa:

Era eu, o Dijavá e o Neto, chamamos os cachorros, embarcamos na canoa e fomos para Ilha da Jibóia. Encostamos a canoa e os cachorros foram logo pulando. Os dois saíram para terra e eu fiquei para apanhar açai. Já havia apanhado dois cachos e estava subindo em outra árvore quando eu ouvi o tiro, em seguida o latido dos cachorros e os homens gritando atrás.

Desci, peguei a espingarda, pois o latido vinha em minha direção, era a única passagem e o bicho ia passar ali por mim. Não demorou ele vinha correndo, eu vi que era um veado. Preparei-me e quando ele ia passando atirei. Ele caiu e quando eu ia chegando perto, levantou e correu; eu corri atrás e chamei os homens. Lá na frente o veado caiu na água. Chegou o Neto e pulou na água atrás dele e antes de pegar a terra, o Neto atracou no pescoço do bicho e o afogou.

E assim a rodada de histórias dura minutos ou horas, narradas com veemência, cheias de gestos, ou melhor, expressões corporais e emissões de sons. Revivendo momentos preciosos, o contador de história franze sua face, mostra os caninos como se fossem presas; as mãos calejadas, dedos em forma de garra e o som que sai de suas cordas vocais simbolizam o urro da onça ferida, encurralada ou protegendo sua prole. Já fica entendido que os chifres e os cascos fendidos do veado são armas poderosas e devem ser mantidos longe do corpo do caçador,

e assim também as presas do porco queixada, os dentes afiados da paca ou da capivara. No decorrer das narrativas o olhar atento das crianças, os jovens, as moças, apresentam fisionomia de medo, de prazer, mas sabem que os fatos narrados, alguns aumentados, embora penetrem em sua memória, perdem o ferrão, quando longe da vida real.

Outro termo, além do lazer, que se destaca na fala dos informantes é futebol, jogo ou ainda, bola que são empregados por homens e mulheres de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina ao associá-lo ao espaço reservado para prática do lazer. Tais termos provêm do futebol, esporte que se destaca na mídia, nas conversas entre as pessoas na sede do município. No “País” do futebol, pode ser que haja, nas entranhas da floresta amazônica, alguma tribo indígena a não conhecer o futebol, o que não é o nosso caso. No país do futebol as informações estão na televisão, no rádio, nas conversas entre compadres, no banco da canoa ou qualquer espaço público ou privado onde o assunto é o jogo de destaque do dia. Mediante todas as informações acerca do futebol, os moradores da área pesquisada propuseram adequações a tornar o futebol, como veremos no capítulo V, como um jogo de bola ajustado às peculiaridades da região. Tal adequação permite a participação de maior número de pessoas e a possibilidade de divertimento ao maior número de pessoas. É como se o jogo de bola representasse uma atividade de ajuda mútua, de puxirum como veremos ao tratar o assunto do plantio da roça, onde a obrigatoriedade de fazer se mescla com o humor, o riso o prazer em fazer, entretanto, como já se mostrou acima, em atividades direcionadas para a subsistência, ganhar a vida ou a manutenção da vida, o quadro de referência são os outros indivíduos, e nas atividades de lazer, o quadro de referência é o próprio agente.

Para melhor elucidar o que foi falado e o que vai ser descrito mais à frente, recorreremos ao entendimento de futebol esporte sob o olhar de Elias e Dunning (1992). Segundo os autores, o esporte, tal como é concebido hoje, é regido por meio de regras escritas, específicas e não estão alicerçadas aos costumes, como já se evidencia na área de pesquisa. O esporte depende de estrutura apropriada para que funcione sendo identificado como esporte em qualquer sociedade contemporânea. Nesse sentido, é apropriado nos referirmos ao futebol, objeto de nossa investigação, praticado em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina como um *jogo de bola*. O jogo, como Elias e Dunning (1992) enfatizam, é regido por normas mais flexíveis o qual atende às particularidades de grupos em diferentes sociedades e culturas. É então, nesse jogo de bola que os moradores da área pesquisada se divertem e “a excitação é por assim dizer, o condimento de

todas as satisfações dos divertimentos”. (ELIAS, 1992, p.116). Nesse sentido vamos estar entendendo que o jogo de bola, na área de pesquisa, é um espaço em que os homens e mulheres buscam para o seu lazer.

Feito essa explanação, ao procurar entender, na fala dos informantes, a necessidade da prática do jogo de bola como um espaço de lazer, vamos divagar sobre os conceitos que nos apropriaremos de Johan Goudsblom, entretanto, antes de o fazermos lembro ao leitor de termos comentado das figurações da borracha e da juta ocorridas no Amazonas. Não menos importante é lembrarmos da figuração do extrativismo do pau-rosa (*Aniba rosaedora*) ocorrida na mesma região. A figuração do pau-rosa utilizaremos como exemplo para vincular os conceitos de Elias, mas como ponte para discutirmos os conceitos em Goudsblom.

O fato ocorreu entre 1994/ 1995, quando três pessoas se reuniram para extrair e comercializar, em toneladas, uma árvore de pau-rosa. Se não me falha a memória, foi uma das últimas árvores, desse porte retirada da comunidade de Bicó. Por essa época a técnica, até pouco tempo, de extração dessa espécie se dava pelo corte total e se possível extraía-se as raízes para complementar na pesagem. Tal técnica extermina com a árvore sem esperança de brotar um filho.

Esse exemplo, guardadas as proporções, não se restringiu apenas à nossa área de estudo, mas em outras localidades do Amazonas. Das pessoas que se reuniram para a extração da madeira, duas residiam em Canela-Fina e uma em Bicó. A dupla de Canela-Fina por si só “não” podia cortar a madeira, pois encontrava-se na comunidade de Bicó, necessitando de um parceiro que compartilhasse, em Bicó, da extração da madeira. O laço de compadrio e amizade observado na união dessas pessoas, associado a divisão dos lucros, permitiu a retirada da árvore, naquela figuração sem que houvesse pressão social contrária, situação que poderia ser diferente se alguém de outra região não pedisse licença para cortar tal árvore.

É pertinente observarmos que a identificação, na mata, de determinadas espécies de árvore não é tão simples. A aprendizagem gradativa por intermédio de idas e vindas à mata quase sempre em companhia de alguém que já detém esse saber, possibilita ao indivíduo a condição de identificar espécies de interesse econômicas que se espalham dentre tantas outras a ofuscar a visão de quem não detém o conhecimento seletivo. Queremos dizer com isso que na rede de interdependência que vem se ampliando cada vez mais, não foi o dono da usina a vir extrair o pau-rosa, da mesma forma não foi gente de qualquer lugar que o fez. Quem retirou o pau-rosa foi o trio residente na figuração de Canela-Fina e Bicó, cujo comportamento orientou-se

para o comércio da madeira, especificamente da essência do pau-rosa. Nessa figuração o grupo não teve poder de ditar as regras de mercado e mantiveram-se no lado baixo da balança, o que lhes proporcionou muito trabalho e prejuízo econômico. O comprador do pau-rosa, extraiu a essência e o vendeu à indústria de perfumaria. Na rede invisível de interdependência funcional quem o corpo perfumou – no Brasil ou na Europa – contribuiu para a quase extinção do pau-rosa no Amazonas.

O exemplo nos auxilia a entender o conceito de figurações, relações de poder, conhecimento e nossa posição, no caso dos pronomes pessoais, nessa rede invisível que marca a exploração de recursos naturais no Amazonas. O exemplo do pau-rosa, nos auxilia na compreensão dos conceitos de crescimento intensivo e extensivo que trataremos a seguir. Fica para o leitor fazer tal exercício e entender melhor que a discussão ambiental que permeia a Amazônia é complexa. Hoje, o nível de conhecimento é outro. Da árvore do pau-rosa se extrai, ou melhor, se poda os galhos para extrair das folhas a essência. A lei não permite mais extrair a matriz. Os moradores das comunidades de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, se naquela época tivessem condições de atribuir valor ao conhecimento que possuíam para identificarem as árvores de pau-rosa, a figuração seria outra, assim como o conhecimento que os capacitam em identificar, em área de floresta, outras espécies de árvores que tombam para tornarem-se madeira. Na atual discussão ambiental, é mais valiosa a árvore em pé do que perfumando corpos ou em formas de móveis, para acomodar os corpos perfumados. A captação de gás carbônico, se faz através da árvore viva.

2.2.2 Contribuição de Johan Goudsblom

Goudsblom é adepto e seguidor das teorias Elias. Nos trabalhos de Goudsblom não há necessidade de buscar entender com que base teórica tem escritos seus textos, ele mesmo se intitula como seguidor de Elias. Fica evidenciado ao darmos com as leituras de: *Fire and Civilization* (1994); *The civilizing process and the domestication of fire* (1992) e no interior das seguintes obras: *Figuracions em proceso* (1998), *Norbert Elias – a política e a história* (2001), *Conversas sobre Elias* (2005).

Elias estudou no período de 1350 a 1850 mudanças de comportamento na Europa Ocidental, tendo como referência os estratos superiores dessa época. Sua observação se concentra no processo sociocultural onde padrões de condutas são transmitidos de geração a geração. Elias mostra que os guerreiros se tornam cortesões e mudaram suas maneiras de relacionar. Mostra-nos a passagem de mecanismos de coerções externas para mecanismo de autocoerção. Goudsblom (2001, p. 244) dá um passo atrás, na história, e diz que pode ser percebido mudanças de comportamento e mudanças de poder através da história humana em cada cultura e em cada sociedade conhecida. [...] “pode-se identificar mudanças de comportamento e de poder imagináveis, de prazo mais longo, na sociedade humana; as mudanças que fizeram com que o equilíbrio de poder entre animais e humanos se rompesse em favor desses últimos”. Enquanto Elias estudou mudanças de comportamento no mundo social, no período da idade média ao século XX, Goudsblom, retrocede no tempo e busca, através do desenvolvimento de uma perspectiva socioecológica, uma teoria global dos processos sociais. A pressão ecológica foi, na perspectiva de Goudsblom, condições básicas para mudanças de comportamento e diferenciação nas relações de poder na história humana. Defende sua hipótese ao discutir a domesticação do fogo.

A apropriação das idéias de Elias e Goudsblom nos ajudam a compreender a organização social, figurações, poder e os processos de diferenciação que vem ocorrendo em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. Se observamos no breve histórico do Amazonas, quem veio para cá ou foi para lá deparou-se com pressões ecológicas. Manaus passou, no ciclo da borracha por transformações em sua arquitetura para “melhor” abrigar quem da região não era. Aqueles que migraram para as regiões dos rios e das matas, principalmente os “peões” continuaram a conviver

com essa pressão, não que a pressão social não estivesse ocorrendo. “Domesticar” ou/e “civilizar” os índios e com eles o aprendizado de competências deu-se um importante passo para lidar com o ambiente sem que ele os superassem, isto é, dominar a natureza para viver melhor no ecossistema amazônico, foi até o momento, uma forma encontrada para sobreviver nele. O uso do aço e da pólvora trazido pelos civilizados do primeiro mundo superou o machado de pedra e o arco e flecha dos ameríndios. O processo de diferenciação e poder se manteve constante no Amazonas, de um lado entre os humanos e do outro, sobre os não humanos.

Onde entram, em nosso trabalho, as idéias de Goudsblom? Como foi visto acima estaremos observando processos de diferenciação sociocultural, relação de poder, figurações e redes de interdependências nas comunidades pesquisadas, tendo como indicadores as práticas sócio-culturais do extrativismo animal e vegetal: caça, pesca e retirada de produtos da floresta; o cultivo do solo, a criação de boi e a prática do futebol. Para se entender o objeto de nosso estudo ocorrendo na área de pesquisa, utilizaremos os critérios, derivados da história econômica, de crescimento intensivo e extensivo utilizado por Goudsblom (2002).

Segundo Goudsblom (2002, p. 25),

Analiticamente os conceitos de crescimento extensivo e intensivo têm significados distintos. Empiricamente, entretanto, tais conceitos não necessitam excluir uma ao outro. Eles às vezes podem se contrapor e outras se apoiarem. A real interação dos conceitos é uma questão para uma investigação empírica. Na histórica econômica, o crescimento extensivo se refere ao aumento da população ou demográfico, portanto, refere-se também ao sentido geográfico. O crescimento intensivo refere-se ao aumento do padrão de vida: aumento da renda per capita. Os conceitos podem ser utilizados na área da ecologia humana. A terra que pode ser cultivada intensivamente (na qual uma grande quantidade de trabalho humano tem sido investido) representa um alto grau de interdependência entre os humanos e a vegetação.*

Goudsblom (2002, pp. 23 e 24) ao abordar o crescimento extensivo, diz que

Os humanos se expandiram na biosfera gradualmente, um pouco lentos e depois mais rápidos com conseqüências sempre mais impressionantes. Nesse processo, eles expandiram seus domínios extensivamente assim como intensivamente. Eles se apropriaram de mais terras e incorporaram cada vez mais recursos não humanos aos seus

* Texto traduzido por Yan Marcelo Sampaio Rodrigues

grupos: primeiro o fogo, então, muito mais tarde, certas plantas selecionadas, animais, e mais tarde novamente, combustíveis fósseis. Quando incorporaram mais energia e matéria às suas sociedades, essas sociedades cresceram em tamanho, cidades, eficácia e produtividade, enquanto ao mesmo tempo elas se transformaram mais complexas, mais vulneráveis e mais destrutivas. Durante todo esse processo de transformação, os humanos compartilharam o mesmo meio ambiente natural com outras espécies, incluindo micróbios, plantas e animais; essa realidade continua a fazer parte da condição humana.*

O crescimento intensivo, segundo Goudsblom (2002, p. 27)

É mais difícil para definir e de se mensurar do que o crescimento extensivo, mas o impacto à biosfera é pelo menos tão importante. No processo de crescimento intensivo, as coisas e forças que estavam previamente fora do controle humano foram trazidas para dentro dos domínios humanos e subjugadas a uma certa medida de controle humano. Crescimento intensivo sempre implica em inovações no comportamento que geralmente leva a uma mudança (entretanto suave) no balanceamento de forças existentes assim como também leva a mudanças (novamente suave) na mentalidade ou hábitos. Crescimentos extensivo e intensivo não são mutuamente exclusivos. Eles podem tanto se apoiarem, se reforçar ou se obstruírem.

Na seqüência vamos entender, que “os humanos, com mais conhecimento puderam ir mais longe. Crescimento intensivo é também, a incorporação de mais conhecimento às sociedades humanas.” (GOUDSBLOM, 2002, p. 27). A incorporação de mais conhecimento convergiu na direção da apropriação de recursos naturais em prol de melhor qualidade de vida dos humanos, sem muita preocupação da interação, da reciprocidade, já comentada por nós ao tratarmos as questões da adaptação. Em retrospectiva, podemos observar que o crescimento extensivo, associado ao crescimento intensivo com sua intenção unilateral, vem proporcionando maiores impactos ambientais minando determinadas espécies, contaminando rios. A possibilidade de estarmos observando essas conseqüências, como efeito estufa e aquecimento global, convergem para outro nível de entendimento sobre o ambiente, no qual o crescimento intensivo e extensivo venham cada vez mais se apoiarem, estando no epicentro dessa discussão a vida – humana e não humana.

Goudsblom discute o crescimento intensivo e extensivo numa perspectiva

* Trecho traduzido por Yan Marcelo Sampaio Rodrigues e pelo próprio autor.

socioecológica através da domesticação do fogo. Para ele, o uso do fogo tem-se mostrado como a maior consequência de alterações ecológicas. Podemos compartilhar com o autor e sustentar que em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, o fogo tem sido a causa de maior impacto no seu ecossistema.

Segundo Goudsblom (2002, p. 30), desde o princípio os humanos utilizaram o fogo de duas formas básicas: *a hearth* e *torch*. *Hearth* foi por nós entendido como lareira, lugar onde as pessoas se reúnem para aquecer ou para prepararem os alimentos. *Torch* foi entendido como tocha, utilizada no sentido de destruir, limpar, desobstruir caminhos e impor o poder humano sobre vidas não humanas. Dessa forma a função do fogo foi voltada para dentro (centrípeto) e com o destino mais visível, isto é, para fora (centrífugo). O fogo, no sentido de tocha, veio segundo Goudsblom, “a contribuir para o desflorestamento. Muita madeira foi queimada, independentemente de ter valor como madeira ou como combustível”.^{*} Nessa segunda perspectiva é que estaremos abordando a questão do fogo – no sentido de tocha – em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina.

Goudsblom (2002, p. 32) evidencia que

O uso do fogo trouxe dois efeitos colaterais para o ambiente. O primeiro se refere ao uso de combustível que tinha de ser usado para mantê-lo. Mas enquanto os seres humanos viviam em comunidades pequenas e em abundância de madeira, isso não causava muito problema. Por outro lado, quando aumentou o número de povos vivendo em grandes concentrações, aumentou a necessidade de combustível tornando-se um fator para o desflorestamento de grandes áreas. O segundo efeito do fogo é que consiste em desperdício transformando em cinza e fumaça o material queimado. Apesar da fumaça ser útil para espantar insetos e outras criaturas traiçoeiras, ela geralmente tem sido considerada como uma inconveniência de ser eliminada.

Na hipótese de Goudsblom (2002, p.32), “enquanto as pessoas viviam em cavernas ou cabanas isoladas, esse problema era relativamente fácil de ser contornado. A urbanização e a industrialização têm agravado seriamente esse problema”.

Para compreender o porquê de discutirmos o fogo como tocha e não como lareira, lembra-se, conforme já nos referimos no contexto da adaptação, que o clima predominante no Amazonas é quente e úmido. Quem está num ambiente aclimatizado pode ignorar o calor que o ar refrigerado, ao consumir energia, libera ao ambiente externo. Em período

^{*} Tradução própria.

de estiagem no Amazonas vemos pessoas a “correr” de lá pra cá em busca de cumprir com seus compromissos. Nesse vai e vem, camisa molhada, corpo suado e suor pingando pelo rosto faz o amazonense procurar “sombra e água fresca”. As pessoas procuram se juntar em ambientes aclimatizados com ar refrigerado e não com aquecedores.

Residências, como já relatado, cobertas com telhas de amianto ou telha de alumínio, somado à altura baixa do telhado, faz do lar um ambiente desconfortável. Pessoas procuram o espaço da varanda, do terreiro ou quando não dispõem desses espaços, vão procurar sombra na rua. Temperatura alta faz “correr” de dentro de casa seus moradores, rezando para que o sol impiedoso amenize. Bastante líquido gelado e banho, para quem tem água em casa, são maneiras de amenizar o calor. Dessa forma deixamos claro que não é o aquecimento proporcionado pelo fogo no sentido de lareira, no interior da residência, que reúne as pessoas em clima quente e úmido como do Amazonas, mas, não desconsideramos a hipótese de que, se houve algum período na história, da formação dos continentes, no qual predominou o frio na região que hoje situa-se geograficamente o Amazonas, o fogo pode ter sido utilizado como lareira, se pudermos, também, comprovar indícios de civilização.

Voltando a área de pesquisa o calor não é diferente. Embora haja mais sombra, as casas cobertas com o material citado acima tornam-se desconfortáveis. O vento traz para o nosso corpo o calor dissipado de tudo que ele aquece e a água do rio que banha as comunidades, pelo período de verão, torna-se morna. O fogo é para preparar os alimentos ou queimar o roçado. O calor provocado pelo fogo, traz consigo algo indesejado aos humanos. A mutuquinha preta (*Lepiselaga crassipes*), ou pretinha ou mutuca do rio* é atraída pelo calor do fogo feito no fogão à lenha, ou em qualquer outra parte, seja na roça, no quintal ou no forno de torrar farinha. Fazer as refeições em áreas abertas é um desconforto causado pelas picadas desses insetos. Deitar na rede após o almoço é ir sabendo que vai ser picado, nas costas ou onde estiver parte do corpo exposta. Há situações que pescadores, após terem assado seu peixe para a refeição, se deslocam de canoa para outra área, em razão das picadas da mutuquinha. Enfim, não é o fogo no sentido de lareira que vem dizimando determinadas espécies de animais e plantas, é o fogo no sentido de tocha, um dos principais fatores de impacto no ambiente. Nesse sentido, o uso do fogo possibilitou mais áreas de mata primária e mata de igapó serem queimadas, afastando das mediações de Bicó,

* Identificação técnica e científica: Dr. Augusto Loureiro Henriques. Especialista em mutucas (tabanídeos). Curador da Coleção de invertebrados do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – Inpa, e Tiago Kütter Krolow – mestrando em entomologia no Inpa.

Cuiamucu e Canela-Fina, peixes e animais de vida terrestre, dando lugar às roças e pastagem para criar boi.

Embora não seja possível estender a discussão, é pertinente olhar o curto processo histórico da colonização, povoamento e desenvolvimento do Amazonas ao lidar com os conceitos de Elias e Goudsblom. Torna-se instigante, no atual estágio da civilização, observar na área de pesquisa figurações, diferenciação, poder e redes de interdependências ampliadas ocorrendo. Enquanto o cultivo do solo, especificamente o plantio da mandioca, manteve por muito tempo, na área de pesquisa, um equilíbrio na balança de poder entre seus moradores, a criação de boi tornou-se o diferencial social exigindo maior organização e desequilíbrio na balança de poder, ficando no lado baixo aqueles que vivem da caça e pesca de subsistência. É também a criação de boi que proporciona maior impacto nesse ecossistema ao exigir expansão das fronteiras agricultáveis. Com a potencialização da energia por meio do uso do fogo, a incorporação da motosserra, os moradores abriam mais e mais espaços para a formação de pastagem em detrimento da derrubada da mata. Foi possível caçar, pescar e extrair a madeira mais intensivamente e transportá-la para inserir nas redes ampliadas de consumidores. Exemplos dessas práticas são descritas no interior deste trabalho.

CAPÍTULO II

1. Na estrada de rios o barco me leva – e os demais indivíduos – a Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina

Terra alta
 água baixa
 igarapé estreito
 pedras, paus e matupá*
 tudo perfeito para o barco encalhar
 experiência, paciência e resistência
 ao homem que precisa viajar.

Talvez o poemeto acima expresse, àqueles que conhecem a região, a vivência fluvial de moradores de muitas áreas do Amazonas, principalmente na vazante do rio, ao se deslocarem em suas embarcações: canoas, cascos e barcos do pequeno a médio porte. Entretanto, a síntese não nos coloca em situação de visualizar a “realidade” amazônica ou um pedacinho dela. Embora seja prolixo, nos sustentamos na descrição densa para apresentamos ao leitor, solicitando que se aproprie de seu imaginário, um pouco dessa realidade.

Dessa forma faremos menção ao transporte fluvial, o qual possibilitou ao Amazonas, historicamente, ser povoado. É o transporte fluvial o meio pelo qual chegamos área pesquisada. Da mesma forma o transporte fluvial nos proporciona compreender a dimensão crescente de interdependência entre comunidades e os outros centros mais urbanizados. O meio de transporte ajuda visualizar nossa posição enquanto membro invisível dessa rede de interdependência na qual liga Manaus, Boa Vista do Ramos e à todas comunidades que estão sob a influência do tráfego fluvial, terrestre e aéreo. Nessa rede invisível, observam-se a contribuição dos viajantes – sejam ribeirinhos, comerciantes, empresários, turistas nacionais ou gringos – para

* Barranco - termo empregado pelos moradores da área ao amontoado de capim aquático que se forma. Quando o rio está mais seco formam barreiras às pessoas que estão em canoas se dirigindo para roça, pescaria, caçada ou qualquer outra viagem. Às vezes torna-se impraticável ultrapassá-lo dada a consistência desses capins conhecidos pelos nomes: piripirioca (*Oxycarum cubense*), sinoaua (*Leersia hexandra*), perimembeca (*Paspalum repens*), canarana (*Echinochloa spectabile*), amã (*Luziola spruceana*). A morte dessas gramíneas forma o que denominamos de **matupá**. Além do obstáculo, a decomposição provoca a fermentação e a formação de gases tóxicos que prejudica a oxigenação da água e compromete a sobrevivência de peixes em lagos ou águas paradas.

manutenção e desenvolvimento do tráfego fluvial, dos municípios e de suas comunidades. Contribui da mesma forma ao entendimento de que as sociedades, segundo Elias (1980, p. 144) “são figurações formadas por pessoas interdependentes e não agregados de átomos individuais”.

A evolução do transporte fluvial nos ajuda a enxergar o processo de integração das áreas pesquisadas e as mudanças socioculturais influenciadas por esse processo. O maior desenvolvimento desse meio de transportes e recentemente o terrestre, com abertura de estradas que dão acessos, da sede do município, a área de pesquisa, vêm contribuindo para a dinâmica social em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. A mobilidade que os estabelecidos dessas áreas, assim como aqueles que as vêm visitar, passear ou se apropriar de produtos naturais da região se tornou mais e mais rápido do que antes. Percorrer os rios e adentrar a floresta tornou-se mais fácil e mais rápido, com um porém, suas conseqüências ninguém sabe onde vai dar, o que merece continuarmos a observar pois [...] “a transformação revolucionária dos transportes posta em marcha dessa maneira age sobre a sociedade que a produziu”. (ELIAS, 2006, p.61).

Posto esse ponto de vista, embarca-se em uma viagem que tem como referência inicial a capital do Estado do Amazonas, Manaus. O percurso será feito por “estradas de rios” – navegação interior – portanto, uma via natural, pela qual o barco nos leva a 367 km ou 16 a 17 horas até a sede do município de Boa Vista do Ramos. Deste, mais duas a três horas de viagem em motor de rabeta*, para chegar às comunidades de Canela-Fina, Bico e Cuiamucu. Já fica avisado, durante o percurso, poderemos mudar para um transporte menor: canoa, rabeta ou um pequeno barco, com objetivo de adiantar nossa viagem através de rios estreitos (igarapés) e lagos; já fica avisado, por ser uma via natural, troncos de árvores, baixios e outros elementos naturais podem nos retardar ou em último caso, naufragar nossa embarcação, caso o comandante seja desprovido de conhecimento dessa via.

Na obra de Benchimol (1995) e Nogueira (1999) a navegação tem papel “decisivo” na história do desenvolvimento socioeconômico do Amazonas, bem como sua integração. A navegação, tanto hoje como antes, tem sua força no poder privado e no início não saía de graça aos cofres públicos. As subvenções (BENCHIMOL, 1995) mantinham os empresários nas rotas dos rios. A borracha, a juta, a castanha e outros produtos da floresta, a

* Rabeta – tipo de transporte que se caracteriza por uma canoa, com motor de popa, o qual possui um longo “rabo” onde é fixada a hélice. Essa embarcação é comum no Amazonas. É econômica, fácil de manusear e levar à lugares, principalmente na época da seca do rio, não transitável por barcos maiores, em razão da sua versatilidade. Quando há muito barranco, ela consegue vencer os obstáculos e atingir áreas em que possa navegar livremente, com um simples gesto do condutor baixando ou levantando a hélice.

migração, o povoamento ou a formação de comunidades aos longos dos rios e dentro dos lagos, teve, como já comentamos, alicerce das embarcações em viagens “intermináveis” de horas, dias e meses. Já “em 1912, The Amazon River Steam Navigation Company (1911) LIMITED, assinou contrato no qual teria que fazer 12 viagens por ano de Belém para Maués”. (BENCHIMOL, 1995). Nessa rota Boa Vista já era porto de referência.

Dando um salto na história, após a fase das chatinhas e barcos a vapores (BENCHIMOL, 1995; NOGUEIRA, 1999), o Contra-mestre Fluvial Armando José Albuquerque, 74 anos, viajando para Maués desde 1962, nos fala (17-8-07) de uma época em que viajava em um em barco assentado uma máquina de marca DAN de 15hp, levando perto de 50 horas de Maués para Manaus, posteriormente máquinas maiores e de mais força foram surgindo nos rios do Amazonas: Yanmar de 30hp; Daya de 50, 66 e 96hp; MWM de 114hp e hoje tem-se barcos diariamente como Scania 315hp, Cartepilla 480hp que proporcionam ao passageiro uma viagem de aproximadamente 18 horas, descendo o rio e 23 horas ao subir o rio, até Maués ou Boa Vista do Ramos. Para quem tem pressa, há as lanchas velozes com máquinas possantes de 520hp que leva o viajante em entre nove a dez horas de Manaus a Boa Vista do Ramos ou Maués. Nessa evolução dos transportes, os moradores, ao longos dos rios do Amazonas, sentiram o efeito coercitivo do tempo sob a forma de relógio, calendários e outras tabelas de horários (ELIAS, 1998b), que implicou diretamente numa maior organização social dessas sociedades, [...] “a experimentação tecnológica normalmente anda lado a lado, desde muito cedo, com experiências relacionadas à organização social”. (ELIAS, 2006, p. 42).

Dito isto, convido o leitor a lançar mão de seu imaginário e embarcar numa viagem que saindo de Manaus no final da tarde, já com a rede de dormir armada, pode-se vislumbrar-se com a maravilha da força dos rios – Negro e Solimões – formando o encontro das águas. A noite vai caindo e percebemos que não estamos sós ao verificar a quantidade de insetos atraídos pela luz do barco. Eles, aos milhares, servem de alimentação aos peixes e formas de vidas aladas. Não raro o barco diminui a força, se não for chuva com vento forte, é para deixar o ribeirinho que retorna da cidade grande. Da casa simples sai uma luz – lamparina ou lanterna – em direção ao porto, indicando estar sendo esperado. A noite nos possibilita perceber que muitas famílias, nesse beiradão de rio, gozam de “conforto e entretenimento” ao possuírem motor de força que lhes da luz elétrica e a imagem mimética passada na televisão.

No dia seguinte, o nascer do sol mostra ao viajante o lado romântico da

natureza. O clima, ainda fresco, é afagado pelo aroma da inconfundível flor da seringueira, que associado ao cheiro da várzea e da terra molhada penetram em pulmões bombardeados pela poluição urbana. Os pássaros, em revoada, dirigem-se aos comedouros. Seus piados, pois segundo os ornitólogos as aves não cantam, elas piam, podem ser ouvidos de todas as direções. O barco continua pelo Paraná do Ramos, e  possível identificar espaços físicos com traves indicando serem utilizados por humanos que jogam bola. Embora hajam muitos criadores de gado, não  a boiada que precisa de duas traves para fazer gol com patadas e chifradas. A contribuio da boiada  adubar o campo e manter o “capim” a uma altura adequada para a bola rolar no espaço de lazer dos humanos.

A “longa” viagem possibilita ver as pessoas, das janelas de suas casas, acenando, dando as boas vindas ou adeus; na margem do rio as crianças se divertem: pulam na água ou em suas canoas, num movimento de subir e descer, “pegam” as ondas provocadas pela força do barco que passa, subindo ou descendo o rio. Em terra, não em abundância, o jacaretinga (*Cayman crocodilus*) absorve energia do sol e no rio os botos tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) mostram suas piruetas e estratégias de pesca. Uma paisagem deslumbrante para o visitante, pode ser “rotineira” para os tripulantes e para os viajantes que, com freqncia, fazem o percurso de Manaus a Boa Vista do Ramos.

O passeio bucólico permite ao viajante, com olhar ecológico, fotografar e fazer sua observao crítica ao constatar que as margens do rio Amazonas, ou Paraná do Ramos estão descobertas da vegetao primária ao ceder lugar às pastagens para criao de gado. O viajante se coloca sempre na posio de espectador com a consciência de que aquilo não  correto para a preservao ambiental. E quanto mais distanciado estiver o viajante, maior sua posio individualizada, esgrimindo-se da teia invisível que faz o ambiente ser explorado em benefícios dos outros.

Os pronomes pessoais como modelos figuracionais, porém nos possibilitam outro olhar  medida que o *eu* ver o *eles* desmatando a floresta, no primeiro momento para plantar juta e em seguida para a formao de pastagem. O viajante não se d conta, na teia invisível de interdependência, de sua contribuio para manuteno dessas aoes comendo a carne de gado servido nas refeioes no barco e principalmente, seu passeio está sendo realizado sobre ou no interior da natureza morta. Se ele observa a floresta sendo destruída  porque ele, o turista, vai viajando em um pedacinho dela. Talvez o melhor entendimento  lançar a pergunta: com quantos

paus se constrói um barco?

Varia o tamanho dos barcos que trafegam nas águas dos rios amazônicos e o *eu* turista, em seu momento de lazer, está numa viagem em cujo barco possui as seguintes medidas: batelão de 35 metros, por nove m de largura por 2,30m de pontal. Para essa embarcação ser construída e proporcionar o conforto aos passageiros, precisou ser retirado da floresta a quantidade de madeira* :

8.500 palmos de tábua (itaúba)
 4.000 palmos de pranchão (itaúba)
 1 quilha (pau d'arco) de 33m de comprimento de 35x30cm
 1 sobrequilha (pau d'arco) de 25m de comprimento por 30x25cm.
 1 par de verdugue (itaúba) de 33m de comp. Por 17x12cm.
 1 talhamar de 8m de comp. Por 50x30cm (itaúba ou piquá)
 1 hártia de 9m de comp. Por 35x20cm (itaúba ou piquá)
 1 toco de 1,5m comp. Pro 40 x 35cm (itaúba ou piquá)
 2 peças de 2m de comp. 25x25cm

Obras mortas

6.000 palmos de tábuas (itaúba)
 1.000 palmos de prancha (itaúba ou piquá)
 Longarina (itaúba ou piquá)
 Balaustre (itaúba ou piquá)
 Comeeira (itaúba ou piquá)
 50 dúzias de tabique

Há quem defenda que a construção de barcos no Amazonas não causa nenhum efeito sobre a floresta. Evidentemente a experiência de campo de quem faz essa observação é mínima, da mesma forma, penso ainda não termos tecnologia suficiente para identificar, em meio à mata densa espécies que estão sendo minadas. Os barcos no Amazonas são construídos com madeira para resistir ao tempo, ao impacto e a água, isto é, para controlar ou dominar a força da natureza em benefício do homem. Esse é o ponto pelo qual se deve olhar nossa análise. A madeira para construção de barco é eletiva. Embora se retire o pau-d'arco (*Tabebuia* sp.) para se fazer a quilha e o piquazeiro (*Sacoglottis uchi* Huber) para braços, balaustre, é a itaubeira (*Mezilaurus* sp) a principal árvore derrubada para construção de barco. Essa espécie, em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, mostra sinais de escassez. Existe itaubeira, mas as distâncias dificultam a retirada, sendo mais propício na época da enchente do rio, conforme já mostramos em outro

* Informação não documentada: orçamento fornecido por Honorino Straus dos Santos. Fevereiro de 2008. Construtor naval do Município de Maués/AM.

lugar, quando a água adentra a mata e as pequenas embarcações conseguem chegar mais próximos dos portos, abertos na floresta, onde se encontra a madeira. Em razão da escassez, buscam-se as tábuas ou peças de itaúba em áreas cuja “abundância” facilita sua retirada, mas se ficarmos ofuscados pela abundância, tais lugares, poderão em breve dar sinais de escassez. No processo social dessas comunidades no qual a constante é o predomínio do extrativismo, justificado pelo substantivo subsistência, não se planta um pé de itaúba. Tal situação, em Bico, já forçou a mudança de famílias para área onde a itaubeira e outras árvores que servem de madeira é seu principal produto de “subsistência.”

Um extrator de madeira nos confirmou que uma árvore de itaúba de oito palmos de roda, aproximadamente 1,72m de DAP* – e com altura de dez metros, lhe rendeu 120 palmos de tábuas de três polegadas de espessura. É de conhecimento do extrator que árvores dessa circunferência não proporcionam a retirada das pranchas, nesse caso, são necessárias itaubeiras de quinze ou mais palmos a possibilitar os pranchões de no mínimo quatro polegadas de espessura. Tomando como base as medidas citadas, iremos precisar, para construir um barco, derrubar aproximadamente 130 itaubeiras para retirada das tábuas e mais 125 árvores de itaúba, no diâmetro de quinze palmos, para a retirada dos pranchões. Se os cálculos do construtor de barco estiverem certos, serão necessárias 255 itaubeiras para levar o *eu/ele/nós* – turista, comerciante, professor, médico ou os moradores das comunidades – a gozar da viagem pelos rios amazônicos ou contribuir para o progresso, desenvolvimento e integração nacional. A construção de um barco não deve mexer, minar ou pressionar a itaubeira onde o imenso tapete verde da floresta amazônica ofusca a percepção das particularidades, entretanto os números podem ajudar a enxergar o que já está morto, isto é, árvores derrubadas. Com esse objetivo tivemos contribuição da Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental – Cfaoc – nos informando que tem registrado 5.398 barcos de madeira, contra 1.120 da Agência Fluvial de Itacoatiara e 2.201 da Agência Fluvial de Parintins, totalizando 8.719 embarcações construídas em madeira**, tendo como média, o comprimento de 15metros.

Os números nós levam a entender melhor o impacto na seletividade da espécie para a construção dos barcos construídos em madeira. É o que nos reporta Prestes (Jornal Diário do Amazonas. Terça-feira, 11 de março de 2008. Caderno – Cidades/ p. 5): o comandante do 9.^o

* Diâmetro a Altura do Peito

** Fonte: Marinha do Brasil/ Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental. Documento em Anexo: Ofício n.º 148/ Cfaoc-MB/DN/DN/22/C – F – 1767/2007. Dennis Teixeira de Jesus/ Capitão-de-Mar-e-Guerra/ Capitão dos Portos.

Distrito Naval, almirante Pedro Fava, diz que o número de embarcações na Amazônia Ocidental (AM, RR, RO, AC) ultrapassa os 30 mil, incluindo as construídas em aço.

Ainda não foram forças naturais que escassearam a itaubeira em muitas áreas de floresta nativa nas proximidades de comunidades. Foi o ímpeto extrator do homem na busca de mante sua embarcação navegável por vinte e cinco ou mais anos. Evidentemente a itaubeira não sofreu pressão unicamente em razão dos barcos. As casas flutuantes, curral de boi, residências e todas as construções expostas à força da água ou do tempo, a itaúba, na maioria das vezes, está presente. Essa atitude extrativista de determinadas espécies em função de resistir ao tempo é unilateral e em prol dos humanos, que não deram ou pouca atenção deram à reposição. Não estamos, com essas observações, atribuindo culpa às pessoas de estarem intencionalmente contribuindo com a extinção da itaubeira ou com a degradação ambiental. Na teoria eliasiana vamos ver, que no entrecruzar de metas e objetivos de muita gente, o processo é cego. Se a degradação ambiental, pelo excessivo uso dos recursos naturais está sendo percebido, só o fazemos em retrospectiva e com um olhar distanciado.

Na atual discussão ambiental, na qual o desmatamento da floresta amazônica é pauta do dia, talvez pouco se observe a ação dos madeireiros – moradores das comunidades – em fornecer madeira seletiva para construção de barcos e outras benfeitorias. Para refletirmos, sem dor na consciência, de nossa posição nessa teia invisível de interdependência que sustenta a “degradação” ambiental, os viajantes com destino aos municípios de Boa Vista do Ramos ou Maués influenciam direta ou indiretamente as comunidades de Cuiamucu, Bicó e Canela-Fina e conseqüentemente o ambiente natural. Os viajantes, gozando de melhor qualidade de vida, buscam o lazer longe dos grandes centros mais urbanizados.

Mas, quem são os indivíduos que tanto viajam? São comerciantes, professores, religiosos, engenheiros, médicos, advogados, policiais, políticos, fotógrafos, repórteres, mecânicos, bandas de música, pesquisadores e quem sabe não vai alguém para biopiratar? Toda essa gente carrega consigo um potencial de consumo e as comunidades de Bicó, Cuiamucu, e Canela-Fina e muitas outras, estão prontas para fornecer peixe, tracajá, carne de caça, madeira, cipó, palha, carne de boi, porco, carneiro e outros produtos cujo valor simbólico de hoje não é o mesmo de antes. A fala ilustra a força do símbolo: *um peixe como esse* (tambaqui de 19 quilos) *não se vende por quilo, se vende por unidade. Dá-se o preço e compra quem pode.* A utilização dos pronomes pessoais nos coloca numa posição de indivíduo que vê, ouve e fala: [...] “nos ajuda

a compreender” [...] “que o conceito de indivíduo se refere a pessoas interdependentes, e o conceito de sociedade a pessoas interdependentes no plural”. (ELIAS, 1980, p. 136).

1.1 Chegada em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina

Quem conhece o Amazonas sabe que sua geografia revela momentos inusitados. Aos que não estão familiarizados com a região é melhor uma explicação, pois as condições de navegabilidade, seja de barco ou de canoa, estão sujeitas às variações da vazante e enchente do rio e a companhia de um bom prático pode evitar cair em ciladas naturais que podem ser desastrosas à vida humana.

Ao navegarmos pelo rio principal é comum observarmos, na época da cheia, conforme o barco desliza pela água, furos ou igarapés aparentemente insignificantes, mas ao serem explorados, o fluxo de água se abre em grandes lagos com potencial pesqueiro, flora e fauna “riquíssima”, exuberante paisagem e não tardam as casas, de um lado e do outro do rio surgem em intervalos que variam de cem, trezentos ou mais metros de distância umas das outras formando as comunidades amazônicas.

Assim se revela o igarapé que dá acesso, não a uma, mas a oito comunidades distribuídas geograficamente às margens dos rios de água preta do Município de Boa Vista do Ramos. Da sede do município viaja-se por mais de duas horas em barcos de pouca força – 4.0 a 5,5 hp – a Bicó, Cuiamucú e Canela-Fina. Motor de rabeta acoplado em canoas pequenas deixa fatigado o corpo, não acostumado à posição sentada e sob a intensidade do sol.

Hoje a abertura de estrada do município a portos estratégicos tem reduzido o tempo de viagem de muitos moradores dessas comunidades, mas embora haja essa via construída pelo homem, seus habitantes dependem, em grande parte, da estrada de rio – o igarapé principal de acesso – para seus deslocamentos, bem como para o desenvolvimento de suas comunidades. Assim o transporte fluvial, influenciado pelos ciclos das águas, ainda é um importante meio utilizado para sair dessa região, e o motor de rabeta proporciona essa mobilidade diariamente aos seus moradores. A rabeta, de fabricação japonesa ou chinesa veio para fazer parte do dia-a-dia

das pessoas residentes em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Pelas características peculiares, que firmam sua funcionalidade, esse meio de transporte supera obstáculos naturais típicos do Amazonas – barranco, baixios, paus – que exigiriam interrupções de embarcações maiores ou grandes investimentos econômicos para superar essas barreiras.

Viajar aos municípios de Maués ou a Boa Vista do Ramos, significa, além do lazer, estar vinculado à compra ou à venda de alguns produtos, ou a assuntos bancários, motivo de saúde, festas tradicionais, por exemplo: Padroeira em Boa Vista ou do guaraná em Maués.

O deslocamento é feito por trajetos, que de acordo com a época do ano, favorecem a navegabilidade, mas, em anos anteriores (relatos – 8-12-07 – do Sr. E. de 83 anos), era difícil as embarcações tipo recreio freqüentar essas comunidades. Seus moradores, para venderem seus produtos, peixes ou carne de caça salmourada, se deslocavam em canoas carregadas por entre os furos, principalmente na cheia do rio, com o intuito de atalhar o percurso, até o Município de Maués, pois este era a referência para as vendas de produtos extrativistas e a referência para comprar produtos básicos: café, açúcar, sal, pilhas para lanterna, etc. Dependendo da época do ano, conseguiam vender ou não seu pescado. O município, em tempos anteriores, com uma pequena população não exigia muito esforço para ser abastecido. Hoje é diferente, *aumentou a população e diminuiu o peixe*, é o que observa – 31-1-07 – N. 57 anos, não por meio das estatísticas do IBGE, mas intermédio de sua percepção que capta visivelmente o crescimento demográfico da região. Nesse ínterim percebe-se também a diferenciação ocorrendo no estrato social daqueles que melhoraram de vida e daqueles que chegaram de outras regiões numa posição diferenciada. Padrão de vida e vida melhor “exigiu” à mesa dessas famílias, alimento diferenciado, em outras palavras, o valor simbólico atribuído à carne de determinadas espécies – peixes e caça de animais silvestres – foi distanciando as classes sociais que em períodos anteriores pouco se notava.

O breve histórico apresentado na introdução nos dá condições de enxergar, mediante os conceitos de crescimento intensivo e extensivo, que o crescimento demográfico e a melhor condição de vida provocaram maior impacto ecológico observado em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, mas nossa observação estaria limitada se não conseguíssemos entender a rede invisível de interdependência funcional que sustenta essa relação das comunidades pesquisadas

com centros maiores. Por outro lado não é a remo que se consegue abastecer os centros maiores e sim, com a rabeta, que tornou possível, diariamente, o transporte de muitas espécies vegetais e animais como produto de consumo, que culminou, de alguma forma por pressionar o ecossistema local.

Em épocas anteriores, o percurso saindo da área de pesquisa à sede de Maués, durava de 12 a 14 horas a remo, (imaginem como não ficavam as nádegas dos viajantes). Por volta de 1970 ou 1973, buscando na memória (18-7-07) R. M. de 72 anos e J. D. 53 anos, foi quando entrou na área da comunidade o primeiro regatão (barco mercantil) que só trazia ou levava mercadoria. Sabão, açúcar, café, sal, munição, pilha, querosene entre outros produtos de necessidades básicas eram comercializados em Bicó e Canela-Fina ou trocados por produtos da região entre eles, castanha amazônica, carne de peixe salmourada, palha, madeira, óleos vegetais entre outros. Foi por volta dos 25 anos, continua J. D., que *eu comecei a transportar gente para Maués no Yanmar de 4hp. Levava oito horas pelos furos, na cheia, mas na seca eram dez horas, descendo o rio.* Por volta da década de 90 começou a era das rabetas. Em 2002 o Governo do Estado distribuiu às comunidades do Amazonas duas rabetas. Entre 2004 a 2007 praticamente todas as famílias residentes em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina já dispunham de condução própria. Hoje, com as condições favoráveis é difícil uma família não possuir ao menos o motor de rabeta e *hoje praticamente a rabeta é a condução.* Essas, por serem canoas com motor na popa, facilitam a entrada em lugares não penetráveis por barcos maiores. A rabeta possibilitou a maior mobilidade dos moradores da área pesquisada e o escoamento de produtos naturais, objetivando atender a “necessidade” advindo do crescimento intensivo e extensivo. Tal ação vem dando sinais de escassez no ecossistema da região percebido por moradores de mais idade que viviam na abundância de animais e peixes, dando-lhe possibilidades de escolher o melhor para satisfazer seu hábito alimentar.

Na seca,^{*} um dos maiores problemas enfrentados pelos moradores dessas comunidades é o transporte que se torna mais difícil pois o igarapé de acesso se estreita e surgem obstáculos: paus, pedras, bancos de areia, barrancos e matupá. As embarcações maiores, como

^{*}Em 1997/98, ano em que o fenômeno El Niño se expressou com maior força, a vazante dificultou a navegação, mas facilitou a obtenção de alimento. No ano de 2005, a seca no Amazonas repercutiu em toda mídia local e nacional. A seca do rio foi um “desastre” ecológico com a morte de grande quantidade de espécies aquáticas.

recreios e regatões (hoje se tem a figura dos prestanistas), tanto não podem sair como entrar nessas comunidades. Só barco pequeno, como a rabeta, consegue passar pela essa estrada de rio, com certa dificuldade: *a cada ano que passa a terra vai aumentando. Acho porque a gente tira o pau* (derrubada de árvores) *e apodrece a raiz e a terra cai sendo levada pela água*. A opinião distanciada, porém, em retrospectiva, de M.B. de 50 anos, sugere a observação das ações humanas ocorrendo na região. Tal ação teve “início” no cultivo da juta e se intensificou com a formação de pastagem para a criação de bovinos e bufalinos, ao longo do igarapé que vem contribuindo para o aumento de terras caídas, dificultando a navegação que dá acesso às comunidades de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina.

O assoreamento do igarapé não é um fato isolado no Amazonas. Há evidentemente necessidade de um estudo para quantificar a intensidade dos fatores, em períodos do ano, que contribuem para o que se denomina terras caídas na região amazônica. O processo erosional ou terras caídas no Amazonas é causado por fatores naturais (hidrodinâmicos, litológicos, climáticos, neotectônicos) e pela ação do homem, denominado de antropogênicos. Este último é que temos condições de analisar, ao nos referimos a intensificação do desmatamento às margens do igarapé para a implantação de monocultura da malva, juta, capim para pastagem e o impacto das ondas causadas pelo maior tráfego de pequenas a médias embarcações no curso do igarapé. O efeito dessas ondas pode ser maior quando de sua proximidade das margens (verificado na vazante do rio) e intensidade de fluxo* em períodos de festas da padroeira de Boa Vista do Ramos, Festa do Guaraná, Festival de Verão em Maués, Festival Folclórico de Parintins ou o “simples” interesse de ir a esses municípios, tratar de outros assuntos. O assoreamento do igarapé já é motivo de preocupação pelos moradores que percebem, em determinados períodos do ano, maiores dificuldades de navegar por essa via que dá acesso a área de pesquisa e outras cinco comunidades que se espalham por essa região.

Tanto baixios ou a presença de outros obstáculos pela frente deve ser superado pelo esforço comum de seus passageiros: puxar o capim com as mãos, utilizar o terçado, empurrar com o remo, até o momento em que a canoa ou outra embarcação maior esteja livre.

* Contribuição científica: Prof. Dr. Hailton Luiz Siqueira da Igreja. Departamento de Geociências do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas.

Isso influi no tempo em que é feito o percurso, e na maior mobilização corporal, para realizar a viagem. Com a abertura de estradas, o acesso às comunidades na época da seca do rio e com assoreamento, tem-se preferido a via terrestre.

O prático, homem que conhece muito bem o percurso, vai com uma longa haste na mão sondando o caminho a ser seguido, desviando de paus, pedras e esbarrando em outros obstáculos, como tenta-se passar a idéia na ilustração seguinte:



Figura 3 - Recreio na época da seca passando por baixio. Prático orienta o caminho.
(Ilustração de Raul Linhares. Fotografia – acervo autor)

Para “finalizarmos” o assunto no que se refere a influência dos meios de transporte no processo de integração, “desenvolvimento” e “progresso” de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, não poderíamos deixar de dar ênfase à canoa, mas antes disso não podemos deixar de enfatizar, acompanhando as idéias de Elias (2006), das evidências de que a intensificação do transporte fluvial e terrestre vem exigindo transformações e maior organização, visto as possibilidades imprevisíveis de perigos ou riscos imbricados a ele. Nesse sentido, podemos dizer que o transporte fluvial no Amazonas, proporcionou maior mobilidade e colocou em movimento [...] “uma nova força do processo civilizador”. (ELIAS, 2006, 43)

Após essa divagação, volta-se à canoa transporte mais simples de onde paramos e se constata nas comunidades que os indivíduos não vivem sem ela: *Não pode andar*, fala G. C. 78 anos, ao referir-se à mobilidade. *Ele não pode se comunicar*. A canoa e/ou casco¹ permite aos homens e às mulheres, sejam crianças, jovens ou adultos ir à caçada, à pescaria, ao trabalho, a festa e à casa do compadre. A canoa a remo ainda é o transporte o qual leva o homem às entranhas da mata, no período da cheia, na busca de produtos naturais. É o transporte que permite explorar espacialmente o ambiente aquático em busca de peixe ou da caça. Ela proporciona a conexão desses produtos para dentro da rabeta, desta para o barco recreio que leva para os centros urbanos e depois caem nas redes mais complexas. A canoa faz parte dessa cultura e sua construção é tem sido passada de pai para filho ao longo das gerações, como tenta mostra na ilustração a seguir.

¹Segundo Alcides Werk (2000, p. 273), casco é feito de um só tronco de árvore escavado a machado e enxó e alargado ao calor do fogo. Difere da ubá indígena, que é apenas escavada, sem sofrer o alargamento, que torna aquela bojuda e mais estável.

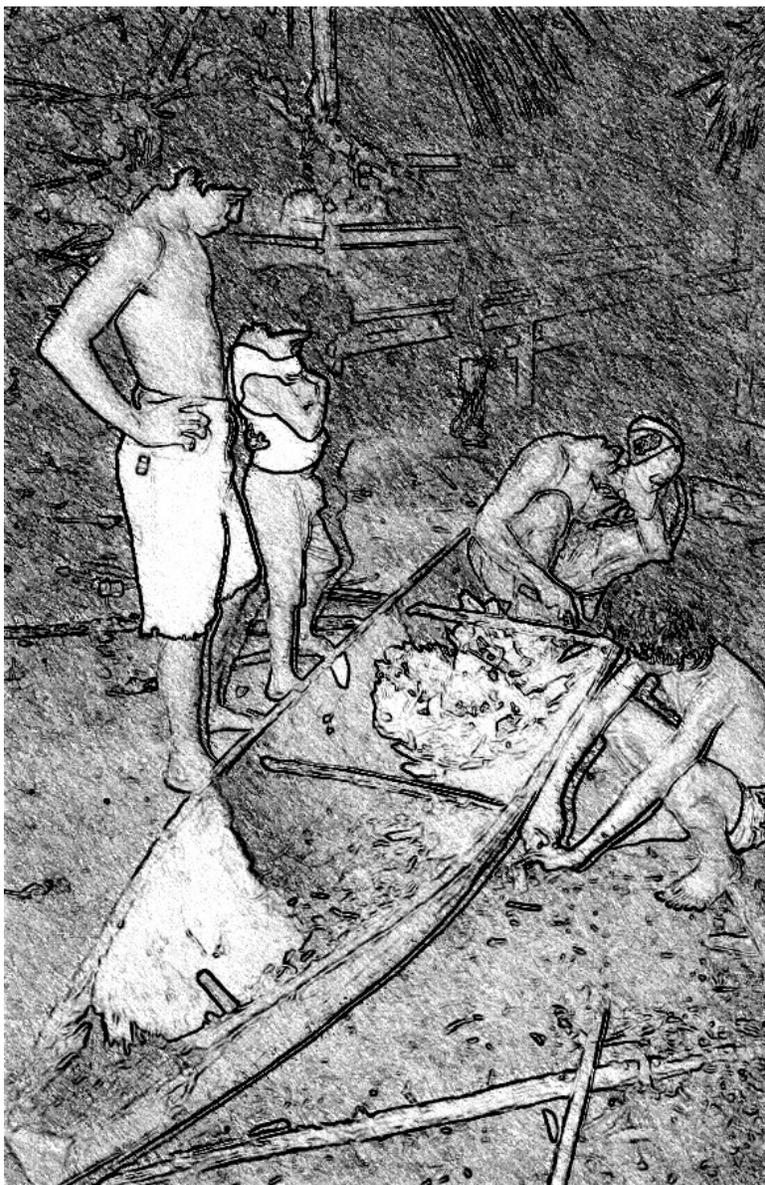


Figura 4: Crianças e jovens acompanham a construção do casco. Embarcação escavada a partir de um único tronco de árvore.

(Manipulação de imagem: Roberta Tojal. Fotografia – acervo do autor)

O casco pode ser feito de árvores conhecidas na área de pesquisa como: Piquizeiro, Castanheira, Itaúba, Cupiúba e outras. Por ser menor que a canoa é mais fácil de manobrar nas cabeceiras e igapós no momento da pescaria e caçada noturna.

CAPÍTULO III

1. Prática agropecuária – plantio da mandioca e criação de boi

Neste espaço vamos discutir as práticas socioculturais de cultivo do solo, especificamente o preparo da área para plantio da mandioca e a criação de boi. Ao incorporar ao seu hábito alimentar a farinha, os amazônidas, referindo-se a moradores de áreas como as que estamos pesquisando, se “contentaram” por muito tempo a extrair dos rios e lagos o peixe e outras espécies que vivem nesse ambiente para comporem suas refeições. Da mata, um deles é a caça. A farinha fornece o carboidrato, o peixe e carne de caça a proteína que vem servindo por muitas décadas à mesa dos residentes em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. A mandioca produz outros derivados alimentícios como veremos a seguir, mas a criação de boi, surge como uma resposta a “quebrar” com o equilíbrio de poder e o diferencial social existente nessas comunidades.



Figura 5: Preparação da farinha
(Manipulação de imagem: Roberta Tojal. Fotografia – acervo do autor)

O cultivar de determinadas espécies de plantas e a domesticação de animais surgem, segundo Goudsblom (1992) há mais de 10.000 anos e a industrialização há quase dois séculos. O autor nos faz entender esse episódio primário utilizando o termo agrarização, contrapondo-se aos conceitos atuais de agricultura e pecuária, no sentido lato de produção industrial.

Talvez possamos ser censurados em conceber, na área pesquisada, o plantio da mandioca e a criação de boi como sendo de agrarização. Evidentemente no atual momento em que a agricultura e a pecuária destacam-se por meio do desenvolvimento tecnológico e científico não é possível enquadrar a “agropecuária” desenvolvida nas comunidades de Bicol, Cuiamucu e Canela-Fina, a conceitos de modelos produtivos que permeiam os mais variados tipos de solo e clima existentes em nosso planeta. Nesse sentido é que usamos o termo agrarização, para conceber o processo de transição vigente na área pesquisada. Para cultivar, preparar a terra – plantio da mandioca e criação de boi – os moradores se apropriam da força física, principalmente a união de pessoas em forma de puxirum, e do uso do fogo.

Goudsblom (1992, p. 4) contrapondo-se aos argumentos acadêmicos do fato de a domesticação do fogo não ter muita importância na história da sociedade e da cultura humana, argumenta que:

A domesticação do fogo teve conseqüências mais amplas, e tem o mérito de ser colocada como a primeira grande transformação ecológica advinda dos humanos, seguida muito mais tarde, por transformações da mesma ordem: a emergência da agricultura e a criação de animais (agrarização) cerca de 10.000 anos atrás, e a origem da produção industrial de larga escala (industrialização) cerca de dois séculos atrás.

Em nosso entendimento há, como podemos observar, no atual estágio da civilização, populações em áreas como a pesquisada, vivendo em tensão entre o regime do fogo, agricultura e a industrialização.

Em Canela-Fina, Bicol e Cuiamucú a prática da derrubada e queimada ou agricultura itinerante (MORAN, 1994), tem sido passada de geração a geração como forma de cultivar o solo. Essa técnica permite, dentre outros cultivares, plantio da mandioca. Ao ser beneficiada, a mandioca fornece a farinha, beiju, mingau e etc. É ela, segundo (MORAN, 1990, p. 176), a “fornecer a maior parte das calorias para as populações das áreas de água preta”.

Após a derrubada da mata, passadas algumas semanas, atea-se fogo, pois se não fizer, seria “difícil” plantar, devido ao emaranhado de cipós, tronco e galhos de árvores a

ficar encobrindo o solo. O agricultor perdendo o período da queimada, vê as chuvas derrubar as folhas crestadas e umedecidas tornando impossível atear fogo. Com as chuvas consecutivas pode-se considerar “perdido” o trabalho de derrubada. Em pouco tempo a força da natureza faz brotar da terra a vegetação secundária indesejável. A capoeira se torna visível e a área “intransitável.” Justifica-se do ponto de vista dos moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina que a terra preparada a partir da mata primária derrubada e queimada, passa mais tempo sem a manifestação da vegetação indesejável em meio à roça. O mesmo não acontece com áreas preparadas a partir de capoeira nova de dois, três anos de idade. A derrubada dessa capoeira deixa o solo descoberto e a queimada atua como quebra de dormência de sementes já depositadas e dispersas na terra a ser plantada. Basta uma chuva para que essas sementes germinem e os caules dos arbustos que foram cortados comecem a expor seus brotos. Em pouco tempo a vegetação secundária está concorrendo com a roça, necessitando de no mínimo de duas a três capinas por ano até que a mandioca se sobressaia. Quem pode, derruba a mata e evita a capoeira nova.

A queima altera as propriedades físicas do solo e a cinza, rica em nutrientes, o fertiliza e neutraliza, em parte, a acidez. A queima, também, segundo Moran (1994, p. 328) “mata parasitos, insetos, fungos, nematódeos e bactérias patogênicas que interferem na produtividade da lavoura”. O autor chama a atenção para o fato que, em “solos ricos em óxidos, tais como os oxissolos, as alterações estruturais são, de fato, benéficas. Em solos argilosos, o efeito pode ser prejudicial”.

O fogo não é caridoso, não sabe o que queima e não tem objetivo definido, em outras palavras, ele é cego. Sua utilização, quando não controlado, provoca perdas como pode ser visto no trabalho de Lepsch (2002). A prática costumeira e a “falta” de outras técnicas leva os moradores da área de pesquisa à derrubada, queimada e plantio em um ou dois hectares de terra explorados por no mínimo dois anos quando são ou eram abandonados para se recompor em formas de capoeiras, as quais, 3, 5, 10 anos depois podem ser exploradas novamente pois: [...] “solos em muitas áreas não sustentam o cultivo econômico por mais de três anos, precisando ser abandonados para permitir que se recupere a fertilidade do solo”. Meggers (1977), citado por Moran (1990:195) ou “o abandono é ocasionado pelo declínio da produtividade da terra, principalmente em consequência do empobrecimento do solo”. (LEPSCH, 2002, pág. 126). No pólo oposto Carneiro (1957) e Sanchez (1981), citado por Moran (1990, p.195) , sugerem que “em áreas mais férteis a invasão das espécies de sucessão secundária, e não a queda em

fertilidade, parece ser o fator que leva ao abandono das roças depois de três ou quatro anos”.

Como se observa, os pressupostos induzem a uma crença social ao referi-se ao verbo precisar no sentido de necessidade: “precisando abandonar para permitir a recuperação”. Tanto o empobrecimento quanto a fertilidade são justificativas para o abandono da área. O discurso denota consentimento, permissividade, ofuscando-nos a perceber o regime do fogo ainda vigente, sendo afagado pelo substantivo subsistência que concede a continuidade do “nomadismo” frente a abundância de terra à disposição dos moradores da área de pesquisa e não diferente em muitas outras no Amazonas.

Na área pesquisada é possível encontrar trechos de terra preta de índio (terra preta arqueológica) que não é privilégio de todos os seus moradores. Embora supere em fertilidade os outros tipos de solos amazônicos, é também propício à invasão de ervas daninhas indesejáveis no roçado. Se não tiver como controlá-las, seus proprietários rendem-se à invasão dessas ervas. Em outro momento a utilização da força motriz por meio da ajuda mútua e o uso do fogo, a terra é novamente cultivada.

No atual momento em que a Amazônia é pauta do dia na discussão ecológica, as queimadas têm incomodado a comunidade científica e a sociedade de modo geral preocupada com o futuro do planeta. A prática de queimada em Cuiamucu, Bicó e Canela-Fina perpetua-se como uma técnica costumeira, passada de geração a geração. Embora a civilização disponha de tecnologia, os moradores dessa região “desconhecem” o arado e a grade de disco. No período de julho a novembro de 2006, registramos nas três comunidades um montante de trinta e oito roçados, variando de um a dois hectares por família. Constatamos, entretanto, no mesmo período, um roçado feito na mata de quatro hectares em Bicó e em Canela-Fina um roçado de sete hectares também feito na mata e outro de oito hectares permeando área de capoeira e área de mata.

Esperando dias melhores para satisfazerem suas aspirações, os moradores dessas comunidades plantam suas roças de mandioca e capim para formação de pastagem. A dimensão dessas “pequenas” ações, utilizando-se do fogo, pode ser melhor visualizada quando apresentamos o somatório de áreas trabalhadas. Nesse sentido, no ano de 2006 resultou a queima de aproximadamente quarenta e cinco hectares distribuídos em área de mata e de capoeira e empurrou para mais longe a mata e com elas seus habitantes. Expansão da terra cultivada e resultados culminam com os conceitos de crescimento intensivo e extensivo já discutido. O uso do fogo jogou para o ar a fumaça que não queremos inalar. O uso do fogo, no sentido de tocha,

expandiu a área para ser trabalhada.

No período de 2006, o Município de Boa Vista do Ramos contabilizou 82 projetos para o plantio de mandioca financiados pelo Governo do Estado. Já em 2007, foram 290 projetos, na média de 1ha por família, financiados pelo Governo.* Não é possível ao pesquisador contabilizar em todas as comunidades pertencentes ao referido município saber quantas famílias, nesse período, prepararam suas áreas – para roça ou pastagem – sem auxílio do Estado. Na área de pesquisa foram agraciados pelo financiamento quatro famílias, mas ao menos quarenta e cinco hectares de terra foram preparadas com a ajuda da força motriz de homens e mulheres e a potencialização da energia proporcionada pelo fogo. Tais dados devem, é a nossa intenção, induzir o leitor à reflexão para dimensionar, a nível das comunidades pertencentes aos 62 municípios do Estado do Amazonas, no cômputo geral, as áreas que foram preparadas com o uso do fogo. Em muitas áreas, supomos que a mata cedeu para dar lugar a roça e a criação de boi, no qual predomina o sistema extensivo.

1.1. O regime do fogo em Bico, Cuiamaucu e Canela-Fina

O uso do fogo na região amazônica, especificamente sobre a floresta, tem sido observado pelo seu potencial indiscutivelmente destruidor. A geografia amazônica dificulta o acesso ou ela nos leva a aceitar nossa impotência tecnológica frente a conflagrações em mata. Rezamos por três dias e três noites ou mais e esperamos que Deus salve o ambiente. Esperamos que a umidade da floresta vá gradativamente “matando” o fogo.

O fogo pode ser gerado, autogerado, acidental ou por forças naturais. Não importa como se origina, pois avançando sobre a mata, queima, um, dois ou mais dias deixando para trás a marca da “destruição” e a terra fertilizada pelos micro-nutrientes da cinza. É no período de estiagem, e não das chuvas uma vez que o fogo não evolui na floresta excessivamente úmida, a mídia nos coloca a par do que se está fazendo com a maior floresta tropical ainda

*Dados obtidos por meio do Relatório de Crédito Rural do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam), período 2006/2007, fornecido pela Gerência de Crédito Rural do Idam/ Escritório Central/Manaus/AM

existente: a floresta amazônica. É a utilização do fogo como tocha, já discutido na fundamentação teórica que traçaremos os comentários a seguir.

Já comentamos da mutuquinha preta que é atraída pelo calor provocado pelo fogo e o desconforto de suas picadas, entretanto o clima quente e úmido é favorável a proliferação de outros insetos, nocivos e benignos ao homem. Tanto no município de Boa Vista do Ramos como em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina a perseguição pelos carapanãs pode trazer uma noite de sono desconfortável. Associa-se as picadas do inseto ao calor da noite, a pessoa, noutro dia, estar como um “moribundo”. Ar refrigerado nos espaços para dormir, nos ambientes para as refeições e para atender aos turistas, permite-nos ver a natureza de fora, de longe.

A força do vento do ventilador ajuda aliviar a perseguição dos carapanãs sob nossos corpos. Na área de pesquisa, no final da tarde, alguém da família – mulher ou homem – faz, cercando a casa, pequenas fogueiras, acrescentando sobre elas fezes secas de boi que ao serem queimadas contribui para formação de fumaça, cujo objetivo não é aquecer a casa, mas com a fumaça repelir o ataque dos carapanãs. A barreira formada pela fumaça ameniza o ataque nos insetos e sua entrada no interior da casa possibilitando as conversas no início da noite, o jantar e a nossa dormida ser mais confortável. Ferroado na testa, no nariz, na orelha, no pé ou qualquer parte do corpo que nosso conceito dicotomizado possa localizar, não é para qualquer “civilizado” suportar. Por outro lado, o cheiro, o aroma exalado pela queima das fezes de boi vai, desde criança, armazenando na memória olfativa do indivíduo lembranças do interior. Quando no cotidiano da urbe ou em qualquer outro lugar, sem menos esperar, surgem lembranças de um passado no qual a alegria ou a tristeza, ele participou um dia.

Não só os humanos são inquietados pelos insetos. No final da tarde, ao prender os bois no curral esses são perseguidos, ainda de dia, pelo mutucão* (*Tabanus guianensis*) e pela mutuca *Tabanus occidentalis* e por moscas. A atração se dá pelo calor corporal dissipado por esses animais. O fogo é ateado, em pequenas fogueiras, dentro do curral ou ao seu redor, tendo o objetivo de formar a cortina de fumaça para aliviar o incômodo causado por esses hematófagos. A fumaça se prolonga, a noite chega e os carapanãs também atacam em menor quantidade, mas não devemos nos esquecer que a mutuca faz parte da cadeia alimentar e pode servir de um bioindicador. A grande maioria são hematófagas, comenta Henriques (pesquisador do Inpa), e são

*Contribuição técnica e científica: Dr. Augusto Loureiro Henriques. Especialista em mutucas (tabanídeos). Curador da Coleção de invertebrados do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – Inpa, e Tiago Kütter Krolow – mestrando em entomologia no Inpa.

capazes de transmitir algumas enfermidades aos animais domésticos *como a anemia infecciosa equina e a surra ou quebra-bunda*. Vale atentar às observações do pesquisador, ao fato de que *as mutucas sugam sangue para maturação dos ovos. Elas não sugam sangue para se alimentar, isso elas fazem sugando néctar das flores. Outro ponto: Todas as três espécies de mutucas têm ampla distribuição na Amazônia (até extrapolam)*. Na área de pesquisa é possível se verificar bois cujas caudas ou parte delas foram cortadas. Sem cauda o animal não consegue espantar de seu corpo as mutucas que pousa para sugar seu sangue. Não há trégua, descansando ou se alimentando as picadas stressam o animal. Fazer fumaça em torno do curral é importante para tranquilizar os animais.

Enxerga-se o fogo onde há conflagrações, mas foi por intermédio do uso do fogo que o látex da *Hevea brasiliense* provindo da Amazônia, chegava em forma de borracha nas grandes indústrias para manter as necessidades na II Guerra Mundial. O fato é que o fogo – seja na luz ou na escuridão, no inverno ou no verão – é parte do cotidiano de homens e mulheres em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. O fogo lhes tem proporcionado poder e satisfação frente à força da natureza, isto é, apropria-se dessa força natural, o fogo, para combater outras forças provindo da natureza: animais e vegetais. Graças a potencialização da energia do fogo, a floresta ficou mais distante e com ela alguns animais “perigosos”, dando mais segurança às famílias viverem. O fogo deixou visível o horizonte, ou parte dele.

Para uso doméstico o fogo na área pesquisada é por enquanto aquele feito pela combustão da madeira selecionada para esse fim, “abundante” na região, porém, finita. A lenha deve ser adequada para arder, se tornar brasa e assar a carne de caça, peixe, boi, porco, etc., mas, essa realidade não se constata em todas as comunidades pelas quais já passamos. Hoje, em muitas delas se faz necessário o gás para acender o fogão. Em muitas comunidades, observadas ao longo dos rios que dá acesso aos municípios de Boa Vista do Ramos e de Maués, a mata se distanciou e a madeira para lenha escasseou, fazendo-se necessário o uso do gás para acender o fogo. O uso de fogão a gás na área de pesquisa mostra sinais de diferenciação social.

Quem não tem fogão a gás deve se organizar para buscar lenha, parti-la a machado e armazená-la para não molhar na chuva. Enquanto isso a família que usa gás deve se organizar para adquirir a próxima botija para não ficar sem o fogo. No fogão à lenha se prepara comida e os pedaços de madeira restante continuam a queimar sem necessidade até se tornarem cinza. No fogão a gás, assim que o alimento atinge o ponto certo de cozimento, o fogo é

imediatamente apagado. O uso da lenha como combustível numa região que ainda abunda de madeira, queimar “não” é problema, basta haver pessoas encarregadas para ir buscá-las: algumas vão à mata outras vão de canoa ao igapó, pois lenha boa para arder é o de muruxi.

Grandes avanços no processo civilizacional vieram com a domesticação do fogo. O homem se aqueceu, cozeu alimentos, confeccionou armas, se protegeu dos animais selvagens e dos insetos, limpou a terra, iluminou a escuridão em fim, tornou sua vida mais segura e melhor. Goudsblom (1992, pp 4, 5), atribui quatro características ao fogo:

É destrutivo. Ele desintegra altamente a matéria organizada, e a reduz a cinzas e fumaça; ele é irreversível. Você não pode fazer as cinzas retornarem a sua forma e cor original. Terceira, o fogo não tem intencionalidade. O processo de combustão é aleatório e sem objetivo definido. Não importa o que é tocado, se o material é inflamável, ele será consumido. Quarta, o fogo é “auto gerado”. Fogo causa calor, e calor, por sua vez, causa fogo.

Os moradores da área pesquisada foram para dentro da floresta sabendo controlar e potencializar a energia do fogo. F. A. de 41 anos – 27-10-07 – fala que o fogo é *para limpar o roçado. Senão o pessoal não pode trabalhar no meio da galhada. O fogo queima tudo que tem de seco em cima da terra e a planta vem bonita. Isso é todo o ano. O pessoal roça, desmata, queima e planta. É costume do pessoal.* Outra forma de se fazer o roçado sem o uso do fogo não se conhece, *isso vem dos antigos. O fogo é melhor, vai limpando tudo.*

O fogo depois de ateado segue seu destino às cegas, sem objetivo definido avança. Onde não há aceiro, queima não só a vegetação derrubada e crestada, mas, também a mata. As labaredas fazem chuá, chuá, chuá nas folhas verdes. Ouve-se o vivo – folhas e galhos de árvores ainda verdes – arder, cozinhar e inflamar. O calor provoca pequenas explosões. No rio, quem passa de canoa, seja pela visão, audição ou pela percepção olfativa, sabe que a área está em conflagração. Ao menos a olho nu, qualquer forma de vida sobre a terra não escapa de virar cinza e os invertebrados não se tem notícias de sua existência na área onde o fogo queimou. A visão permite enxergar, no pico do verão – setembro/outubro – a quantidade de áreas queimando ao serem detectadas por fumaça que paira no ar. Alguns moradores fazem o roçado para plantar mandioca, banana, plantar capim para formação de pasto para gado, mas nenhum deles, na perspectiva da teoria eliasiana, embora se reconheça seus objetivos e suas metas, está intencionado a provocar o aquecimento global

Como é de praxe, verifica-se no outro dia a queima do roçado para avaliar os resultados atribuindo-lhe conceito de bom, regular ou mau queimado. Não raro, passado um dia da conflagração a presença de urubus acusa formas de vida não humana que não resistiram ao calor do fogo. Répteis, marsupial, roedores são possíveis de serem encontrados, em estado de decomposição, nos bicos dos urubus. Paca, jabutis podem ser consumidos se forem encontrados no dia seguinte após o fogo, na terra ainda aquecida e focos de fumaça.

Até onde nossa sensibilidade alcança, percebe-se em posições reservadas, exoesqueletos quitinosos de insetos constituintes daquela figuração ambiental. A preguiça, já assada, indica a força do fogo que levaram as labaredas ou o calor delas a alcançá-la a uma altura de aproximadamente vinte e cinco metros do chão. Tanto a castanheira, onde se encontrava, como a preguiça, serão fatos na memória de alguns. A castanheira ainda poderá ser reaproveitada em forma de madeira se não virou cinza. Mas não foi só essa que serviu à preguiça, mais algumas dezenas. Aas cento e onze castanheiras queimadas no roçado na mata primária. O roçado na capoeira de mata, aquela com trinta, quarenta anos de idade, também já guarda castanheiras de dois a seis palmos de circunferência (80, 90, 100cm medida a altura do peito) que tombam sob o corte do machado ou da motosserra sem nenhuma objeção, pois conforme manda a tradição, mesmo ficando vivas não suportarão a força do fogo. Essas ao ficarem de pé no roçado só trarão mais trabalho, quando secas, começarem a quebrar os galhos, colocando em risco a vida humana ou de animais no pasto.

No dia seguinte o sol avermelhado aponta no horizonte avisando que o verão vai continuar e o brando vento do amanhecer, continuará a transportar consigo a fumaça e o cheiro de terra queimada e umedecida pelo orvalho. O compadre R. de 59 anos, a remo, se aproxima, nesse momento bucólico e nos fala com satisfação, que seu roçado *queimou que ficou só terra*.

Andando pelas cabeceiras dos rios é difícil, na época de estiagem, ver uma onde o fogo ainda não penetrou, ainda não “deixou o ar de sua graça”. No chão as cinzas, na copa das árvores, onde o calor alcançou, as folhas crestadas não se sustentam e caem sob a força do vento, recobrando o pretume solo marcado pela ação do fogo. Algumas árvores tentam reagir às altas temperaturas pelas quais passaram. O fogo, nesse e em muitos exemplos encontrados no dia-a-dia de campo, varreu a vegetação descontroladamente e com ele, levou formas de vidas não mais imaginadas que se misturam às cinzas que cobrem o chão e marcam a direção de nossos passos.

No verão a potencialização da energia do fogo é uma ação humana observado em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. “Impresso” no chão é possível identificar figuras geométricas indicando o tamanho de árvores, sua forma e a disposição das mesmas quando tombadas umas sobre as outras. O real, as evidências nos assustam, mas não se pode esquecer o fato de o fogo estar sendo utilizado, no sentido de tocha, para a comodidade do homem e a expansão de espaço por ele usado. O esforço físico, o incômodo é maior e o rendimento por hora trabalhada é menor quando homens e mulheres trabalham em uma “*capoeira feia*” ou num roçado mal queimado. A tradição diz, segundo H. de 38 anos – 21-7-07 – que atear fogo *no roçado é uma técnica melhor de limpeza. É para poder andar nele. É pra poder fazer o trabalho nele.* Não menos interessante lembrar, tanto quanto se sabe, o resultado do fogo é a fertilização do solo proporcionado pelos elementos químicos da cinza. O fogo na concepção do experiente ancião – R. de 77 anos, 26-10-06 – *é para renovar a terra.* Após queimada, passado quatro, cinco meses sem executar o plantio, a natureza se expressa novamente em forma de capoeira, ambiente, diga a experiência, indesejável aos moldes do corpo humano.

A presença do fogo não se dá apenas nas áreas de roçados para o plantio da mandioca. Conforme avança a estiagem segue consigo a vazante do rio. Em suas margens, como é comum na região, os capins aquáticos – perimembeca, sineouaua, muri, entre outros vegetais – espalham-se naturalmente. Avançam e encobrem os arbustos de pequeno e médio porte formando o que nós denominamos de casola. A vegetação seca é altamente inflamável e conforme manda o costume, nesse período, em nome da “segurança”, muitos indivíduos ateam fogo no capim nas beiradas, segundo R. de 77 anos – 26-10-06 – *por causa das feras, cabas* (vespas, marimbondos), *surucucu, onça* em áreas menos povoadas. *O fogo vai jogando com os bichos que se entocam.* Evidentemente não é só isso. O fogo queima a vegetação indesejável e nos proporciona poder ao utilizá-lo contra a natureza.

Segurança e campo para gado é o objetivo do criador. No Amazonas, para lembrar o que já foi comentado, sabemos muito bem que em época de cheia do rio os animais estão em terra firme e para isso há necessidade de campo. Na vazante, o gado vai para várzea, com objetivo do capim, na terra firme, se recuperar para próxima cheia. Como na várzea há, também, necessidade de campo, embora haja campo natural, a intenção de muitos criadores é fazer pasto somente com uso do fogo, mesmo sabendo que *o fogo na beirada estraga a natureza, mas é bom para fazer pasto para gado.* Na opinião de N. de 25 anos – 7-10-06 – *a gente queima*

o capim seco para nascer o vivo. Fica beleza. O fogo faz campo fresco na beirada. Por trás dessa prática costumeira, está imbricado menos gasto na formação de pasto, menos pessoas envolvidas nesse trabalho.

Atear fogo nas margens dos rios vem de data anterior à década de 50. Por essa época, segundo R. de 72 anos, só havia dois criadores de boi. *Foi depois da década de 50 que começou a expandir a criação de boi na comunidade. Isso foi muito gradativo e alguns conseguiram animais por meio de sociedade, até hoje muito comum na região.*

As evidências indicam que não se pode atrelar o fogo nas beiradas (margens dos rios) somente à criação de gado e a expulsão dos animais indesejáveis. “Tudo” parece ter uma continuidade do costume. Desde longas datas os antigos já faziam, por meio do uso do fogo, beirada – espécie de tabuleiro – para tracajá subir. Eles aprenderam, segundo F. A. de 41 anos – 27-10-06 – nas longas investidas atrás de ovos que o *tracajá gosta de desovar onde é queimado.* A opinião é reforçada por R. de 77 anos: *Uma ponta como aquela (nos mostra a área) o tracajá gosta de desovar.* As sucessivas gerações têm aprendido e se apropriado do uso do fogo para armar ciladas aos quelônios, capturá-los e retirarem seus ovos.

Há um “agravante” nesse contexto, no qual o fogo mexe de uma forma ou de outra com as emoções de moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Emoções prazerosas de um lado e a “fúria” de outro. Alguns indivíduos se apropriam do fogo como forma de prazer, é o que comenta H. de 38 anos – 21/07/07: *tem gente que toca fogo em qualquer casolinha pela beirada. Acho que é falta de consciência do pessoal. Acho que é falta de respeito com a natureza.*

Esse comportamento inconseqüente proporciona o prazer de ver e ouvir o que o fogo é capaz de fazer, como pode ser observado na fala de N. – 7-10-06 – *é divertido, porque o cara vai escutando o barulho do fogo. Vai zoando.* Enquanto as formas de vida se vão, no arder das chamas e se tornando cinzas o *tocar fogo na beirada é quentura. É beleza ouvir o barulho do fogo queimando,* é o que comenta B. 11 anos – 8-10-06. Ou como fala O. 17 anos – 8-10-06 – *A gente fica só ouvindo o estalo.* Embora seja *proibido mais o pessoal não respeita.* É costume de alguns, como podemos observar na fala de G. de 57 anos – 8-10-06 – *atear fogo é só ver uma casola bonita, toca fogo e vai embora. Olha coirão (ao se referir à vegetação indesejada), agora tu vai queimando mesmo.* Por que o uso do fogo na beira senhor D.? *Vai limpando tudo. Matando cobra, fazendo campo. Só não presta porque mata muita árvore. Morre muita árvore que dá fruta que peixe come.* Então o pessoal não dá muita atenção a árvores que queimam? *Não. Ele*

quer ver queimar, complementa D. 55 anos – 25-10-2006 – fogo é fogo mesmo. Pode ser baceiro (vegetação condensada) que for, ele vai queimando com cacete.

Enquanto a personalidade de alguns o remete para o simples prazer, há quem seja contrário, “não” aceita tal comportamento. Há indivíduos cuja observação e conhecimento lhe permite severas críticas: *se a gente continuar tocando fogo nas beiradas, daqui alguns dias só vai ter pasto. Não tem comida para peixe, não vai ter onde ele se esconder.* O pescador W. de 28 anos – 8-10-06, se preocupa pela devastação que o fogo faz ao capim e área de igapó, redutos de peixes para reprodução e alimentação na época da cheia do rio.

Nosso trabalho pode assumir conotação de investigação policial ao revelar fatos que pesquisas a curto prazo ficariam na superficialidade, captando através do diálogo informações que sugerem a harmoniosa vida equilibrada entre homem e meio, mas, o discurso pode “esconder” – sem intenção de prejudicar – as ações. A pesquisa de campo nos ajuda a entender o processo e a posição do informante no contexto dessa estrutura social. Ela, a experiência, com ajuda da análise, dar o suporte para argumentar que o discurso enaltece e a prática enfraquece. Por mais de 20 anos freqüentando essas comunidades, considero-me estar envolvido, mas a teoria (ELIAS, 1998; GEERTZ, 1988) nos permitiu distanciamento para melhor ver, ouvir e sentir as tensões vividas em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina.

Desde cedo, menino ou menina, por volta dos 8 anos já varre o terreiro e queima as folhas ou sabe como proceder para fazer um roçado, no qual o fogo é instrumento indispensável, conforme nos confirma B. de 11 anos ou D. de 7 anos, para fazer um roçado: *primeiro a gente roça na mata; depois de roçar a gente derruba; quando está seco a gente queima e depois a gente planta.*

De volta a W. de 28 anos, o pescador, nosso entrevistado, ao apresentar críticas à atitude de indivíduos, seus vizinhos, de atear fogo nas margens dos rios, lagos e cabeceira, se exclui dessa ação, entretanto, é no jogo de pronomes pessoais como modelos figuracionais, (ELIAS, 1980), o entrevistado resguarda o seu *eu*. O *eles* ateam fogo, como se o *eu*, que traz consigo a força do costume, não utilizasse o fogo como um instrumento de trabalho. Há por trás do *eu* e do *eles* uma cumplicidade implícita a ser revelada. O *eu* ao referir-se ao *eles* esquiva-se de sua ação predatória ao utilizar o fogo. Não se pode esquecer que nas ações nem sempre o *nós* está presente.

Hoje, mais do que antes, a criação de boi faz parte da estrutura física e social

dessas comunidades. Para atender a criação o criador sabe pela tradição, que deve ser proprietário de terra de várzea e terra firme, nas quais a pastagem é essencial para o sucesso da criação. Como criador, o pescador W., já dispunha, em terra firme, até meados de 2006 aproximadamente 20ha de área de mata derrubada e cultivado com pastagem, da qual uma boa parte, por falta de manutenção, já estava tomada por vegetação secundária. Soma-se a essa área mais 4ha de mata derrubada no período de 2007. Nosso pescador, portanto, ateou fogo em 4ha de roçado feito na mata sem questionar derrubada de árvores e entre elas as frutíferas que serviam aos animais silvestres. Não menos importante é revelar, que nosso pescador dispõe de campo em terra de várzea, onde a vegetação, no verão de 2007, apresentava-se visivelmente tostada para formação de pastagem natural, como marca da força do fogo.

Observando em Goudsblom (1992) e Elias (2006) o domínio do fogo, é um importante componente para entender processo civilizacional na história da humanidade. Nesse sentido fica entendido o fato das pessoas que deram origem às comunidades de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina carregarem consigo o poder do fogo tanto para o conforto como para enfrentar a natureza, mas há evidências de que o fogo, muito antes da área de investigação ser povoada pelos fundadores dessas comunidades, ter deixado sua marca naquele ecossistema. Nossa hipótese é sustentada pelas evidências empíricas do trabalho de campo ao constatar na área de investigação três sítios arqueológicos onde a terra preta de índio – terra preta arqueológica – marca a presença de indígenas terem vivido nessa região. A terra preta de índio traz em sua composição vestígios como pedaços de cerâmicas e resultado da queima de madeira. Segundo notícias divulgadas no site <http://www.noticiasdaamazonia.com.br>, arqueólogos acham, em Iranduba, município a 25km de Manaus, um esqueleto de 1.1 mil anos supostamente conservado pela terra preta de índio. Tal achado nos remete, na história do Amazonas, a populações vivendo em uma época muito antes do espanhóis chegarem. Nesse sentido, se observarmos o surgimento de Manaus, Maués, Boa Vista do Ramos e das comunidades de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, não passa de um acontecimento na história da civilização humana no Amazonas.

Em nosso trabalho de campo encontramos, como nos referimos acima, duas áreas de terra preta de índio na comunidade de Bicó e uma área em Canela-Fina, onde além de coletar fragmentos de cerâmicas, foi observado as diferenças de textura entre ela e outros tipos de solo da região, mas o que nos mais chama a atenção é o fato, do controle do fogo já ter sido utilizado na área de pesquisa. Partindo das idéias de Goudsblom, que tem âncora na teoria de

Elias, se faz necessário um estudo mais aprofundado para compreendermos o processo civilizador no Amazonas, a partir de uma história humana mais ampla na região, isto é, muito antes de espanhóis e portugueses a colonizarem. Se, os índios foram perseguidos e massacrados numa época em que se fez “necessário” para a colonização do Amazonas, há de se supor que o uso do fogo por eles, em determinada época foi também mais controlada. Fumaça, cinza e carvão são sinais deixados pelo fogo. Se fogo não surgiu de um raio, então os vestígios do fogo foram deixados por humanos. Em uma época em que índios eram considerados seres “incivilizados”, há de se supor da necessidade de sua organização quanto ao uso do fogo, para eliminação de vestígios deixado por esse uso. Nesse sentido, há um longo desafio à nossa espera.

Após essa divagação hipotética em busca de sinais civilizacionais na história do Amazonas, voltamos à área de pesquisa e imergimos na discussão atual sobre o uso do fogo que dá sinais de que os moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina vão ter que reaprender a utilizar o fogo no sentido de tocha. No momento que a discussão sobre aquecimento global destaca as queimadas na Amazônia, como uma poderosa contribuição para o processo do efeito estufa, há necessidade do “regime” do fogo ser amplamente discutido.

O curso do processo de integração (ELIAS, 1994) traz tensões e conflitos para as comunidades pesquisadas, que não devem continuar no regime do fogo. Novos conhecimentos e tecnologias podem contribuir para amenizá-lo. No curso da integração a orientação para o uso do fogo é evidente: *hoje*, comenta V. de 30 anos, presidente da comunidade, *quando a gente vai para essas reuniões de representantes de comunidades, a primeira coisa que eles falam é não desmatar, não queimar*. E complementa N. de 57 anos – 31-1-07 – ao observar as exigências externas que vão sendo impostas às pessoas que ainda residem em comunidades como as eleitas para esta pesquisa: *vai chegar um dia que o cara se quiser tirar um pedaço de pau vai ter que pedir licença. Antes não era assim. Antigamente era tudo liberado*. A fala dos informantes nos faz ver as redes de interdependências se ampliando, tornando-se mais complexa a organização social em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina.

O uso do fogo no sentido de tocha foi entendido como uma forma de incorporação de energia para limpar a terras para ser utilizada pela população residente na área de pesquisa. Entendido isso, iremos dissertar sobre o cultivo da mandioca e a criação de boi. Implícito às atividades, a organização social que as sustentam.

2. Cultivo da mandioca

Na época que eu era presidente da comunidade, o J. fez um roçado de três hectares. Morreu na base de 200 castanheiras. Ele falou: “isso ai se morrer tem que nascer de novo. Isso ai não tem valor pra mim”.

A fala do ex-presidente da comunidade incomoda o observador, mas embora seja proibida por lei*, a derrubada ou a morte da castanheira ainda é uma realidade na região, não por manejo sustentável, mas em compor a vegetação a ser derrubada para utilização do solo, tanto para roça como para formação de pastagem. Após morta, passada algum tempo, a castanheira é derrubada para ser utilizada em forma de ripa, tábua para construção de casa ou construção de casco. Marginalizar o agricultor não é intenção nesse trabalho, mas evidenciar o fato de que a figuração da época pouco valor atribuía aos produtos extrativistas da região e a castanheira, em muitas áreas tombaram cedendo espaço a pastagem ou a roça. Talvez com a atual discussão ambiental, manejo sustentável, valorização dos produtos extrativistas, a castanheira receba um novo tratamento, se não for pela consciência, será pelo poder de coerção externa.

A produção de farinha de mandioca é o forte nas comunidades de Bicó, Canela-Fina e Cuiamucu, embora se cultive o guaraná e frutas regionais para o consumo interno. O sistema de cultivo do solo mantém a tradição passada por seguidas gerações, como roçar (tosquiar a vegetação como cipós e arbustos) para depois derrubar a mata ou capoeira realizada entre julho, agosto ou setembro; a queimada em setembro ou outubro, período esse que as folhas secam no intenso verão; caso o roçado for mal queimado, ficando muitos troncos de árvores, galhos espalhado pela área, a dificultar o plantio e o deslocamento das pessoas no momento do plantio, é feita a coivara. No processo de roçar, derrubar, encoivarar, utiliza-se as ferramentas como terçado, machado, enxada, enxadeco.

Na área pesquisada vem-se assimilando cada vez mais a idéia de que tempo é dinheiro. Em outras épocas em que o machado foi a principal ferramenta para derrubar a mata,

* Decreto n.º 1.282, de 19 de outubro de 1994. Regulamenta os arts. 15, 19, 20 e 21 da Lei n.º 4.771, de 15 de setembro de 1965. No que se refere à questão Da Exploração das Florestas Primitivas e demais formas de Vegetação Arbórea na Amazônia. Art. 4.º Fica proibido o corte e a comercialização da Castanheira (*Betholetia excelsa*) e da seringueira (*Hevea spp*).

levava-se perto de dez dias para derrubar uma quadra (100 x 100m²). Hoje, graças às facilidades do mercado e maior monetarização ocorrendo em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, a motosserra se faz muito mais presente. Em sua história, essa tecnologia foi conhecida somente em 1972, quando da extração de madeira feita por pessoas externa à comunidade. Hoje, o “motosserrador” prepara a área em apenas dois dias de trabalho. Com a área derrubada, folhas estorricadas pelo sol o fogo é ateadado pelo proprietário do roçado ele sabe: *quando queima bem a terra, fica bom de plantar*. Com a incorporação na energia trazida pela tecnologia, se percebe em menor tempo, um maior crescimento extensivo. Os proprietários de terra, estão expandido, com mais rapidez, áreas agricultáveis.

A preparação da área para o plantio segue os passos:

- Brocar ou roçar

A broca é feita utilizando o terçado e o gancho de pau para apoiar arbustos e cipós que vão ser cortados. O objetivo do brocar é a retirada de arbustos e cipós que podem dificultar o manuseio do machado ou do motosserrador, provocando acidente.

- Derrubada

Após brocar ou roçar, a área está pronta para a derrubada. Os homens com machado em punho executam o golpe, de fora para dentro, e em sentido diagonal, mantendo um ritmo no ciclo — elevação dos braços atrás; trazê-los de encontro à árvore; retirada do machado para reiniciar a primeira fase. Cada ciclo é composto por esforço e recuperação, o qual permite a continuidade da atividade.

Conforme “manda” a tradição ou melhor, o conhecimento, tanto no uso da motosserra como do machado, aproveita-se a técnica efeito dominó. Corta-se e enfraquece a resistência de cinco, oito ou mais árvores para que num efeito cascata caiam em seqüência umas sobre as outras, aproveitando o peso da maior auxiliada pela gravidade e o vento. O início de estalar de troncos e galhos finalizados com o impacto no chão identifica, aos ouvidos humanos, a mata sendo derrubada. Esse reduto de animais diurnos e noturnos deixa de ser freqüentado à

medida que vestígios humanos vão dominando o ambiente natural para ser cultural. Árvores* do tipo piquizeiro (*Sacoglottis uchi* Huber), uxizeiro (*Endopleura uchi* (huber) Cuatr. (= *Sacoglottis uchi* Huber), uxi coroa (*Duckesia verrucosa* (Ducke) Cuatr.), castanheira (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl.), açazeiro (*Euterpe precatoria* Mart) entre outras fruteiras, tombam deixando espaço para os donos dos roçados plantarem. Veados** (*Mazama americana* e o *Mazama gouazoubira*), anta (*Tapirus terrestris*), jacu (*Penelope superciliaris*), mutum (*Mitu mitu*), porco caititu (*Tayassu tajacu*), cutia (*Dasyprocta agouti*), jabutis (*Geochelone denticulata*) paca (*Agouti paca*), tatu (*Dasytus novemcinctu*), inambu galinha (*Tinamus guttatus*) e outros animais, “voltarão aparecer” quando a capoeira alta prevalecer, isto é, capoeira de trinta, quarenta anos, que denominamos capoeira de mata, se não forem, em menor tempo, consecutivamente derrubadas.

Com uma empunhadura firme e a percepção de relaxar as mãos, momentos antes do impacto da ferramenta contra o pau (árvore), evita que o corpo sofra o efeito da reação, ou seja, quanto mais firme mantiver a empunhadura durante todo o ciclo do movimento, maiores serão as conseqüências estressantes dessa atividade ao corpo ou ao cortador de pouca habilidade. Sem a harmonia entre técnica – emprego dos movimentos, associado ao instrumento – e condição física, o montante de massa muscular pouco resistirá ao natural. Quanto mais pesada*** a madeira e mais forte for a empunhadura, maiores serão os efeitos da reação: *Hoje vamos ficar padecendo, quem sabe não vai dar calo. Se a gente apertar muito o machado dá choque nos braços e quando chegar à noite estamos todos batidos.*

Membros inferiores em afastamento lateral e em antero posterior e coordenação olho e mão, a execução dos golpes se torna mais segura e precisa. Os experientes homens sabem que a técnica no manuseio do machado e a resistência física são fundamentais para continuidade da atividade pois graça a aprendizagem dos anos iniciais de suas vidas, puderam perceber em si ou no outro, o efeito “invisível” das vibrações repercutindo pelo corpo em detrimento de uma má

*Orientação botânica por Otávia Cunha dos Santos e Rosalba da Costa Bilby, biólogas, responsáveis pelo Herbário da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

**Orientação científica Dr. Paulo F. Bührnheim e Dra. Nair Otaviano Aguiar do laboratório de Zoologia da Ufam.

*** De acordo em Burger e Richter, 1991, o peso da madeira está relacionado com sua massa específica (componentes químicos e matéria lenhosa), que varia entre 0,13 a 1,4 g/cm³. Há espécies que componentes químicos - resinas, cristais, sílicas e outros, que contribuem para o peso da madeira, somado com componentes anatômicos - células. Quanto mais espesso for o cerne e menor o alburno mais pesada será a madeira. Num corte transversal: quanto maiores forem os lumes, em relação à parede das células, mais leve a madeira. (Colaboração técnica: Dr. Valmir Souza de Oliveira – Departamento de Ciências Florestais /Ufam)

técnica, frente a árvores de madeira pesada como maçaranduba (*Manilkara* sp.), pau-d'arco (*Tabebuia* sp.), itaúba (*Mezilaurus* sp), cumaru (*Dipteryx odorata* (Aubl) Wild.) entre outras.



Figura 6 – Homens na derrubada da mata.
(Ilustração de Raul Linhares. Fotografia – acervo do autor)

Tais espécies fornecem a melhor e a mais resistente madeira para servir à construção naval e civil. Canoas, cascos, barcos maiores, estacas para cercas, madeira para curral, madeira para casas entre outras utilidades, os moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, tem por questão de orgulho, quando construídos com a mais durável: *também compadre, um esteio desse é pra filhos e netos*. Por trás dessa “ vaidade ” humana, está implícito o poder de manter, através do conhecimento, a incorporação de forças naturais para controlar ou amenizar o efeito “ destrutivo ” da natureza e não é só isso. Hoje o poder do conceito simbólico na estrutura social das comunidades pesquisadas valoriza os imóveis construídos com as madeiras mais duráveis.

Devido à resistência (peso) de muitas espécies, as árvores são respeitadas entre os homens que usam o machado como ferramenta para nelas trabalharem: *Compadre, que tipo de*

pau vamos trabalhar? É jacarandá, é itaúba? Se for, num pau desse o camarada não vai entrar afobado que só vai perder tempo. Num pau desse só trabalha na manha. Tal comportamento pode dar conotação de indolência ao observador de fora que não tem experiência de campo em clima quente e úmido, sem levar em consideração a aprendizagem de um ritmo, técnica, coordenação como forma de abordar uma árvore cuja a espécie é de maior ou menor resistência. A prudência é o resultado desse conhecimento, que não menos se expressa através de humor entre os homens diante do devir. Saber como abordar a árvore a ser derrubada, bem como intimidar os novatos ou lançar desafios a si mesmo ou a outros, permeado por risos e piadas, é uma forma que ameniza o efeito estressor da atividade: *mas compadre, num pau desse, meu machado não agüenta; nesse pau se o machado for mole, enrola.*

Se o tronco da árvore tiver, conforme medida local de oito, nove*, dez ou mais palmos de diâmetros, a ação deixa de ser individual para ser abordada de forma coletiva. Dupla ou trio, pode ser visto empenhado num esforço comum por mais de hora. Se um dos cortadores não apresentar as qualidades acima mencionadas — condição física acompanhada de habilidade — este provavelmente não irá agüentar a resistência da natureza e como consequência, dores no corpo aparecerão no final do dia e se prolongarão no dia seguinte: *isso é um trabalho muito puxado. Essa derrubação de pau não é nem para muito velho e nem para muito novo.* Se a área derrubada é capoeira de três a cinco anos, ambiente de animais de pequeno porte, não há madeira pesada e de grande diâmetro, levando menos tempo e esforço para se concluir a atividade.

Com a vegetação tombada e folhas crestadas, após dois ou três meses de sol, ateia-se fogo. Se a queimada for mal sucedida há necessidade de encoivarar o excesso dos resíduos existentes. Corta-se galhos e troncos não queimados amontoando-os para queimá-los novamente. A coivara predispõe ao agricultor mais espaço para plantar. Quando não feita, dificulta a atividade de deslocamento das pessoas no período tanto de plantio quanto de colheita e obviamente menor é a otimização da área.

* A árvore com nove palmos mediu 1,75m de CAP (circunferência a altura do peito) e a 55,7cm de DAP (diâmetro a altura do peito). Orientação técnica de Rosalba da Costa Bilby e Otávia Cunha dos Santos biólogas, responsáveis pelo Herbário da Universidade Federal do Amazonas.



Figura 7: Roçado mal queimado dificulta o trabalho dos participantes do puxirum. Menos espaço para o plantio e maior a exigência física.
(Manipulação de imagem: Roberta Tojal. Fotografia – acervo do autor.)

2.1 O Puxirum, ajuri ou mutirão

Com a área preparada, é época de plantio de roça que ocorre em meados de outubro para uns ou com as primeiras chuvas de novembro para outros. Os antigos e os jovens que seguem os costumes, no primeiro dia após a queimada deve-se, como recomenda o R. de 77 anos – 26-10-06 – *fazer a mãe da roça. É um ditado que os velhos falavam. Quando queima o roçado você vai lá e enterra algumas manivas, se ela vier bonita, a roça vai dar muita batata.* Buscando seguir as orientações do ancião, nos fala uma senhora entrevistada quando desempenhava sua função de plantadora de mandioca: *Uma vez me mandaram fazer a mãe da roça. Logo que queimou o roçado eu fui para plantar um monte. Aqui, ali. Quando nasceu, meu marido veio de lá e disse: tu plantou a mãe, o filho e o neto* (risada). A crença, porém, nem sempre é seguida por todos, como pode ser visto na opinião de H. de 38 anos – 21/07/07: *isso é abusão dos antigos. Eu não acredito nisso.*

Há aqueles que fazem da força “natural e divina” uma referência para plantar. Na verdade observa-se é a orientação pelo tempo do calendário, simbolicamente enquadrando uma data a qual coincide o tempo natural. O tempo organizado (ELIAS, 1998b), é o orientador das ações humanas: *plantar por volta de 25 de outubro é muito bom. Vem a chuva de todos os santos e não falha maniva*. Algumas famílias, por “descuido”, plantam em dezembro. Na escassez de papel moeda – *porque a gente não tem ganho para pagar na diária* – os moradores se reúnem e formam o puxirum, mutirão ou ajuri. O ajuri e o puxirum são de fato atividades coletivas, mas quando as pessoas residentes em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina se referem ao ajuri, subentende o número de pessoas na atividade menor quando comparado ao puxirum.

Prática costumeira, o puxirum envolve crianças, jovens e adultos de ambos os sexos para ajudar uma família – *eu convidei o L. ontem e ele não veio. Se tivesse me ajudado, eu ia ajudar ele hoje*. É em suma, uma troca de dia entre membros dessas comunidades e ocorre em plantios, derrubadas, capina de roça, construções de casa e outras atividades ao longo do ano, pois comenta R. – 12-11-06 – *a gente aqui é assim, acaba um trabalho começa outro e a gente precisa sempre de ajuda*. Nem sempre o convidado corresponde e acaba comprometendo a programação da família que está promovendo o puxirum, seja para plantar mandioca cobrir a casa ou em outras atividades conforme a necessidade e conveniência.

Os beneficiados ou anfitriões que promovem o puxirum são responsáveis por fornecerem a alimentação aos participantes, necessitando de se aprovisionarem de farinha, carne de caça ou de peixe. Geralmente o homem sai em busca do alimento nos rios ou nas matas, conforme sua maior intimidade num desses ambientes, enquanto a mulher se encarrega de outras tarefas. Se o período não está propício para caça ou pescado, ou por qualquer outra razão que ocupe o anfitrião, abatem-se animais domésticos: porco, carneiro, bode, galinhas, patos. Não esquecendo: se houver adventistas entre os convidados, o anfitrião deve fornecer alimento que não seja porco, peixe de couro ou qualquer outra carne impura: paca, tatu, etc.

No dia do puxirum, os convidados se deslocam para o local – com despesas próprias – em cascos, canoas ou motor de rabeta, munidos de ferramentas específicas à função a ser assumida na atividade. Enxada, enxadeco para o cavador; terçado para o cortador de maniva; paneiro para o distribuidor de maniva. Conforme as redes de interdependências nas quais os anfitriões estão inseridas, pode-se constatar convidados provindos das três comunidades. Se as relações sociais dos anfitriões não são tão amplas, o puxirum se concentra na participação dos

moradores de sua comunidade.

Os convidados são servidos com café, chocolate acompanhado de bolacha ou beiju feito de massa de mandioca, torradas etc., mas isso não é o suficiente para o tipo de trabalho a ser executado. Conforme o costume, faz-se o quebra – merenda reforçada – sendo servido pelas cozinheiras, ao mesmo tempo do café. Peixe ou a carne de caça assada ou cozida, acompanhada da farinha de mandioca, deverá sustentar os convidados durante o esforço na atividade. Enquanto isso, o feijão, desde cedo, ferve para ser servido no almoço, acompanhado do arroz e do macarrão, pois sabem os anfitriões que a associação dos três alimentos faz render a refeição e são muito apreciados pelos convidados.

Enquanto uns comem, outros se reúnem para colocar em dia os assuntos que permeiam a estrutura social de suas comunidades, a sede do município e alguns, antenados nas notícias transmitidas pelos rádios ou pela televisão, comentam aquelas de mais destaque: política, resultado de um jogo de futebol, acidente com barco ou queda de um avião etc. O encontro social é propício aos fuxicos, cochichos ou fofocas depreciativas ou elogiosas (ELIAS, 2000), permitindo aos moradores saberem das intimidades de seus compadres.

As gargalhadas soam de todos os lados, com maior “silêncio” do ambiente onde as pessoas estão nutrindo o corpo. Se observar de perto, as pessoas estão concentradas na comida. Sussurrando, conversando baixo, mas sem risos espalhafatosos. Parecem que quanto mais comem, mais silêncio vai ficando.

As crianças se socializam com outras crianças em brincadeiras no terreiro, aperfeiçoando suas aptidões perceptivas motoras, através da participação em jogos e outras atividades. Crianças de menor idade, dentro de casa, aos cuidados dos maiores, são embaladas na rede de dormir ou brincam de faz-de-conta.

Os adolescentes se entrosam entre os adultos ou fazem seus grupos e conversam sobre mulheres, festas e futebol etc. Nesse prazeroso momento de confraternização e socialização ao rever amigos, há sempre pessoas que chamam mais à atenção. Contam piadas e histórias da terra, da vida, do pescador ou caçador que foram ou que conheceram. No encontro de tantos conhecidos, de idades e sexos diferentes, de corridas de meninos pelo terreiro, o ambiente entremeado de conversas – altas, baixas, sussurros, fuxico/fofocas – é contemplado por risos e gargalhadas. Rir não é proibido, faz bem, nos proporciona bem-estar (MINOIS, 2003). O humor de homens e mulheres ajuda a levar a vida em situações de conflitos, tensões ou enfermidades.

Rir-se da sua e da desgraça do outro; dos seus prejuízos e mais ainda do prejuízo dos outros, ou, rir cinicamente. As manifestações biológicas e sociais do riso, estão presentes nos movimentos e encontros sociais dos moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, seja no esforço físico ou não, no trabalho ou no lazer, ou melhor, trabalho e lazer não são nitidamente definidos, mas é importante dar atenção à fala de V. de 23 anos – 31-10-06 – *no puxirum o caboclo que não tiver paciência, não adianta nem ele vir*. De fato, no puxirum surgem frases de ordem que pode incomodar o ouvinte, nesse caso o controle das emoções, ajuda nas relações sociais (ELIAS, DUNNING, 1992), no momento que o riso pode ser dirigido ao ato de alguém e não aprovado socialmente.

Alimentados, se dirigem para o local da atividade, onde já se encontram os cortadores de maniva. Entre 7h30, 8:00 ou 8h30 horas para os anfitriões mais “descansados”, inicia-se a atividade e cada participante já sabe a função a assumir: cozinheira, carregador de maniva, cortador de maniva, distribuidor de maniva, cavador, plantadora, aguadeira, carregador de água. Não há regra em decidir a função a assumir, nesse caso conta-se com o bom senso e a experiência do participante na expectativa de sua contribuição. O machismo contribui na hora de optar pela função. Algumas delas são de predominância masculina ou feminina.

O término da atividade está relacionado ao tamanho do roçado e o número de participantes. De 8:h às 11h, é o horário matutino e de 13h às 16h, o vespertino. Em dias quentes, a fome incomodando, os participantes se manifestam: *tá na hora, tá na hora do almoço*. Se o número de participantes for grande e o espaço a ser trabalhado “pequeno”, a tarefa é cumprida antes mesmo das 11h; caso contrário volta-se à tarde para finalizá-la. Como ilustração, no roçado de pouco mais de meio quadro, os anfitriões bem relacionados conseguiram trazer quarenta e quatro convidados para o puxirum. Iniciado as 7h30 o anfitrião, no comando da atividade foi pego de surpresa quando às 9h30 os participantes já manifestavam-se eufóricos o término da atividade. Às 10h a área já se encontrava plantada. Em casa, as cozinheiras com a refeição sendo apurada, são surpreendidas ao verem seus convidados, com as ferramentas conduzidas nos ombros, chegando para o almoço.

Se nada antecipa a atividade, as 11h o anfitrião chama os participantes para almoçar. Nesse intervalo, novamente os grupos se espalham à sombra de árvores, contam histórias e piadas divertindo quem ainda está esperando sua vez à mesa ou o prato ser desocupado. Pessoas se dirigem ao rio, a fim de se refrescarem. Após a refeição farta, alguns

descansam e outros se despedem, pois têm outros afazeres em casa; assim fica oficializado que o dono do puxirum está comprometido com aquele convidado com apenas meio dia de serviço ou se o convidado levar um acompanhante – filhos, esposa – o anfitrião terá de pagar um, dois, três ou mais dias para uma única família, cujo grande número de filhos, por si só é capaz de formar um ajuri.

O regresso à atividade geralmente é das 13h. No final, às 16h, dá-se por encerrada. Quando é possível, os participantes voltam à casa dos anfitriões para jantar. Em seguida se despedem e retornam a suas casas, que não raro distam de trinta minutos, uma hora ou mais a remo ou a pé; outros vão de rabetá.

Os donos do puxirum, prática ainda vivida pelos membros da área de pesquisa, ficam comprometidos (WAGLEY, 1988) a repor com serviço a cada participante, quando solicitado (um novo puxirum), é o que reforça D. de 30 anos – 30-10-06 – *se a gente não ajudar, como a gente vai receber*, nesse sentido o puxirum, segundo H. de 38 anos – 3-11-06 – *tem a ver com a condição das pessoas se relacionarem. É tradição por aqui*. Há pessoas que comprometem o sucesso da atividade causando prejuízo aos anfitriões, como pode ser observado na avaliação crítica de D. de 30 anos – 30-10-06 – *o puxirum é uma ajuda, mas no meio desses vai gente que trabalha feio*. Assim, *no outro ano vou fazer meu roçado primeiro, para ver quem trabalha. Uma coisa é pagar, outra é receber. Pagar o dia de quem trabalha pouco no roçado é dureza*.

O puxirum não é simplesmente uma doação. Ele é uma relação de perspectiva e nesta relação espera-se a retribuição. O pagamento, não é em espécie, mas em forma de trabalho. Construir e dominar a natureza em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina teve alicerce na maior capacidade de unir forças, seja humana ou não humana. Ajuda mútua é uma forma de unir força de um lado e retribuir do outro. A figuração na área de pesquisa nos revela isso. União de força motriz e a incorporação da energia proporcionada pelo fogo, tem permitido o crescimento extensivo e intensivo na área pesquisada.

2.2 Figuração no puxirum

Responsável pela alimentação – são os anfitriões os quais se dividem em suas responsabilidades. As mulheres – mãe, filhas, avó, parentes – se encarregam de fazer farinha, beiju e outros alimentos. Os homens – pai e filhos – se encarregam em trazer a carne de peixe ou caça. Em se tratando de plantio da roça, por essa época – outubro a dezembro – o rio está baixo e há abundância de peixe. Anfitrião – pescador ou caçador – se aproveita do momento. O rio estreita-se, lagos se fecham e as cabeceiras tornam-se pequenas. As passagens de água ou as conexões de um rio para outro se fecharam e os peixes, lapeando o rabo, quebram o espelho d'água e se mostram: tucunaré (*Cichla* sp), pacu (*Myleus* sp.), acara (*Astronotus* sp), aracu (*Leporinus* sp)^{*}, aruanã (*Osteoglossum* sp.).

À noite ou de dia, o pescador cerca a boca^{**} de cabeceiras com a malhadeira e batem na água com petengue (vara longa). O barulho ameaçador força a saída dos peixes que vão de encontro ao artefato capturador. Essa técnica de pescar obtém-se peixe em pouco tempo para alimentar os participantes do puxirum. Os pescadores geralmente chegam de madrugada ou nas primeiras horas da manhã e vão ajudar as mulheres a tratar o pescado ou se dirigem ao roçado para distribuir os feixes de manivas.

Os anfitriões são responsáveis pela organização do evento. Na área de plantio o homem organiza a distribuição dos grupos por tarefas. É ele, também, um dos responsáveis pelo sucesso da atividade, isto é, a motivação, o estímulo, o estar bem. A forma de se relacionar com os compadres, faz do puxirum, mais do que uma tarefa a ser cumprida; faz do momento, um encontro social e o prazer em fazer: *Esse foi um puxirum bonito. Muita gente e muita comida boa*, fala uma das convidadas ao deixar a casa do compadre.

Cozinheiras – é a esposa do anfitrião, acompanhada de duas, três ou mais mulheres cuja função é tratar de todo o pescado, fazer café, almoço, bebida (tarubá)^{*}, merenda e

* Orientação técnica de Mestre Marcelo Garcia.

** Boca- única passagem dos peixes pelas cabeceiras ou lagos

* Tarubá - bebida fermentada a partir da mandioca macerada, complementada com pedaços de cana-de-açúcar ou batata-doce quando há. Os adeptos de bebidas alcoólicas incrementam o tarubá colocando aguardente. Segundo os participantes do puxirum, o tarubá sustenta e evita a fome. Por ser feita de mandioca, acreditamos ser uma excelente fonte energética.

jantar. Enquanto termina uma refeição, a outra está sendo colocada no fogão à lenha. A fartura – variedades e bem preparadas – repercute entre as pessoas de forma comparativa, quando na participação em outro puxirum.

Cortadores de maniva (caule da mandioca) – desse grupo, quando há, participam pessoas que não podem fazer muito esforço ou os mais idosos, caso contrário qualquer um do puxirum pode cortar maniva. Compõem esse grupo uma ou mais pessoas. Depende em grande parte do número de cavadores e plantadoras. Eles devem chegar no roçado antes de todos com o objetivo de ter material suficiente para dar início ao plantio. A falta de maniva interrompe a tarefa das plantadoras e plantadores. Do ponto de vista de produção é um atraso que interfere na finalização da atividade. Assumindo posições estratégicas para facilitar a distribuição do material, os cortadores anunciam sua presença com o toc toc do terçado sobre o tronco de árvore tombado no chão, ao cortar a maniva.

Cavadores – são homens, jovens e adultos que conseguem suportar o esforço físico no manuseio das ferramentas: enxada ou enxadeco, para abrir as manicujas (covas), que receberão as manivas. O tamanho do roçado influencia no convite aos cavadores: cinco, dezoito ou mais. Seus movimentos são ritmados e o balanceamento do tronco para frente e para trás facilita a eficiência no uso da ferramenta. Essa função exige, no plantio da roça, que os cavadores desenvolvam esforço intermitente de moderado a alta intensidade. (MATOS, 1996).

Geralmente não se abre a manicuja com uma única enxadada. São visto de três a cinco enxadadas para abrir uma cova e esfarelar a terra com objetivo de facilitar a tarefa das plantadoras. Entre os cavadores pode-se observar grupo de pessoas mais experientes e de maior capacidade física o que faz distanciar de indivíduos de pouca resistência física. Aqueles mais preparados vão à frente cavando, cavando, enquanto outros comem poeira: *olha só o menino ali, vai só no reboque*. Mesmo dentro de um dos grupos, nenhum cavador quer ficar para trás. É um jogo, quer implícito ou explícito, que vai referendar, na comunidade, um bom ou um lento ou despreparado cavador.

Na fala de dona L. de 57 anos – 10-11-06 – pode ser observado nosso comentário acima: *O trabalho é conforme a gente puxa. Por exemplo: fazer na regata (desfio feito entre os cavadores), o virar a terra (fazer a cova), cada um em seu caminho. Só faz a sua*

manicuja. Aquele que é mais fraco fica. A animação quem faz é a gente. Quando chega no fim (nesse caso é a linha ou caminho que cada um faz em linha reta) parece que o estômago, a respiração é forte, parece que o cavador vai se acabar. É uma brincadeira. Eles são os caras que chegam primeiros. Aqueles que vêm por último ao chegarem para descansar, os primeiros já saíram.

Os cavadores se agrupam em três a cinco e seguem em paralelo uma linha imaginária conduzindo-os ao final do roçado. Os cavadores fazem pausa à sombra para o “carará”*. A pausa tem função de recuperação física, beber água para termorregulação corporal e descontração, quando as risadas ecoando pelo roçado. Ao se aproximar outro grupo, os primeiros não perdem tempo, retomam a atividade para não caírem de posição. O cavador anima o puxirum e faz dele um jogo: *cadê essas plantadoras. Está secando a manicuja.*

Julgo importante lembrar a consistência do solo ser um dos fatores que influencia o desempenho e o resultado dos cavadores — para mais ou para menos. O indivíduo rende melhor quando a consistência do solo é menor (arenoso, por exemplo) e menos quando é argiloso ou latossolo amarelo, solos característicos da região **: *aqui não tem curimatá*** que dê jeito. Não tem o que fique no bucho*, fala o cavador expondo a exigência física da atividade.

Plantadoras – geralmente, mas também não é regra, são as mulheres jovens e adultas e as crianças (meninas ou meninos de cinco ou mais anos) que acompanham as mães. Dependendo do tamanho do roçado e o número de cavadores, participam entre cinco, quinze ou mais pessoas. Elas executam um movimento de flexão do tronco, para arrumar dois pedaços de maniva na cova e depois é usada o pé para empurrar a terra e batê-la, a fim de firmar a maniva na cova e escondê-la do sol causticante, mas nem tudo vai como elas querem. Alguns retardam sua tarefa de plantar quando a manicuja é pequena: *Essa porcaria aqui, quem vai fazendo? É o senhor Val. Ele tem uma enxada do tamanho do pé de jabuti.*

São vistas acompanhando as plantadoras crianças de sete a dez anos, mas não é exploração de trabalho infantil. Essas seguem os ensinamentos das mães e se um dia precisarem, devem passar essas informações à suas filhas. É importante saber que, segundo dona M. I. de 62

*Carará (*Anhinga anhinga*) pássaro de hábitos aquático que se alimenta de peixe e algumas famílias apreciam em suas refeições. A designação “carará” é utilizada à pausa para beber água ou tarubá.

**Sobre os tipos de solo, especificamente os desenvolvidos em climas tropicais úmidos, consulte a obra de: Igo F. Lepsch – Formação e conservação dos solos. São Paulo: Oficina de texto. 2002. Veja também: Classes gerais de solos do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento. João Bertoldo de Oliveira et all. Jaboticabal, Funep, 1992.

***Peixe (*Prochilodus nigricans*) apreciado na região.

anos – 26-10-06 – *a criança não ganha o dia. Quem ganha são os pais, quando a criança já tem de oito anos para frente*”. É o que fazem alguns pais de família, quando não podem comparecer ao puxirum e precisam ganhar o dia, enviam um de seus filhos para representá-los. Quando a situação se repete consecutivamente, entretanto, os donos dos puxirum começam a reclamar, pois uma criança não produz tanto quanto um adulto.

As plantadoras seguem atrás dos cavadores e elas reclamam que *estão judiando da gente* quando os homens deixam blocos de terra ao abrir as covas, isto é, não esfarelam a terra ao abrir a cova: *olha esse que vai deixando pedra para gente quebrar*. Todos sabem se puxar a terra em bloco sobre a maniva, difícil é germinar, principalmente na semana em que o sol não dá trégua. Sabendo disso as plantadoras de posse de um porrete, esfarelam esses blocos para que a maniva seja plantada. Isto quer dizer que não basta estar presente, mas plantar bem, é a contribuição ou cooperação consciente ao anfitrião, entretanto nem tudo é harmonioso no puxirum, nem todos cooperam: *a onde aquela turma vinha passando, tinha uma que estava cobrindo a manicuja sem maniva*.

Diante do solo consistente, tipo argiloso ou argila silicoso, as covas, após a colocação das manivas, são fechadas esfarelando os torrões com um porrete que levam em mão. Essa atitude possibilita melhor acondicionar o material para germinar, embora exija maior tempo e esforço das plantadoras, distanciando delas, os cavadores, que num ritmo aprendido, adequado ao esforço, sob o sol intenso do verão amazônico, conforme penetram suas ferramentas no solo para abrir as manicujas, levantam cinzas do roçado queimado e as plantadoras, que vêm atrás, prejudicam-se inalando-a.

Crianças entre cinco a oito anos acompanham as mulheres de trinta, cinquenta anos ou mais. Essas meninas têm voz ativa no puxirum, isto é, aos seis anos, na condição de plantadora, dirige sua voz infantil aos distribuidores de maniva de vinte, trinta anos – *está faltando maniva aqui* – e não há dúvida, simplesmente, de onde estiver, lá vem o maniveiro atender a solicitação da pequena plantadora.

Mas, nem tudo é “sério”. Quando a criança, em algum lugar do roçado deixa, por alguns estantes seu compromisso de plantadora, assume o seu lado mais infantil, isto é, vai brincar, o que Piaget (1978) denominou a fase do simbolismo, de faz-de-conta. Amplia-se ou estende-se a brincadeira ao encontrar uma parceirinha. Equilibrar sobre os troncos de árvores, pendurar para balançar, pular de cima para baixo, e outras atividades, preenchem o espaço entre a

“seriedade” de plantar e condição de brincar, peculiar da idade, condição essa, na compreensão de algumas pessoas adultas, de improdutiva.

Na falta de plantadoras, os homens são designados para tal função, mas com restrição, pois plantar não é atividade masculina, *não é para ele*, comenta S. de 15 anos, e continua *O jeito dele não é para plantar. Dá vergonha. E qual é o trabalho do homem? É cavar terra, espalhar maniva e cortar também.* Então qual é a atividade da mulher? *A mulher é mais para plantar e fazer comida. O homem não tem quase esse costume de plantar.*

E por que a mulher no puxirum? *Ela faz comida, planta e distribui água. Sem ela, no roçado, não fica animado. Com ela, aí é que vai pra frente.* De fato a presença da mulher anima e torna o puxirum mais agradável. As mulheres, também, não perdem a oportunidade, quando há homem plantando: *lá vem a plantadora, (gargalhada). Segura bem esse pau (gargalhada).* E, o pesquisador, não deixa por menos: *hoje tem plantadoras e plantadores e cuidados cavadores, que minha maniva vai em todos as manicujas.* Isso é o suficiente para estimular gargalhadas de quem ouve a metáfora.

Distribuidores de maniva ou maniveiros: podem ser crianças, adolescentes ou adultos de ambos os sexos. Se o roçado não foi bem queimado, espalham-se por ele galhos e troncos de árvores dificultando o deslocamento do distribuidor, exigindo dele maior esforço físico para atender os chamados das plantadoras.

Transportadas em paneiros, as manivas são lançadas nas covas abertas. Quando o roçado é grande e não queimou muito bem, o anfitrião analisa e sabe que as crianças não darão conta da tarefa; são escolhidos como distribuidores adolescentes e/ou homens adultos, atentos aos chamados das plantadoras: *o maniva, o maniva, está faltando maniva. Cadê esse maniveiro.*

Aguadeiras – de preferência são mulheres, quando há. Na ausência delas um dos homens assume essa função. As jovens escolhidas são motivos de animação. Elas despertam interesses dos homens e as indiretas são colocadas. Os mais experientes e aqueles atentos a todos os acontecimentos, captam e as decodificam, transformando-as em mensagens. Ao serem ditas ao grupo, muitos riem e outros ficam tímidos diante da situação. Na verdade, nada passa despercebido e tudo os contribui a desenvolver a atividade dentro de um clima agradável.

Quando é homem que assume o papel de distribuidor de água, os cavadores ao

pegarem o recipiente se expressam: *essa água está azeda*. Ou ainda, *os homens não estão bebendo muito com gosto, porque é homem que está distribuindo água*, fala a plantadora ao entrar na conversa. A aguadeira não é apenas para motivar o puxirum. Enquanto o cavador desenvolve o trabalho mais pesado, a aguadeira é chamada para todos os lados – *olha água, olha água meu parente*. Em dias quentes “não” se desenvolve o puxirum ou outros trabalhos típicos da região sem a água. O puxirum mostra uma atividade de interdependência e a presença de uma aguadeira é fundamental. Todos são importantes, mas a perda de líquido, o suor excessivo dos cavadores, a sede intensa que se manifesta em dias quentes de verão, faz da aguadeira uma peça essencial para o desenvolvimento do puxirum, pois resfriar o corpo por meio da ingestão de água é necessário para ajustes fisiológicos, isto é, para a termorregulação corporal.

Assim, a aguadeira de posse de copo ou de cuia* se desloca pelo roçado distribuindo água. Se forem 18, 25, 40 ou 53 pessoas, conforme tive oportunidade de constatar, todos, um por um que chama a aguadeira, bebe na mesma cuia. Não adianta rodar a cuia, mostrando repugnância em ter de beber água onde 20, 30 pessoas já colocaram seus lábios. Se o “civilizado” estiver no puxirum vai beber água na mesma cuia. Na cuia pode ser colocada farinha de mandioca e misturada na água constituindo o chibé. Cuma vez que a farinha é rica em carboidrato, a bebida sacia a sede, alivia a fome e nutre o corpo de energia.

Carregador de água – são jovens, pois dependendo do tamanho do roçado e da distância ao lugar onde se pega água (rio, cabeceira, lago, olho d'água), pode levar de cinco a dez minutos a pé. Nessa situação é melhor ser uma pessoa de boa condição física para carregar, não menos de 18 litros de água de cada vez.

Carregador de maniva – essa função pode ser desempenhada pelo anfitrião. Ele se organiza e distribui os feixes de manivas em locais estratégicos no roçado para serem cortadas no dia da atividade. Se houver escassez de material próximo ao local do plantio, há necessidade de transportá-los. Assim, são selecionados rapazes para conduzir dez ou mais feixes de maniva de aproximadamente 35 a 40kg a uma distância, conforme pude constatar, de não menos de trezentos metros do local a ser plantado. Os carregadores, assim que finalizam sua

* Cuia, fruto da família das bignoniáceas. Ao ser beneficiada é usada para beber água, tirar água da canoa, colocar farinha ou fazer de recipiente para se alimentar etc.

tarefa, assumem qualquer outra função já descrita.

No puxirum todos têm que transpor obstáculos. Esses se apresentam conforme o roçado foi bem ou mal queimado. Quando o roçado não é bem queimado, a quantidade de galhos e troncos de árvores espalhados na área exige dos participantes maior esforço físico em transpô-los. Numa relação de menor intensidade, os cortadores de maniva, por ficarem numa posição estratégica, são os que menos transitam pelo roçado, enquanto que para os outros participantes não há trégua, transpõem as árvores caídas a todo instante, acarretando um esforço acentuado e maior gasto energético ao final do evento.

Em termos de aproveitamento de espaço para fins de produção, todo roçado na mata mal queimado rende menos, isso porque grandes troncos de árvores tombados ao chão se cruzam dificultando o plantio no espaço já ocupado, portanto, a função da coivara é a limpeza e a otimização do espaço. Com relação à figuração do puxirum, no apêndice C, procuramos dar noção ao leitor ao número de participantes – homens e mulheres – envolvidos na atividade.

2.3 No roçado o puxirum se revela

Com a mata derrubada e queimada é hora de plantar. À frente os homens cavam, suam e levantam poeira; atrás as mulheres plantam e “comem” poeira. Nesse ritmo de cavar e plantar ocorrem provocações, desafios manifestados pelos homens: *tá secando, tá secando a manicuja*. As mulheres, instigadas, reagem na busca de alcançá-los. No roçado, risadas, piadas, frases com metáforas ou desafios, agitam o puxirum, reforçando a idéia de que é um *trabalho com alegria*, é o que comenta H. de 38 anos – 03-11-06. Embora a roça possa ser plantada pela família *atrasa muito* e quando são apenas seus membros para plantar, a experiência de campo nos mostra não ser animado, é o que comenta F. T. de 22 anos – 08-11-06: *porque é todo mundo de casa. A gente mora junto. Na família o trabalho é mais sério, mas, quando vem os amigos da gente é aquela caçoada, é divertido*. É divertido pela percepção dicotomizada que faz o observador ter de seu companheiro, como podemos ver na fala de E. de 49 anos – 14-09-07: *No puxirum vem gente de tudo que é gaiatice. Vem aquele careca, de nariz grande, aquele que conta história. Vem gente de tudo quanto é tipo*. Em suma o puxirum quebra com a rotina instituída

pelo trabalho em família.

A dinâmica peculiar à atividade propicia falação, gritos, gargalhadas, metáforas que sob controle, atenuam o cansaço. O calor que faz banhar o corpo de suor e diminuir o rendimento na atividade é suavizado pela animação no decurso do puxirum. Quem é de fora sente a pressão do esforço físico e o incômodo causado pelo calor e a necessidade de ingestão de água gelada. O puxirum é uma atividade que nos leva ao período anterior na história da industrialização, nos remetendo à citação de Bruhns (1993, p. 68), como ilustração dessa atividade, trabalho entremeado de responsabilidade, humor, de divertimento e lazer:

Na sociedade pré-industrial, trabalho e lazer não eram excludentes. Os dois estavam impregnados de ludicidade (até hoje nas sociedades `simples`, camponesas, sem as características de uma industrialização avançada, esses aspectos se mantêm). As atividades de produção e trabalho (colheita, plantação) misturavam-se com os jogos, canções, competições etc.

Numa sociedade onde não fica muito bem definida a fronteira que separa trabalho e lazer, se observa que a animação dos moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina no plantio da roça de mandioca, o puxirum se revela como uma atividade resistindo à imposição de que trabalho é lazer não se congratulam, como pode ser observado na fala de F. T. de 22 anos – 8-11-06 – ao se referir às famílias que buscam trabalhar dentro de parâmetros sociais onde a seriedade é sinônimo de produção: *em família, tem mais trabalho do que conversa.*

Com o verão e a seca do rio, há fartura de pescado na região, mas, parece não fazer sentido ao observador de fora falar em escassez de alimento numa região rica em flora e fauna. É no período da chuva e da cheia do rio a fase de maior dificuldade da aquisição de alimento. Nessa época, uma boa roça dá o sustento à família e permite-lhe usufruir dela por todo o ano. É orgulho e um diferencial social para a família que tem uma boa roça e como disse o R. 77 anos, *a roça é o banco do agricultor.* A roça, nas relações de poder, na configuração de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina equilibra as unidades familiares na relação de interdependência.

2.4 Condição física e exigência do esforço no puxirum

Observamos as funções das pessoas e consideramos a importância dos aspectos sociais e psicológicos envolvidos para o andamento do puxirum. Por outro lado não menos importante, do ponto de vista fisiológico, é destacar a necessidade de boa condição física aos indivíduos que no puxirum desempenham, principalmente, a função de cavador e no preparo da área, a função de derrubador, sob pena de não conseguirem permanecer em atividade ao prevalecer o sedentarismo. A expressão, *está acabando o gás do homem*, surge no roçado ou na derrubada da mata e nos ajuda a entender a percepção que tem homens e mulheres de Bico, Canela-Fina, Cuiamucú e Bico o a respeito de suas limitações físicas.

Em estudos anteriores (MATOS, 1996), ao se calcular o percentual da frequência cardíaca de homens no trabalho de roçar, verificou-se que estava abaixo do percentual de 70% da máxima. Essa situação indica um trabalho aeróbico de baixa para moderada intensidade (FOSS, 2000), permitindo a permanência na atividade por um período prolongado. A pausa para beber água, num ambiente de clima quente e úmido como o do Amazonas, contribui na recuperação fisiológica e a termorregulação, mas tal observação, como se pode ver, não é privilégio apenas ao pesquisador: *o senhor vai ver quando der 10h. Ainda estão gritando muito (não de dor, nem agonia e nem pavor, mas instigando uns aos outros para estimular a risadas), depois vão ficar mais fracos*, fala a plantadora ao pesquisador, quando se refere ao dia, que já amanheceu quente, típico de verão: *ainda não está bom da quentura. Espera dar as 10h para ver a potência!* É nessa percepção que transcreve-se a fala de A. de 23 anos – 26-10-06 – ao se referir à pressão climática e a perspectiva de mudança de costume: *no puxirum só dá pra trabalhar até 11h. No período da tarde esquenta muito. Antes o puxirum era até cinco horas (17h). Hoje mudaram. O sol é muito quente, vai até 11h.* De fato, o esforço comum para concluir a tarefa objetivada é para ser concluída pelo período matutino. Em dias que a chuva ameniza o calor, sabem os moradores da região que: *num dia como esse o cara trabalha desconforme.*

Na busca de compreender o esforço desenvolvidos pelos participantes do puxirum e associá-lo à teoria o pesquisador não fica de fora e quando em atividade se controla quando chega a 87% da frequência cardíaca máxima exigindo pausa de recuperação. A leitura dos dados nos coloca em contato com o ajuste de aclimação (McELROY, TOWNSEND 1979;

WEINECK 1991; MORAN 1994; POWERS, HOWLEY, 2000; FOSS, KETEVAN, 2000; ROBERGS, ROBERTS, 2002; McARDLE et al, 2003). O tempo de minha estada indica não ter sido o suficiente para adaptação ao esforço e à técnica no manuseio da ferramenta, pois: *quem está acostumado a trabalhar não se cansa mais*, diz o sujeito, antes observado, agora observador, com o ar de advertência: *não se maltrate, branco*.

Não só o pesquisador que sente o efeito do esforço não comum em seu dia-a-dia. Na opinião da plantadora, quando lhe pergunto: Dona L. o que a senhora sente à noite após o dia no puxirum? *Não sei se durmo ou desmaio. Dá muito calor no corpo. Acho que vai doer muito minha coxa hoje e vários dias. É o primeiro puxirum do ano. É muito movimento, é muito sol, não tem como não ficar doída*.

O depoimento permite-nos entender que, embora os moradores dessas comunidades estejam em constante atividade corporal, intervalos longos de uma mesma atividade descontinua o processo adaptativo. Os músculos adutores da perna, por exemplo, são muito mais solicitados, a alguns, quando na época de subir no açazeiro. Embora haja grandes grupos musculares exigidos nas atividades diárias de homens e mulheres residentes na área de pesquisa, o retorno a uma prática não executada por longo tempo deixa o corpo fadigado: *Quando é o primeiro dia de plantar dói todo meu corpo. Não é nada, mas é um tal de levantar a perna*, é o que comenta a plantadora.

No que se refere à atividade com uso do machado e da enxada, a adaptação ao esforço, de característica aeróbica, intensidade submáxima e os períodos de intervalos mais longos – atividade intermitente – permitem ao cortador a permanência derrubando árvores ou cavando, o que significa um ritmo ajustado ao meio e à atividade, (MATOS, 1996). Pelas informações, com base na literatura (HOLLMANN, HETTINGER, 1983; WEINECK, 1991; McARDLE et al 2003), pode-se considerar as atividades analisadas como trabalhos intermitentes, isto é, com aplicação de cargas dosadas pelo próprio executante e pausas prolongadas de cinco a dez minutos. Ao se referir a carga dosada, é importante entender que existe por trás disso um aprendizado iniciado quando criança e estendido à fase adulta, que impõem o ritmo à atividade de maior exigência física.

Do ponto de vista fisiológico, as pausas representam:

Recuperação orgânica, que permite aos homens que derrubam a mata e cavam o chão a permanecer nas atividades por períodos prolongados (duas, três ou mais horas);

O fator umidade, em temperaturas elevadas, reduz a taxa de evaporação e, conseqüentemente a perda de calor para o esfriamento do corpo (WEINECK, 1991; WEISS, MANN, 1991; MORAN, 1994; POWERS, HOWLEY, 2000; FOSS, KETEVAN, 2000; McARDLE et al, 2003), o que torna as pausas para beber água importantes na prevenção da desidratação, evitar a perda de sal pelo suor e o superaquecimento, contribuindo, dessa forma para a termorregulação do corpo.

Do ponto de vista sociocultural, a cada pausa, no grupo reunido alguém conta piadas, histórias e acontecimentos do cotidiano de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Metáforas provocadoras aludidas a assuntos de mulher, de esforço, comparações etc., proporciona divertimento e gargalhadas ouvidas no roçado. Como de “costume”, os fuxicos (fofocas) permitem aos integrantes do puxirum tomarem conhecimento das particularidades acontecendo na vida de seus pares. Após alguns minutos de recuperação, com aproximação das plantadoras e de outros cavadores, aqueles que já descansaram retornam a atividade. Manter a posição dentro do jogo de força é importante como referência no contexto dessas comunidades.

Considerando as condições climáticas do Amazonas — quente e úmido — o trabalho aeróbico contínuo e intermitente de baixa a moderada intensidade, aprendido na base da estrutura social, sugere um ajuste de homens e mulheres ao meio, permitindo-lhe a manutenção e a reprodução da unidade familiar (MATOS, 1996). Nossa opinião é reforçada por Hanna e Baker, citado por Moran (1994, p. 341), ao mostrar que os povos tropicais desenvolvem “um ritmo cardíaco reduzido para níveis moderados de atividade”.

A experiência consecutiva de anos trabalhando em sol a pino permite hoje, com maior evidência, aos homens e mulheres de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina se posicionar favorável aos dias com temperaturas amenos: *Graças a Deus o dia está brando. Choveu ontem e a cinza sentou. O dia está bom pro puxirum.* Da mesma forma é o período matutino, quando o sol ainda não esquentou, sabe-se que o rendimento por horas trabalhadas é maior que no período da tarde, quando o sol intenso exige mais consumo de água, mais tempo de recuperação, principalmente nas atividades de maior esforço físico: *Deus queira que o dia fique assim*, fala a anfitriã, ao se referir ao tempo brando, ou ao contrário, em dia quente e o esforço do cavador onde fica implícito a necessidade do corpo estar nutrido.

O calor e umidade da região amazônica levam aos seus habitantes a utilizar pouca roupa, o que possibilita minimizar o calor (WEINECK, 1991; LADELL, citado por

MORAN, 1994; POWERS, HOWLEY, 2000; FOSS, KETEVAN, 2000; McARDLE et al, 2003) e se ajustar melhor ao meio, no entanto, trabalhos executados em áreas de muitos mosquitos (carapanãs), espinhos, capins e arbustos cortantes, exigem desses homens roupas que lhes possibilitem maior proteção, e é percebido, pelo observador de fora, o desconforto que esse tipo de vestuário proporciona em dias quentes.

2.5 Ainda sobre o puxirum

O puxirum vimos que é uma prática costumeira onde a relação de interdependência compromete os participantes uns com os outros a trocar o dia trabalhado, mas nem tudo é harmonioso na figuração de Bicó, Canela-Fina e Cuiamucu. Como você avalia o resultado do seu puxirum? *Não acabou. Me lograram muito*, é o que comenta G. de 31 anos – 27-10-06 – insatisfeito com o resultado do trabalho. Sabe que terá de fazer mais despesa para promover outro puxirum.

Na relação de interdependência se observa o sucesso no plantio. A participação de vinte, quarenta ou mais pessoas num puxirum mostra o quanto o anfitrião é bem relacionado, é o que se observa na fala de H. de 38 anos – 3-11-06 – *Muitas vezes quando a gente faz um trabalho desse, chega gente que a gente nem convida. Todos que chegam são bem-vindos*. De fato, pessoas, sem serem convidadas, participam do puxirum pois sabem, conforme manda o costume, que vão ganhar dia. E armazenar ou computar dias ganho é uma estratégia para os moradores avançarem seus trabalhos quando necessário for. Há uma notória “satisfação” em contribuir com o companheiro. É óbvio que não é de graça, assim ao precisar, chamará a quem ajudou para lhe restituir o dia trabalhado, entretanto, famílias que não ou participam pouco, contribuindo com os membros da comunidade, logo têm a resposta. No dia do seu puxirum percebe-se a lição que os comunitários lhes dão: *eles só querem ser ajudados, mas não ajudam*. Quando não vêm seus convidados, você vai no puxirum deles? *A gente também não vai, porque não vai pagar dia*, é o que comenta – 8-11-06 – F. T. de 22 anos

Um dos problemas do puxirum é quando alguém marca com antecedência o dia de sua atividade. Já fica “agendado” na memória dos convidados o dia do evento, mas, outro

indivíduo “sem” querer prejudicar o plantio da roça de seu conhecido, marca para a mesma data o seu puxirum. Tais inconvenientes, no desenvolvimento de atividades onde a troca de dia é a força motriz e psicológica que auxilia os moradores de Cuiamucu , Bicó e Canela-Fina a expandir sobre a mata e torna mais terras cultivadas, interfere na programação dos anfitriões. Coincidindo dois ou três puxiruns no mesmo dia, as famílias participantes têm que se dividir. A mulher vai para um, o marido para outro e os filhos, se houver, são encaminhados a outro, com o direito de ganhar o dia. *Cadê o C.? Está no D.*, responde a mulher, ganhando o dia no puxirum.

Quando alguns convidados não cumprem com seus compromissos, o resultado pode ser observado na organização do puxirum, que nem sempre é concluído no mesmo dia, como pode ser observado na fala de A. de 23 anos – 26-10-06 – *se pudesse acabar hoje seria melhor. Eu ainda vou plantar sozinho e fazer outro puxirum. Mas por que você acha que não veio muita gente? Porque teve outro puxirum do colega que deu junto. Se não fosse isso, daria muita gente. A gente ajuda os amigos pra ajudar a gente, mas quando tem dois puxiruns, tem que se dividir.* A afinidade, o apego afetivo, entretanto, tem forte influência na decisão na hora de optar pelo puxirum a participar.

Cabe ao anfitrião servir bem seus convidados, caso contrário, a comparação é feita no dia-a-dia. Os comentários desfavorecem àqueles que não tiveram essa preocupação. O período de outubro e novembro há semana onde todos os dias, com exceção do sábado e domingo, é preenchido na “agenda” dos moradores de Bicó, Canela-Fina e Cuiamucu, o compromisso com um novo puxirum. É praticamente inevitável traçarem comentários desse ou daquele puxirum onde os participantes foram mal recepcionados, ou a lentidão dos participantes por falta de motivação, criada pelo próprio anfitrião foi um dos motivos do insucesso do mesmo.

A boa relação do anfitrião em colaborar com seus pares permite mais sucesso do que fracasso, trazendo ao seu puxirum a soma de trinta ou mais pessoas. Com dezoito cavadores, dezessete plantadoras, aguadeira, etc., o puxirum mantém um nível agradável de motivação. No horário de pico do sol – entre 10h e 11h – quando o cansaço já se mostra na face de alguns e o suor banha o corpo dos cavadores, com a “monotonia” querendo se manifestar ao som do toc toc dos cortadores de maniva e do tum tum da enxada cavando a terra e levantado poeira, surge frases de ordem – *Umbora seus homens que está dando preguiça* – agitam os participantes. Estimulados continuamente, concluem a atividade e a certeza, dali sairão bons comentários.

É possível identificar mudanças na concepção de alguns que poderá afetar futuramente o envolvimento dos participantes no puxirum. Se a ajuda mútua e a solidariedade podem ter sido constatadas, em determinada época, como uma característica de populações como as residentes em nossa área de pesquisa, é bom que não sejam consideradas como imutáveis, como uma dádiva sem uma condicionante, como já mostramos e vamos reforçar.

O puxirum, querendo ou não enxergar, é uma conveniência, pois *se faz o trabalho de 10, 20 dias em três a quatro horas*, em outras palavras, o “enfadonho” ou a rotina do trabalho da roça por vários dias, conforme a experiência tem mostrado, faz do puxirum um meio mais rápido de concluir o plantio, mesmo sabendo, o anfitrião, que terá de pagar todas as diárias em outros puxiruns, pois, entre outras vantagens do puxirum, dá-se ênfase à sua característica animada, ao ser reforçada pela fala de N. de 31 anos – 26-11-06: *trabalhar só em família não é gostoso. E o puxirum é mais divertido. Se é para eu ficar trabalhando um mês, a gente faz em um dia. É a vantagem*. Para o resultado do plantio satisfazer os anfitriões, vai depender do empenho dos participantes, associado à generosidade da natureza. O puxirum, antes de tudo, *é o meio mais rápido de fazer o trabalho em um só dia. É fazer vantagem em só dia*, fala E. de 49 anos.

Se houvesse, pergunto à Dona I. de 62 anos, pagamento em dinheiro, em vez de troca de dia, as pessoas iriam para receber ou trocar dia? *Tem muitos que são amorosos pelo dinheiro, mas têm muitos que não tem com que pagar e trocam o dia. Se todo mundo tivesse como pagar, chegaria mais gente*. As evidências sugerem que o trabalho em grupo – puxirum, mutirão – ainda é a força de algumas sociedades cujo grau de diferenciação ainda não é tão evidenciado em sua organização social. Há sinais de mudanças na medida em que a monetarização e a individualização avançam em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. A interdependência, o que nos parece, é uma conveniência dessa força mútua: entre um puxirum pago em espécie e outro em troca de dia, qual o mais procurado? *O pago*, responde I. de 30 anos, entretanto *a gente não tem um ganho para pagar na diária*, nesse caso a importância do puxirum recai na *troca de dia. Um ajuda o outro*. Segundo a percepção de D. de 30 anos – 30-10-06 – *vai chegar o tempo que será só para quem tiver dinheiro*.

Mudanças são perceptíveis na área de pesquisa e a contribuição que o Governo vem contribuindo para esse fator. O amparo social – aposentadorias, bolsa escola, seguro defeso, aposentadoria às pessoas com necessidades especiais – assim como o financiamento de projetos para formação de roças, aquisição de máquinas, ferramentas, construção de curral para bovino,

formação de pastagem, vem mexendo com as relações sociais no dia-a-dia de homens e mulheres de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, como comenta N. de 57 anos: *naquele tempo, começa a relatar, não tinha aposentadoria, o camarada trabalhava para se sustentar. Naquele tempo, os velhos andavam com roupa remendada, não tinham condições. As roupas eram feitas de pano (o informante refere-se ao fato de não predominar a roupa de fábrica). Hoje as pessoas compram prontas. Os velhos estão com mais capacidades (financeira), já fazem casa na cidade. Agora tem bolsa escola. Tem gente que só vive à custa do Governo. Tem casa que tem dois ou três que recebem um dinheirinho do Governo. Tem outra casa que tem deficiente, maluco, que recebe aposentadoria e não querem nem mais trabalhar.*

A entrada de recursos na área de pesquisa vem contribuindo para o “repensar” da troca de dia. Por enquanto, o costume continua. E traz-me à memória, o período de 1995 e 1996, quando eu fazia coleta de dados para a tese de mestrado e encontrava crianças – meninos e meninas – na companhia de seus pais exercendo a função de plantadora, maniveiro ou simplesmente brincando no roçado simbolizando suas viagens ou ainda, a criação de gado que imaginava ter. Hoje, 2006/2007, vê-se, aqueles que foram crianças, são pais de famílias e em sua companhia, seus filhos. Na seqüência das gerações: avós, pais, filhos e netos todos se encontram na mesma atividade. Obviamente, na seqüência do desenvolvimento infantil, não se sabe o futuro dessas crianças. O envolvimento delas na atividade, são indícios que nos mostram a sua entrada na cadeia de interdependência social, econômica, emocional e ambiental. Na dinâmica figuracional de, Cuiamucu, Canela-Fina e Bicó há evidências do processo de diferenciação socio-cultural em curso.

Vimos que o puxirum é a reunião de muita gente e o ajuri de menos. A força motriz da reunião de muita gente, junto com o uso do fogo, foi visto como uma forma das famílias expandirem suas terras para trabalhar. Nesse sentido, famílias cujo o número de filhos soma o total de quatro, seis membros é ainda vantajoso na perspectiva, desde que organizada, de ampliar mais e mais suas terras para plantar. Famílias com quatro ou cinco pessoas, por si só, ao se reunirem, promovem o ajuri, como comenta H. de 38 anos – 3-11-06 – *aqui tem família que não faz puxirum. Planta sozinha. E por quê? No puxirum tem muita gente e alguns plantam bem, puxam bem a terra, mas outros não plantam bem e morre muito. A gente plantando é melhor; é mais demorado, mas a gente planta bem e morre pouco. É só ver a nossa roça, morreu pouco, é o que comenta R. de 42 anos – 7-11-06 – diferenciando-se em busca de maior produção.*

Comentamos que em família *o trabalho é mais sério e o puxirum é mais divertido. Com diversão o pessoal não sente o baque.*

Em muitas comunidades pelas quais andamos, temos observado famílias cujo o número de filhos permeava cinco ou mais era vantajoso. Atualmente, o Governo Federal, por meio de seus agentes de saúde, preocupado com o “grande” número de filhos em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina vem cada vez mais estimulando o controle de natalidade distribuindo preservativo e anticoncepcional. E por que isso? É o que comenta dona R. a agente de saúde de Bicó – 14-8-06 – *é porque tem muitas mulheres que não querem operar (fazer laqueadura). Tem muita mãe que não sabe cuidar das crianças, não dão banho, não corta unhas.* Qual é o objetivo desse controle? *É por causa da gente tem tanto filho e a condição financeira não consegue educar as crianças aqui no interior.* Por que fazem o controle de natalidade, pergunta-se à dona L. agente de saúde de Cuiamucu – 20-8-06: *O máximo de três filhos para poder educar. A mulher nova tem muito problema.* E assim, seguem os agentes de saúde, os mandamentos do Governo, não estando muito claro o que há por trás desse controle, entretanto, a higiene, a posição social, a exigência do educar são indicadores de mudanças, expressos na fala das informantes.

Aproveitando o espaço, faz-se um breve comentário sobre a bolsa família. As pessoas que as recebem devem se submeter principalmente a duas condicionantes importantes impostas pelo Governo: estar vacinado e freqüentar a escola. Higienização e alfabetização, estavam a cargo, ou melhor, à vontade dos moradores das comunidades pesquisadas. Para o bem da população o Governo disfuncionaliza as comunidades estabelecendo critérios que reorganizam as ações das famílias dentro do calendário do Governo no que se refere a vacinação e receber a bolsa família na sede do município. A meninada que era encontrada em maior número nos puxiruns, hoje deve estar na sala de aula. Da mesma forma, gozar dos benefícios da bolsa só para quem vacina os filhos. O parto antes era feito na comunidade e em posição agachada e pouco se dava ênfase ao pré-natal. Hoje, a parteira “perdeu” função e parto, em maior proporção, se deslocou para as mesas do hospital na sede do município. O pré-natal deve ser acompanhado de consulta médica em intervalos de três meses.

Como podemos observar na área de pesquisa há mudanças e diferenciação social ocorrendo, deixando mais complexa a organização social, mas ainda que isso venha sendo observado *quem tem família grande ganha*, quando na atividade do puxirum, isto é, se cinco pessoas da mesma família vão trocar dia com uma família que só é o casal, sem dúvida, esse

deverá restituir vários dias. Família grande, unida, organizada, com a força dos braços, é um referencial em Cuiamucu, Bico e Canela-Fina.

3. Criação de boi

Desde o momento em que o desmatamento na Amazônia tornou-se um ato “criminoso”, os moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina se empenham em criar boi. E o que tem a ver boi com desmatamento? Sabem os criadores que boi come capim e não o “mato”. Para ter boi é preciso ter pasto e a derrubada da mata é um fato, para plantar capim. A dinâmica figuracional na área de pesquisa tem impulsionado as famílias à expansão de suas fronteiras agrícolas para a criação de boi. A criação de bovinos, mostra-se como uma resposta aos resultados de práticas, na estrutura social, com ênfase extrativista.

Mas nem sempre foi assim. A memória, passada pela oralidade, nos ajuda a captar um pouco dessa história: *na minha época*, comenta E. 83 anos, *o boi que tinha era capivara. Agora não, agora (2007) tem*. Que época seria essa? É por volta de 1950/60, nos lembra R. aos 72 anos (2007), *que naquela época só quem tinha gado era da família J.T. e o M.M. Só eles tinham gado*.

Com a tendência para criar boi na região, aos poucos os moradores da área pesquisada os foram adquirindo. O sistema de sociedade que vigora na região possibilitou a muito deles a aquisição de animais e em menor proporção por meio de compra. Os relatos, comentários advindo dos ganhos com a venda de boi impulsionou a fronteira agrícola em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina na perspectiva: *o interesse de maior benefício é segurar as condições da gente. Outros produtos não dão mais, mas, o boi quando o aperreio chega, puxa pelo boi. Aqui só é dois produtos que está dando para se equilibrar: é o boi e a madeira. O resto é resto*. São os comentários – 14-0-9-07 – de E. 49 anos, que me faz lembrar o início de sua nova investida, ao trabalhar como um criador de fora, o qual possibilitou a participação nos lucros ao fazer divisão das crias.

Esse pensamento não se restringe a apenas uma pessoa, como pode ser observado na fala de A. de 59 anos – 4-10-06 – *a criação de boi ficou mais forte na comunidade. E por que o senhor acha isso? Acho porque quebra um galho pra pegar um dinheiro mais rápido*. Referindo-se à criação de gado A. 36 anos – 8-10-06 – comenta: *Eu acho que é porque se consegue o dinheiro mais rápido. Se for fazer outra coisa, até conseguir o dinheiro é mais difícil. Outro objeto, o casco, a madeira, tem o produto, mas não compram da gente. O boi, falam nele e*

o cara vai logo ver.

Para quem ainda não tem criação se observa a aspirações que está imbricada nela: *O boi dá dinheiro, outras coisas não.* É o que comenta P. de 24 anos – 14-8-06. Ela continua a nos dizer: *Eu estava dizendo para o J. (seu marido), se a gente tivesse campo a gente já tinha gado. Se tivesse campo, a gente arrendava.*

A criação de gado, atualmente, atende ou busca atender as aspirações, ou maiores aspirações, de homens e mulheres de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. Enquanto a roça de mandioca proporciona autonomia econômica e equilíbrio na balança de poder na estrutura social nessas comunidades, embora haja roças maiores do que outras, a criação de boi reflete o diferencial social em suas figurações. Não só a fala expressa como também a prática revela esse diferencial na estrutura social na qual a balança de poder desequilibra desproporcionalmente à medida que aumenta o rebanho de um e diminui o de outro; à medida que, em razão do gado, o compadre adquiriu motor de luz, motor de rabeta, televisão. A criação de boi tem permitido maior crescimento intensivo e extensivo na área. Aumentar o rebanho significa ter mais e mais campo para o gado pastar. Pasto para gado empurra a mata para o outro lado. Boi no campo, é ver “dinheiro” pastando.

No dia-a-dia, de casa em casa, vimos a roça perdendo espaço para criação de boi. Com a retirada dos tubérculos os agricultores se empenham no plantio do capim para se tornarem “também” criadores. O certo é que a criação de gado está mostrando seu preço. Roça cada vez mais distante das residências, necessitando mais gasto energético para ir retirar os tubérculos e fazer a farinha. Em período de seca do rio, no verão de 38⁰C a 39⁰C é o momento adequado para se constatar as distâncias e “dificuldades” enfrentadas pelas famílias na busca de evitarem a escassez de farinha. Toda roça está para plantar capim? *Antes não era assim. Hoje, comenta (21-7-07) H. 38 anos, já se planta roça e quando tira vai plantando o capim. Em Bico a roça está lá, cada vez mais longe. Fica difícil. A retirada é nas costas. Não tem outro meio. Nas costas fica difícil.* De fato, como nós já comentamos, na prática da cultura itinerante a área, após retirada a mandioca, era abandonada por três ou mais anos, para se recompor e depois ser novamente trabalhada. Com a intensificação da criação de gado, na retirada da mandioca vai-se plantando o capim. Dessa forma área não é mais abandonada, ela vira pastagem permanente.

A busca em fazer roça em áreas distantes se justifica no momento em que a criação de boi mantém-se no “tradicional” sistema extensivo. Em sua característica natural de

andarilho, o boi rompe com as fronteiras espaciais definidas apenas na imagem mental e visual das famílias de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. Nelas, encontramos famílias que ainda se arriscam a fazer roça sem cerca, acreditando no “raciocino” dos bovinos. Para reforçar nossa observação pergunto ao H. de 38 anos – 21-7-07 – A criação de boi na comunidade é feita muito à vontade? *É solto mesmo na natureza.* E isso gera conflitos? *Algumas partes. Sempre, sempre acontece algum descontentamento.* E complementa H., ao se referir aos prejuízos causados pelos animais na roça de alguém: *As pessoas trabalham só pra comprar farinha.*

Outros fatores relevantes devem ser observados na criação de boi no sistema extensivo. O criador, deposita enorme confiança na natureza, no que se refere à sua geografia e abundância de pasto natural. Na área pesquisada, em período de seca do rio, a terra torna-se um contínuo e as limitações financeiras “dificultam” aos criadores a construção de cercas, mas não só por isso, pois estrategicamente limitar seu rebanho em pequeno espaço físico pode levá-lo à necessidade de fazer pasto. O período da vazante do rio já é esperado pelos criadores. É um período em que a abundância de capim e sua boa qualidade engorda a boiada emagrecida, muitas vezes, pelo escasso pasto de terra firme. Em grandes áreas de pastagem natural bois de dois ou mais criadores se misturam. Reconhecê-los é uma competência do vaqueiro quando vai tocar o gado para o curral. Essa característica de andarilho impõe aos criadores maior vigilância. Sabem eles que o *caboclo medonho* está à espera para sumir com o boi de alguém.

Ainda sobre o sistema extensivo há uma situação indesejada que advém da natureza. No início da vazante, o boi vem para terra de várzea com um apetite voraz e em algumas áreas, se observa na descida da água o capim novo vem surgindo e em seu emaranhado acompanham plantas tóxicas que chegam a causar prejuízos aos criadores. A mais importante e conhecida dos moradores de Cuiamucú, Bico e Canela-Fina é a chibata² (*Arrabidaea bilabiata* (Sprague) Sandw.), por ser abundante em determinadas áreas torna-se difícil a erradicação. “Basta” o animal comer e correr, para que a morte aconteça, mas, a experiência aconselha: *cuidado quando for tocar o gado. Não vai fazer os bichos correrem por causa do veneno, é o que recomenda E. aos seus filhos.*

A figuração geográfica muda tanto na cheia quanto na vazante do rio. Na vazante a terra se torna contínua e a boiada segue sua natureza em busca de pasto pelas margens

² Segundo Tokarnia et al, (1979), a gibata ou chibata, é a planta tóxica para herbívoros mais importantes das regiões de várzea da Bacia Amazônica, e a segunda em importância considerando toda a Região Amazônica.

de rios e lagos. No período da seca, onde o fogo foi intensificado a pastagem vem bonita, agradando aos olhos de quem cria boi. Alguns criadores não se preocupam em reunir o gado ao final da tarde. Os animais se alimentam do capim e vão ruminar à sombra das árvores. Onde anoitecem, lá ficam. No dia seguinte continuam a comer e andar. Se for área propícia a onça pintada (*pantera onça*), ela vai em alguma noite, fazer do boi, sua refeição. Se isso acontecer, não vai ficar de graça para ela. O couro da onça pintada ou da suçuarana (*Puma concolor*) esticada dentro da casa do criador de boi, o qual elas se atreveram a mexer no rebanho, virou símbolo de respeito ao caçador, como defensor dos seus bois e símbolo da superioridade humana sobre os não humanos. Em Bicó e Canela-Fina a pintada andou se deliciando de alguns bois, mas depois que a pressão dos criadores sobre os felinos se intensificou, elas ou as que sobreviveram, se mudaram daquelas áreas, por dois motivos: um deles foi a perseguição de caçadores, outra por expansão da área desmatada. Sabem os criadores que a mata fechada é reduto de feras e boi perto da mata torna-se comida. Assim, derrubar a mata e atear fogo em áreas de risco foi outra forma de empurrar as onças para outro lugar.

As áreas de pastagens naturais, comuns nas margens dos rios de água branca e água preta do Amazonas, muitas vezes são distantes da morada do criador. Em Canela-Fina, Bicó, e Cuiamucu o tempo de quarenta minutos ou de uma hora para chegar a área de pastagem faz parte do cotidiano do criador que “opta” pela criação em sistema extensivo. Soma-se a esse, o tempo de retorno e em outras ocasiões, o tempo necessário para achar bois que se distanciam do lote. Vaca que parir longe do lote, ou como diz na região, vaca ou garrote que ficam *imoitados* (na moita). Resumindo, o criador precisa, nesse ir e vir, duas a três horas para reunir o gado.

A vantagem da pastagem natural ao criador repercute no bolso. Sem necessidade de fazer investimentos, a natureza lhe proporciona capim abundante, mas a alegria, a comodidade dura apenas por seis meses, quando esse pasto submerge completamente e o gado tem de ser deslocado para terra firme. Diferente da várzea* onde há capim da natureza, a terra firme, exige a derrubada da mata e o plantio do capim para formação de pastagem. Hoje, com a maior monetarização, subentende que quem tem boi tem mais dinheiro. De fato, esse diferencial pode ser observado na criação de boi. Enquanto a troca de dia é uma prática costumeira para o plantio de mandioca, o mesmo já não se observa para plantar capim ou limpar o campo de ervas daninhas. A criação de gado tem fortalecido o pagamento em espécie do dia trabalhado, pois

* Na várzea há o pasto natural e há pastagem onde houve intervenção humana com derrubada da mata e uso do fogo.

quem cria boi, supostamente está usufruindo de vida melhor. Fazer campo implica pagar gente para trabalhar e começa a diminuir o costume de ganhar dia no campo do outro.

O ciclo da natureza e a lógica da criação de gado se “resume” em: na cheia os animais pastam em terra firme o capim cultivado e na vazante o capim da natureza. Vamos dar uma olhada antes que esse ciclo se feche. Por sua natureza, o gado guarda na memória, desde filhote, os caminhos percorridos pela manada. O vaqueiro, como de costume, em sua memória espacial, conhece os atalhos que os leva em menor tempo à área de pastagem. Caso não encontre os animais, procura, impresso no chão, as marcas das patas dos bois como indicadores do rumo tomado pela manada ou lote. Se no rebanho houver vacas “velhas” que naturalmente induzem a divisão em dois ou três lotes, o (s) vaqueiro (os) precisa (am) de maior empenho para reuni-los e colocá-los na trilha de volta para o curral. Já na trilha, os animais seguem sua natureza aos comandos: *boi, umbora, umbora; curral, curral boi*.

O rio começa a encher e, a figuração geográfica da terra vai mudando de forma a torna-se, em determinados trechos, descontínuas. No início a boiada quer comer e não dá muita atenção à água. Se a estrada de boi estiver encoberta pela água do rio, ele segue seu caminho com a água pelo joelho, e depois mais acima a ponto de ter de atravessar a nado em busca de capim na área de pastagem natural. Com a evolução da água surgem as “dificuldades” em ir à procura da boiada. Por água e por terra a boiada é tocada de volta para o curral. Se o período for de muita chuva, em curral lamacento boi não entra, e fica à vontade próximo a casa, a bem ruminar o capim ingerido durante o dia. Bem cedinho, sem porteira fechada, retorna a área de pastagem. Nesse ir e vir, os perigos são conhecidos, tanto aos bois quanto aos criadores que incubem seus filhos dessa responsabilidade. Por terra o avançar das águas pressiona animais na busca de áreas secas e entre eles a cobra surucucu (*Lachesis muta*) é a mais temida por sua natureza peçonhenta. Por água o perigo vem da ferroada de arraia ou o choque de poraquê – peixe-elétrico (*Electrophorus electricus*). Se a área for morada de pintada – onça-pintada – o rebanho poderá ter algumas baixas como já comentamos.

A criação em sistema extensivo torna as margens de rios e lagos vulneráveis aos objetivos e metas de criadores. É de seu conhecimento que boi engorda comendo capim e na escassez desse não há como aumentar o rebanho. A cheia do rio permite observar a capacidade funcional da pastagem natural. Quanto mais rápido a água “engolir” essa pastagem, mais área precisa ser derrubada e preparada para que o capim, na próxima cheia, já tenha encoberto mais

terra e sirva, por mais tempo, à pastagem de bois.

Como já discutimos anteriormente, no pico do verão, com a vegetação ressecada, é comum observar margens de rios em fogo ou por onde ele já passou. Fazer campo para gado à base de fogo é uma prática que faz parte do costume local. O fogo, segundo Goudsblom (1992), não tem objetivo definido, por onde passa, devasta. Ele queima o desejado e o indesejado, por exemplo: árvores que em frutificação, na época da cheia, alimentam os peixes nos igapós. Assim, ano após ano, entre a enchente e a vazante, a área de pastagem, às margens de rios e lagos vai aumentando mais e mais, em consequência da diminuição da alimentação dos peixes e redutos para sua procriação. Alguns rios sofrem as consequências do assoreamento.

Em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina é comum a apropriação da força da água por seus moradores. A cheia do rio é esperada por aqueles que objetivam expandir a área de pastagem, para isso roçam e depois derrubam o igapó (a mata submersa na época da cheia), assim que o rio começa a subir. Sabem os moradores que a vegetação submersa será afogada pela água e não terá chances de sobreviver. Assim que seca o rio, a área está pronta para ser queimada ou plantada.

A queimada se intensifica principalmente no período de estiagem, pois no período chuvoso pouco se vê queimadas. Em viagem, com destino a Boa Vista do Ramos ou Maués, o observador pesquisador ou o visitante, detecta através da percepção olfativa e visual o cheiro e a fumaça proveniente de queimadas que se estendem ao longo dos rios. Deixando o barco de linha, o pesquisador a remo, em sua canoa a deslocar-se pelos rios e lagos da área de pesquisa, depara-se com o efeito do fogo por meio de fumaça ou o ruído característico quando em conflagração na mata, capoeira ou na margem do rio que queima a vegetação e outras formas de vida. O fogo, no sentido de tocha, ateadado nas margens dos rios tem função de limpar a terra ao queimar a vegetação secundária, para em seguida, após a enchente, a pastagem natural venha ampliada.

Há necessidade de sairmos da observação in loco na qual a percepção olfativa e visual são nossos guias. No processo de integração em curso, a discussão ambiental em processo, não existe área da região Amazônica a se esconder da fiscalização a olho nu e do “olho biônico” proporcionado por tecnologia de longo alcance, isto é, a fiscalização por intermédio de satélite. No bojo da fiscalização ambiental é provável que, em havendo, se houver acompanhamento das atividades em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, uma interferência em suas práticas, cujo “regime”

do fogo ainda se faz presente. Desmatar e queimar áreas onde a fiscalização não alcança os olhos ainda é um fato na dimensão territorial do Amazonas. Queimar as margens de lagos para fazer pastagem está imbuído nessa realidade. Lagos não alcançados pelas pernas dos homens da lei, são alvos da ação do fogo ateado por outros homens. Se as pernas não nos levam até lá, a natureza traz para cá, a fumaça da conflagração.

O Estado estipulou, por meio da Medida Provisória n.º 2.166-67 de 24 agosto de 2001, Art. 16, 'I – que oitenta por cento da propriedade rural situada em área de floresta localizada na Amazônia'* deva ser mantida. Na área de pesquisa, se for aplicada a lei, pode ser constado alguém a ser responsabilizado em fazer o reflorestamento. Para quem está criando gado e possui 30ha de área, deve se limitar aos 6ha desmatado conforme manda a lei. Tecnicamente se recomenda de dois e no máximo três bois por hectare de campo. Nessa regra, o criador se limitaria a criar no máximo 18 animais, ficando sem área para roça. Isso nos faz levantar outra questão, o fato de o plantio da roça que tem a tradição de cultura itinerante, deverá ser um problema a ser resolvido, pois já foi relatamos, assim que vão tirando a mandioca, a área vai sendo ocupada por capim. Como há aqueles que têm muita terra e ainda, contam com terras devolutas para derrubar, isso ainda não acontece como manda a lei. De qualquer forma pressões externas quanto à criação de gado no Amazonas vêm acontecendo e os moradores de Bico, Cuiamucu e Canela não estão excluídos, pois mesmo que desconheçam, o criador faz parte de uma figuração que exige organização, dentre elas a erradicação da febre aftosa do rebanho bovino brasileiro.

Para que isso ocorra, a vigilância sanitária deverá percorrer a área, localizando os criadores com os dados obtidos mediante georeferenciamento (GPS – Sistema de Posicionamento Global). Os dados obtidos através do georeferenciamento vão poder localizar a propriedade, o proprietário, assim como o número de gado no rebanho. Em suma, todo o rebanho do Amazonas tem de ser vacinado pela agulha do “governo”, pelas mãos dos funcionários do governo e não como se fazia antes, quando entregava-se a vacina ao criador e ele se responsabilizava em vacinar o rebanho, o que não permitia ao Governo pleno sucesso na campanha contra aftosa.

No meu modo de entender, creio que a vacinação da febre aftosa não teve o sucesso esperado em outros tempos por ter sido deixada nas mãos de criadores. Seria contundente

* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm

generalizar, mas há aqueles criadores que aplicam a vacinação, e por mais que seja simples, não dominam sua técnica. Por sua vez, há escassez de equipamentos adequados para a vacinação, da mesma forma o transporte da vacina, vindo da sede do município, em caixas de isopor sob a intensidade do calor no período de verão. Criadores saíam pela manhã e chegavam à tarde para vacinar o gado no dia seguinte, se já estivesse reunido no curral, pois no sistema extensivo o gado nem sempre é preso. Outro agravante é vacinar o gado um por um no sistema de laçar. Quando o horário das 10hs o sol já está “queimando o couro”, o gado preso no curral fica estressado, querendo sair para comer.

Outro problema observado é gado que nunca entrou num brete de contenção, fica irritado no dia da vacinação, pois é forçado a fazer algo que não faz parte de seu hábito diário. O descuido com a higienização das agulhas e conservação da vacina no calor do verão compromete a eficácia da vacinação. Talvez precise ser reforçado de nossa presença no dia da vacinação. Cheguei a colaborar tocando o gado à força para dentro do brete. Em outro dia, da experiência de técnico em agropecuária, pude colaborar com o criador e mostrar que boi também se condiciona a entrar no brete de contenção sem se estressar. Gradativamente com uma semana de antecedência, boi a boi, sem restrição, deixou sua natureza de lado e aprendeu, a entrar no brete de vacinação seguindo uma trilha de sal. O criador pode observar que a força não é a melhor solução para se ter uma boiada higienizada. Infelizmente, no dia-a-dia da vacinação, chega-nos por meio de fuxico, que alguém simplesmente esvaziou o frasco de vacina, pois não se deu ao trabalho de ir atrás do gado.

Embora em épocas anteriores a campanha de vacinação não tenha atingido os 100%, há uma tendência de recuperação e o movimento nacional para erradicação da febre aftosa, advinda de pressão econômica do mercado externo e interno, que deverá responder à formação de uma consciência do criador ao tratar com o gado no que se refere ao manejo tecnológico: prevenção, higienização, curral, pasto, cercas. Vemos com muita clareza nesse movimento, o processo de diferenciação que avança em Cuiamucu, Bicó e Canela-Fina. Poderemos identificar, daqui a algum tempo, os sujeitos de quem falamos nesta pesquisa. Em se cadastrando pelo sistema georreferenciador, o criador deve seguir regras para trabalhar a terra e manutenção de seu rebanho. Na figura da área de pesquisa o diferencial nas relações interna e externa de grupo, deverá refletir naquele que buscar a maior e melhor forma de se organizar.

Sinais dessa organização já se vê na construção de cercas. Há de entender que

cercar a área de pastagem não tem o simples objetivo de manter o rebanho sobre controle ou sob o olhar do criador. A cerca é uma forma de manter boas relações de vizinhança. Quando tudo está em seus devidos lugares, aparentemente, o extromante é um bom vizinho. A pressão sob a construção de cercas veio devido às reincidências de prejuízos causados pelo gado no plantio de mandioca. O agricultor passou a ter maior conhecimento de seus direitos ao ser lesado e ganhou, em juízo, alguns sacos de farinha do criador, seu bem conhecido vizinho, por ter deixado o gado invadir sua roça. Fica acordado na comunidade, aquele que estiver no prejuízo, avisar por duas vezes o dono do gado, se houver reincidência, um dos animais é laçado e mantido preso. Só é solto se for restituído o prejuízo ou caso contrário, o boi laçado fica como pagamento.

Se as regras da Medida Provisória n.^o 2.166-67 forem mantidas e as propriedades das comunidades de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina forem fiscalizadas, talvez chegue um momento em que o criador, para continuar a criar gado e desejar aumentar o rebanho, deva optar por tecnologia, no qual o sistema de manejo de pastagem, já colocada em prática na região pelo Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam), seja uma saída. Da mesma forma, a tecnologia do desenvolvimento de capineira – capim de corte – poderá proporcionar a esses criadores a otimização de seu espaço físico, assim como mais ganho de peso por animal, menor nível de estresse físico e menores riscos de acidentes e perdas de animais. Situação essa não constatada no sistema de criação extensiva, praticada na área pesquisada. Não esquecendo que o emprego de tais técnicas envolvem maiores investimentos financeiros e conhecimentos. Mais organização e diferenciação, maior o nível de complexidade na estrutura social que estão em curso.

Famílias que passaram a investir na criação de boi, nos faz observar o direcionamento que tomam em função de ampliar sua criação. Em muitas delas se detecta a responsabilidade que os filhos passaram a ter com o investimento da família. Os pais têm delegado aos filhos, da criança ao adulto, funções pertinentes a criação de boi. Uma delas já comentamos que é encarregar algum dos filhos para reunir a boiada e prender no curral. Entre outras, está a retirada de leite pela manhã, do qual se pode fazer coalhada, queijo, tomar no café, misturar no mingau. O envolvimento dos filhos que vai de reunir o gado no final da tarde, separar os bezerros para ordenhar uma por uma das vacas que fornece o leite, higienizar algum ferimento, entre outros cuidados que precisa ter na criação exige tempo em sua execução. Em resumo, o que estamos tentando transmitir é o fato de que a criação de boi, quanto mais se aproximar de padrões

de produção, vai “sugando” o tempo dos pequenos ou jovens aprendizes para a prática de determinadas técnicas de pesca e caça, que estaremos apresentando a seguir. Tais atividades, como vamos apresentar, exige do caçador ou do pescador conhecimento, habilidade, percepção entre outras qualidades a serem desenvolvidas e aperfeiçoadas na continuação de suas práticas. O tempo exigido para criação do boi, advindo do aumento do rebanho e da complexidade de sua organização, vai aos poucos sucumbindo com o tempo que o tornará um bom caçador ou pescador.

3.1 Assim, ainda se cria boi e assim, ainda se mata boi:

Laça-se o boi e prende-o num mourão ou num tronco de árvore. A corda é amarrada no mourão deixando a cabeça do animal baixa, no ponto de receber uma, duas ou mais porretadas de pau ou com o verso do machado. A dor é percebida pela intensidade do mugido do boi. As pancadas adormecem o animal e o faz ajoelhar. A ponta afiada do facão é introduzida, pelo matador, na nuca do animal (atrás do chifre) cortando-lhe músculos e medula espinhal. É quando sem forças o boi tomba e os olhos arregalam, enquanto o sangue mancha o chão. Em seguida o desfecho final: a mesma faca agora é introduzida bruscamente atrás da pá, que se não acertar de primeira, basta um pequeno vasculho e o coração, espetado em cheio, sangra. O sangue vem com maior volume e força. Se o observador/leitador ainda não sentiu a morte do boi, o matador, com a faca ainda picando o coração do animal, dá-lhe mais duas estocadas para ter certeza que a vida se esvaiu, ao ver os olhos arregalando e o corpo se entesar nos últimos suspiros. O matador não pode ter compaixão, pois não é seu coração que está sendo fustigado pelo facão. A morte do boi não pode ter significado afetivo para o matador. Caso tenha, é o boi que vai sofrer até que o matador, em sua fraqueza emocional, acerte pra valer na morte do animal, ouvir e ver sua clemência ao emitir mugido, tremor corporal e arregalar de olhos. A rigidez cadavérica logo vai tomar conta do boi se não retirarem seu couro, limpar as vísceras, esquartejá-lo e dividir a carne para cozer, assar ou guisar.

CAPÍTULO IV

1. Extrativismo animal e vegetal

*Envolvendo-me
Pude ver, ouvir e sentir
Felicidade e alegria nos humanos
Em distanciando
Pude ver, ouvir e sentir
Dor e morte dos não humanos
Mas é na memória
Que a dor e a morte
Continua a fustigar,
A alma e a razão.*

Este capítulo apresenta as práticas de extrativismo animal e vegetal direcionado para caça, pesca e produtos da floresta, especificamente a retirada da madeira em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. No capítulo anterior procurou-se mostrar que a “vocação” das famílias para criação de boi, captada na fala dos informantes e na observação *in loco*, sugere uma resposta às práticas extrativistas que “não” têm deixado pessoas mais ou menos ricas em tais comunidades, ou melhor, o extrativismo não tem suprido as novas aspirações que surgem nas unidades familiares ao observar as ofertas de produtos tecnológicos, de plásticos, vestuários que supostamente proporcionam maior conforto, qualidade de vida e posição na balança de poder ao adquiri-los. Enquanto o cultivo da mandioca “equilibra” as famílias na balança de poder, a criação de boi faz a diferença.

Ao tomarmos como critério de análise os conceitos de crescimento intensivo e extensivo, ao analisarmos as práticas socioculturais da criação de boi e do cultivo da mandioca, podemos ter uma visão de seus efeitos ecológicos ao deslocarmos os olhares para as práticas de caça, pesca e retirada da madeira. A força motriz advinda da ajuda mútua associada ao uso do fogo, fez expandir as terras agricultáveis, tanto em terra firme quanto em áreas de igapó. Na terra firme a mata foi empurrada para mais longe e com elas os animais silvestres. Na área de várzea o igapó derrubado e queimado deu lugar a pastagem, porém, reduziu o espaços de reprodução e

alimentação de peixes e outras espécies de animais que dependem desse ecossistema.

Nessa linha de pensamento vamos observar que o crescimento intensivo e extensivo impulsionou a pressão sobre a caça, a pesca e entre outros produtos a retirada da madeira, que é escoada das comunidades por via fluvial. Para tanto remeto o leitor ao assunto transporte. Ele nos proporciona enxergar a intensificação dessas práticas cujos resultados direcionam a uma rede de interdependência mais ampliada, proporcionada pela maior mobilidade dos membros das comunidades pesquisadas, assim como de maior mobilidade de indivíduos procedentes de outras comunidades e centros mais urbanizados. É observado que essa mobilidade não é simplesmente espacial. Pensando com Mello e Novais (1998), é também de ascensão social. O fogo e a força motriz foram utilizados para expandir, limpar e posteriormente cultivar a terra, possibilitando às famílias vida melhor. Posteriormente, fogo, força motriz e a incorporação de tecnologia advinda da industrialização – motosserra e o motor de rabeta – ao conhecimento de homens e mulheres de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, permitiu mais crescimento intensivo e extensivo e maior diferenciação social, com maiores impactos no meio ambiente.

O conhecimento do ambiente incorporado à potência da motosserra permitiu a derrubada da mata para a preparação da roça em menor tempo, mas impulsionou a retirada seletiva de espécies de árvores que já mostram sinais de escassez na área de pesquisa. A continuidade da extração das espécies, sem a preocupação de reposição, vai ser sentida pelas novas gerações, que talvez ao se envolverem com a criação de boi, não terão oportunidades de conhecê-las ou reconhecê-las ao adentrarem na mata. O pau-rosa é um exemplo pertinente para ilustrar, que em Bicó, Canela-Fina e Cuiamucu, pessoas adultas, de minha geração, não conseguem identificar árvores dessa espécie caso precisem ser encontradas na mata da região.

Nossa argumentação pode deixar de ser compreendida se não deslocarmos a atenção para a maior mobilidade ocorrendo dentro da área de pesquisa. A aquisição de motor de rabeta pelas famílias proporcionou suas idas e vindas, diariamente, à sede do município, ampliando as redes e as relações de interdependências que figuram na maior retirada da madeira, do pescado e da caça. Nesse sentido, podemos vislumbrar, através do crescimento intensivo e extensivo, o impacto ao ecossistema da região, que mantém a tradição extrativista. As redes de relações ampliadas configuram em maior retirada da madeira, pescado e caça.

1.1 Extração da madeira

Ao longo do trabalho teórico vamos dando ênfase que os moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina desenvolvem suas atividades conforme a manifestação cíclica da natureza. Plantar mandioca, criar boi são práticas desenvolvidas tendo como referência fatores climáticos cíclicos, e da mesma forma a caça, pesca e a retirada da madeira.

É com base no ciclo da água – enchente e vazante do rio – que vamos conseguir observar a pressão sobre a retirada da madeira. Em épocas anteriores, conforme mostramos na introdução, pode-se imaginar uma época de cem anos atrás onde os primeiros moradores deram início à comunidade de Canela-Fina e, sem dúvida abriram a mata para construção de seus barracos e posteriormente suas casas. A mata, assim como se observa ao adentrarmos cabeceiras de rios, dá para imaginar o quão próxima das residências se encontrava. Nessa época as espécies de árvores, identificadas como sendo madeira para as benfeitorias, não se encontravam distante. Quem na época viveu, não teve de conduzir de muito longe a madeira necessária para construir sua casa, mas, hoje a realidade é outra. Quem vive de retirar madeira para comercializar, espera, pacientemente ocupado em outras atividades, até que a cheia do rio, lhe leve para mais próximo da árvore que vai tombar para virar madeira, não só para servir ou atender aos moradores de Canela-Fina, Bico e Cuiamucu e, mas também à população que continua a crescer e precisa de casa para morar e fazer outras benfeitorias em Boa Vista do Ramos, Maués ou Manaus.

Os relatos históricos nos permitem visualizar as primeiras investidas de retirada de madeira na área de pesquisa. Foi pela década de 70, quando algumas pessoas, denominados por seus moradores de americanos por falarem outro idioma, extraíram madeira da região, deixando como lembrança a designação de Starok ao lugar onde foi tombada a maior quantidade de andirobeira (*Carapa guianensis*). A madeira em toras foi escoada em forma de jangadas pelo rio que banha a comunidade. Foi por essa época que a população conheceu pela primeira vez a força da motosserra. Não se pode deixar de observar nessa figuração as relações de poder estabelecidas no usufruto da madeira, assim como ocorreu com o pau-rosa.

Voltando ao presente, a fartura de madeira que se podia ver e escolher da “janela” de casa, já não é mais realidade. A construção de casas, barcos, casas flutuantes, currais para boi, canoas e cascos são construídas com madeiras seletiva para resistir ao tempo. Até pouco

tempo, quando o uso da motosserra era pequeno e raro de ser encontrado na área de pesquisa, o corte da madeira para tais benfeitorias se fazia a machado. A depender da força física e da técnica, havia maiores restrições impostas ao madeireiro. A potencialização da energia advinda da motosserra impulsionou a retirada da madeira e o crescimento intensivo e extensivo orientou o comportamento dos madeireiros. Nos centros mais urbanizados, a casa construída em madeira, em classe social de padrão elevado, é um diferencial social que pesa na balança de poder.

Na área de mata de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina em companhia de caçadores é observado um comportamento direcionado não só à caça, mas também a identificação de árvores que tenham valor de madeira. Não raro encontramos pela mata, impresso nessas árvores, as letras iniciais do nome das pessoas que as encontraram. O explorador torna-se proprietário da árvore em pé. Ele pode derrubá-la para retirar a madeira ou vendê-la em pé a outro madeireiro, levando-o pela mata até o local onde se encontra. Em regra, não é permitido, sem consentimento do dono, a retirada da madeira por outra pessoa, quer seja morador da comunidade, portanto, seu conhecido, quer sejam pessoas de outra região.

Esse detalhe ético, é de fundamental importância para conseguirmos entender que em determinadas figurações não é qualquer indivíduo/madeireiro a se apropriar do produto do outro sem que se instale tensões ou conflitos. Queremos ilustrar com isso que as apreensões de madeiras em toras, realizadas pelos órgãos ambientais, encontradas em madeiras no Amazonas, podem ter procedências de comunidades como a pesquisada, não extraídas por qualquer madeireiro, mas por seus moradores ou com ajuda deles. Nesse sentido, tem-se observado em Canela-Fina, Bicó e Cuiamucu, pessoas que migraram para a sede do município em busca de vida melhor, deixando para trás fortes laços afetivos em grau de parentesco, compadrio e amizade. Assim, quando precisam de madeira, nem sempre para seu uso próprio, voltam às suas comunidades onde encontram pouca resistência ou na maioria das vezes, não encontram nenhum empecilho para extraírem a madeira que almejam.

Árvores do tipo itaubeira (*Mezilaurus ita-uba* (Meissn.) Taubert ex Mez; maçaranduba (*Manilkara* sp.); pau-d'arco (*Tabebuia* sp.); piquiá (*Caryocar brasiliense*); cumaru (*Dipteryx odorata* (Aubl) Wild); jatobá (*Hymenaea courbaril* L. Var. *stilbocarpa* (Hayne) Lee et Lang.) e a título de informação, árvores conhecidas vulgarmente como cedro, louro entre outras de excelente qualidade e valor econômico convidativo, são as mais procuradas.

Em nossas andanças pelas matas encontramos itaubeiras já identificadas e assim, nosso companheiro pode deixar as suas iniciais em outras que tornaram-se de sua propriedade.

Não é na época em que o rio está no seu mais baixo nível que a retirada da madeira em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina se intensifica. A identificação e a localização, estudo prévio, pode acontecer por esse período, mas a retirada da madeira é no período da cheia do rio. Pode-se entender que à medida em que algumas espécies foram se tornando mais escassas nas proximidades das comunidades, seus moradores adentraram mais e mais a mata através das estradas de rios. Conforme se intensifica a retirada da madeira aproveitando as grandes enchentes que ocorrem no Amazonas, mais e mais difícil torna-se a sua retirada e o valor simbólico se eleva. Antes era utilizada a canoa a remo para buscar e escoar a madeira das “entranhas” da mata, hoje se abre o caminho no igapó para conduzir as tábuas, pranchões e peças de madeira com o uso da rabeta.

Lembro-me muito bem quando, em Bicó, acompanhei dois de seus moradores até a mata para retirar madeira para construção de um casco. A itaubeira se encontrava a uma hora e vinte e cinco minutos de distância de onde estávamos residindo. Depois de derrubada e partida ao meio, foi escavada em uma semana, para dar formato ao casco. Aproximadamente dois meses e meio esperou-se o rio encher para que a madeira, agora em formato de embarcação, fosse transportada pela mata por mais ou menos trinta minutos até chegar na água. A experiência que acumula em nossas andanças pelas matas em companhia de homens adaptados ao ambiente amazônico, reforça nossa posição em dizer que não é para qualquer indivíduo, sem condições físicas adequadas ao tipo de esforço a fazer isso. Não é, da mesma forma, para qualquer pessoa, alérgica a ferroadas e picadas de insetos a suportar seus ataques. Áreas do corpo desprotegidas para aliviar o calor do ambiente, por exemplo: a face, orelhas, nuca, pernas e braços são intensamente atingidas com picadas de carapanãs e mutucas. Quem esteve em meio à floresta ocupado com ferramentas escavando o tronco de árvore e o tornou embarcação, foi alguém que de antemão, estava adaptado à região.

Em companhia de um morador, também na comunidade de Bicó, pude coletar algumas informações, quando ele, de motosserra em mão, passou a ser madeireiro. O Sr. Z. – 20-4-06 – após chegarmos no “pé” da árvore que seria derrubada começa a relatar suas experiências: *O perigo na mata é na chegada. Às vezes pode ter cobra, escorpião, aranha que gostam de se*

esconder por baixo das folhas. A tiragem de madeira às vezes é por conta de quem contrata. Eu ganhava 25 reais na diária, para serrar jatobá, mas a comida, motosserra, gasolina, óleo era por conta dele (comprador). Em 2004 eu tirei 28 m³ de jatobá. Na continuidade da conversa o madeireiro nos informa da rede de interdependência que ele consegue enxergar. As peças, continua a relatar, de jatobá eram vendidas em Itacoatiara (município do Amazonas a 177km de Manaus). Ele (o comprador da madeira em Bico) tinha hora para chegar em Itacoatiara. Parava o barco (num ponto estratégico) e quando dava as nove horas (21h) ele saía para entregar a madeira (aos proprietários de madeiras). Todos que vendiam jatobá faziam assim. (o informante se refere às estratégias para ludibriar a fiscalização dos órgãos ambientais). Ele vendia o metro cúbico a R\$ 400,00.

Não paramos por aí, e o sr. Z. nos confirma o que comentamos acima sobre a venda da árvore ainda viva. *O S. (cita o nome do seu patrão) pagou para o Sr. N., vinte litros de gasolina em três jatobazeiros. Lá no B. ele também pagou três jatobás. Uma parte foi em gasolina e uma parte em dinheiro. Eu tirei um jatobá com o S. que de vinte e dois palmos (nesse caso o informante se refere a 22 palmos de roda ou circunferência, que transformado em metros calculamos aproximadamente 2m e 40 centímetros de circunferência, medida a altura do peito).*

Não é qualquer um que chega na comunidade e vai usufruindo dos produtos naturais ainda à “disposição” dos humanos. Os laços de amizade, de apego afetivo aos amigos, parentes e compadres se tornam resistentes quando o nós comunidade se sente lesado. Nesse sentido, o nosso informante Z., serrou madeira para um conhecido que por algum tempo foi proprietário de terra em Bico. Este, de posse de um bom barco, colocou a madeira dos jatobazeiros à disposição de uma rede invisível de interdependência funcional. Tal figuração vem orientando o comportamento de moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, para a continuidade da extração de madeiras nobres da região, mesmo sabendo da ilegalidade. O Sr. Z. não é, portanto, o único a retirar madeira. De Cuiamucu trago o exemplo de J. de 34 anos – que nos informa – 16-9-07 – a retirada de 170 peças de madeira. Segundo J. era *só de sapateiro* (nome vulgar). As peças tinham as seguintes dimensões: comprimento 2,5m; altura 10cm e largura 20 cm (2,5x10x20). Após serrada as peças, como escoar? O escoamento foi em duas fases. A primeira foi ter que trazer da mata para margem do rio e a segunda, já embarcada, levar para a sede do município onde o comprador o esperava.

Como a quantidade de madeira era grande J. foi à sede do município e fretou (alugou) um cavalo e duas carroças, os quais foram transportados por via fluvial até a área onde o trabalho iria ser realizado. Cada carroça comportava apenas cinco peças em cada viagem, fazendo o percurso da mata para margem do rio onde ia ser embarcadas. Além do trabalho de serrar, J. teve de abrir o pico na mata para a passagem das carroças. Para encurtar o relato, J. finaliza: *deu prejuízo e grande. No final o cara me logrou* (risada).

Os conceitos de crescimento intensivo e extensivo nos ajudam a compreender a exploração seletiva da madeira em Bicó, Cuimaucu e Canela-Fina. Com maior mobilidade e o processo de integração em curso as cadeias de interdependências se alargaram. Maior poder de compra e mais energia para extrair e escoar a madeira vem provocando maiores impactos ao ecossistema. Observando de forma indireta essas figurações, é possível entender no jogo de poder, forças de externas, outras figurações, exercendo tais pressões que culminam por “abalar” o ecossistema. No lado baixo da balança de poder, as pessoas direcionam seus comportamentos a essas as redes invisíveis, sem ter muita clareza de suas ações para o ambiente em que residem. Olhando em retrospectiva e para os fatos atuais, o entrelaçamento de objetivos e metas a serem alcançadas por muita gente, ao longo da história de Cuimaucu, Bicó e Canela-Fina, alguém, pensando com Elias (1980), “não” deve ser intencionalmente considerado provocador de danos ao ecossistema em prol de seus próprios benefícios, seja na retirada da madeira, queimada da mata, na caça ou na pesca.

1.2 Pescaria

No contínuo das práticas socioculturais desenvolvidas em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, a pescaria é uma prática básica de obtenção de proteína para nutrir a estrutura corporal de homens e mulheres. Num passado não muito distante, os “habitantes” dos rios nadavam mais “despreocupados” por terem menos predadores – pescadores – a lhes perseguirem. Pode-se imaginar uma época em que as investidas de uma família de quatro ou cinco membros pouco efeito se fazia sentir aos habitantes dos rios. Não é difícil observar hoje as margens de rios que se tornaram campo para pastagem do gado, ser antes grandes áreas de igapó, reduto propício à reprodução e alimentação de determinadas espécies de peixes. Não é difícil imaginar que outras comunidades surgidas em Maués, em Boa Vista do Ramos, a exemplo, dispunham de rica diversidade ictiológica ainda pouco abalada. Atualmente a realidade é outra já observada por quem viveu na abundância: *Quando estava com 23 anos, N. na presente data – 31-1-07 – está com 57 anos, a gente ia em baixo da frutinha e escolhia o tambaqui para arpoar. Só dava daqueles de dez, quinze quilos. Naquele tempo não tinha malhadeira. O que estragou foi a malhadeira. Hoje tem gente (aqui o entrevistado fala deles, outros pescadores) que não pesca, só coloca malhadeira. Não sabe pescar de caniço e arco e flecha. De primeiro era só haste, flecha e caniço, agora é só malhadeira. Tambaqui de três, quatro quilos não interessava. Hoje, quando o cara acha tambaqui de dois quilos na malhadeira ele já fica alegre.*

Estamos diante de evidências que atrelam a pesquisa de campo ao embasamento teórico. Nesse sentido, os conceitos de crescimento intensivo e extensivo, já discutidos na fundamentação teórica, orientam nossa análise ao visualizar em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, ações que vêm pressionando o ambiente, por conta da expansão de terras agricultáveis e o crescimento populacional, que não se limita a área pesquisada. Por outro lado, não menos importante é observar a mobilidade dos indivíduos que levam o pescado para ser consumido na sede do município. A aquisição do motor de rabeta pela população ribeirinha permitiu-lhes comercializar o pescado, se possível, diariamente.

Nesse processo surge o comprador de peixe. Membros de Canela-Fina e Cuiamucu têm sido referências como compradores do pescado provindo de lagos e cabeceiras que compõem a estrutura física desse ambiente. Após acondicionado na caixa de isopor com gelo,

o pescado é comercializado na sede do município. A ocupação de pessoas em outras atividades como a criação de boi, as atividades na roça, representar a comunidade em reunião na sede do município, não tem deixado tempo para sair em busca do peixe. Assim, espera-se que o pescador passe no porto de sua casa para lhes vender o peixe. Aposentados, professores ou outro indivíduo que tenha mais recurso financeiro, são sempre visitados por pescadores.

Não só o Sr. N. que reforça a discussão que estamos fazendo desde o início do texto, como também podemos captar nas informações passadas pelo ancião, o Sr. E. de 83 anos, cuja experiência de pescador lhe coloca numa posição de destaque social na comunidade de Cuiamucu: *de primeiro tinha muito peixe, se pegava de flecha, arpão, caniço*. Tais técnicas, pelo que indica a observação de E. de 83 anos, permitem um maior equilíbrio entre captura e procriação. Mas, continua o Sr. E., *quando apareceu a malhadeira, diminuiu o peixe. O que fez diminuir a fatura do peixe foi a malhadeira*. E continua, *no ano de 2006 fomos lá pro Borracheiro. Estava cheio de tambaqui. Levaram uma malhadeira e pegaram 64 de uma vez. Ruelo de dois a quatro quilos. Quando a turma (moradores da comunidade) soube (do lago que estavam os peixes), só pararam quando acabou*. Complementa E., com sorriso estampado na face: *Foi um lá que acabou. Jogou timbó*. O timbó é uma sapindácea que possui substância tóxica utilizada, contra as normas do Ibama, para envenenamento de peixes. Nesse caso nosso informante nos diz tudo: *foi um lá que acabou com tudo*.

Não vamos entrar na discussão de feitiço moral individual, pois nem sempre na comunidade se verifica a ação do *nós*, assim como nem sempre são o *eles*. Há, em determinadas ações o *eu* ou o *ele* que prevalece. Dito isso, vamos observar na fala dos nossos informantes a incorporação de aparatos tecnológicos que intensificam a captura de pescado. Enquanto a pescaria de arco e flecha, anzol e arpão talvez tenha mostrado pouco impacto ao ecossistema, a malhadeira não poupou as espécies, portanto, nas profundezas do rio, para o pequeno ou grande peixe, há malhadeira tão resistente, que “não” deixa escapar qualquer ser vivente.

Mais pessoas, aparatos mais sofisticados, maior mobilidade, maior possibilidade de conservar o pescado e maior “liberdade” de agir na figuração onde está inserido, pescadores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina têm pressionado a diversidade ictiológica da região, entretanto o comportamento de pescadores se direciona não apenas à figuração das comunidades onde residem, mas para redes de interdependência que se tornaram mais ampla.

A pescaria, qual a caçada, está vinculada ao tempo natural. Os pescadores têm

como vantagem ser praticada o ano todo, mas com maior produção quando o nível das águas está baixo (MIRANDA NETO, 1979). É uma atividade sazonal, desenvolvida em igapó, rio, cabeceira e lagos. Os pescadores, conforme o ambiente e a espécie a ser pescada, utilizam-se de variados artefatos os quais implicam diretamente no tipo de pescaria a ser realizada – linha, vara de pescar, tarrafa, malhadeira etc. – e a apropriação de técnicas adequadas para o sucesso nas mesmas. Lembra-nos o ancião E. de 83 anos, que a aprendizagem da pescaria em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina se faz pela observação, execução, auto-avaliação e orientação por alguém cuja experiência o faz ser referência como um bom pescador: *Tudo pode fazer, vai depender da prática. Os outros tipos de pescaria precisa de prática, mas qualquer um pode fazer, depende do interesse. Vai depender da prática, de acompanhar outro que sabe, ele vai vendo e vai aprendendo. O outro vai falando e ele vai aprendendo.*

Observando o processo social de crescimento demográfico e melhor qualidade de vida, há determinadas espécies de peixes que vêm sofrendo maior pressão do que outras. Isso não se dá apenas pelo hábito de alimentar da população local. Há evidências de que nas relações de poder, graça ao valor simbólico atribuído a determinadas espécies, camadas sociais de menor poder aquisitivo, pouco têm acesso a espécies de peixes nobres.

O processo natural – enchente e vazante do rio, piracema, desova, reprodução – são os períodos de pesca que já se mostram bem definidos no calendário do pescador, dando-lhe possibilidade de se organizar antecipadamente para o devir. A rede invisível de interdependência alargada, a mobilidade das pessoas e a capacidade de consumo continuam a pressionar determinadas espécies fazendo com que chegue na feira, no mercado, na canoa do pescador, nos grandes restaurantes e à mesa da unidade familiar, cujo diferencial social lhe permite contribuir para direcionar o comportamento de pescadores a agirem, mais sobre umas do que outras espécies.

O apego afetivo, ainda presente, aos laços de parentesco, compadrio e amizade, já comentado na extração da madeira, é condição que concede ao membro da comunidade e à àquele que buscou vida melhor em outra região, ao uso do lago ou do rio onde nasceu, cresceu e aprendeu, entre outras coisas, a pescar. Essa carga afetiva não é extensiva a outros indivíduos, provenientes de outras comunidades ou centros mais urbanizados a se apropriarem dos recursos naturais que “não” lhes pertencem. Com isso, queremos ilustrar o fato, assim, a exemplo da madeira, que a apreensão, realizadas pelos órgãos ambientais no Amazonas, de pescado ou de

quelônios capturados ilegalmente, não pode ter sido feita por qualquer pescador, mas por ou com ajuda de moradores como os residentes nas comunidades de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, que têm focado suas ações para as redes mais ampliadas. Não há indícios de que alguém autuado, multado e preso esteja sendo responsabilizado por crime ambiental graças a um distúrbio de comportamento. Há evidências, na dinâmica social, de uma rede invisível que tem impulsionado maiores e mais intensas ações sobre o ecossistema. Não há um indivíduo capaz, por si só, em seu mais alto grau de “ferocidade” – armado de arco e flecha, arpão, malhadeira por exemplo – a causar o desequilíbrio ambiental se não estiver ligado a uma rede. Há, o que se observa, indivíduos cujo comportamento é ou está direcionado por uma figuração que consolide suas ações.

Na área de pesquisa podemos constatar de pescador a “negar” o tambaqui à família para comercializá-lo na sede do município. Tambaqui de seis, dez quilos na medida do possível é mantido vivo dentro do rio, preso a uma resistente corda. Assim que puder é levado à sede do município onde não falta comprador. O mercado municipal “não” é um bom lugar para vender seu produto, pois nele as normas estabelecem que o peixe deve ser comercializado por quilo, ou seja, o peixe vale quanto pesa. Diferentemente de épocas passadas, o valor simbólico atribuído pela sociedade a determinadas espécies de pescado era outro. Hoje o tambaqui pesando mais de três quilos é vendido não por pêso, mas por unidade, aos comerciantes donos de casas flutuantes, ou aos proprietários de barcos que fazem linha para a capital do Estado.

Como comentamos, não são todos os indivíduos a “merecerem” a degustação de determinadas espécies de peixes nobres do Amazonas. Longe de sua comunidade de origem, aquele que foi um dia pescador, pode observar o quão longe ficou o peixe que um dia saboreou. Ilustra-se a força do conceito simbólico e o distanciamento que esse induz nas relações de poder entre classes sociais: quanto custa esse peixe? (pergunta dirigida ao feirante vendendo tambaqui): *R\$ 400,00*. Qual o peso dele? *20 quilos*. Em outra banca a mesma pergunta: *R\$ 350,00*. E esse? *também R\$ 350,00*. *Qualquer um é R\$ 350,00*. E qual é o peso dele? *19 quilos*^{*}. Informo ao leitor, para efeito comparativo, por esse período comprava-se em Bicó, Cuiamucu ou em Canela-Fina, um mamote vivo de cem quilos, no pêlo como falamos, no valor de R\$ 300,00.

O conceito de crescimento intensivo, no sentido de incorporação de mais conhecimento, nos ajuda a visualizar adequação dos ciclos naturais ao calendário. Após esse feito

* Entrevista realizada em 4-2-2008, na Feira do Peixe em Manaus, situada na Manaus Moderna/AM.

o pescador teve tempo de se organizar com antecedência para o devir. Intensificou-se a pescaria com artefatos tecnológicos mais sofisticados, conservando o peixe e os conduzindo à população. As baixas ao ambiente foram percebidas. Hoje, quem faz da exploração de recursos pesqueiro seu meio de vida, tem que se adequar a normas estabelecidas pelo Estado: “Começa na segunda-feira o defeso do tambaqui”, é o que adverte aos pescadores e comerciantes (feirantes e atravessadores) o destaque do jornal Diário do Amazonas (Caderno Cidades, p. 2, de 26-9-07). Na sequência da reportagem vemos que “quem desrespeitar as proibições, a Lei 9. 605 de 1998 e o Decreto 3.179 de 1999 prevêem penalidades que vão desde a apreensão de todo o pescado ilegal, dos instrumentos utilizados no crime, como malhadeiras, botes, barcos e carros, embargo de empresas e multas que vão de R\$ 700 a R\$ 100 mil pela infração, acrescida de R\$ 10 por quilo de pescado ilegal. O infrator ainda sofre processo criminal”. E o que é o defeso?

Segundo o superintendente da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, Escritório Estadual do Amazonas, Estevam Ferreira da Costa*, *É um período em que algumas espécies de peixes ficam proibidas (pelo Ibama) de serem pescadas e comercializadas. É uma recuperação do estoque (natural), através da proteção da reprodução.* E continua: *O defeso surgiu no Nordeste em 1991 para defender algumas espécies marinhas – lagosta e sardinha. O movimento de pescadores conseguiu ampliar para todo o Brasil. Em 1998 o defeso convergiu para águas interiores – rios, lagos, igarapés – ou seja, ambiente de água doce.*

Com a explicação técnica a seguir podemos entender melhor a necessidade de fortalecer o defeso em águas interiores, como em Cuiamucu, Bico e Canela-Fina: *peixes de piracema (curimatã, pacu, jaraqui, piau, surubim, pirarara entre outros) desovam em águas correntes – ditos peixes lóticos – na época da cheia que vai de março a outubro. Por isso o defeso. Os peixes desovam em águas correntes e muitos se criam em lagos, quando as águas os levam em forma de ovos e larvas. Na época que vai secando, os peixes em forma juvenil, voltam ao rio para se tornarem adultos.* É o que comenta o engenheiro de pesca Francisco da Silva Nunes, e nos ilustra da mesma forma, que o conhecimento é resultado da observação de nossas ações em retrospectiva. Mostra, assim como comenta Elias (1998), que esse distanciamento, que deu origem a intervenção do Estado, é fruto de conhecimento.

Em 28 de fevereiro de 1967, nasceu a Lei de Pesca, por meio do Decreto Lei 221/67 e com ela a categoria de pescador profissional, que segundo o superintendente *é a aquele*

* Entrevista concedida na sede da Superintendência em Manaus, em 29-1-2008.

que vive da pesca. Essa figura tem o direito de receber o seguro defeso, (provento do Governo Federal no valor de R\$ 1.520,00 pago ao pescador como forma de auxiliá-lo no período de 4 meses em que não pode pescar), mas o pescador de subsistência, que é a maioria no Amazonas, não precisa da carteira de pescador, ele não se enquadra.

Na área de pesquisa, assim quanto em outras comunidades, a base da alimentação é o peixe e, o morador desde criança, quando não se envolve com a criação de boi, está como aprendiz, na pescaria. Seguro defeso já se faz notar em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. O beneficiado pelo Governo Federal mostra seu motor de rabeta, motor de força, casa coberta em telha de amianto ou a motosserra. O diferencial social repercute no equilíbrio na balança de poder na figuração da área pesquisada. Não se discute os investimentos para se viver melhor. O que se observa é que *a maior razão do desvio de finalidade do seguro defeso que envolve o recurso federal é a falta de noção de classe de pescador*, afirma o superintendente de pesca no Amazonas.

A filiação à categoria de pescador proporciona ao morador de Bicó, Cuiamucu ou de Canela-Fina a ampliar suas redes de relações e maior nível de diferenciação social. Por outro lado o pescador deve seguir as normas exigidas a essa categoria com pena de ser punido *se a gente for pego com peixe proibido, você corre o risco de perder o seguro*, é o que comenta M. de 50 anos, possuidor do seguro defeso. Pode ser observado, com base na teoria eliasiana, que a manutenção desse comportamento é uma exigência à manter-se na posição social onde está inserido. A diferenciação social começa a incidir e provocar tensões na comunidade da qual faz parte, à medida que começa a enxergar a ação do outro conflitando com seus princípios de pescador.

Entre outras coisas podemos observar em Cuiamucu, Bicó e Canela Fina que a pescaria não é uma atividade exclusivamente masculina. Algumas mulheres, na ausência dos maridos, vão pescar para trazer comida para casa. O peixe, ainda é, a fonte protéica fácil de ser adquirida. Mas, é comum que o menino, entre nove e dez anos, seja o pescador na ausência do pai. Desde cedo no banco da canoa vai gradativamente extrapolando sua fronteira espacial cujo ponto de referência é o porto da casa, o terreiro e o espaço da roça. Pescar no Igapó Açu, Bizalzinho, Tapagem, Starok, Sereia, Tambaqui, Jabuti, Araçazinho etc., lhe proporciona maiores resultados do que pescar da prancha de tomar banho no porto de sua casa. Acompanhar o pescador tratando o pirarucu, tambaqui, peixe-boi, entre outras espécies lhe possibilita,

igualmente na caça, conhecer o comportamento dos peixes, seu habitat, as frutas que comem, o período do ano adequado no calendário que podem ser mais freqüentes e as técnicas de capturá-los. Partindo das idéias de Elias (198b), quem vai à pescaria, isto é, o iniciante, já vai com um bom nível de conhecimento.

Se o tempo no Amazonas é de friagem, há fartura nos lagos. No mês de junho, quando a temperatura baixa a ponto de diminuir a oxigenação da água, os peixes vêm à superfície afoar, isso porque segundo o engenheiro de pesca Francisco Silva Nunes, *o sistema respiratório dos peixes amazônicos é branquial e aéreo. Pirarucu, poraquê, tamuatá (Hoplosternum sp), bodó (Plecostomus sp) são peixes de respiração aérea, mas a maior parte é branquial do tipo jaraqui, pacu, tucunaré, tipos de caras, aracu. O pirarucu tem uma modificação na bexiga natatória e permite absorver o ar atmosférico. A pirambóia (Lepidosiren paradoza) é o único peixe pulmonado do Brasil. Os peixes de respiração braquial morrem por falta de oxigênio na água e peixes do tipo tamuatá, bodó, poraquê, os de respiração aérea, de modo geral, sobrevivem. É bom lembrar que temperaturas elevadas levam os peixes a óbito, como pudemos ter constatado na vazante do rio de 2005.*

Nas baixas ou nas temperaturas elevadas das águas rasas quando no período da vazante do rio, os peixes se mostram aos pescadores. Costas, cabeças ou caldas ficam fora da água. Com flecha, arpão, azagaia, porrete ou simplesmente com a mão, captura-se o peixe desejado. Quando o frio ou calor é intenso, há “grandes perdas”. Rios e lagos ficam “brancos” de peixes mortos. Nesse caso, só a natureza reaproveitará o peixe em decomposição.

No contexto do assunto pescaria, incluímos a captura de tracajá (quelônio). Direcionado para uma rede de consumidores, os moradores da área de pesquisa têm intensificado sua captura. Os moradores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina com suas habilidades e conhecimentos dos hábitos dos animais, não têm medido conseqüências. E o fogo no sentido de tocha, conforme já foi comentado, é um importante instrumento utilizado para ludibriar a natureza desses animais, formando tabuleiros para postura e conseqüentemente serem capturados. Assim, a pressão aos quelônios tem início no momento da desova, entre setembro e outubro, quando se vê, já de madrugada, pelas beiradas, as pessoas à procura dos ovos desses animais. Quando passa a desova, acentua-se a seca e os tracajás ficam presos nos barrancos. Observam-se indivíduos ou grupos "sururucando" (técnica de captura). A pressão sobre os quelônios poderá ser melhor entendida quando estivermos tratando o assunto mais adiante.

Mencionamos em outro lugar a relação que os nomes atribuídos às comunidades estão ligados à religião e mencionamos também a influência da religião adventista no hábito alimentar de seus moradores. Nesse sentido, a carne de caça e algumas espécies de peixes não são recomendados, segundo à Bíblia, aos adeptos da religião adventista. Exemplos de espécies de peixes de couro que devem ser evitadas: da família Pimelodidae do tipo da piramutaba (*Brachyplatystoma vailantii*), surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*), dourado (*Brachyplatystoma flavicans*), entre outros vulgarmente conhecidos como peixe liso. Tal restrição e a seletividade pressiona outras espécies.

No contexto religioso, a Semana Santa estimula a maximização do valor do pescado, bem como contribui para fortalecer a crença de que quem pescar em dias santos pode ver assombração ou deparar com a mãe do rio. O resultado da interferência religiosa na prática de pescar é observado, não só na área de pesquisa, mas também na sede do município, permitindo a especulação do pescado.

As credences também têm forte influência na atividade de pescar. Pescador panema (sem sorte) sai para pescar e volta sem nada. O indivíduo panema se apropria de placebos para tirar, expulsar ou eliminar a panema do corpo, entretanto é no dia-a-dia na companhia do panema vemos que o rio não está para peixe ou há em sua prática, sucessivas falhas (mais “erros” do que “acertos”) não permitindo-lhe o sucesso desejado. A cobrança social rotula o pescador “mal-sucedido” de panema.

Comentamos a prática de pescar usando os critérios de crescimento intensivo e extensivo e o efeito destes sobre a diversidade ictiológica em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, ao compreendermos a mobilidade de seus moradores e a imersão desses em redes de “consumidores” mais ampliadas nas quais estão inseridos. Na situação do momento, a incorporação de mais conhecimento, tecnologia associados ao aumento da população e as redes ampliadas, tais conceitos, têm pressionado a diversidade ictiológica num sentido único, na idéia de recursos infinitos, sem se preocupar com a reposição.

Com relação a excitação na atividade de pescar, comentada na fundamentação teórica, pode ser vivenciada e compartilhada suas emoções, ao acompanharmos o pescador, no banco de sua canoa, às suas incursões pelos rios, lagos e cabeceiras. Há momentos, explicitamente observado, em que a “obrigatoriedade” de pescar para comer, se entrelaça com o prazer em fazer. A excitação agradável rompe com a rotina obrigatória do pescar. O tambaqui no

anzol ou no bico da flecha, o pirarucu na ponta do arpão, o tucunaré-açu anzolado pelo pescador, são exemplos de estímulos onde o jogo entre a força natural do peixe tenta suplantar a experiência e os artefatos do pescador. Momentos de furor, de alegria, porém, controlados, são observados quando o peixe cansado, esgotado fisicamente é caceteado. Após momentos de contemplação, se o peixe é dos grandes, é embarcado e levado para servir à mesa do pescador.

1.2.1 Pescaria de caniço

Porque é uma pescaria comum e qualquer um pode pescar.

Quando não tinha malhadeira, era a linha e o caniço.

A pescaria mais comum é feita de caniço e limita o pescador a determinadas áreas caso não esteja em uma canoa ou um casco. Já vimos o quanto a canoa possibilita a mobilidade de homens e mulheres na área de pesquisa. Nesse sentido pescar de caniço pode ser à margem do rio, igapó, cabeceiras de rio, onde peixes podem ser encontrados no amontoado de capins, galhadas ou ainda embaixo de árvores cujos frutos estão caindo.

Manusear a vara de pescar e controlar a embarcação, são requisitos ao pescador, que tem ao seu dispor uma variedade de peixes a serem pescados. De acordo com a época do ano vai pescar pacu, aracu, jaraqui, acara-açu, tucunaré, tambaqui entre outros. A espessura da linha, do anzol e do caniço, no porão de sua embarcação, sugere que o pescador vai preparado para a diversidade ou especificidade. Minhoca, gafanhoto, broca de inajá, pedaço de peixe ou peixe vivo, são iscas utilizadas pelo pescador de acordo com essa especificidade. Pescar pacu, por exemplo, sabe o pescador que o gafanhoto é uma boa isca, capturá-lo entre em meio ao capim, é a tarefa que precede a pesca em si. Se a minhoca é a isca, então tem-se de cavar o chão. Se a isca escolhida é de peixe, deve-se ter a isca de peixe para pegar outro peixe.

A pesca de caniço desencadeia no pescador técnicas variadas adquiridas com a experiência e aplicadas conforme a conveniência. Bater com o caniço na água é para atrair peixes. O movimento de bater água é simular algo vivo. Em seguida joga-se o anzol, e quando os peixes são atraídos, abocanham a isca e são fígados.

O domínio da técnica e conhecimento das áreas de pesca, que nem sempre é nas proximidades da residência, proporcionam bons resultados ao pescador. Em período de cheia, quando há escassez de alimento, o pescador de caniço adentra os igapós, e encontra em suas “entranhas”, as espécies que estão se reproduzindo ou se alimentando na abundância de frutos que caem das árvores. Pescador experiente, conhecido de longas datas, é esperado por seus amigos, para suprir o alimento que por hora, parece ter desaparecido. A derrubada do igapó e o surgimento de pastagem em seu lugar empurram a área de pesca para mais longe e o pescador deve remar mais à procura de peixes.

1.2.2 Pescaria de arco e flecha

Arco e flecha, técnica tradicional de se pescar, de origem indígena foi por muito tempo, na interação homem branco e índio, apreendido pelo caboclo da região. Do pescador é exigido coordenação de olho e mão, concentração, atenção dirigida ao objetivo desejado e uma virtude: paciência.

Sem dominar a teoria da refração, a prática permite ao pescador flechar o peixe na superfície da água, quando está afoando* ou mais profundo ao deslocar-se pelo rio ou no momento de alimentar-se. O calendário e o horário do dia lhe impulsionam para áreas de rio, lago, cabeceira ou igapó, no decurso da evolução das águas – enchente ou vazante do rio.

De posse de seu arco e flecha, material confeccionado por alguém de mais idade, a criança flecha folhas e frutos no terreiro de sua casa. No porto de sua casa, experimentam flechar os peixinhos ao se aproximarem da prancha de tomar banho. Entre os erros e acertos, os aprendizes, que cada vez se tornam menos, vão aos poucos dominando a habilidade de flechar. Os pais assumem papel de relevância nesse processo que vai do ensinar ao não estimular: “*esse igapó, comenta W. de 28 anos, eu conheço porque eu pescava com meu pai. Eu não saía da ilhargá dele. Para onde ele ia, eu ia junto*”.

*Termo utilizado pelos pescadores para caracterizar o comportamento de peixes que ficam na superfície do rio fazendo troca gasosa na época de friagem (junho) no Amazonas ou em lagos com a formação de matupá, diminuindo o oxigênio da água.



Figura 8: Crianças: uma na prática de arco e flecha, outra com pequeno arpão.
(Manipulação de imagem: Roberta Tojal. Fotografia – acervo pessoal do autor.)

Dominada a arte de remar, o pescador desliza sua embarcação – casco – pelo rio ou igapó. É no igapó, entre as árvores, que se vê a importância do domínio – remar, controlar o casco e flechar. O arco do pescador é utilizado para remar ou empurrar na árvore e fazer o casco deslizar suavemente o espelho d’água. Ao avistar o peixe, seus movimentos tornam-se suaves e precisos, que vão do posicionar o casco, deixar o remo e apanhar seu arco e flecha. O movimento cauteloso é rompido quando o pescador atinge o peixe e esse sai levando sua flecha, sendo em seguida capturado e embarcado na canoa. Ainda com o pedaço de aço lhe atravessado, duas porretadas na cabeça acabam com o seu sofrimento, quando é retirado da flecha e cai no porão da embarcação desfalecido e com os últimos “suspiros” o pescador sabe que o peixe vai servir à mesa da família.

A pescaria de arco e flecha é prejudicada quando o vento “sopra” a água ou o

chuveiro cai sobre o rio, camuflando os sinais que guiam o pescador e sua flecha. Quem vai pescar de arco e flecha, deve aproveitar o dia claro e o "silêncio do vento" para poder visualizar o peixe. Em situações previamente estudadas, o pescador deixa sua embarcação e sobe no galho da árvore. Do alto e ampla visão, seleciona o peixe a ser flechado.

É tipo de pescaria que exige habilidade do indivíduo e tempo. Seu aperfeiçoamento vem com a prática. Tal exigência nos remete à criação de boi e a maior ocupação das famílias em outras atividades. O envolvimento de crianças e jovens nessas atividades “não” deixa muito tempo para o aperfeiçoamento do arco e flecha. Arco e flecha vem perdendo cada vez mais seu espaço para a pesca com a malhadeira, como veremos a seguir.

1.2.3 Pescaria de linha

Pinga chuva,
sopra vento,
tremeluz a água
camufla aquele que a natureza
dotou de reprodutor
para que um dia
num porte adequado
após fígado
já tenha, a prole criado.

A linha e o anzol são ferramentas de pesca utilizados por crianças, jovens e adultos. No período em que as águas começam a baixar, o cardume de tucunaré é o alvo. Entre nove e onze anos de idade, os pequenos pescadores são responsáveis por trazerem o alimento para casa. Os pais se empenham no trabalho da roça e os filhos da pescaria que, com a fartura de peixe, se divertem. De sua embarcação, rodam a linha sobre a cabeça e lançam, com precisão de seis a oito metros de distância, entre moita de capim aquático, galhada ou onde o tucunaré se mostra ao perseguir peixes menores.

Conhecedores do hábito alimentar do tucunaré, os pescadores se aprovisionam com iscas vivas mantidas em recipiente com água no porão no casco. Peixinhos do tipo acará — *Astronomus* sp, aracu — *Leporinus* sp*, entre outros são pescados de caniço e isca de minhoca.

* Os nomes científicos são de colaboração do mestre Marcelo Garcia (biólogo).

Na ausência de isca viva, o pescador corta o peixe em tiras longas, isca no anzol e lança a linha. Em questão de segundos, colhe rapidamente a linha a fim de “dar vida” à sua isca e driblar a natureza do peixe o qual o abocanha e o fisga. Tucunaré (*Clichla sp.*), aruanã (*Osteoglossum sp.*) ou a piranha preta (*Serrasalmus rhombeus*), são peixes vorazes que se arrebatam sobre a isca, quando são fisgados e puxados para serem saboreados. Se é peixe grande, o pescador deve cansá-lo, vencer sua resistência e embarcá-lo. A luta entre o natural (tucunaré de um lado) e o artificial (linha do pescador do outro) é “tensa”. Entre o sucesso do primeiro para o segundo, nos confrontos é o pescador que tem saído vencedor. As narrativas da pescaria são revividas na chegada em casa, entre os colegas que fixam na memória situações que raramente voltarão a acontecer, mas que foram saboreado momentos de prazer.

No início da vazante a pescaria de linha é um importante aliado na obtenção de alimento na qual o tucunaré, aruanã e piranha preta são os peixes mais susceptíveis a serem fisgados, mas quando o rio está enchendo, entre os meses de fevereiro e março, o tucunaré de filho é o alvo principal dos pescadores. Quanto mais novos os alevinos, mais a natureza agressiva do tucunaré em salvar a prole é manifestada e mais susceptível de ser fisgado.

O pescador, em casa ou se deslocando pelos rios de águas calmas e espelhadas, nas manhãs ou tardes amazônicas, com seus apetrechos, ao avistar de longe um “tremeluz” ou fervilhar na superfície d’água indicando ser filheiro*, isca o peixe vivo, que está num recipiente com água no aguardo da oportunidade. Lança-o diretamente sobre o amontoado de filhos e um dos pais – fêmea ou macho – voraz, agressivo e protetor, ao perceber o “perigo” à sua prole, abocanha a isca viva, fazendo correr a linha na mão do pescador, quando é fisgado. O entesar da linha, como sinal do peixe no anzol, a excitação toma conta do pescador ao sentir na linha o peso do peixe e imaginar seu tamanho.

Anzol na boca, linha forte e rio limpo**, a batalha pela sobrevivência se inicia. De um lado a habilidade e a experiência do pescador associada aos artefatos, contra unicamente a força e voracidade inata do peixe. Após alguns minutos no jogo de vida ou morte, o peixe vira de peito para cima, mostrando sinal de cansaço. É puxado para a canoa e com uma ou duas porretadas na cabeça faz a cauda estremecer em sinal que a vida se vai. Se macho e fêmea são pescados de uma só vez, a prole fica à deriva na mira dos predadores naturais, por exemplo: a

* Denominação dada ao cardume de alevinos ou filhotes de peixe protegidos pelos pais.

** No subir das águas, o tucunaré circula dentro do igapó. No rio, perto da vegetação aquática, ao ser fisgado enrola-se em seus galhos facilitando arrebeitar a linha. Em áreas limpas a desvantagem do peixe é muito maior.

piranha, traíra, peixe-liso etc.

Como os meses de fevereiro e março são de chuvas no Amazonas, um chuvisco ou vento leve é suficiente para agitar a superfície do rio e camuflar os filheiros, que se deslocam ao nível da água, sem serem percebidos, e os predadores — pescador e tucunaré — são separados, até o próximo encontro, pela força “mágica” da natureza.

1.2.4 Pescaria de malhadeira

*A malhadeira foi a derrota da pescaria.
 Não sabem pescar a não ser de malhadeira.
 No início todos debatiam contra a malhadeira, mas ela acabou vencendo.
 Se o peixe não entrar na malhadeira os homens passam fome: eles não sabem mais pescar.*

A pescaria de malhadeira é um indicador, tal como se constata na fala de nossos informantes, de maior pressão ao ambiente ictiológico, superando em quantidade as pescarias de arco e flecha, de arpão, de linha. O crescimento extensivo, não somente nas comunidades, mas na sede do município exigiu maior consumo de peixe. A maior mobilidade dos pescadores, tanto os residentes da área de pesquisa quanto àqueles que vêm de outro lugar, têm feito escassear determinadas espécies. A aquisição de motor de rabeta, a confecção ou a aquisição de malhadeiras de múltiplas bitolas vêm permitindo essa pressão. Junta-se a esses artefatos a capacidade dos pescadores acondicionarem em gelo, na caixa de isopor, todo o peixe capturado. Tal condição permite a permanência de pescadores na atividade.

Conforme já comentamos, as redes de interdependências ampliadas orientam o comportamento dos pescadores para extração em maior quantidade de pescado, pois sabem que as novas figurações possibilitam a comercialização do produto quer na sede do municípios, nas casas flutuantes ou nos barcos que fazem linha para capital do Estado. O apego afetivo firmado por quem da comunidade partiu, mas deixou os compadres, parentes e amigos, permite seu retorno sem que tensões ou conflitos sejam agravados.

A associação de conhecimento – hábito alimentar e ambiente que os peixes freqüentam – com o artefato malhadeira e as maiores possibilidades de comercialização do

produto que convergem para manter as necessidades básicas do pescador e as novas aspirações, determinadas espécies têm sofrido mais pressão que outras.

A fala do informante evidencia o uso da malhadeira em detrimento de outras modalidades de pesca. Hoje, mais do que antes, crianças e jovens, estão se acostumando à malhadeira? *Uma parte está. O pai está fazendo e eles estão vendo. E o pai ainda diz assim: meu filho coloca a malhadeira para pegar uma broca.* Isso reforça nossa observação ao tratar sobre a criação de boi. Enquanto o boi e outras atividades exigem maior envolvimento da família, menos tempo se tem para pescar de caniço, arco e flecha ou arpão. A malhadeira é a salvação.

A pescaria de malhadeira não exige grandes competências motoras ou condição física. De posse do aparato tecnológico sofisticado, o pescador seleciona a área por onde os peixes devem passar e estende a malhadeira. Pode fechar ou não a passagem completamente com malhadeira cuja extensão pode ser maior de cem metros, uma emendada na outra. Quanto mais escuro (chuvoso) estiver o dia, mais propício para camuflar o artefato e confundir os habitantes das profundezas que vêm ao seu encontro. Se a linha suportar, ficam emalhados.

De comprimento, altura e espessura variada a malhadeira captura, sem distinção, peixes pequenos, médios e grandes: do jaraqui (*Semaprochilodus taeniurus* e *Semaprochilodus insignis*), acará (*Astronotus sp.*), aracu (*Leporinus sp.*) ao tambaqui (*Miletus macropomus*), tucunaré-açu e pirarucu (*Arapaima gigas*).

Na seca do rio a frequência de pescadores, antigos moradores, na área de pesquisa é maior. Rabetas vão e voltam à sede do município carregadas de peixes acondicionados em caixas de isopor. No período do puxirum se observa a função da malhadeira para os anfitriões. Em pouco tempo conseguem pegar a quantidade de peixe que o caniço ou o arco e flecha possivelmente não conseguiriam. Assim, é na vazante do rio que o pescador para venda ou para consumo, sabe que terá sucesso:

pouca água
terra grande
lagos e cabeceiras estreitas
maresia, lapiar de rabo
peixe revelado
malhadeira colocada
peixe emalhado.

As pessoas que promovem o puxirum ou ajuri (veja em cultivo do solo) no período da seca utilizam a malhadeira como o principal meio para pescar. A quantidade de peixe

por essa época tranquiliza o anfitrião ao saber que terá de oferecer comida boa e farta aos participantes do puxirum. Peixe em abundância e a praticidade da malhadeira permitem, em tempo relativamente pequeno, principalmente à noite, a quantidade de alimento desejado.

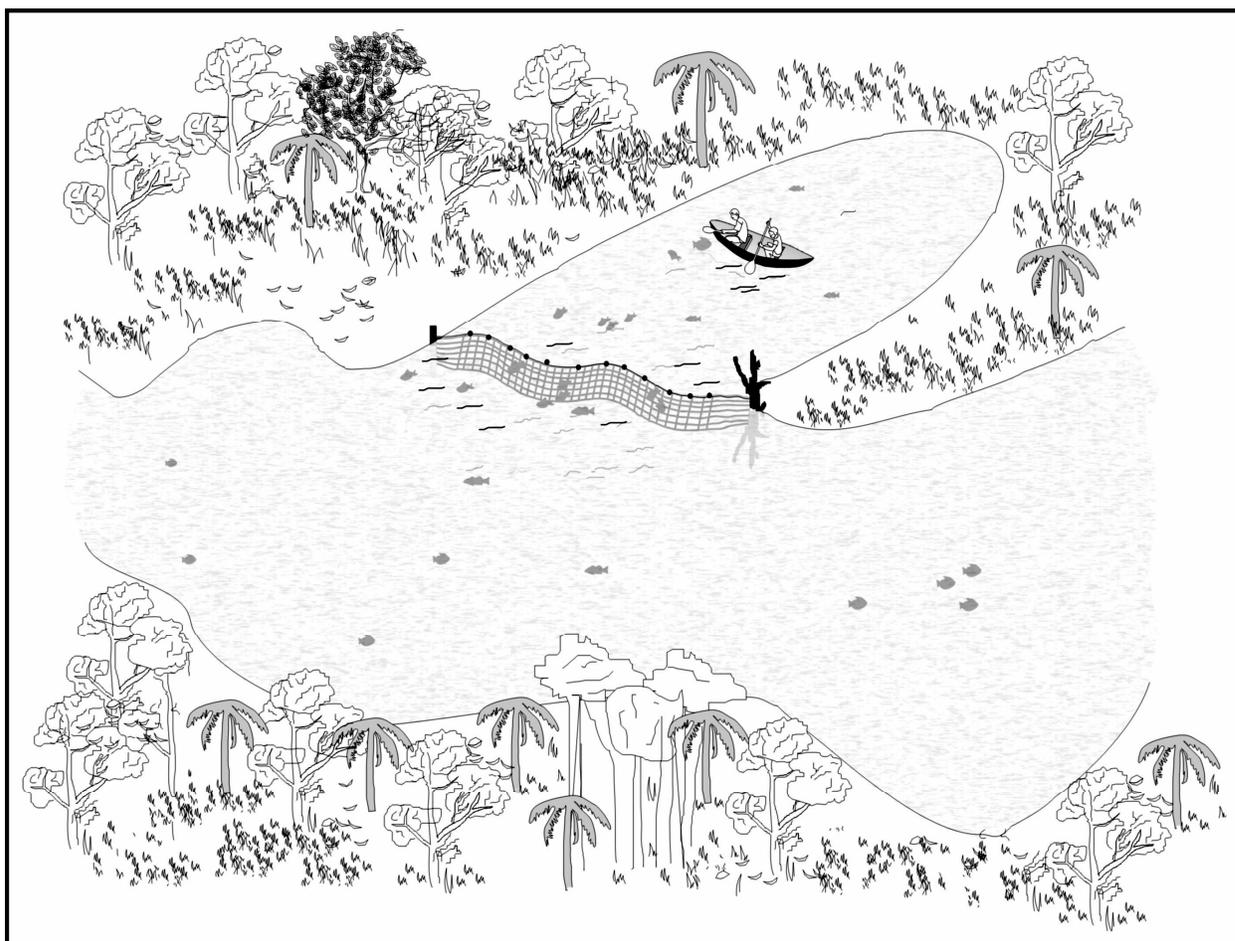


Figura 9: Batição, técnica de pescar no período da vazante do rio.
(Ilustração técnica de Ednelza Santos de Albuquerque, designer. Esquema – acervo do autor.)

Essa prática, conhecida por batição (fig.8), permite ao pescador em questão de hora, ter o peixe necessário para alimentar seus convidados ou encher suas caixas de isopor e vender na sede do município. Como a batição* não é uma pesca seletiva, os peixes que não são consumidos são servidos aos porcos, cães e galinhas.

Outra técnica, como pode ser visualizada na figura 9, é dar lance com a

* Batição – Este tipo de pescaria, segundo o Decreto Lei 221, de 28 de fevereiro de 1967, no Art. 35, diz que é proibido pescar: d) Com cerca, tapagem ou batição.

malhadeira nas margens ou no meio do rio e fazer o cerco. No centro do círculo o pescador intensifica o barulho batendo na água provocando a fuga do peixe para malhadeira.

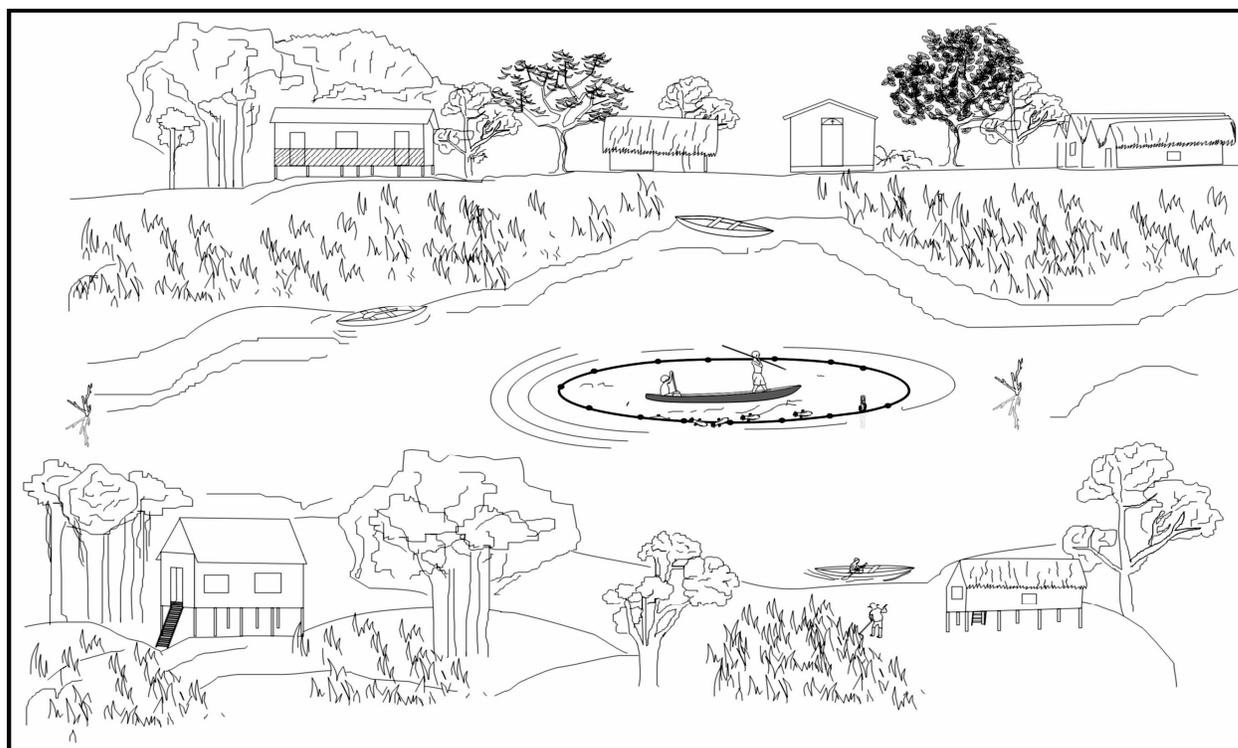


Figura 10 Técnica de pescar fazendo o cerco aos peixes com o uso de malhadeira.
(Ilustração técnica de Ednelza Santos de Albuquerque – designer. Esquema – arquivo do autor)

O tucunaré-açu é um dos alvos prediletos em razão causa do tamanho e o valor comercial. *Em 2005, relata o pescador P. de 19 anos, eu e o D. (de 20 anos), quando a seca estava grande, com lance de malhadeira, uma barra 18 e outra barra 24, atravessamos o rio, uma atrás da outra, de ponta a ponta. Fechou tudo. O tucunaré que pulava de uma, caía noutra. Nós pegamos 32 tucunaré açu. Depois pegamos 20. Outra vez foi diminuindo pra oito, seis peixes.* O tucunaré é uma espécie que não arriba e vive sob constante pressão da malhadeira, linha ou arpão, estando de filho ou não. Os comentários a seguir do engenheiros de pesca Francisco Nunes nos faz enxergar com mais clareza as conseqüências da pescaria de malhadeira dentro de lagos como o ocorrendo em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina. Esse problema não é uma observação apenas de quem é de fora, pois os moradores da região já perceberam o uso intensificado desse artefato e suas conseqüências ao ambiente ictiológico. Nesse sentido a fala do engenheiro de pesca é para nos alertar quanto à pescaria que ainda é concedida como de subsistência: *os peixes*

lênticos, os que vivem em águas paradas ou de pouca corrente, tipo o pirarucu, acará, tucunaré e outros, não fazem piracema, correm o risco de tornarem-se escasso quando há sobrepesca, o que faz diminuir o estoque natural.

A pescaria de malhadeira engrena-se na dinâmica do processo social e como todo processo não planejado, não se pode dizer onde vai chegar, as a diminuição de estoque já é percebido pelos moradores da comunidade. O defeso é reflexo de um olhar distanciado e em retrospectiva. Tal como a coerção externa, vigilância dos órgãos fiscalizadores ainda fazem necessário para que os estoques naturais não se esvaziem.

1.2.5 Facheação ou porongação

Pescam à noite para trabalhar de dia. Facilita muito o trabalho.

Com a porongação só pega peixe escolhido, coisa que a malhadeira não faz.

Porongação ou facheação³ é uma pescaria feita em noite escura. O luar deixa o peixe vasqueiro, difícil de pescar e qualquer sinal de perigo ele foge tornando-se difícil sua captura, embora relatam alguns pescadores, que em área de igapó, mesmo no luar, conseguem pescar, mas o resultado é menor quando realizada em noites escuras.

Sua prática pode ser em períodos de enchente ou vazante do rio, ou melhor, num período em que o nível da água seja favorável a visualização do peixe. Em momentos de escassez de alimento a porongação é uma opção e permite ao pescador selecionar o peixe a ser servido em sua mesa, coisa que a malhadeira não faz.

Igual à pescaria de arco e flecha, o sucesso da porongação está baseado na lei da refração. O iniciante, antes de chegar a “excelência” afugenta muitos peixes refugiados nas raízes, capins ou pedras.

³ Segundo Alcides Werk (2000, p. 275), facheação: pescaria noturna, com azagaia, facho ou poronga (veja definição dos três verbetes: azagaia, facho e poronga). **Azagaia:** tridente engastado em cabo de madeira, para pescaria noturna, à luz do facho (tipo de madeira que, cortada os galhos, os quais são esfacheados numa das extremidades, e pegam fogo com facilidade e ilumina a água) ou da poronga. **Poronga:** lamparina de folha-de-flandres, a querosene, guarnecida de um anteparo, para não ofuscar quem a usa, e para evitar que o vento a apague. É usada pelo pescador, na pescaria de azagaia e pelo seringueiro, que inicia o trabalho de sangria das seringueiras muito antes do amanhecer. Com o uso da lanterna, a poronga caiu em desuso. Sem pilha o pescador fica impossibilitado de praticar tal atividade.

No igapó, o sucesso da pescaria está no domínio da embarcação. Entre árvores, azagaia de um lado e lanterna de outro, o experiente pescador desliza sua embarcação. Peixe grande do tipo tucunaré-açu, deve ser cauteloso na aproximação, qualquer movimento em falso do pescador é o suficiente para fazê-lo fugir.

Nessa atividade se observa técnicas diferentes na captura do peixe. Lançar a azagaia como um arpão tem a função de pegar peixes se deslocando livremente na água. Se o peixe estiver numa posição em que não é possível imprensá-lo, a técnica lançada torna-se mais favorável para essa situação.

Outra técnica é pressionar a azagaia de encontro ao peixe e não soltá-la. A técnica “picada” é empregada quando o peixe está próximo ao chão ou encostado na raiz de alguma árvore, permitindo ao pescador imprensá-lo sem soltar a azagaia.

Na porongação pode ser observado pescadores sentados, agachados ou ajoelhados na proa do casco, aproveitando a “cilada” que a natureza impõem aos peixes. Aracu, acarás, jaraqui, surubim, tucunaré, não importa, depois de encravado o tridente nas costas, é puxado para dentro da canoa e após uma ou duas porretadas na cabeça, bate a cauda no porão do casco em sinal de falência. O pescador continua sua atividade sabendo ele, que o almoço do dia depende de sua pontaria.

1.2.6 Pescaria de arpão

Todo pescador tem de ter muita prática para pescar o pirarucu. Na boiada ele puxa o ar em cima, dá uma volta com o rabo e dá uma rabada. Faz bolha para um lado e o peixe sai em outra direção, é quando o pescador joga o arpão na frente, que dá em cima dele. O pirarucu não é besta. A ciência dele é: quem é que quer morrer? Ele vem espiar, aí bem. Aí vai lá, aí diz: o que! O peixe sabe.

A pescaria com arpão^{*}, a exemplo do arco e flecha, não é praticada comumente entre todos os pescadores de Bicol, Cuiamucu e Canela-Fina. Comentamos em outro momento a prática da pescaria de arpão vem sendo deixada de ser incorporada ao rol de habilidades de pescadores residentes na área de pesquisa. É uma pescaria que solicita a habilidade do pescador contra a natureza da presa. As chances de a presa escapar do predador são maiores do que o visto na malhadeira. A pescaria de arpão, além da habilidade solicitada, exige do pescador a paciência. Tal virtude se observa no pescador ao acompanhá-lo na pescaria do pirarucu^{**} e do peixe-boi (*Trichechus inunguis*), seus principais alvos. A pescaria de arpão pode ser feita no igapó para pescar grandes tambaquis, assim como em áreas abertas de lagos, cabeceiras e rios onde o tucunaré-açu, surubim ou o jacaré podem ser arpoados. A força explosiva, no ato de lançar a haste, sobre o dorso do peixe é precedida de outras qualidades: concentração, atenção, percepção temporal e espacial e paciência.

No igapó, para arpoar tambaqui, o experiente pescador se utiliza de uma haste menor, a qual facilita, na posição sentada, seu manuseio entre os galhos das árvores. O pescador fala que *o arpão vai pranchado na água* para atingir o peixe em sua forma ovalada. No caso do peixe-boi, o pescador na posição de pé, arpoa de cima para baixo para que o arpão penetre no seu espesso couro. O pirarucu se arpoa na postura sentada ou de pé conforme a área onde seja encontrado e a distância dele para o pescador.

O pescador remando pelo rio à medida que passa por determinados lugares – barrancos, galhos de árvores, cabeceiras – revive em sua memória os momentos em que travou batalha com o grande peixe. A excitação é revivida narrando detalhes daquele momento. O casco continua a deslizar sobre o espelho d'água quando depara com o local onde os peixes, macho e fêmea, estão vigiando seus ovos. Revezando-se, vigiam os futuros filhos contra os predadores naturais.

O pirarucu, como já vimos, possui duas formas de respiração: alveolar e

^{*}O arpão é o artefato completo, e é dividido em: haste de madeira resistente (madeira de lei) de aproximadamente 3 metros (duas braças e dois palmos como é mensurado); arpoeira: corda de dez ou mais metros fixada numa bóia e no arpão; arpão - peça pontiaguda de ferro que fica no início da haste. Deve ser afiada e resistente para suportar o impacto em peixe do tipo pirarucu, peixe-boi ou mesmo jacaré ou capivara. O arpão tem o "alvado", onde se firma a haste, e uma barbeta na extremidade, a qual impede-o de sair do peixe. Há outras formas de pescar o pirarucu, por exemplo: malhadeira e anzol.

^{**}O pirarucu é um dos maiores peixes da região amazônica. Sua carne é maximizada no mercado local. Do pirarucu o pescador aproveita quase tudo: a escama para artesanato ou lixa de unha; sua língua óssea, como lima para ralar bastão de guaraná ou outros produtos; os órgãos (coração, fígado) são aproveitados em pratos especiais. Segundo Morán (1974, p. 147), o pirarucu chega a alcançar mais de 400 libras.

branquial e ao vir renovar o ar periodicamente, a intervalos de 15 a 20 minutos^{*}, a uma distância que varia entre quatro a seis metros do pescador, é surpreendido pelo arpão que fica encravado em seu dorso.

Essa pescaria pode durar horas exigindo paciência do pescador. Na postura sentada à proa de uma canoa, agachado no barranco ou em pé sobre um galho de árvore o pescador espera de duas a quatro horas para lançar seu arpão no peixe. Quando o peixe está vasqueiro e a fome já incomoda, o pescador deixa o local para regressar no outro dia, quando a pescaria reinicia.

O pescador pacientemente, numa postura de expectativa aguarda o peixe boiar a uma distância que possa lançar o arpão. A noção espaço temporal e a coordenação óculo-manual, adquiridos nos anos de experiência, possibilita acertos e erros, dando margem de fuga ao peixe e maior probabilidade para continuar a reproduzir. Não vislumbrando o peixe, após vir à superfície respirar, o pescador lança o arpão no momento em que a cauda desaparece na água. Esse pode ser lançado mais à frente ou mais na vertical (empinado), conforme a situação do momento.

Alguns pescadores, de posse de relógio, marcam os intervalos em que o peixe vem à superfície renovar o ar. Assim, quando os intervalos entre uma vinda e outra são aproximados, o pescador se prepara para lançar o arpão, um ritual peculiar: o posicionamento do corpo, da embarcação, o manuseio do arpão e a posição adequada, alerta aos acontecimentos que em questão de segundos, num gesto explosivo, pode ou não ser bem sucedido. Na ponta do arpão a batalha entre as qualidades inatas do peixe, contra a experiência do pescador aliada a espessa arpoeira^{**}, é sensivelmente desequilibrada. Na fuga desesperada, conforme a natureza biologicamente lhe ensinou, o peixe busca as profundezas do rio quando a arpoeira trança na vegetação e o pirarucu, em sua natureza respiratória, morre por asfixia. Quando o pescador não dispõem de relógio, é a noção temporal, adquirida na prática, a lhe orientar para os intervalos em que o pirarucu vem à superfície captar oxigênio. E conforme comentamos ao discutir o entendimento de lazer, o pirarucu de 30, 40 quilos, na ponta de um arpão, proporciona ao pescador momentos de excitação, ao se instalar luta pescador e presa. Um para matar e o outro para fugir.

No prolongamento da enchente, o igapó torna-se naturalmente a proteção dos

* Em situação de perseguição, o pirarucu, ao perceber o perigo prolonga o tempo para subir à superfície.

** Linha de nylon que sustenta o arpão.

peixes. Propício a alimentação e à procriação, o igapó torna-se um “esconderijo”, que é estudado cuidadosamente pelo pescador. Sua percepção auditiva, melhor dizer tecnicamente, sua discriminação auditiva, permite-lhe identificar o som do pirarucu quando vem à superfície respirar. Entre os moradores da comunidade as informações são passadas:

Cadê o pirarucu R.?

Está lá na Tapagem. Está empurrado nesse igapó, mas deixa secar mais que eles vão se ver.

O rio vai baixando e a terra emergindo gradativamente força a saída dos peixes de sua “trincheira”. Tambaqui, pirarucu, tucunaré entre outros, são apreciados pelos moradores dessa área, não só pelo sabor, como pelo valor comercial que podem alcançar, principalmente, num período em que o valor simbólico dos produtos naturais atingiu proporções “nunca” vista por gerações anteriores. Com o crescimento extensivo e o intensivo, essas espécies passaram a ser consumidas por famílias que mantêm um diferencial de poder. Com a criação de gado, e as queimadas os igapós vão reduzindo de tamanho e essas espécies vão ficando mais visíveis aos pescadores e por um tempo mais prolongado. Com sua identificação, a pressão é maior, graças aos artefatos dos pescadores. As redes de interdependências ampliadas e a mobilidade dos pescadores faz o pirarucu, tanto na desova como não, sofrer maior pressão, pois o hábito alimentar que acompanha o amazônida, nem sempre o faz questionar a procedência do peixe e o período que é pescado.

No período permeando os meses de julho, agosto e setembro os grandes pirarucus, nadam nas margens de rios, lagos e cabeceiras, na função de guardiões da prole. Com menos área aquática para se “esconderem”, tornam-se mais susceptíveis aos ouvidos e aos olhos do pescador. O som emitido pelos seus filhotes, que “estalam” a boca ao subirem ao nível da água para respirar ou comer sapinhos e gafanhotos, é o ruído identificador da presença do grande pirarucu. O pescador cauteloso nas suas remadas ou em seu comportamento, analisa o sentido que eles vão. Se este dispuser do artefato, há possibilidade de ser bem sucedido.

Dispor dos artefatos no momento certo nem sempre é possível ou simplesmente devido ao típico comportamento desprevenido de pescadores de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. É quando o pescador ou caçador se expressa: *Se eu tivesse meu arpão!* Ou então: *se eu tivesse trazido minha flecha!. Eu pensei que não ia encontrar com...*

Na caçada você precisa principalmente da arma de fogo, mas quando se fala em

meio líquido, onde se pesca e pode caçar, a situação muda. Em determinadas épocas do ano maior é a expressividade de determinadas espécies de peixes. Num ambiente “selvagem” de rica diversidade ictiológica, porém, determinadas situações podem surpreender o pescador desprevenido. Os artefatos para pescaria são muitos – caniços pequenos e grandes, finos e outros mais resistentes – malhadeiras, linhas finas e grossas, arco e flecha, arpão e outros artefatos que vão ser direcionados para a espécie que se deseja pescar. Não dispor de um desses instrumentos no momento adequado não é surpresa e nesse caso o pescador, se estiver próximo, volta em casa ou espera para o outro dia.

Se o pescador tem experiência, observa que a prole protegida é muito novinha (alevinos), e sabe que o pirarucu, macho ou fêmea, conduz os filhos bem próximo de si, ao nível de sua cabeça. E quanto mais adultos ficarem, mais vão se afastando dessa proteção, passando para o meio do corpo, cauda, depois metros de distância, até se emanciparem completamente, um ou dois por vez ao encontrarem seus redutos nos barrancos ou nos igapós.

A partir do tamanho dos filhos, supõem-se a posição do adulto, e o pescador lança seu arpão mais vertical ou em diagonal, na busca de acertar o alvo: *Procurei uma braça à frente e uma braça atrás. Procurei embaixo e nada. Procurei no meio do filheiro e pegou logo em dois pequenos. E o peixe foi embora? Não, matei os dois. Primeiro foi o macho. O filheiro se empurrou no igapó. Quando estava acabando de matar o macho, lá vai o filheiro atravessando para o outro lado. Eu botei para cima e matei a fêmea,* é o que nos conta R. de 53, anos, pescador habilidoso na caçada e que havia enveredado recentemente para ser pescador, com intenção de receber o seguro defeso. E se nos dermos atenção ao assunto seguro defeso que foi discutido na introdução do assunto pescaria, o Sr. R., não se enquadra nas exigências para receber tal benefício. Se o Sr. R. fosse fiscalizado, pelas normas do seguro defeso, nosso pescador estaria fora do programa, mas não é só esse o exemplo que nosso pescador nos possibilita visualizar que o distancia do programa. Em estando longe da coerção externa – força da lei – seu comportamento direciona-se para a figuração da estrutura social ao qual faz parte. Em matar o peixe-boi se destaca socialmente.

Voltando da pescaria de pirarucu, onde pode gozar de momentos de excitação vivido individualmente no banco da canoa, a chegada em casa para tratar o peixe é de satisfação. No limpar o peixe, as crianças vão aprendendo as manhas que se escondem nas profundezas dos rios ao serem reveladas através dos relatos dos pescador experiente. O momento mimético, isto é,

história teatralizada – emitindo sons dos filhos, a “luta” entre ele e o peixe, o peso dos peixes etc – é narrada com excitação e ouvida com muita atenção pelas crianças, filhos e netos, ao redor do pescador que narra sua história. O Sr. R., em nosso encontro anterior, havia comentado da atitude ecológica do pescador de deixar sempre um peixe para cuidar do filheiro, parece, no entanto, que sua consciência nesse momento de excitação, não agiu coercitivamente para permitir a sobrevivência daquela prole de pirarucu. Os filhinhos devem ter sido, um a um, comidos por tucunaré, piranha, traíra, entre outros predadores naturais ao serem afastados, em nome da subsistência, de seus pais.

Penso que não é a pescaria de arpão que tem feito maior pressão sobre o pirarucu. O cerco com a malhadeira não deixa escapar, seja do peixe adulto ao budeco (filhote do pirarucu). A malhadeira confeccionada com linhas resistentes prendem o grande peixe, enquanto os filhos são presos nas pequenas: *se não tivesse a malhadeira, tinha muito tambaqui e pirarucu. A malhadeira cerca e o peixe fica preso. Coloca uma adiante e outra atrás e pronto. Querendo ou não ele vai se malhar*, é o que comenta N. de 57 anos, culpando a “pobre” da malhadeira pelo ato predatório. Confeccionada com linha barra 26, o resistente artefato cerca o peixe, e os pescadores, de suas canoas, no centro do cerco, lançam seus arpões em seqüência um do outro. A probabilidade do peixe escapar depende de sua natureza: arrebentar a malhadeira. O pirarucu, no espaço reduzido e sem forças não tem como superar a resistência das malhas. O peixe é arpoado, caceteado, embarcado na canoa e comemorado, pelos pescadores, o sucesso no jogo social e simbólico. No período da seca, a pressão com uso de malhadeira sobre o pirarucu só é amenizado quando há notícias de que os *homens* (fiscais) estão pela redondeza.



Figura 11: Adolescentes na prática da pescaria do arpão.
(Manipulação de imagem: Roberta Tojal.. Fotografia – acervo do autor)

Deixando de lado a malhadeira, volta-se para o arpão, instrumento de pesca, cuja versatilidade em seu manuseio permite ser utilizado para pescar outras espécies de peixes. Nesse sentido no período da seca do rio, pescadores adultos e os jovens que começam a se interessar por esse artefato, ficam animados para arpoar tucunaré, surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*) ou caparari (*Pseudoplatystoma tigrinum*) que se deslocam pelos rios de água baixa. Estando o rio em período de vazante, esses peixes e, principalmente os tucunarés percorrem as margens das cabeceiras e lagos à procura de refeição.

O pescador em sua embarcação e de posse do arpão sai em busca do alimento do dia. De pé no pequeno casco e com os pés na posição ântero-posterior, para lhe dar maior equilíbrio, percorre essas áreas por volta das seis e sete horas da manhã enquanto o vento não sopra para camuflar o peixe que nada sob a água sem se preocupar com o arpão que vem de cima.

Deslocando-se por águas rasas, a embarcação provoca maresia fazendo o peixe

fugir (tucunaré, surubim, entre outros) à procura das profundezas e são identificados pela maresia ao se deslocarem. O pescador arremete o casco para se aproximar do peixe, lançando o arpão no momento que ele reduz a velocidade visivelmente percebida.

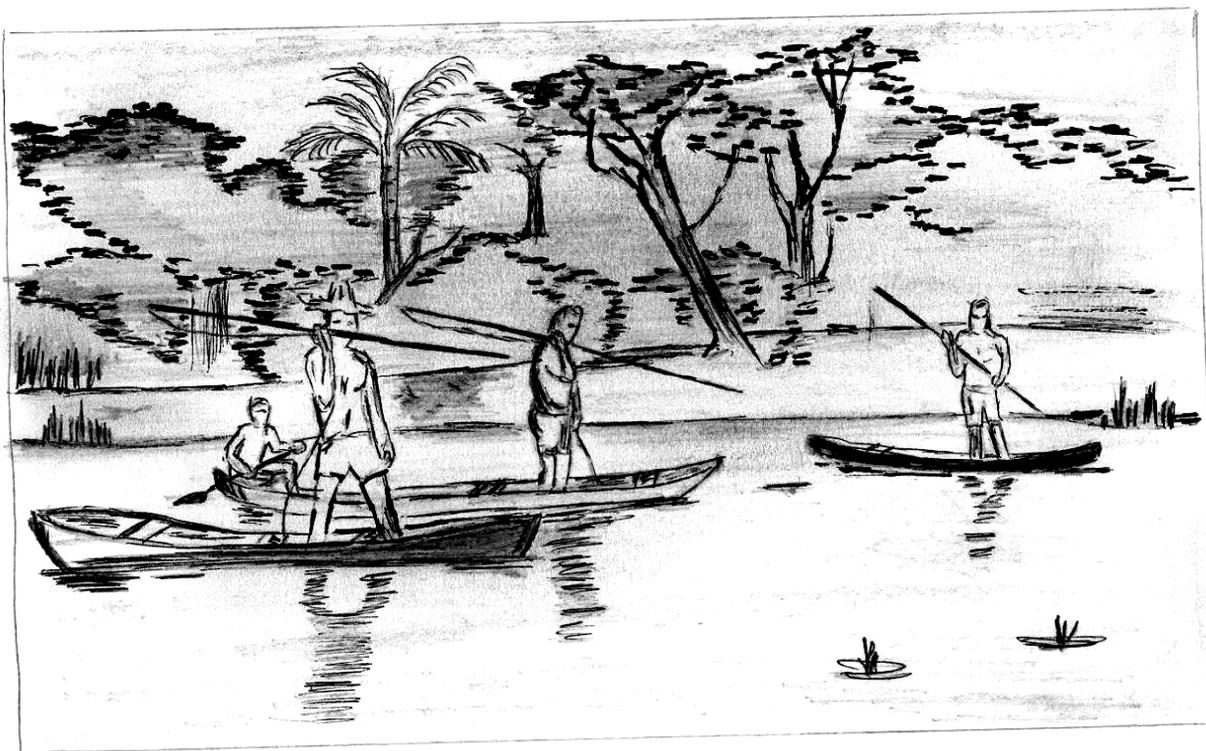


Figura 12: Pescaria de arpão em águas rasas.
(Ilustração de Raul Linhares. Fotografia – acervo do autor)

Se a excitação é visivelmente percebida na pesca do tucunaré pela beirada, imaginem quando os pescadores lançam, direta ou indiretamente, desafios uns aos outros, cujo troféu simboliza o maior ou a maior quantidade de peixe capturado com o arpão. Duas ou três embarcações seguem paralelamente percorrendo margens de lagos e cabeceiras de rio. Os peixes dificilmente conseguem lograr os arpões, que em seqüência, saem do punho dos pescadores um atrás do outro, à medida que tentam buscar refúgio na profundidade do rio. (figura 12)

Enquanto a pescaria de linha para pegar o tucunaré foi divertimento para as crianças e jovens, num primeiro momento da seca do rio, a pescaria de arpão é um estímulo aos jovens e adultos. Quando não pegam o tucunaré com linha, fazem-no com arpão, flecha e malhadeira. É uma espécie que está sob constante pressão à medida que a natureza, em seu período cíclico, o “trás” para os homens lhe pescarem.

Com relação ao peixe-boi, um dos períodos a ser pescado, após ser identificada sua comedia nos capins do tipo a perimembeca, canarana, sineoaua, terra e água, é no período de:

 lunar majestoso
que torna a noite quase dia
 revela ao pescador
 o negro que se escondeu
nas profundezas das águas
 límpidas e frias
quando vem à superfície
 em maresia
ao colocar os focinhos de fora
mascar a gramínea macia.

E assim, no esplendor do luar amazônico, o pescador espera, em silêncio máximo, com sua embarcação presa ao capim. Nesse clarão do luar e nas águas espelhadas do rio, observa a maresia provocada pelo grande mamífero aquático ao colocar suas narinas fora d'água ao vir comer as gramíneas. Sem provocar ruídos estranhos ao ambiente o pescador empunha sua haste, vê a posição que se encontram as narinas do peixe-boi, é quando identificado a posição de seu corpo, o arpoa. Embora o mamífero tenha uma força admirada pelos habitantes dessas comunidades, não é páreo para um arpão encravado em seu espesso couro e uma arpoeira resistente na qual está amarrada a uma grande bóia para o pescador não perder o artefato nem a presa.

Então, após minutos ou hora de luta o mamífero mostra sinais de cansaço. Na dificuldade em abatê-lo, o pescador afoga-o embaixo do casco, ou pode fazer assim: *eu matei o bicho batendo com um pedaço de pau no nariz dele. Bati, bati, quando eu vi, ele já vinha virando de barriga prá cima*, comenta o Sr. R., o pescador, que recebe o seguro defeso, que fez o peixe-boi asfixiar em seu próprio sangue. A chegada com o grande mamífero em casa é o momento de aprendizagem. Ao redor do animal abatido se junta gente, não só da casa do pescador, mas os compadres e seus filhos curiosos, mas aprendizes em potenciais. Entre o vaivém de pessoas o animal é descoirado e posteriormente aberto ao meio onde pode se conhecer seus órgãos. Os relatos vão revelando os hábitos dos animais, se é diurno ou noturno, o tipo de alimentação favorita e as habilidades que o pescador deve ter para pescá-lo.

Em outros tempos, quando havia abundância dessa espécie nos rios amazônicos, o pescador dispunha de duas rolhas de madeira para tampar as narinas do peixe-boi. O pescador, ao ver o peixe arpoado se aproximar da canoa, lhe tampava as narinas e o animal

morria por asfixia. Hoje, com a escassez dessa espécie o pescador não tem previsão de encontrá-lo com facilidade, assim não se preocupa na confecção dos referidos tampões, mas sempre há algum dando “bobeira” em Bicó: *o danado do D., esse ano (2007) já encontrou três peixes-boi. Um foi embora ferido, mas dois ele matou.* Embora protegido por lei, mas “longe” de entender o significado de extinção para que se tenha uma postura distanciada, o habito alimentar da população, ainda não dispensa a carne do peixe-boi, ao mesmo tempo, o valor simbólico e real do grande mamífero, coloca-o no pódio social, pois, segundo o Sr. R. *o nome do pescador fica conhecido.*

Sem noção do comportamento do mamífero, o pescador iniciante pode recorrer ao observatório artificial montado pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa). O projeto de pesquisa que tem como objetivo entender a vida do mamífero – reprodução, alimentação, doenças etc., – o expõem aos seus visitantes, com fins de sensibilizar para a preservação da espécie. Nos grandes tanques conseguimos observar, com bastante fidedignidade, vestígios, que qualquer pescador de peixe-boi já sabe: fezes na superfície da água e gramíneas cortadas, indicando a presença do animal no tanque, no rio ou no lago.

Mas não foi só isso que aprendemos: através das águas límpidas dos grandes tanques, conseguimos observar o comportamento do grande mamífero ao vir à superfície se alimentar. No tanque, assim como deve ser na natureza, o mamífero vem à superfície mascar a gramínea, sendo identificado pelo focinho. Identificando a posição do focinho, o pescador terá a localização do grande corpo, perpendicular à superfície da água. Esse conhecimento permite ao pescador surpreender o mamífero encravando-lhe o arpão em seu espesso couro.

Quando está em seu ambiente e não há ruídos estranhos que o faça fugir, recua da posição de focinhos de fora, para imersão completa do corpo, auxiliado pelas nadadeiras. Nessa tranquilidade que a natureza lhe proporciona, continua a se alimentar ou se deslocar para outro lugar em busca de gramíneas. O interessante é ver que recua suavemente na posição inclinada, o que engana o pescador – *compadre eu dei uma lavrada no bicho* – para em seguida impulsionar-se para frente. Essa percepção do comportamento do animal deve ter orientação de nossos antepassados ou muitos erros e acertos foram necessários para o pescador chegar a lançar seu arpão, com precisão, sobre o peixe-boi. Hoje, qualquer pescador iniciante tem nas histórias teatralizadas essas informações ou simplesmente, aprende, ao observar o comportamento do grande mamífero, nos grandes tanques onde ficam em exposição.

1.2.7 Sururucar (captura de tracajá) e retirada de ovos.

O sururucar é uma, dentre outras, técnicas de captura de tracajá. Realizada no período da seca, com o auxílio de uma vara (petengue) que o pescador conduz em sua mão ao se deslocar sobre o barranco (denominação regional à condensação de capim sobre a água) espetando-o até o momento em que bata em algo consistente. O som emitido pelo impacto do petengue – *quando dá nela é conhecido. Reté, a gente já sabe*, comenta D. de 53 anos – é rapidamente verificado pelo pescador ao introduzir seu braço por entre o capim, segurando e trazendo para fora d'água o tracajá* (*Podocnemis unifilis*). (Figura 13). A experiência diz que *quando está meio fundo, o caboclo tem que ser meio ligeiro, senão, não pega*, pois a natureza manda que em sinal de perigo a fuga é em prol da vida, o que leva a tracajá a buscar águas mais profundas, longe do alcance das mãos do pescador.

O barranco não sendo compacto exige do pescador condicionamento físico para que possa ficar sururucando por uma, duas ou mais horas. No período da seca, o intensificar das capturas é o condimento para deixar o pescador excitado e explorar cada barranco identificado: *Andei em sete capim*, comenta D. de 53 anos – 12-11-06 – e continua, *eu fui num capim grande lá no Acari, mas só presta se for porção* (de gente pois é grande). *Eu fui lá no Capinzão. Na boca* (início da cabeceira do rio) *peguei duas. Lá que eu revirei*. Enquanto na conversa de pescadores se revela, após se beneficiar, o barranco explorado, outros apenas comentam o fato de *já andei num barranco hoje que amanheci*, guardando o segredo para novas investidas, no escuro da madrugada.

Em áreas exposta aos olhares repressivos, o sururucar é realizado no escuro e no silêncio da madrugada. Além da vantagem de camuflar a individualidade do pescador, lhe dá a comodidade que o período do dia não lhe proporciona. Na estiagem, sururucar sob o sol intenso traz ao pescador desconforto provocado pelo esforço físico associado à temperatura elevada – 38⁰C a 39⁰C – e a alta umidade relativa do ar do clima típico do Amazonas. Soma-se a isso a ação das gramíneas sobre o corpo do pescador: *o pior capim é o sineoaua, que corta a gente, mas é bom que dá leite para o gado, e a canarana que coça mais*, é o que comenta D. – 12-11-06.

* Alguns quelônios conhecidos no Amazonas: tracajá (*Podocnemis unifilis*), tartaruga da amazônia (*Podocnemis expansa*), jabuti (*Geochelone denticulata*), cabeçudo (*Peltocephalus tracaxa*), matamatá (*Chelus fimbriatus*) entre outros.

Tanto um quanto o outro, provocam maior incômodo devido ao suor banhando o corpo riscado pelos capins, entretanto, não se vê pescador ir à captura de tracajá apenas por obrigação. Se vê, na excitação, o prazer de indivíduos ir à prática do sururucar.

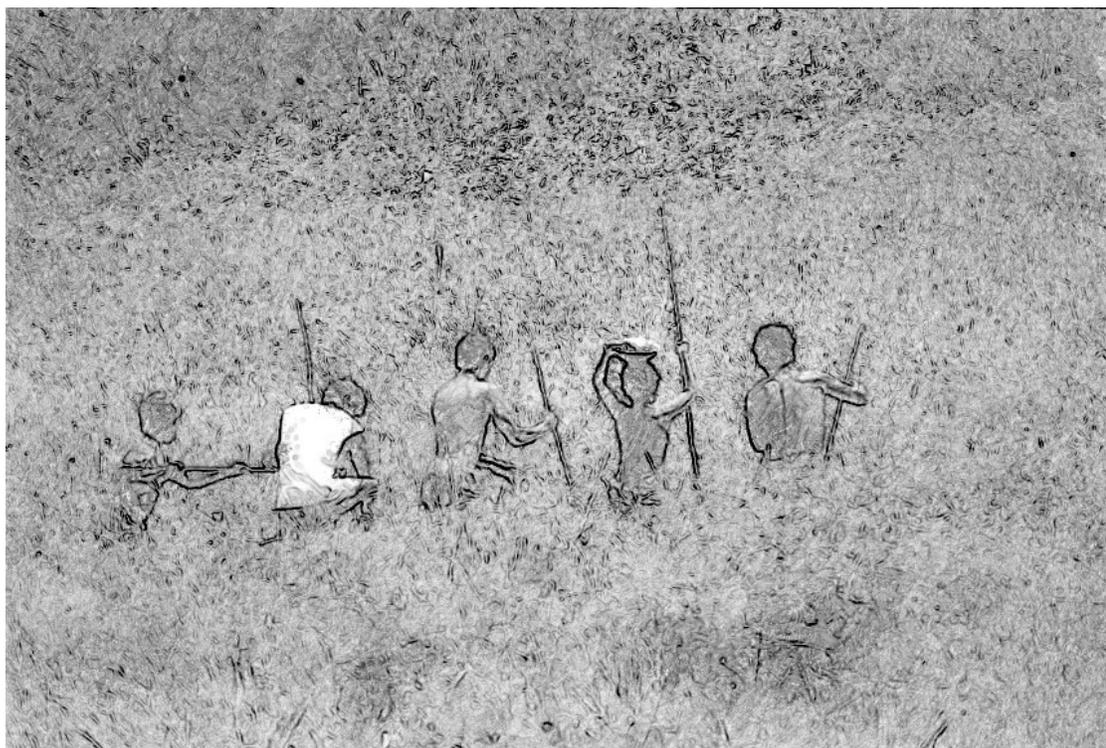


Figura 13 – Rapazes sururucando – captura de tracajá no capim.
(Manipulação de imagem: Roberta Tojal. Fotografia – acervo do autor)

Essa prática prazerosa tem benefícios, nesse caso alimentar, econômico e riscos de acidentes ao pegar na boca do jacaré (*Cayman crocodilus* ou o *Paleosuchus palpebrosus* conhecidos vulgarmente como jacaretinga e o *Melanosuchus niger*, conhecido como jacaré-açu) retido entre o capim.

Há barranco em que uma pessoa consegue explorar sozinho, outros, pela extensão, são dois ou três empenhados na atividade. Se algum jacaré é constatado, os pescadores se empenham a fim de abatê-lo e livrar o companheiro do perigo. Se a prática for noturna, o jacaré sai em vantagem, escapando ou abocanhando o braço do pescador.

No período da seca os barrancos em que se deduz haver quelônios são todos

revirados, mesmo aqueles nas entranhas das cabeceiras onde parece impossível se chegar, devido à densa quantidade de capim e a aparência "sinistra" de que lá se esconde algum tipo de fera, são encontrados vestígios dos homens. Hoje mais do que antes, o conhecimento, permite o distanciamento. Jacaré ou “cobra grande” não é páreo para homens, muitos de arpão e espingardas. O jacaré arpoado, baleado e caceteado, se o hábito alimentar não restringe o paladar, irá servir à mesa daqueles que o mataram.

Há de se ter cuidado com os barrancos localizados à margem do rio frente a propriedade particular: *Já andei em barranco hoje que amanheci. Só que lá tem gente perto e cachorro bravo.* “Não” permite-se a exploração por outros membros da comunidade, mas se durante o dia a área está sob o olhar repressivo do proprietário, à noite no conforto de sua rede, não suspeita de que está sendo logrado. Munidos com seus petengues, os capturadores de tracajá, que vivem da “subsistência”, no silêncio máximo, sururucam cada metro quadrado do barranco sonogado, pelo vizinho chato.

Ao passar algumas horas do dia seguinte, o proprietário sai de canoa para pescar e depara com o “estrago” que fizeram no seu reservatório de quelônios. De volta para casa comunica o fato: *Pegaram todos os meus tracajás.* A idéia de posse é evidente, pois o morador sabe o que poderia lucrar com a captura dos tracajás. Não havia feito antes pois aguardava o momento adequado, enquanto, os “malfeitores”, a essa hora, no porto de sua residência, repartem os quelônios capturados em meio a boas risadas, por ter logrado o vizinho, quando se encontrava no sono profundo da fria madrugada. O “dono” do barranco se sentiu logrado pois ele sabe que embora o apego afetivo de compadrio, parentes e amigos é um componente forte na área de pesquisa, não dá o direito de se fazer o que quer e onde quer. A interdependência permite essa relação de permissividade, estando todos de acordo, sem gerar tensões ou conflitos.

Na vazante do rio nos anos de 1997, 1999, 2006 e 2007 pudemos acompanhar a captura de quelônios. Na área de pesquisa, o macho (capitari) e fêmea (tracajoa, como se chama) são os encontrados na técnica do sururucar. Motivos não faltam: preço no mercado e o consumo. As redes ampliadas permitem aos moradores de Canela-Fina e Cuiamucu a comercialização, intensificando a captura dos quelônios.

Após capturado os quelônios é hora de prepará-lo para servir à mesa como prato do dia. Em um recipiente com água borbulhando é enfiado, de ponta-cabeça, um ou dois pequenos tracajás, quando esperneando se despedem daqueles que o vão saboreá-los. Ferver até

amolecer e se tornar comestível. Se essa forma de sacrificar o bicho-de-casco não agrada, pega-se a cabeça do animal e com uma faca afiada faz a decapitação. O sangue ainda jorrando, um golpe de terçado, no resistente casco ósseo, o parte em duas bandas. Manipulado, o coração pulsando em suas contrações involuntárias, é esquartejado. Enquanto as crianças, aprendizes por “natureza”, vivenciam cada momento, são advertidos pelos mais velhos do perigo da cabeça, mesmo estando fora do corpo, nos seus últimos “suspiros” é capaz de provocar, no fechar e abrir da boca, ferimento grave no dedinho do menino ou menina.

É vantajoso economicamente ao pescador – seja adventista ou católico – capturar e comercializar o quelônio. Um tracajá pode variar o preço de R\$ 15,00 a R\$ 20,00 negociado nas comunidades. Na sede do município, nos barcos de linha ou nas casas flutuantes o preço eleva permeando os R\$ 30,00. Na capital do Estado, o consumidor chega a pagar até R\$ 60,00 por um tracajá. O preço alcançado por um bicho-de-casco geralmente é maior do que uma diária de trabalho no sol intenso e o suor a banhar o corpo. O ganho conseguido na emoção da captura do tracajá é muito mais vantajoso, economicamente e emocionalmente. Em trabalhos pesados como derrubar a mata, a diária pode chegar a R\$ 15,00 e em outras tarefas R\$ 12,00. É vantajoso para o pescador vender dois ou três tracajás contra dois ou três diárias, que vá ganhar.

Num olhar retrospectivo, em 1997 foram retirados da comunidade perto de 300 bichos-de-casco, incluindo tracajás, capitaris e cuiamucus (filhotes de tracajás, designação atribuída a uma de nossas comunidades), capturados através da técnica de sururucar e à noite quando os animais subiam à praia para desovar. Confesso das dificuldades de conseguir tal registro, dado a ilegalidade da prática e comercialização dos quelônios, mas, se o pescador não fala, seu vizinho, o “fuxiqueiro”, nos fala. E guardadas as proporções, o pesquisador, que não é detetive, deve ter estratégias de certificar-se da veracidade das informações. Por outro lado, não estamos sós nessa observação investigatória: *mesmo em rios de alta produção, como o Juruá, o consumo local e o tráfico, gira em torno de 40 mil animais ano, contra o recrutamento de adultos por ano que é de 6 mil. Não há sustentabilidade para adultos na natureza*, é o que comenta, Paulo Andrade*, coordenador do Projeto Pé-de-Pincha, da Universidade Federal do Amazonas.

A rede invisível de interdependência, já comentada, nos faz trazer para o contexto desse trabalho informações, que embora não se concentrem na área de pesquisa, nos dá

* Paulo Cezar Machado Andrade. Coord. do Projeto Pé-de-Pincha. Ufam

evidências da estrutura social que mantém tal rede. *A única pescaria que eu aprendi diferente, foi no rio Carabinani, braço do Jaú, no rio Negro, onde é a reserva do Ibama. Tudo é proibido na reserva, mas lá só se pesca tracajá de curral. Eu vou te falar, mas não conta pra ninguém. Lá no Abacaxi (rio Abacaxi, no Município de Nova Olinda do Norte), o pessoal queria aprender a fazer mas eu não ensinei. É uma armadilha muito cruel essa do curral, acaba com tudo. É feito na praia (tabuleiro de desova), e o que sobe pra desovar, cai dentro. É iaça, tracajá, cabeçudo, tartaruga, são os depoimentos do Sr. C. de 50 anos, possuidor de carteira de pescador, beneficiado pelo seguro defeso. O pescador, residente na capital do Estado fala de sua experiência ao pescar no rio Apuaú, no Município de Novo Airão; rio Abacaxi e lago do Jurupari, no Município de Nova Olinda do Norte; lago do Cabeçudo no Município de Autazes, além de pescar no Município de Maués.*

O curral, e que me desculpe a descrição densa, não vai ser descrito como é confeccionado, é uma armadilha na qual a natureza dos quelônios lhe proporciona maior produção. Biologicamente orientado, o quelônio sobe a praia para desovar, o que faz acompanhando a cerca do curral. Feito a postura ou não, tem de descer para o rio, o que faz contornando a cerca e caindo no curral. *Nós, comenta o pescador, tínhamos 24 currais, 12 para baixo e 12 subindo o rio. Todo dia você tem que vistoriar. Se pela manhã tiver alguma já foi sangrada pela onça, não se mexe. Geralmente a onça vai buscá-la à noite e não mexe em outro curral. Se o cara deixa de vistoriar o curral, os bichos morrem. No outro ano quando a gente chega lá para refazer o curral, a gente encontra a ossada e os cascos dos bichos que morreram.*

De volta a área de pesquisa, o período de desova, entre setembro e outubro, período em que o puxirum e a caçada no bebedouro estão no auge, é um momento ótimo para captura do tracajá. Os homens e mulheres sabem das pontas de terras onde o animal sobe para desovar. Sabem, pois as gerações anteriores lhes passaram esse conhecimento, mas não sabem o porquê da natureza dotar o tracajá de gostar de beiradas queimadas para desovar: *numa ponta como essa, que tem capim, o cara passa lá toca fogo pro tracajá desovar*, nos confirma R. com 77 anos de experiência na captura de tracajá. Preparar área para o tracajá, é uma prática costumeira, pois sabe os “exploradores e exploradoras” *onde tem uma queimada ela vai lá em terra desovar*. O uso do fogo, como foi observado ao discutir o assunto, não só amplia as margens de rios para formação de pastagem, como também elimina o igapó e arma grandes ciladas para a tracajá, que vêm, conforme manda sua natureza, desovar.

O conhecimento permite identificar onde o animal subiu, arranhou o chão (fez menção) mas não desovou. Se de dia os ovos não foram generosamente fornecidos ao pescador, a estratégia é ir à noite. No momento em que estão na cova, desovando, apáticas em "inércia", indefesas até o último ovo sair, como manda a natureza, são prazerosamente agarradas, peadas ou ensacadas. Se, todavia, ainda não desovaram e estão em terra procurando o local adequado, se pressentirem o menor sinal de perigo, o pescador, se quiser apanhá-las que trate de pular de sua embarcação e correr, pois a natureza, nesse momento diz para não esperar.

O período da desova, antes do sururucar, de setembro a outubro, é a primeira pressão que as tracajás sofrem. A procura dos ovos inicia, por alguns, nas primeiras horas do dia. Nesse jogo, o troféu é a maior quantidade de ovos retirados e vendidos. No puxirum ou no jogo de bola, sabe-se quem, em sua casa, está abastecido com os “preciosos” e deliciosos ovos. Alguns se surpreendem, quando as sete da manhã chegam na ponta de terra e deparam com as pegadas de quem madrugou: *o caboclo é bicho medonho mesmo. Já passou por aqui*. Em suas investidas aos ovos, margeando o rio e conseqüentemente os barrancos, encontram as covas e retiram seus ovos. Não satisfeito, no avançar da vazante, sem piedade, o pescador volta para capturar as matriarcas, pois em sua memória sabe que *aqui nesse barranco* (o companheiro C. P. de 30 anos – 28-10-06 – aponta para o barranco trilhado pela presença humana) *pegamos três tracajás, mais ainda deve ter duas. Como você sabe? Porque tiramos cinco covas de ovo aqui na beirada*. E vocês tiraram as cinco covas? *Não, só duas e o jacuraru (réptil) comeu três*. Esses indicadores naturais fragilizam a perpetuação da espécie, quando o crescimento intensivo e extensivo, e as redes ampliadas culminam por pressionar e desequilibrar determinadas espécies em Cuiamucu e Canela-Fina.

De sua embarcação ou por terra, o explorador ou exploradora de ovos conhece aquela porção de terra amassada que se torna diferente e se eleva um pouco acima do nível do solo. A suspeita acaba por se identificar a cova feita pela tracajá, mas, se as evidências não são claras, devido a forte chuva que caiu à noite e camuflou aquilo que perpetuaria a espécie, o indivíduo não vai embora sem antes dar uma cavadinha para matar sua curiosidade.

No início da safra aqueles que não foram influenciados pela religião têm, explícitos, o desejo de comerem ovos de tracajá, mas conforme intensifica a desova, o equilíbrio entre a vontade de comer e o desejo de comercializar, pende para o comercializar. Há razões para isso ao observar-se que na área de pesquisa tanto os tracajás quanto seus ovos podem ser

utilizados na base da troca com outros alimentos nos regatões que ali passam ou nos pequenos comércios de moradores da própria região. De volta ao passado, em 1997, 1999 a dúzia do ovo custava na comunidade Cr\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos) e Cr\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos) no pico da desova. Em 2003, alcançou entre Cr\$ 3,00 (três reais) a Cr\$ 3,50 (três e cinquenta de reais). Já em 2007, na comunidade, se comprava a R\$ 5,00 a dúzia; na sede do município a R\$ 7,00 e na capital do Estado entre R\$ 10,00 e R\$ 12,00. Os ovos podiam ser adquiridos com determinados feirantes ou pessoas procedentes de áreas onde as tracajás ainda eram encontradas.

A quantidade de ovos para cada cova varia, mas segundo informações obtidas na comunidade de Cuiamuc, já se conseguiu quarenta e cinco ovos em uma cova. Na verdade são raras as covas na qual se tira menos de uma dúzia de ovos. Numa manhã de "sorte", desobstruído de qualquer compromisso, pode-se encontrar uma, duas ou mais covas. Ao voltarmos no tempo, no ano de 1997 com base nos informantes, contabilizamos a retirada de aproximadamente 3.780 ovos de tracajás. O receio do informante em ser "dedurado" para os "homens" é muito evidente, entretanto, se um não fala sobre o assunto, alguém, usando da fofoca nos informa quantos e quem tirou os ovos de quelônios.

Se alguma cova passa despercebida pelos olhos treinados de homens e mulheres, essa passa a ser alvo do predador natural que vulgarmente se conhece na região como jacuraru (*Tupinambis teguixin*). Esse réptil é encontrado junto às covas se deliciando com os ovos, ou por muitas outras pelas quais já passou ao se constatar cascas dos ovos espalhadas ao redor. Quando o jacuraru ainda está cavando ou iniciou o banquete junto à cova é assustado com o grito do indivíduo que se aproxima correndo em busca do que restou.

A captura de tracajá se mantém pela força do hábito alimentar, de um lado, e a contribuição do valor simbólico que representa no mercado, tanto econômico quanto social. O hábito de se alimentar de tracajá, tartaruga, jabuti e outros bichos-de-casco não se restringe ao ambiente pesquisado e mesmo havendo penalidades severas a quem deles se beneficiam, a estrutura social permite, a pressão sobre esses animais. O processo social vem permitindo outro olhar sobre os quelônios e o Projeto Pé-de-Pincha, *já devolveu à natureza, no período entre 1999 à 2007, 650 mil filhos de quelônios – tracajá, tartaruga e içaça*, é a afirmação do coordenador do projeto, que atua em 83 comunidades rurais de sete municípios do Amazonas e Pará. Na campanha educativa do projeto envolvendo crianças, jovens e adultos, há evidências, de que

nessas áreas, o nível de percepção e sensibilidade à vida dos quelônios vem se tornando “mais civilizado”. O autocontrole de um lado através da consciência e o poder do Estado agindo como controle externo vem colaborando, mas mostra também, que o comportamento dos indivíduos estão orientados para uma outra figuração e outra rede de interdependência que não se concentra apenas em extrair da natureza, mas também a reposição.

1.3 Caçada

Caçada é a última prática sociocultural a ser discutida para encerrarmos esse capítulo, entretanto, instigo o leitor, à medida que for penetrando na discussão desse tópico ou parte dele, a se situar no tempo e no espaço e lançar mão de seu imaginário para deslocar-se, primeiramente ao contexto deste trabalho e posteriormente ou simultaneamente, para áreas em cuja estrutura física, geográfica e social se assemelham as de Bικό, Cuiamucu e Canela-Fina. Lá vai conseguir enxergar as práticas imbricadas ao dia-a-dia dos seus moradores sem rupturas bruscas e algumas ocorrendo ao mesmo tempo. O leitor desloque seu imaginário para ver, tanto de dia ou de noite, atividades que, aqui descritas, estão ocorrendo. É importante registrar da mesma forma, que nesse espaço, ficarão registradas, as práticas que fizeram e que farão parte do passado de alguém. Práticas que descritas e posteriormente lidas, assustarão o imaginário de outro alguém.

Dito isso levo o leitor ao breve percurso histórico que estamos fazendo e deslocando-se para o surgimento da comunidade de Canela-Fina, que estimamos ter surgido concomitante ao povoado de Boa Vista, isto é, permeando pouco mais de um século. No percurso histórico os moradores de Canela-Fina se desmembram e formaram Bικό e muito depois Cuiamucu. Esse retrospectivo nos faz imaginar que o ambiente de caçada de antes não se compara ao de hoje. Roça, fogo, boi, habitações e mais gente trouxeram mudanças ao ecossistema com maior pressão sobre a caça.

Na introdução do trabalho comentamos sobre a referência geográfica e política na qual o indivíduo se situa. Lá pudemos observar que o indivíduo foi para o *centro* trabalhar. O *centro* como pudemos notar é o local mais perto da mata e mais longe da casa. Partindo desse entendimento, o *centro* ao qual se referiam alguns moradores, hoje é parte integrante da estrutura física da comunidade, isto é, o centro ao qual se referiam já está ocupado por habitações, roças e pastagem. Antes era maior o ataque, conforme relatos de nossos informantes, de manadas de porco caititu (*Pecari tajacu*) ou do queixada (*Tayssu pecari*) às roças cultivadas no centro, próximo à mata, do que se pode ver hoje. Os ataques dos porcos às roças causaram prejuízos às famílias que dependiam delas, mas ajudaram a nutrir os porcos. Naquela época já se via indivíduos se postando de caçador, não para ir em busca de alimento, mas para proteger a roça,

assim como se observa hoje em ambientes onde a onça pintada ainda é um problema para os criadores de boi.

Vimos que as habitações, as roças e a criação de boi empurraram o centro e a mata para mais longe. Com as árvores frutíferas e o ambiente dizimado restou aos animais, para aqueles que não morreram no fogo, recuar acompanhando a mata. A extração de madeira seletiva, o piquizeiro, o jatobazeiro, árvores frutíferas, foram derrubadas contribuindo para afastar para mais longe os animais silvestre, mas em Cuiamucú, Bicó e Canela-Fina há, ainda, muita mata e ambientes de lagos, ilhas e cabeceiras onde se pode caçar. Nesse ambiente, que aparentemente é infinito procurou-se registrar os tipos de caçada que apresentaremos a seguir.

Na opinião de um caçador, *a caçada não é pra qualquer um. Quem não tiver com ouvido atento ou não conhecer, não está nem ligando. Pouco sabe distinguir os ruídos.* Na definição de Descola (1989, p.306), vamos ver que caçada é entendida [...] “como em toda empresa cinegética, éstos se fundamentam en el dominio combinado de los instrumentos para matar y de las técnicas de acosamiento y de acercamiento”. De fato, técnicas de perseguição e aproximação, assim como o domínio dos instrumentos são partes integrantes da caçada, entretanto o controle emocional e psicológico não deve ser negligenciado. De um lado o caçador não deve ter compaixão para aniquilar o animal, se for necessário dá-se um, dois ou mais tiros. Se não morrer com os balaços e ameaçar fugir, duas ou mais porretadas na cabeça, ajuda a aniquilar o animal. Por outro lado, o psicológico bem preparado faz do caçador um homem destemido. Não há bicho no mato que não consiga enfrentar. Com o olhar distanciado, o caçador sabe como abordar o animal e superar sua natureza.

A caçada por assim dizer merece anos de aprendizagem a proporcionar ao caçador o conhecimento do meio e conseqüentemente os trajetos pelos quais os animais, dada sua natureza, passam em sucessivas gerações. Conhecer o comportamento e o hábito alimentar de animais, associado ao domínio de instrumentos, que para os caçadores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina é a espingarda, mas para grupos indígenas pode ser o arco e flecha, sarabatana e armadilhas vai proporcionar maior sucesso na atividade. Imbricada as exigências para ser um bom caçador estão as qualidades perceptivas – visual, auditiva, ofativa, tátil – assim como as habilidades de coordenação motora grossa e fina que vão possibilitar o deslocamento, aproximação e manuseio da arma.

Na área de pesquisa essa atividade está relacionada com as estações do verão e

vazante do rio, inverno e enchente do rio, isto é, aos ciclos naturais. De acordo com a época do ano, na companhia de caçadores, pode-se observar que nossa floresta produz, diferentemente do que pensa Moran (1984), uma diversidade de flores e frutos em épocas definidas no calendário, as quais atraem os animais silvestres. Em determinado período, é o verão, no calor causticante do clima tropical, que os animais são caçados ao procurarem os bebedouros para suprir a necessidade de ingestão de água. É o período em que as pessoas estão envolvidas com o puxirum, e quem pode, vai ao bebedouro em busca de servir aos seus convidados um bom prato de veado. Nesse sentido, concordamos com Moran (1974), ao entender que a caçada é uma atividade sazonal, ao observarmos sua prática em diferentes ambientes como capoeira, mata, cabeceiras de rios e lagos.

É de nosso conhecimento, quem povoou a área de pesquisa levou consigo o calendário. Nele, conforme os períodos – intervalos de meses, semanas, anos – os ciclos naturais foram apreendidos. Se a natureza for generosa, diferentes modalidades de caçada são praticadas, dentre elas a caçada de canoa, caçada andando pela floresta, caçada de moitá ou de espera, caçada de cachorro, caçada na varrida, caçada na ilha, a serem descritas mais à frente.

A caçada representa uma forma de obtenção de proteína, presente na alimentação de homens e mulheres residentes em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina. Mas é a caçada de canoa, caçada na ilha e em bebedouro as que fornecem mais carne de animais silvestres. Assim como vimos na pescaria, há uma forte influência religiosa que direciona a carne de caça a ser servida à mesa dos adeptos da religião adventista. Os adventistas, segundo a Bíblia, não devem consumir carnes impuras. Esse entendimento simbólico coíbe a ingestão de carne da maioria dos animais silvestres caçados na área pesquisada, para fins de alimentação: *nós, adventistas, nos alimentamos de alimento que dá nutrição ao físico. Carne de caça, segundo a Bíblia só as que removem, o veado e as aves que têm moela. Alguns exemplos pode-se citar: aves sem moela, (da família Ardeidae da qual fazem parte a garça-branca-grande (*Egretta alba*), o soco-boi (*Tigrisoma lineatum*) entre outros.*

A crendice imbricada na tradição religiosa mantém sob a mínima pressão ou porque não dizer, nenhuma, essas espécies de aves que estão em abundância na região, mas, a ciência nos proporciona outro olhar. O estômago, comenta o médico veterinário Augusto Kluczkowski Júnior, sobre a anatomia interna das aves, possui duas cavidades: proventrículo e moela. Os homens e as mulheres de Bico, Cuiamucu e Canela-Fina têm como referência à moela

das aves granívoras, nas quais são bem pronunciadas como por exemplo, as pertencentes à Ordem Galliformes, da família Cracidae, onde se encontram os mutuns, jacus, aracuãs etc. Outro exemplo são as aves da Ordem Tinamiformes, da família Tinamidae que tem como representantes os macucos, inambus, codornas etc. O proventículo é mais pronunciado nas aves carnívoras, nas quais a moela é inexpressiva, como por exemplo as aves da Ordem Ciconiiformes da família Ardeidae, Threskiornithidae. Observa-se a partir da anatomia do animal o quanto algumas espécies sofrem maior pressão do que outras.

A lista das carnes proibidas* e impuras não se restringe apenas às aves; ela se estende a outras espécies de animais entre as quais: a paca (*Agouti paca*), tatu (*Dasypus novemcinctus*), tatu 15 quilos ou rabo chato (*Dasypus kappleri*), porco caititu, porco queixada etc. A pressão para converter os moradores de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina em adventistas é um fato observável em sua estrutura social, na qual os adventistas, no dia do juízo final, devem gozar de uma espaço melhor depois da vida aqui na terra. Em conversa com R.A. de 55 anos – 16-9-07 – convertido há seis meses para religião adventista, se observa o conflito do que é permitido e do que não é a ser consumido. Esse conflito é interno e externo. O interno advém da memória gustativa ao resistir à mudança brusca do hábito alimentar. Externamente tem o olhar “coercitivo” ou de vigilância de toda a rede de compadrio observando seu comportamento. Enfim, a tensão interna, confia ao autocontrole, regular o que é cabível e o que não é para ser um adventista, mas, esse não é um problema para quem nasceu no berço da religião adventista: *eu nasci no berço do adventista. Eu não como nada disso*. Fala o jovem P. de 19 anos, filho de adventista.

Os adventistas de berço desenvolvem um nível de repugnância a determinados animais – paca, tatu, cutia, porco caitetu e queixada, macacos, quelônios, jacarés entre outros – que os impedem de consumi-los, isto é, desde criança torna-se mais fácil assimilar um hábito alimentar do que um adulto de 55 anos. Independentemente de credo, é o “pobre” do veado, por ter unhas fendidas, carne de boa palatabilidade e valor simbólico diferenciado, é servido em todas as mesas, sem distinção de credo. O veado roxo (*Mazama gouazoubira*) e mais do que este, o veado mateiro ou vermelho (*Mazama americana*) são dos animais silvestres, em razão de sua natureza, os mais procurados pelos adeptos tanto os católicos quanto os adventistas. Em não predispor de contra indicação simbólica, sua carne recebe boa receptividade na mesa das famílias, tornando-a produto de boa qualidade para ser comercializada no mercado clandestino ou

* Em Levítico 11, 17, 22 (Bíblia Sagrada, GAMMA, 1980) , fala-se sobre a proibição do consumo de alimentos.

trocada/vendida na área de pesquisa entre os compadres.

O hábito alimentar arraigado, desde criança, em sua memória gustativa e olfativa acompanha as pessoas para onde for estabelecer sua morada. Na capital do Estado ou na sede do município, onde não se permite a comercialização de carne de caça por ser crime ambiental, é possível encontrar em feiras o dito produto em exposição ou camuflado por baixo das bancas a espera do consumidor. Paca no valor de R\$ 50,00 a unidade ou R\$ 7,00 o kg; tatu geralmente se vende inteiro a R\$ 30,00; o veado pode chegar a R\$ 10,00 o kg. Não importa se o comércio é em Boa Vista do Ramos, Maués, Manaus, ou em outro município, o que nos importa é entender que há no Amazonas, sempre alguém disposto a deglutir o que a memória gustativa lhe solicita, porque, *a carne de caça é diferente, é mais gostosa do que a de boi, do que a do frango congelado.*

Assim, na retirada da madeira e na pesca, deu-se a entender que ninguém foi preso ou autuado por distúrbio de comportamento ao praticar tais atividades e comercializar seus resultados. Da mesma forma não vemos pessoas sendo presas ou autuadas por distúrbio de comportamento ao sair matando e vendendo carne de animais silvestres. Nesse sentido, se há um comércio ilegal de carne de caça é porque há indivíduos, cujo comportamento está orientado para essa rede de interdependência. Comentou-se nas outras práticas, o fato de que, em comunidades a exemplos às pesquisadas, existe ainda um forte apego afetivo ligado a laços de parentesco, compadrio e amizade que permite aos seus moradores a direcionar a caçada para redes de consumo. A identidade *nós* comunidade não permite a qualquer indivíduo de fora de seu contexto a se apropriar da caçar sem que haja resistência social, portanto, eles, os moradores ou com ajuda deles, é possível que se cace para comercializar a carne de forma ilegal.

O hábito alimentar associado ao costume de caçar, não se perde no simples fato de extrapolação de fronteiras, isto é, não se desfaz no simples fato de mudar de morada. Esse hábito mantém o comércio e a caça a animais silvestres. Todo o conhecimento adquirido desde a infância em áreas como a pesquisada, acompanha as pessoas em sua mobilidade. O conhecimento do hábito alimentar, comportamento da caça, hábito noturno ou diurno e suas estratégias de abordagem, tempo apropriado à caçada acompanha indivíduos caçadores. Na banca do feirante o fruto uxi, piquiá ou buriti diz ao indivíduo, experiente caçador, que na mata está no tempo de caçar. Embora com outros instrumentos adquiridos por intermédio de um maior poder aquisitivo, o costume se revela não mais no preparo da comida no arder do fogo a lenha e no comer em cuia.

Se revela no cozinhar no fogão a gás e no servir em prato de vidro e uso de talheres. O conhecimento se reproduz não mais em ir caçar utilizando a canoa como transporte para chegar a área de caça, mas se utilizando do veículo de autopropulsão.

Na transição ou mobilidade de pessoas residentes como em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina para centros mais urbanizados, onde a caçada deixa de ter a permissividade alicerçada à subsistência para ser uma prática extremamente proibida, não faz apagar de sua memória momentos de prazer que teve nas suas caçadas. Não faz esquecer a excitação agradáveis que a caçada lhe proporcionara. Não faz esvaziar da sua memória o cheiro da mata, da terra, o canto dos pássaros e tudo mais que compõe o ambiente de caçada. Então, nessa saudade “imensa” que traz de algum lugar de seu passado, o atrai para a prática da caçada. Agora, vivendo a rotina de trabalho imposta pelos centros mais urbanizados, lhe impulsiona em busca de lazer. Na caçada, desobstruído de obrigatoriedade, esse indivíduo vai em busca de prazer, de excitação própria do espectro de lazer.

Seria muito “egoísmo” de nossa parte pensar que o amazônida é o único a caçar nesse Brasil. Nesse sentido, desculpe-nos pela identidade-*eles* revelada, mas é assim que identificamos o paulista caçador, o mineiro caçador, o paranaense caçador, o nordestino caçador, entre outros indivíduos, provindos do rural de suas terras de origem, e encontraram nas matas do Amazonas um ambiente propício para colocar em prática suas estratégias de caçada. Não raro encontramos, pelas estradas que ligam Manaus a outros municípios do Estado, pessoas comuns se portando como caçador. Na medida do possível, ao disponibilizar de folga no cotidiano da urbe, há pessoas a encontra prazer na prática da caçada, mas, não é só isso que temos observado. A experiência de campo nos possibilitou encontrar “caçador”, ou melhor, se apropriando de técnicas para tirar da mata, mais do que o “necessário” para se alimentar. Refiro-me a utilização, por parte de indivíduos, de cinco, dez armadilhas (denominado localmente como tocos) espalhadas estrategicamente nas veredas de caças pela mata. Com o objetivo de maior produção, o caçador coloca em risco a vida de outros indivíduos e de cães de caça que podem estar circulando pela mesma área.

Após esse breve planar, volta-se a área de pesquisa onde se pode observar na obra de Wagley (1988) e Moran (1994), que a caçada é impregnada de crenças. O medo ainda deixa certos caçadores afastados de áreas desconhecidas, mas, o medo não é duradouro e à medida que o caçador residente em Bicó, Cuiamucu e , através do conhecimento, expande sua

fronteira exploratória pelas matas da região e limita sua fronteira imaginária provocador do medo, a balança de poder sobre a natureza, pende à seu favor. O distanciamento (ELIAS, 1998a), advindo de conhecimento, a desmitificação da natureza (ELIAS, 1991) permite expandir sua fronteira física, espacial e limitar a fronteira imaginária. Na fala de G. 30 anos, é possível identificar esse distanciamento: *Nesse tempo, que vai secando, a gente vê todo tipo de misura (visagem, assombração) – grito, assobio – às vezes parece que é gente conversando. Não tem aquele passarinho que faz... (movimenta a boca com sons imitando o pássaro). Aí eles não conhecem e saem fora. Tem caboclo que é muito medroso, mas quando não tem aquele passarinho que grita alto, estronda pra todo lado aparece bicho. Depois que eu descobri, acabou o medo.* E o informante continua sua observação: *quem trabalha por perto (se refere às proximidades da comunidade ou de suas residências) não conhece muito barulho da mata. Quando vai andar no mato e ouve barulho, corre de medo. Se a gente não prestar atenção, corre de medo.* Aqui é um momento que pode deslocar a atenção direcionada à criação de boi. Quanto mais centraliza esforço próximo da casa, pouco se conhece, a não ser através dos relatos, o que se passa longe dela, seja nos rios ou nas matas. Quanto mais esforço se concentra na criação de boi, mais especializado vai se tornando o indivíduo e menos domínio vai apresentando na prática da caça ou da pesca.

Penso que seja, nas matas do Amazonas, o período de estiagem o “mais visagento”. O vento forte, típico do período quente, torce os galhos de árvores arranhando uns aos outros provocando sons de assobios e “gemidos de terror”. As folhas e galhos secos caem ao chão e se juntam ao momento dos gemidos dos galhos e piados de aves, fazendo arrepiar nossos pêlos. Com o medo cercando nosso imaginário, olhar para os lados e para trás nos faz imaginar “coisas” que nos foram colocados desde criança para coibir nossas ações de bisbilhoteiros. Histórias de caçadores que viram ou foram perseguidos por animais possuídos pela mãe da mata; caçadores que ouviram assobios na mata; vozes que sussurravam, mas não se conseguia ver o que ou quem era, são exemplos que ajudam a fortalecer o medo e manter “longe” das matas e dos rios os mais “medrosos”.

As histórias narradas, como mostramos ao discutirmos o entendimento de lazer, nos encontros de finais de tarde são relatadas com tanta convicção de “fatos vividos” que deixam receosos os ouvintes. Não é ser prudente ou racional para o caçador ir à mata no dia em que as probabilidades de “lhe acontecer algo” são evidenciados pelos fatos. *Os antigos diziam que há*

muito tempo, na Semana Santa, os bichos varavam nas casas dos moradores. Eles se faziam de tolos, desafiavam o caçador para ver se iam respeitar o dia santo. Quando nada acontecia, os bichos voltavam para a mata, comenta E. de 49 anos.

As crianças, independentemente de credo, crescem ouvindo histórias de caçadores que são perseguidos por animais da mata (entre eles o macaco e o veado) possuídos por seres sobrenaturais e enquanto o conhecimento não colaborar para o distanciamento o medo lhes acompanhará. As crenças estão relacionadas, de certa forma, com uma interferência significativa nas atividades dos moradores das comunidades pesquisadas, principalmente nos dias que antecedem os dias santos. Procuram terminar seus afazeres para sair em busca de alimentos no rio ou na mata, justamente pelo receio, como evidenciamos, de se defrontarem com animais possuídos pela “mãe da mata ou do rio”.

As crendices são captadas diariamente em companhia de homens e mulheres de Bicol, Cuiamucu e se observa a força simbólica que elas possuem: mulher gestante deixa homem panema⁴ (falta de sorte na caça ou na pesca); em dias santos os católicos evitam pescar ou caçar para não depararem com assombração; se caçar ou comer algum bicho no dia em que a mulher vai parir, a criança nasce parecida com o animal; onde mulher gestante anda (tabuleiro ou praia de desova), tracajá não sobe para desovar; mulher gestante quando come embiara – resultado da caça ou da pesca – do caçador, o deixa panema; para ter um parto tranqüilo, a mulher gestante, antes de escovar os dentes, enche a boca de água, faz bochecho e a joga no quarto ou na porta de entrada e saída da casa; o caçador não deve pisar no sangue de animais feridos, pois dá mais força a esse para fugir.

Há nesse bojo uma influência psicológica “negativa” que recai sobre o caçador ou pescador. O resultado é desmotivação para a prática de tais atividades. O caçador com panema mostra-se psicologicamente abalado, convicto do mal que o atingiu, carrega dúvidas para sua caçada, tudo é incerto. Atirar numa caça é questão de possibilidade; em não atingindo, reforça-se a crença da panema, a qual repercute na vizinhança, quando o caçador chega em casa e conta sua história. Se estiver acompanhado, ante a incerteza que carrega, prefere dar prioridade ao companheiro e deixar que ele atire, pois tem *convicção* de falhar. O panema sai de casa sem nada e volta como foi. A panema deixa o indivíduo desmotivado e induz a baixo rendimento quando na prática da caçada ou pescaria.

⁴ Encontra-se em Moran (1974, pp. 148 - 149), escritos sobre panema na vida do caboclo.

O caçador acredita que a panema debilita o corpo e conseqüentemente interfere negativamente em suas habilidades de caçador ou pescador, pois deixa-o indisposto. A pessoa acometida pela panema é alvo de chacota entre amigos e mesmo entre familiares. A família, desconfiando do mal que acometeu seu chefe, contribui para curá-lo e as esposas ou os próprios caçadores fazem remédios com penas de aves, folhas, cipós entre outros elementos naturais para curar a panema, pois sabem da importância do equilíbrio corporal para realizar movimentos eficazes e garantir eficiência no manuseio dos artefatos ao aproximar-se de seus alvos, mas há de se convir que os remédios, respeitando tais crenças, atuam como placebos. Como resultado do conhecimento, as crendices aos poucos vão sendo desmitificadas.

No que se refere ao tipo de esforço desenvolvido na caçada, a experiência adquirida na companhia de caçadores e dados obtidos, permitiu-nos classificar a caçada andando pela floresta como atividade aeróbica, de baixa a moderada intensidade (MATOS, 1996). As atividades diárias – remar, carpir, derrubar a mata de machado, cavar para plantar, subir em árvore, carregar madeira, carregar panela de mandioca etc. – proporciona ao caçador condição física para o desenvolvimento da caçada ao percorrer grandes distâncias, por longo período, sem apresentar sinal de fadiga.

Não são as qualidades físicas por si só a proporcionar bons resultados na caçada, pois se isso fosse o suficiente, “qualquer” indivíduo em boa performance física seria um caçador. O iniciante com habilidades a serem aperfeiçoadas – deslocamento, forma de pisar sobre folhas e gravetos secos, andar e parar, olhar, ver e ouvir, entender o comportamento do animal, sentir a posição do vento, se agachar etc. – ao se aproximar de sua presa (e quanto maior a responsabilidade a ele atribuída de trazer comida ou quanto maior o significado simbólico da caça – um veado ou uma anta – mais evidentes são essas manifestações) apresenta respiração ofegante, movimentos pesados, contraídos, com receio de fazer barulho e ser percebido, o que dificulta a eficácia na atividade. Com a prática do cotidiano, a auto-avaliação, assim como a troca de experiências com os mais habilidosos, os movimentos rústicos vão dando lugar aos refinados. O estilo individual, com o tempo, torna-se perceptível. Superada a fase inicial de aprendizagem, o caçador torna-se referência na comunidade.

Quanto à participação de menores nessa atividade, verificou-se, assim como Descola (1986), que a floresta não é lugar de passeio nem de brincadeira para as crianças. As famílias conhecem os perigos e deixam bem claro para seus filhos quais são eles, assim como

vimos o medo incutido nas crianças por meio das crendices, pesa ao tentarem entrar na floresta sem estar na companhia de alguém mais experiente. Tive oportunidade de encontrar no ambiente de mata, caçador, acompanhado de algum filho, que hoje – 2008 – um com 19, outro com 20 anos, são excelentes caçadores. Conhecendo os referenciais naturais, se situam espacialmente na floresta com maior segurança.

Se não estivermos atentos aos pormenores que acontecem no cotidiano das comunidades, muita coisa foge da nossa observação. A simples prática de tratar e limpar a caça abatida, pode ilustrar nossa preocupação. Raspar o pêlo do animal após banhá-lo com água quente é uma técnica. Se, água for muito quente ou se jogar várias vezes água em um lugar e esfriar, a cutia, paca ou a capivara não ficam bem limpas. Pêlos espalhados pelo corpo do animal dificultam a venda ou reclama-se na hora de ser servido à mesa.

Porco caitetu e queixada, anta, veado, macacos não se raspa o pêlo, retira-se o couro completamente, assim quanto a onça e ariranha são exemplos de animais cuja perseguição não foi para o consumo, mas para vestir ou usar, de forma simbólica, seu couro. Feito o primeiro tratamento parte-se o animal pela barriga. Nessa fase a observação se detém aos órgãos comestíveis – rins, fígado, coração – e a forma de prepará-los: cozer ou assar. No caso da anta, além dos órgãos citados, aproveita-se o intestino para fazer lingüiça. O sangue coagulado da caça é lançado aos cães.

Nesse vaivém de água quente, facas afiadas, risadas, histórias de caçador, os aprendizes – crianças e jovens, meninos e meninas – lançam-se a uma aula de anatomia animal. Aos poucos vão aprendendo a identificar os órgãos e localizá-los no corpo do animal. Pulmões, intestino, coração, cada órgão ao ser atingido por uma bala apresenta um grau de gravidade para a espécie a ser caçada. Na posição de presa, animais de pequeno ou grande porte qual o veado, a anta e a onça são vulneráveis ao serem atingidos atrás da pá, região anterior do corpo do animal indicador do seu coração, portanto, com um balaço no coração, qualquer animal esparrama-se no chão. Atingir a caça na barriga não é muito recomendável para o bom caçador. O caçador que se presa atinge a caça na cabeça, mas o melhor tiro é no ouvido ou no olho. Em ambos, o projétil é direcionado ao miolo (cérebro) do animal. Na barriga a caça atingida pode correr, mas, vai morrer em algum lugar. Com as vísceras furadas, o bolo fecal contamina a carne da barriga. O abdome furado perde pressão interna e cede à pressão externa, fazendo a caça agonizar: pula, esperneia, berra de dor, morre ensangüentada e melecada.

O laboratório experimental de anatomia ao ar livre é uma fase dessa aprendizagem. É onde, na absorção dos conhecimentos, vai se detectando a vulnerabilidade de animais e a superioridade humana. Se o resultado da caçada foi beneficiada com a captura de filhotes (paca, anta, cutia, veado, mutum, entre outros), esses se tornam animais de estimação, isto é, a bondade humana acaba por domar a natureza animalesca. No convívio “harmonioso e afetivo” entre os homens, aos poucos, sua natureza animal é revelada e apreendida pelos ouvidos, olhos, narinas e pelo tato dos aprendizes. A terra úmida permite ao aprendiz ver e associar as patas do animal ali impresso; a fruta roída, permite associar os dentes do animal que a comeu; o ruído do andar, do comer permite aos ouvidos associar a caça que está chegando ou comendo embaixo da fruteira; o cheiro peculiar de cada animal, permite ao caçador associar a caça que por ali passou ou chegou na fruteira; o pêlo que cobre o animal é também um identificador da espécie que circunda a fruteira, ou o bebedouro ou quando o animal deita para descansar. Esse conhecimento atribuí, aos caçadores, poder sobre as qualidades naturais dos animais o que permite encontrá-los e como abatê-los. O conhecimento proporciona ao caçador vantagens que não se limitam apenas a uma boa performance motora, da mesma forma, o acompanha independentemente de sua mobilidade ao extrapolar suas fronteiras espaciais.



Figura 14: Adolescente expondo o filhote de veado mateiro.
(Ilustração de Raul Linhares. Fotografia – acervo do autor)

Transcrevo o diálogo, anotado na caderneta de campo – 16-8-06 – no momento da chegada do caçador em sua casa. O envolvimento da família para tratar (descoirar, limpar) o veado abatido na madrugada. A conversa capta informações que contribuem com aprendizagem do comportamento do animal, hábito alimentar entre outras informações importantes que o caçador deve saber antes de ir para mata.

O relógio marcava 0h35, quando os cães acusavam a chegada dos caçadores no porto da casa. Da canoa colocaram a caça no ombro e se dirigiram para casa. A porta se abriu e a tábua do assoalho range, ao pisar sobre ela. A caça foi colocada sobre uma tábua, quando se ouviu uma voz que veio do quarto: *O que morreu?* E o caçador respondeu. *Veado.*

No amanhecer, a meninada desperta a curiosidade de quem quer aprender, e se aproximam da caça. A mãe, que preparava o café fala: *eu sabia que era um veado. Eu estava acordada quando atiraram.* De fato, não é surpresa ao chegar da caçada alguém ter ouvido o disparo da espingarda, caso a caçada não seja no centro da mata, muito distante das residências.

Conforme passam os minutos a agitação aumenta e no afiar as facas a criança chega perto do animal e fala: *é um veado.* O pai responde: *é uma leitoa, ainda não teve filho.*

Com as facas afiadas o animal colocado sobre palhas para não sujar de terra ao retirar do seu couro. Em seguida parte-lhe a barriga para retirar suas vísceras: coração, pulmão, fígado, intestino, rins. Alguns vão para os cães, porcos, urubus e outros vão para a panela da família.

Fala o menino de 11 anos: *essa bala passou rasgando.*

O pai: *está gordo.*

Filho: *isso já comeu muito.*

Fala o caçador: *a anta vem de madrugada*

Pergunta ao pai: *O que ela está comendo?*

Responde o caçador: *paracutaca.*

Pai: *andiroba também ele come, ele vai pelando* (o pai se refere aos filhos de andiroba que brotam aos pés das árvores mães).

Pai: *o Joaquim atirava de dois lá na passagem. Lá não falha não.* (o pai se refere a área onde foi morta a caça)

Pai: *vai descoirando. É nova, ainda não teve filho.*

Pai: *eu matei uma anta só com chumbo.*(o pai se refere a uma situação não comum devido a resistência do grande mamífero, que geralmente se caça com munição pesada, tipo palanqueta ou bala).

Pai: *na espera a gente atira perto.* (o pai se refere a posição do caçador no moitá, como vamos ver na seqüência do texto)

Caçador: *já está caindo flor de piquiá no mato.*

Pai: *xixi já está caindo. O veado come só o caroço do xixi.* (o pai se refere ao ingá-xixi (*Ingá alba* Willd), da família *Leguminosae*)

Filho: *quando está caindo ingá lá no centro ele come muito. Papagaio joga e ele come.*

Pai: *bicho que eu matei muito quando era novo. Matava de quatro no dia. Aqui no guaranazal tem um. Andando por lá encontrei a cama dele, ainda estava quente. Tinha pêlo.*

Caçador: *Anta vem lá.* (ao se referir ao lugar que matou o veado)

Pai e filho: *quando a gente for lá, vamos preparados pra ela.*

Pai: *Atirei uma anta lá e ela correu muito. Chega ia espirrando sangue. Choveu e nós perdemos. O Negão foi pra lá outro dia e encontrou ela tufada. Já estava estragada.*

Caçador: *O mutum amanheceu cantando.*

Pai: *ele está na faveira.*

Filho de 6 anos: *tem um negócio aqui.* (glândula)

Pai: *é a catinga dele.*

Filho de 11 anos: *uma vez eu cheirei ai.* (pela cara que ele fez não foi boa idéia)

Filho: *vamos ver de quem é a bala que entrou pra dentro.*

Filho de 11 anos puxa o coração do animal e leva para assar.

O pai faz observação quanto à resistência do veado quando o tiro não é fatal. O caçador tem de ter certeza que o animal morreu: *o compadre Joaquim atirou um veado foi lá ver o bicho e fez só dobrar. Quando ele voltou o bicho já tinha ido embora. O compadre Vinoca atirou um veado no bebedouro. Virou o veado de um lado pro outro e foi tirar o cipó. Quando chegou lá pra amarrar o bicho, ele se virou e correu pra mata e o compadre Vinoca ficou só olhando.*

1.3.1 Caçada na mata

Na caçada andando pela mata, observamos, no deslocamento do caçador, sucessivos movimentos de flexão e inclinação do tronco à frente e para os lados, agachamentos, elevação de pernas com flexão e extensão de joelhos solicitadas por obstáculos que se apresentam à sua frente: cipós e no processo de renovação natural as árvores e troncos caídos ao chão. Em alguns trechos subir e descer terrenos acidentados faz parte da rotina de uma caçada que nos coloca a de a seis horas andando pela mata. Diferentemente do que a indústria cinematográfica nos apresenta de forma mimética, a caça não está à disposição do caçador num piscar de olhos, se pretendemos encontrá-la, temos que ir à sua procura.

Nas primeiras horas da manhã, da maneira que Descola (1982) identificou entre os índios Achuar, o caçador experiente sabe que os animais noturnos (veados ou a anta - *Tapirus terrestris*), ainda estão se agasalhando e os animais diurnos (aves: jacu — *Penelope superciliaris*; mutum — *Mitu mitu*; cujubim — *Pipile cujubi*; porcos: caititu; queixada; cutia — *Dasyprocta agouti*, entre outros) estão despertando; ainda estão sob efeito do descanso e à procura de comedouros, tornando-os mais vulneráveis. À medida que as horas passam, os animais já se alimentaram e suas qualidades inatas de perceber o perigo os deixam mais arisco.

Percebendo a presença de animal de pêlo ou de pena, o caçador caminha suavemente, pisa cauteloso do calcanhar à ponta do pé, mãos levantam galhos, o tronco acompanha esquivando-se, olhos e ouvidos atentos* buscam entre os arbustos e árvores a caça camuflada. Esse comportamento, unido à *paciência* proporciona resultados positivos, ou seja, sem tirar a atenção de sua caça, seus movimentos tornam-se precisos e seguros.

O canto ou o vôo do jacu, mutum ou cujubim é o sinal para o caçador colocar em prática suas habilidades. Qualquer movimento brusco silencia a ave. Nesse momento dizemos que a ave ficou na moita. De seu esconderijo, geralmente “sai para fuga” em um vôo longo. Se o caçador estiver na companhia de outro, ao avistar a presa, a *mímica* assume o diálogo. Os gestos

* No esporte é entendida como “percepção cinestésica”: “É aquela impressão que capacita os atletas a permanecerem num estado de alerta para as possíveis movimentações da disputa e com noção de toda a área em que poderão ocorrer deslocamentos, e ainda com um sentido apurado nos lances dos adversários. Enfim, é a capacidade da noção global da disputa em que o atleta está empenhado. Quanto mais destreza o atleta apresentar, mais naturalidade e segurança deverão ser constatadas”. (TUBINO, 1984, p. 167) Um caçador ou pescador de boa percepção cinestésica, terá melhor resultado em suas atividades. Tubino fala, “ a falta de uma percepção cinestésica realmente prejudica a destreza”.

comunicam: fazer silêncio, parar de andar, se agachar. Enfim, sabe-se quem e por onde vai abordar a caça.

Momentos “raros”, mas inatos, contribuem para o sucesso da caçada. O jacu, que se refugia nas copas das grandes árvores, ao ser encontrado com filhos, que caíram do ninho, torna-se presa certa. Com instinto de protetor, seu comportamento arisco é totalmente inibido e a ave é capaz de pousar no chão para salvar a prole sem dar-se conta do caçador de arma em punho está a alguns metros, o mesmo acontecendo com o jacamim de costas-verde (*Psophia viridis*).

Em dias de “sorte” o caçador pode encontrar dois a três veados na vadia (o que nós denominamos por ritual de acasalamento), é a certeza de ter carne para comer. Seus sentidos aguçados, seu instinto de proteção é profundamente “abalado” no momento que entra em primeiro plano a disputa pela perpetuação da espécie:

animal
de pena ou de pêlo
na procriação
se desliga das ciladas do dia
quando está na vadia

A mata é o ambiente no qual possibilita a caçada o ano todo. No período chuvoso e da cheia do rio, formam-se os grandes poços nos centros da mata nos quais podem ser encontrados jabuti-machado (*Platemys platycephala*). A água adentrando as cabeceiras força os animais a se concentrarem em partes mais alta da terra e é onde o caçador, conhecedor de pontos estratégicos, tem a possibilidade de encontrar algum tipo de caça, o que não ocorre no verão.

Os animais, na extensão de terra, perambulam, conforme manda a natureza, à procura de água, alimento e parceiros. A concentração deles em determinada área é uma possibilidade, portanto, a dedução da área escolhida, mediante conhecimentos anteriores, será favorável ao sucesso, principalmente se for época de floração e frutificação de determinadas espécies de árvores, que podem ser encontradas nas baixas ou nas partes altas, quando vão secando lagos temporários.

No verão e na seca do rio, época propícia à caçada em bebedouro, a extensão de terra é maior. Surgem as grandes baixas e os vestígios indicam a freqüência da caça. Para o caçador, é necessário fôlego para trilhar o percurso escolhido. Conhecedor da mata, busca os atalhos e o seu sucesso vai depender da experiência, da resistência, da habilidade e da “sorte”.

Por motivo de essa atividade estar vinculada ao tempo natural, há duas observações que os caçadores destacam. No verão forte, as folhas caídas no chão estão secas, o que facilita ao caçador perceber qualquer som que passe dentro do seu campo auditivo. O ruído pode vir de uma boa presa ou de uma lagartixa, o que passa pela seleção, ou melhor, discriminação auditiva do caçador.

O período da seca lhe traz desvantagem, pois seu deslocamento pela mata é percebido pela caça, que geralmente voa ou foge. O andar sobre folhas e gravetos secos que se quebram e emitem fortes ruídos, não há caça que fique a esperar o caçador lhe balear. Durante esse tempo, os caçadores preferem andar na mata após uma chuva que caiu no dia anterior. A chuva deixa úmidas as folhas, que não produzem tanto barulho.

Essa época favorece a caçada de moitá⁵ que é feita geralmente à noite ou finais de tarde, mas também, nos dias quentes esperando a caça no bebedouro. As folhas secas identificam a aproximação da anta, porco, veado ou qualquer ser que depende de água para continuar a viver.

No período de inverno, a chuva (na região conhecida como chuva branca) “complica” a caçada. O caçador dificilmente sairá num dia nublado com ameaças de chuva. Quando cai uma chuva forte e demorada na floresta, há possibilidades de errar a direção. O mal tempo esconde o sol, sua principal referência, e a mata assume um aspecto de igualdade, a chuva camufla as trilhas percorridas e os referencias só são detectados por quem tem um bom conhecimento da área.

Na chuva e dentro da mata, ou na caçada de canoa à noite e de moitá, a percepção auditiva e visual do caçador é prejudicada, pois os pingos d'água sobre as folhas dos arbustos e as crestadas no chão, tornam-se estímulos falsos: sons de passadas e roídas de animais para todos os lados são ouvidos pelo caçador, que de lanterna em mãos foca vez ou outra para constatar a presença de animais embaixo da fruteira. Tudo se mexe e provoca sons (com os pingos da chuva) chamando a atenção do caçador. Ligar a lanterna vez ou outra sem certeza, afugenta o animal que vem se aproximando da fruteira. Se o tempo amanhece nublado, o índio Achuar (DESCOLA, 1986) e o caçador da área pesquisada, evitam sair para caçar.

Mas em condições de chuva, quando já está na mata, se o caçador avistar um

⁵Moita – é definido no dicionário da Língua Geral por E. Stradelli (1929), “Mutá - Giráu. Estrado feito a certa altura da terra e dissimulado com folhagem, onde o caçador se posta à espera da caça que deve vir beber água nalguma fonte ou poça proxima, comer as fructas caídas ou lamber a terra, nos logares onde ha afloramento de saes.”

animal, é mais fácil conseguir abatê-lo. O mau tempo prejudica a percepção aguçada dos animais. Eles não conseguem perceber o andar do caçador sobre as folhas molhadas que, escondendo-se por trás dos troncos de grossas árvores, a presa torna-se alvo fácil. O tiro, como já foi aprendido, deve ser atrás da pá, para perfurar o coração,

O tempo chuvoso, com um chuvisco caindo no início na manhã ou pelo final da tarde, é o que os caçadores querem para caçar pato-do-mato (*Cairina moschata*). Essa ave, por ser arisca, torna-se alvo fácil, quando as manifestações da natureza inibe a natureza da ave.

Independentemente da época do ano, o caçador experiente andando pela mata, atento aos mínimos detalhes, percebe de longe, na copa das árvores movimentos de galhos se mexendo e constata a presença de macaco-prego (*Cebus apella*). Na copa da árvore o bando de macacos se alimenta emitindo um ruído aqui outro ali. No aparente silêncio dos animais, restos de frutas caem ao chão e de longe se ouve. O caçador silencioso espreita entre as árvores o movimento, quando de repente o alarido dos macacos chama sua atenção.

Gritos, agitação são características do macaco-prego quando o líder detecta algo que se mexe embaixo e coloca em risco o bando. De cima, na copa da árvore, o macaco pode ver:

passar anta, veado e cutia
sem que o faça fugir
em gritos e estripulia
mas se passar o homem
o olhar desse “caçador”
ao macaco que o vigia
o faz saltar em alaridos
para a fuga e manutenção da vida

A presença do homem, por mais que se camufle por trás de movimentos de quadrupedia, se arrastando, andando inocentemente, ou melhor, descaracterizando-se, não é o suficiente. Basta seu olhar em direção aos macacos ou outras espécies de animais, como se isso identificasse suas intenções e eles gritam em sinal de alarme.

Começa a fuga espetacular, pulando de galho em galho numa velocidade espantosa, somem do olhar humano, ficando para trás o balançar dos galhos identificando por onde passam. Se o caçador tiver intenções de caçá-los, a tática é correr atalhando a floresta e esperá-los na frente, quando são surpreendidos ao passar de uma árvore para outra com um tiro

que não tem rumo certo. Na cabeça ou no coração o macaco vem logo ao chão. Se pegar de raspão o caçador vai ter o “trabalho” de repetir o tiro. No chão, se já morto é peado e levado às costas para continuar a caçada, mas se não morreu com o balaço no peito, o caçador vai ver o macaco-prego lhe pedir “piedade” quando lhe for cacetejar e ver o animal, com as “mãos” na cabeça, olhar profundo a se proteger da porretada que lhe faz tremer enquanto o corpo perde o controle do tônus muscular em sinal de falência. O comportamento do macaco-prego em determinadas situações fez muitos moradores da área de pesquisa repugná-lo como alimento.

Não interessa nesse momento caçar macacos, pois para alguns, o processo civilizacional – a religião de um lado e a ciência do outro – já os dotou de um olhar distanciado e de repugnância. Por ter cuidado de se camuflar, o caçador sabe que a agitação dos macacos pode identificar a presença de outros animais atraídos pelo som dos restos de frutas deixadas cair do alto. A cutia, o caititu, o veado são animais, que durante o dia podem se servir das sobras que vêm de cima, nesse caso, o caçador detentor de habilidades, sabe como proceder para obter sucesso.

Com relação ao veado que tem hábito noturno, o caçador ao andar pela floresta não deixa de examinar cada galhada de árvore tombada ao chão, pois sabe ele que esse é um ambiente propício para o animal estar na cama, recebendo os raios do sol ao penetrarem pelos galhos secos. Surpreender o veado descansando, que fica a tremer sem ação ao olhar direto no olho do caçador, torna-se alvo fácil.

Caçar pela mata significa colocar em prática todas as técnicas de captura de animais, se não conseguir de uma forma tenta-se outra, e assim o caçador perambula. Em certo momento de sua caçada ele ouve o piado (assobio grave) do inambu-açu (*Tinamus tao*), que embora tenha lhe chamado à atenção não parou para caçá-lo, pois sabe ele que essa prática leva de trinta minutos a uma hora, o qual interromperá sua busca a outras caças maiores.

Em outro trecho da mata, inambu pia, o caçador então responde com o próprio assobio ou com auxílio de algum artifício. Ele continua andando e a resposta vem minutos depois. O caçador procura a sapopema* de uma árvore, o tronco de árvore tombado ao chão, ou seja, procura algo para se esconder. Do esconderijo continua assobiando e a inambu responde e nessa comunicação entre o verdadeiro e o falso, a ave vem andando sobre folhas e gravetos caídos no solo, identificando sua aproximação, até o ponto adequado da mira do caçador.

*Raízes laterais e expostas que sustentam árvores nas florestas tropicais.

Caçar o inambu-açu não é tão simples, pois se ele suspeitar do perigo devido a um assobio distorcido do real, a ave pára a uma distância não visível aos olhos do caçador e de lá responde, andando de um lado para o outro até sumir mata adentro ou então, se a ave estiver chocando seus belos ovos esverdeados entre as sapopemas de alguma árvore, só responderá aos chamados falsos, mas não virá certificar-se. Nesses casos o caçador terá no mínimo 30 minutos de espera sem sucesso.

Enfim, pela floresta o caçador, com o olhar distanciado, atenta aos pormenores que lhe proporcionarão benefícios imediatos ou não. Encontrar uma itaubeira na diversidade de espécies de árvore, dar uma breve parada e em seu tronco grava as iniciais de seu nome. A partir daquele momento, a árvore registrada lhe pertence, retirá-la “só” com sua autorização. No período da cheia, conforme fora encomendada, o motosserrador derrubará e a transformará em peças de madeira.

Se for época de piquizeiro estar de frutos, ou do uxi-liso ou uxi-corôa, primeiro verifica se há vestígios de animais comendo os frutos caídos no chão, se há intenções de preparar o moitá. Após certificar-se, coleta os frutos para serem consumidos no café, acompanhados com farinha de mandioca. Do uxi-corôa se faz vinho ou consome, após cozido, com café. Se o dia for do caçador, se estiver marupiara, pode encontrar jabutis (*Geochelone denticulata*), os quais servirão de alimento ou para comercialização.

Após horas pela mata e sem sucesso, surge uma opção. Se sua religião permitir, o bando de guariba (*Alouatta belzebul*) que trate de subir para o ápice das copas das grandes árvores, longe do alcance dos projeteis, o que eles sabem fazer muito bem. Se o período é chuvoso, os primatas tornam-se hospedeiros de bernes (uras), as quais, embora se alojem entre a epiderme e o tecido muscular, causa repugnância, não sendo bem aceito para refeição.

Se a época é de chuva e os poços na mata começam a encher, é possível encontrar naquela imensidão de terra o jabuti-machado migrando em busca de refúgio e de ambiente propício à reprodução. Os caçadores sabem disso e nas investidas pela floresta por essa época, não há poço que fique sem ser examinado cuidadosamente. Encontrar dez ou vinte desses répteis é uma refeição garantida para a família, que não tem a religião como controladora do seu hábito alimentar.

1.3.2 Caçada a pato-do-mato

O rio começa a encher entre janeiro e fevereiro. Em março, as águas já adentraram as cabeceiras, os lagos estão começando a se alargar e o amã (*Luziola spruceana*)*, gramínea distribuída pela superfície da água, está florando. No ar, o caçador aprecia o movimento de patos-do-mato que se deslocam para as cabeceiras e lagos em busca da mais abundante alimentação desse momento, a flor do amã.

Entre os moradores o diálogo:

- *Hem compadre! Este ano vai dar bem pato.*
- *Mais é mesmo compadre. Hoje quando eu fui pescar, vi voar três lá da cabeceira da Onça** . Eles não esperam compadre, mal eu apareci, eles já voaram.*
- *Hum! Aquilo é muito vivo, só tem o nome de pato, mas se a gente não souber, ele que faz a gente de “pato”.*
- *Olha compadre, eu me lembro numa vez que um pato me logrou.*

A conversa vai longe, histórias e estórias que enaltecem as qualidades inatas dessa ave selvagem para pressentir o perigo. Os caçadores sabem que podem passar horas na atividade sem terem sucesso. Abatê-los com facilidade só mesmo na árvore em que dormem, no poleiro, o que constitui, um ato de “covardia”.

Numa situação de campo aberto*** é difícil se aproximar dos patos. Na área onde se alimentam, qualquer movimentação que foge ao natural é motivo de interromperem a refeição. Entesam o pescoço e fixam os sentidos em direção aos ruídos e imagens que se tornam diferenciadas. Voltar a comer novamente, só quando se certificam que não há perigo, e na suspeita, batem asas para o caçador ao levantarem vôo.

O voar de aves que se espantam com a presença de canoas, o barulho de bovinos ao entrar na água para comer ou atravessar o rio, mais o piar alarmante da piaçoca (*Jacana jacana*) são motivos de “irritação” dos caçadores. Sabem eles que a pequena ave é como

* O material encontra-se depositado no acervo do herbário do Inpa, sob o nº 196145, coleta número 08 de Matos, G.G.

** Os moradores costumam dar nome às cabeceiras conforme a situação: Cabeceira do Guariúba, Cabeceira do Onça; Cabeceira do Gavião Balaio entre muitas outras.

*** Lago com pasto natural, principalmente o amã e o arroz-de-marreca quando não é denso.

uma sentinela, identificando o perigo evidente para a presa cobiçada.

Por água, principalmente nos grandes lagos onde o pasto (gramíneas) ainda está baixo, torna-se mais difícil caçar os patos. O amã que fica alguns centímetros acima do nível d'água é o suficiente para camuflar essas aves que se achatam no momento que se alimentam e espantam o caçador numa fuga rápida quando esse se aproxima com sua canoa, mas, se o lago ou o rio não possibilita a camuflagem do caçador, a abordagem por via terrestre se torna mais viável estrategicamente:

Cabeceira abundante em alimento
 vestígios de aves
 casola* perfeita
 raiar do dia
 batidas de asas
 é chegado o momento
 arma em punho
 tiro certo na cabeça
 voltar para casa
 para cuidar de outras coisas e
 a mulher preparar o alimento.

Caçador de posse de sua arma, ainda no escurinho, pelas quatro e meia ou cinco da manhã, embarca em seu casco e se dirige para a área. Aborda a ilha, já estudada anteriormente. Por terra busca as partes mais estreitas da cabeceira onde os patos descerão para comer. Sentado atrás dos arbustos ou escondido na casola, o caçador se mantém na posição de expectativa presenciando o transitar da madrugada para o dia raiar. Bem camuflado, mas perseguido pelas picadas de carapanãs, o caçador se dá conta dessa transição ao identificar não só o clarão do dia, mas os sons emitidos por bacuraus, morcegos que vêm se “despedir” do caçador enquanto as boas vindas ao amanhecer é dado pela saracura, as galegas que dão o tom nostálgico no friozinho da manhã ao cantarem pelo igapó, assim como o bem-te-vi, e o canário da terra. A garça branca não deve ser assustada em sua pescaria, pois pode levantar suspeita do pato que vem para pousar. Os japiins passam em revoada e devem ir comer em outro lugar. Nesse universo “encantado” o pato-do-mato não tarda. As fortes batidas de suas asas identificam sua chegada para a refeição matinal. Caçador posicionado com atenção voltada para ave, o momento nostálgico apreciado, faz silenciar a natureza com o “buum” da espingarda. Enquanto os passarinhos que “alegravam” o

* Casola, termo regional que designa o amontoado de capim seco.

ambiente voam desesperadamente, o caçador corre para pegar o pato, que com o tiro no pescoço, só fica a bater suas asas em meio ao lago.

Em dias de estiagem, quando as folhas e gravetos secam, caçar por terra exige maior habilidade do caçador. Conduzir-se entre a vegetação e acomodar o pé a cada passada é uma técnica necessária, pois qualquer pisada brusca entre os detritos acumulados sobre o chão ou balançar de arbusto ao encostar-se nele é o suficiente para despertar a atenção de sua presa.

Quando o caçador alcança a água, para chegar mais perto do pato, é preciso, também, o máximo de atenção. E aqui não é o estalar de gravetos, mas sim, a formação de maresia advinda de seu deslocamento na água, que denuncia a presença de perigo. Nesse instante, a ave inicia o movimento de voar e se o caçador não for habilidoso e agiu no manuseio de seu artefato, a perderá.

O dia amanhece prenunciando chuva, que não tarda a cair. Todos sabem, é dia propício à caçada de pato. O "mau tempo" para homens e mulheres desenvolverem certas atividades, torna-se excelente para caçar. Uma pequena chuva é o suficiente para camuflar o perigo. A aguçada percepção dessas aves é profundamente abalada. Como todo estímulo torna-se falso, os patos se alimentam despreocupados: batem asas, saem um atrás do outro na vadia, mergulham; o macho monta na fêmea e como a afogasse, copula. Após o coito, como se irradiassem prazer, voltam a bater asas, mergulham acompanhados de nados rápidos; a fêmea pinça as penas com o bico arrumando-as e ficam no ritual de acasalamento por minutos, enfim "brincam", se é que se pode usar essa expressão para os animais. Se não forem interrompidos depois de alguns minutos da realização do ato para a perpetuação da espécie, voam para o galho de uma árvore para secarem e fazer um breve descanso. O momento do acasalamento fragiliza a ave e a associação com tempo chuvoso, mais ainda. Tais situações são conhecidas dos caçadores e um tiro certo leva a ave para ser servida à mesa da família.

O rio continua enchendo, o volume d'água aumenta e por terra é difícil caçar, pois as aves pousam distante e o amã já é escasso. Em seu lugar, arroz-de-marreca que vinha se formando dá sinal de amadurecimento. Ao contrário do amã, o arroz-de-marreca brota da terra e se prolonga mais de 70 centímetro acima do nível da água formando longos pastos naturais para as aves. Com o amadurecimento do arroz, a pescaria de pacu (*Myleus* sp.) é uma prática do cotidiano, assim, os pescadores se apossam de suas armas quando saem para pescar, sabem que em algum momento podem se tornar caçadores. Uma olhadela pelo pasto e constata-se a presença

de aves que se denunciam ao puxar com o bico a haste da gramínea que ao envergar quebram-na trazendo o arroz ao bico.

Os apetrechos de pesca são deixados de lado, dando início a uma nova investida. Favorecido pela altura da gramínea, o pescador/caçador se agacha em seu casco, com pernas cruzadas, tronco flexionado, movimentos de braços e balanço do tronco permitem remadas precisas, suaves que fazem o casco deslizar sobre a água e por entre o arroz, neste momento decisivo ao ouvir a ave comendo, ele deixa o remo e desloca a embarcação puxando com as mãos entre a gramínea. Pega a arma introduzindo-a suavemente entre o arroz-de-marreca. O “boom” da espingarda repercute pela comunidade e os compadres se expressam: *esse já levou o dele*.

O arroz, que se prolonga acima da água formando um escudo natural a camuflar o caçador, raleia conforme o rio enche, dificultando a aproximação da ave pelo rio, mas a natureza é generosa e propicia ao caçador a área de igapó. Se o igapó não foi queimado e derrubado para a formação de pasto para gado, o caçador desloca por entre as árvores numa distância entre sete e dez metros de sua mira, e poucas são as aves que voltam aos seus pares para continuar a perpetuar a prole.

Caçar pato selvagem não é só uma atividade dos exímios caçadores. Nos finais de tarde, ao regressar da pescaria, é comum por essa época ficar atento ao movimento dessas aves que têm seus lugares fixos para repousar, após um dia “agitado” em busca de alimentos e da perseguição de caçadores. Nas copas das árvores, os patos chegam para se empoleirar. O pescador que no dia anterior os viu pousar ou passou por baixo de alguma árvore e encontrou vestígios de fezes e penas espalhadas pela vegetação rasteira, os aguarda. O aparente silêncio é rompido com o bater das asas da ave que se aproxima para pousar em seu poleiro e instantes depois ser surpreendida com um balaço na cabeça.

Se a lua, majestosa, clareia bem o ambiente, a ave tarda a chegar. Embaixo, no aparente silêncio do início da noite o caçador é perseguido intensamente pelos carapanãs e qualquer parte do corpo desprotegida é picada. Se a natureza insistir, as picadas dos carapanãs fazem correr o caçador.

Se essas situações não satisfazem o caçador, este lança mão de mais uma tática, qual seja, a utilização de uma pata doméstica para atrair as aves selvagens. Criada com muito cuidado aos moldes humano, a patinha preta, amarrada em uma de suas patas trairá a natureza para servir o seu bom criador. O patarrão (linguagem local) que pousou para copular, com o tiro

na cabeça, não poderá mais voar. Com a patinha “dando” sopa, não há pato macho que não pouse para copular. Se ocaçador for bom de mira, leva para casa os patos que se “atreveram” a copular sua pretinha.

1.3.3 Caçada de Canoa.

A caçada de canoa (entre julho e agosto) se dá em área de lago, cabeceira de rio e cabeceira, cuja constituição é de igapó. A caça é encontrada quando procura água e frutos que caem às margens do rio. Áreas de igapó onde o fogo tostou as árvores ou foram derrubadas para formação de pasto, já não são, ou pouco são freqüentadas pelas caças, precisando, o caçador, ir em busca de outros ambientes de caçada a remo ou de rabeta. A melhor embarcação para essa caçada é o casco de 15 ou 16 palmos (medida local que aproxima-se de 2,70m), o suficiente para suportar duas pessoas, mas com um tamanho bom para melhor desempenho do caçador ao manobrá-la por meio as árvores em ambiente de igapó.

O caçador, com a habilidade de manobrar o casco, remo de um lado e a lanterna do outro, são as percepções sensoriais treinadas que os guia: a visual para, no piscar do foco da lanterna, ter uma visão ampla dos obstáculos à sua frente, a olfativa para distinguir odores e a auditiva, atenta a qualquer estímulo, lhe guia e identifica ruídos de um sapo que pula nas folhas secas, um rato que corre, uma paca que está roendo, um veado que anda, mastiga ou uma anta que assobia.

Identificado o ruído, a coordenação óculo-manual possibilita ao caçador aproximar-se com a maior precisão possível da caça. Quando coincide da caça passar por trechos condensados de cipós e galhos de árvore, o caçador cauteloso, contorna-a e espera o animal no seu caminhar em busca de comida. Identificado o animal, o caçador deixa o remo, pega a arma e com o foco da lanterna direciona-a para a caça, precisamente aos olhos que brilham no incandescer da luz. Localizada, o disparo é entre os olhos ou atrás da pá, cujo coração não visível, mas anatomicamente localizado na memória do caçador, não permite à caça ao ser atravessada ou perfurada pelo projétil, mais do que alguns pulos e berros de dor e o silenciar-se com a morte. Animais da espécie do tatu ou da paca são subestimados. Os caçadores, entre a troca de

experiência e prática, sabem que as qualidades desses animais para perceber o perigo não são muito apuradas; alguns ousam chamá-los de tolos chegando a três ou quatro metros de distância do alvo. O tatu é o “mais” tolo. A dois metros de distância, dificilmente o caçador erra a cabeça do tatu que pula, pula até não haver forças no corpo e dá sinal de falência no tremelicar da cauda. Tal ousadia, da aproximação do caçador, não se estende a outros animais, tipo, veado, anta, onça.

A caçada pode ser feita individualmente ou com um companheiro. Este ao chegar o sono estende o corpo no porão do casco e adormece, acordando com o disparo da arma. No auge da caçada formam-se grupos. Em duplas ou sozinhos buscam grandes cabeceiras as quais ramificam-se formando o que denominamos de braços. Para cada braço, antes do escurecer, ruma uma embarcação. Sabe o caçador da extensão daquele braço e a probabilidade de encontrar caça tanto na ida quanto na volta. No final de tarde, ao se dirigir para área de caça, ele pode encontrar pássaros pelo igapó, entre eles, o mutum, jacu e o inambu-galinha (*Tinamus guttatus*), alimentando-se ou se empoleirando,

Após algum tempo remando, chega o ponto de referência no qual aguarda, se alimentado de algo, ao escurecer. Sabem os caçadores que a atividade pode durar horas e o frio da madrugada associado ao remar do casco irá exigir energia. Tomam uma dose forte de guaraná ralado para manterem-se acordados e esperam escurecer para dar início à atividade. No passar da noite, se for de sorte, o som das vidas noturnas que ocupam a terra, a água e a copa das árvores e a fragrância das flores silvestres, são abafadas pelo “bumm” das espingardas acompanhada dos resíduos de fumaça.

Momentaneamente, grilos, sapos e aves param de emitir seus sons característicos, enquanto o caçador vibra com o alvo atingido. Após o disparo da arma, volta-se ouvir o concerto de ruídos, peculiar dando sinal de vida ao ambiente. No dia seguinte as aventuras da noite são revividas: quem conseguiu mais caça, ou deixou escapar, ou quem foi o panema da atividade. O jogo imbricado na atividade, estimula a intensificação da caçada por essa época. O sucesso, se não for para comercializar, permite à família dois ou três dias sem se preocupar com alimento: *Esse ano*, comenta C. P. de 30 anos – 28-10-06 – *eu interei 27 pacas na beirada. Teve noite de eu matar quatro. E quanto custa uma? Conforme o tamanho é o preço.*

Os moradores dessa área não se detêm apenas na caçada de paca, tatu. A perseguição à capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), por exemplo, é uma atividade que está presente nas comunidades. Com hábitos aquático e terrestre, a capivara pode ser encontrada em

lagos, ou ilhas ou em várzea de terra preta em cujas margens são possíveis identificar as marcas de suas patas ou simplesmente as gramíneas cortadas com seus dentes afiados. Em suas buscas, o pescador descobre vestígios do maior roedor: muri (*Hymenachne donacifolia*)*, seneoaua (*Leersia hexandra*), perimembeca (*Paspalum repens*) cortados a dentes afiados, margem lamacenta, varedas no meio ao capim que se estende por toda a margem do rio, vestígios bem definidos acusa ser um bando de capivara. Pescador experiente deixa sua embarcação e estuda minuciosamente, por meio dos vestígios, o comportamento dos animais. Observa de onde vêm e para onde o caminho os levam. Identifica entre as marcas das patas, no chão umedecido, que há adultos e filhotes, pois não é racional abater os pequenos, a perpetuação do bando dependerá de sua “consciência” ecológica. Estuda a direção que o vento sopra e conseqüentemente por onde abordar. O caçador sabe que seu odor, ao ser conduzido pelo vento aos faros das capivaras será o suficiente para colocar o bando em fuga.

Animado volta para casa, avisa a mulher e os filhos do fato. Arruma seus apetrechos, sabe que pode ser uma noite longa ou mesmo chegar só no outro dia. “Deixa” de ser pescador e assume a função de caçador. Arruma farinha, sal, guaraná, lamparina, fósforo, terçado, arpão (caso o animal atingido queira fugir), lanterna, espingarda, apito cujo som é capaz de atrair o animal a uma distância surpreendente de cinco a seis metros o que lhe permite um tiro certo.

Em seu casco de caçada, sonda a área. De posse do apito percorre o rio imitando o assobio das capivaras. Pacientemente desliza a sua embarcação pelas águas calmas enquanto emiti sons para atrai-las. Não tarda para que o caçador direcione sua atenção a um fino assobio que emerge de um turbilhão de ruídos noturnos. Entre sons ininterruptos de grilos e coaxar de sapos, o caçador pára e sua discriminação auditiva permite identificar a resposta inegável: *Ah! Então és tu que está aí!* A partir daquele momento, o seu sucesso dependerá de suas habilidades e das táticas de abordagem previamente estudadas, isto é, se o vento sopra, um simples gesto de acender um fósforo é decisivo na tomada de atitude e direcionar sua abordagem.

Em noite de luar não é recomendado caçar os grandes roedores. Sabe o caçador que a luz do luar reflete aos olhos das capivaras a imagem, inegavelmente, do caçador. Da posição do caçador, isto é, do rio, olhando para a margem onde os animais se encontram – área de capim ou igapó – o caçador inexperiente pode não se dar conta do porque o animal se pois em

* O material encontra-se depositado no acervo do Herbário do Inpa, sob o nº 196139; 196142 e 196144, coleta número 02, 05 e 07 de Matos, G.G.

fuga. Ele saberá ao deixar sua canoa e se colocar onde os animais estavam e entenderá que tudo que passa no rio, sob o clarão do luar, nada se esconderá.

Momento “inusitado” permite facilitar a caçada. Enquanto as piaçocas atuavam como sentinelas, acusando a presença do caçador no encalço de pato selvagem, a noite, o maguari (*Ardea cocoi*) com seu piado forte ou o alencó (*Anhima cornuta*) quando há por perto, atuam como "dedo-duro", ou seja, podem denunciar a presença de capivaras na área.

Muitas vezes o caçador percorrendo o lago, ouve o piado assustado do maguari que foge do barulho voando. A experiência dos vários anos nessa atividade avisa que o pássaro não voou à toa. Algo espantou a ave de seu poleiro, pode ser capivara e numa sondagem minuciosa, com o apito na boca emite sons e se tiver resposta, sua caçada pode começar ou terminar, com sucesso, em poucos instantes.

1.3.4 Caçada em moitá

A caçada em moitá é uma prática diurna e noturna. Exige do caçador acuidade e discriminação auditiva o qual permite-lhe identificar a aproximação da caça ao vir comer frutas ou quando vem passando por sua vereda ou quando, no período de estiagem, vem em busca de água no bebedouro.

No moitá o caçador deve evitar fazer movimentos bruscos, a fim de não ser percebido pela caça, o que é quase impossível na época em que os carapanãs* atacam. No inverno o número de criadouros aumenta, isto é, o acúmulo de água pelos poços, folhas, ouriços de castanha furados por animais ou quebrado pelos coletores, coroatá**, tronco e casca de árvores são propícios a proliferação dos mosquitos, que à noite, podem fazer correr do moitá o caçador. No auge do verão com a rarificação de pontos de reprodução dos mosquitos, andar na mata e ficar na espera é uma tranquilidade: *a gente pode até dormir no moitá*, diz o caçador. E pela época que

*Carapanã ou pernilongo termo que varia conforme a região do País. Em nossa pesquisa coletamos alguns deles: *Culex (Aedimus) sp.* e *Mansonia (Mansonia) indubitans*, capturadas diurnas; *Coquillettidia (Rynchotaenia) venezuelensi*, capturadas noturna e diurna. Não são vetores ou transmissores de doenças como malária e leishmaniose. O problema são as picadas.

**Espatas das palmeiras que protegem os cachos de frutos. Quando caem enchem de água e formam criadouros de carapanãs. O coroatá é brinquedo de crianças, tipo canoa ao amarrem um barbante e puxarem no rio.

esses mosquitos são suportáveis, o caçador sabe quando a caça vem se aproximando. O calor do animal atrai grande quantidade de carapanã e é o suficiente para incomodar o caçador que está em seu moitá.

O moitá é construído onde há vestígio de animal e independe de ser em capoeiras novas ou em mata central. Pode ser longe ou mais próximo de sua morada quando o caçador geralmente sai mais tarde de sua casa, assim como voltar no mesmo dia. Na floresta, longe de casa, geralmente o caçador fica até o outro dia.

Próximo às residências, as fruteiras servem de reservas para obtenção de alimento, não só dos frutos, mas das caças que vêm comê-los, portanto, derrubá-las para uso de madeiras não é um ato sensato. Embora isso venha acontecendo, assim como o aumento da área para o cultivo do solo, criação de gado. Tais práticas têm derrubado fruteiras ou expondo-as em campos abertos dificilmente freqüentado por animais silvestres.

Quanto maior a distância do moitá para o barracão ou para sua residência, mais o caçador é prudente. Se não estiver calçado adequadamente, voltar à noite pela pequena trilha que o levou ao moitá é um risco, pois pode ser surpreendido pelo rabo fino, principalmente a surucucu-pico-de-jaca, sendo este um dos motivos para não se expor. Se há dois caçadores, o segundo e que vem atrás, deve ter mais atenção, pois como se trata de serpente que fica na emboscada, o primeiro que passa pode apenas atirá-la e o segundo provavelmente receberá o bote.

Ao nos darmos conta da caçada pela mata ou na busca de produtos da floresta, de longe o caçador/coletor ouve algo cair no chão e a suspeita é imediata: *será que não é fruta que está caindo?* Ao se aproximar constata que é piquiá, uxi ou outra fruta: *Ah, olha como vai de vereda para lá; esse monte de caroços é de paca; isso aqui é de tatu, olha aí, a fruta está enterrada e anda veado também, mas até agora só vi rastro de veado roxo. Esse aqui é de anta, a bicó só vem à noite. Admiro aquele animal daquele pêso, às vezes a gente nem ouve ela andar. Tá bom, rapaz, tá bom para esperar aqui.* De fato, a expressão vinda do caçador ao se referir a anta (bicó) merece atenção. Talvez a camada gordurosa em baixo de suas patas deixam-nas “almofadadas” permitindo suavizar o impacto de seu peso sobre o solo o que permite, junto com a mobilidade articular do “tornozelo”, deslocar com o mínimo de ruído. Esse comportamento da anta se evidencia quando há sinais de perigo.

Do mesmo jeito da caçada de canoa, o tatu ou o “tatu 15 quilos” ou rabo-chato e

a paca são subestimados, pois não é necessário o moitá alto, mas quando se refere ao veado mateiro, o veado roxo ou a anta, animais com instintos aguçados para pressentir o perigo, a altura do moitá é bem maior. A bicó, com seu nariz em forma de “tromba”, procura no ar odores diferenciados, dentre eles os dos humanos, que não havendo dúvida, o animal silencia e sai em fuga. Tivemos oportunidade de encontrar moitá com mais de quatro metros de altura, dando condições favoráveis para esconder o cheiro do caçador e superar os instintos dos animais silvestres para pressentir o perigo.

Outro momento da caçada em moitá bastante comentado na área pesquisada, coincidindo com o puxirum, é no período do verão. No pico da estiagem, entre setembro e outubro, pela mata, a fonte da vida é escassa e se a terra ainda está umedecida, é “chupada” pelos animais para aliviar a sede. Poços, troncos e cascas de árvores estão secos e, em busca de água os animais convergem para as nascentes, conforme seus vestígios indicam. São insetos, aves, mamíferos, répteis e carnívoros que indistintamente buscam saciar a sede e para os últimos, assim como para os homens, o bebedouro é um ponto estratégico para obtenção de alimento.

Do alto, no moitá, longe dos ruídos humanos o caçador aprecia a movimentação de vida que passa em baixo e na copa das árvores. De dia a maravilha da natureza, aos olhos e ouvidos do observador, é exaltada. As cigarras, nossos indicadores naturais, não dá para sabermos se ficam irritadas ou agradecidas com o calor. No inverno pouco a percebemos, mas é no verão que elas ficam “eufóricas”, adormecem e despertam chichiando. Nesse chichiar parecem continuar a “chamar pelo verão” e deixam os agricultores e criadores despreocupados, pois haverá muito tempo para queimar o roçado. As libélulas assim quanto os colibris pairam no ar e como se beijassem a água, oscilam para cima e para baixo, ingerindo-a.

Das copas das árvores ao chão os passarinhos alegram ainda mais o dia cantando e naquela variedade de cores e tamanhos diferentes, se um ornitólogo estivesse presente, talvez classificasse alguns desses passarinhos nas famílias: Pipridae ou na Thraupidae ou em ambas. Não se preocupando com o que pode estar o aguardando, o juruti (*Leptolia rufaxila*) vem a passos apressados, a inambu-galinha (*Tinamus guttatus*) vem a passos apressados sobre as folhas secas, desviando a atenção do caçador. Poucos minutos depois o bando de jacamins pode aparecer ou quando menos esperar o casal de mutum, com um comportamento diferente do juruti ou de outros pássaros. Eles vêm com seus passos cautelosos, cabeças erguidas, ou seja, seus sentidos atentos aos perigos. Parecem já ter aprendido que rajadas de chumbo

podem vir em sua direção se não tiverem cautela na aproximação da água. Todas as aves e outros animais vêm com intenções de resfriar o corpo, apresentando ofego ou vibração gular, pois, iguais aos humanos, os animais possuem mecanismos para regulação da temperatura, nesse caso, a condução, radiação, evaporação, são mecanismos, segundo Schmidt-Nielsen (1996), termoreguladores.

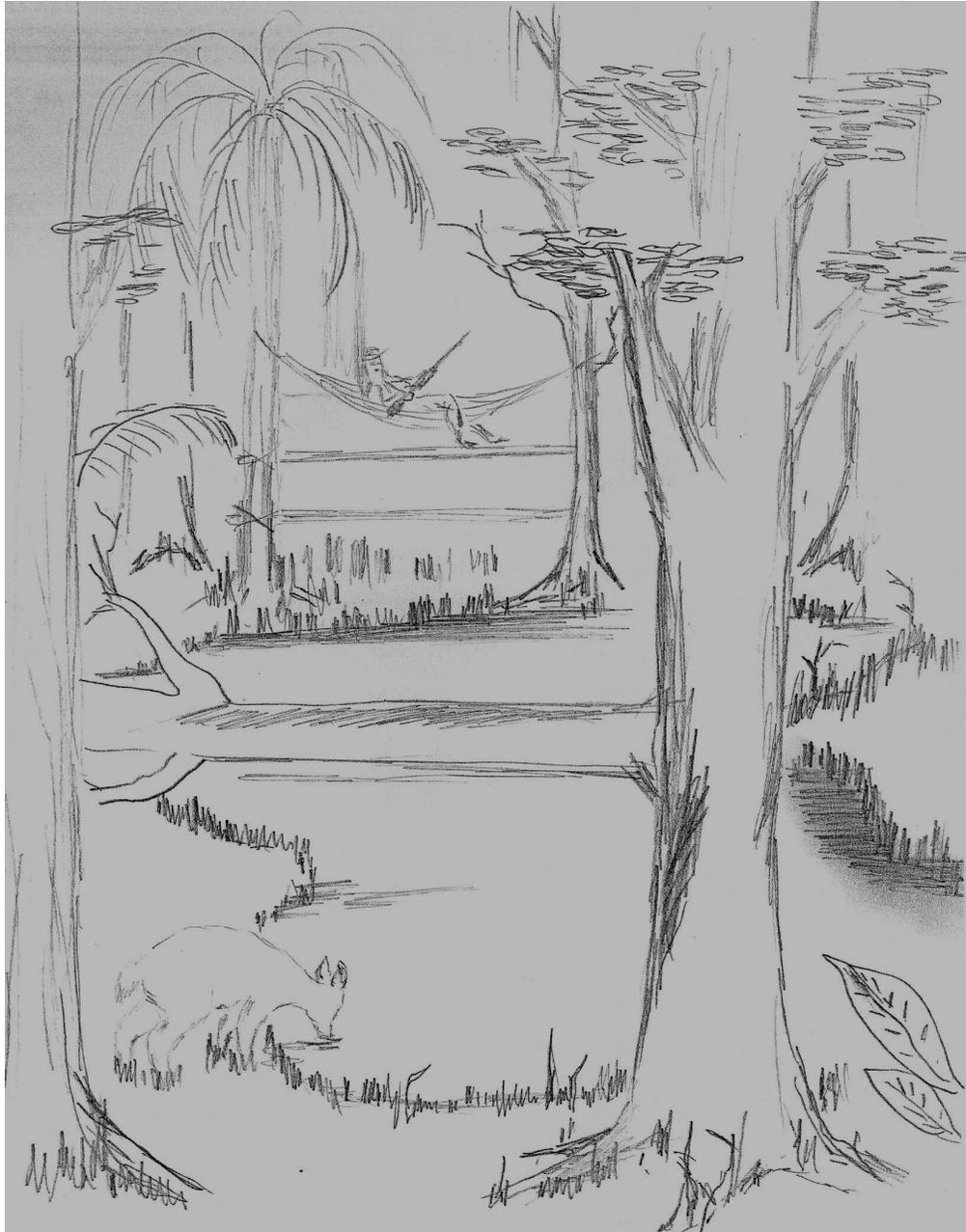


Figura 15: Lavatório de porco-queixada. Torna-se bebedouro à medida que o verão escasseia a água na floresta. Pesquisador se autodefine no esquema. (Ilustração de Raul Linhares. Esquema do autor)

Na emoção de cantos, cores e formas, as horas “passam” e o caçador vivencia a transição do dia para noite. Se olhar para cima, ainda é possível ver o clarão do dia por entre as copas das árvores, porém, por baixo dessas copas, a visão vai sendo ofuscada pelo escurecer do ambiente, não permitindo mais definir com nitidez as imagens ou as formas. Se a intenção do caçador está voltada para caça de grande porte do tipo veado ou anta, ele tenta resistir à tentação do mutum, o que nem sempre acontece, pois é uma ave apreciada no hábito alimentar da região.

Com o passar das horas, começa a escurecer e anuncia uma noite tranqüila, pois os sem carapanãs, não vieram. Os animais diurnos dão lugar aos de hábitos noturnos, quando a inambu-galinha pia avisando que está no poleiro, assim também a saracura (*Aramides calopterus*), o urutau* (*Nyctibius griseus*) com seu piado melancólico prenunciando à noite, e as cigarras chamam. Agora se despedem da tarde, anunciando que o verão vai continuar. As aves da família Strigidae (coruja) e da família Caprimulgidae (bacuraus) se manifestam avisando que na mata já está escuro. Os grilos cricrilam, os sapos coaxam e nas folhas secas são identificados e ignorados, pela discriminação auditiva do caçador, quando saltam em direção a água.

Após o calor que fez durante o dia, chega o momento mais esperado. Se o veado ainda não foi assustado por outro caçador, vem pisando forte rumo à água; ao contrário, se já fugiu da mira do homem, se percebe um pisar cauteloso ao se aproximar do bebedouro em sinal de que a “aprendizagem”, encontra-se, também, entre os não humanos.

À noite o veado é percebido pela audição, e durante o dia, entre o período de 16h as 18h, pode-se ver o comportamento do "Canela-Fina" se deslocando rumo à água. Com passadas precisas, suas unhas (cascos) fendidas e pontiagudas, que lhe servem como armas, penetram entre as folhas secas; os movimentos de oscilação do pescoço acompanhando as passadas, farejando o chão e em seguida o ar; pára, entesa o pescoço e fixa os sentidos para o menor ruído, odor ou imagem não peculiar ao ambiente. Se nada o afugenta, aproxima-se um tanto ofegante em busca de saciar sua sede e termorregularizar a temperatura corporal devido ao calor excessivo do dia.

O observador com seu olhar distanciado ouve passos nas folhas secas e identifica a aproximação do animal. Foco da lanterna acompanhado pela espingarda acusa a posição do veado. Tiro disparado, o animal baleado, em fuga é surpreendido pelo companheiro do outro lado. Tiro certo no coração leva a caça ao chão. O momento é de tensão enquanto o

* Na área de pesquisa, esse pássaro é conhecido por urutaí.

animal esperneia, arregala os olhos e morre toldando o chão de sangue. Caçadores descem do moitá e vão certificar, com o sorriso no rosto: *este está morto*.

1.3.5 Caçada de cachorro

A caçada com cachorro, na opinião dos moradores dessas comunidades, é a que exige maior empenho do caçador, exigindo, portanto, maior condição física para correr pela mata, onde não há caminhos abertos: *a gente corre muito que nosso coração fica pulando. É muito puxado, camarada*, é o que comenta H. de 38 anos – 21-7-07. Nessa atividade há necessidade de equilíbrio entre as habilidades, conhecimento do meio e a condição física.

Correr sobre obstáculos (árvores caídas), esquivar-se de galhos de arbustos e cipós, ir ao chão por tropeçar num cipó ou numa raiz não é difícil. Essas inconstâncias peculiares ao ambiente e ao tipo de atividade exigem que o caçador se mantenha em equilíbrio dinâmico permanente. Quando os cães intensificam o latido, dando sinal de terem encurralado a caça – num buraco de árvore, ou num aglomerado de cipós ou galhos de árvores, ou na copa de uma árvore, quando se trata de onça (pintada – *Panthera onça*, ou suçuarana – *Puma concolor*) – o caçador, com intuito de chegar próximo, corre mais rápido. Se a caça perseguida é o veado, o caçador pode se preparar para correr, pois é um dos animais cuja natureza dotou de excelentes qualidades para corredor quando em fuga.

A respiração torna-se ofegante, exigindo do caçador pausa de recuperação. Da corrida veloz passa a caminhar ou parar para respirar. Sua compreensão do momento a respeito do que está acontecendo se baseia nos anos de atividade, das conversas entre os compadres, enfim, uma compreensão não científica de suas limitações corporais ao esforço, mas eficaz para o seu sucesso. Sabe ele, que se não fizer isso perderá os cães e a caça.

Essa caçada geralmente é feita com um a seis participantes, em áreas de ilha, capoeira e mata, após os caçadores terem estudado previamente o ambiente e encontrado vestígios de animais. Quando um caçador se aventura sozinho, torna-se mais difícil apanhar a caça, a menos que seus cães sejam bem treinados, pois são capazes de selecionar e encurralar a presa perseguida.

Em visita a casa das famílias, observa-se a movimentação de cães entre outros

animais. São eles que os caçadores os tornam em matilha. Sabem os caçadores que a especialização dos cães de caça é essencial numa investida pela floresta. No grupo de cães pode-se encontrar aqueles especializados em descobrir caça pequena do tipo cutia, jabuti, caititu e aqueles treinados para identificar maiores e perseguir o veado ou a anta. Quando não há essa especialização, por ocasião da corrida ao encalço de animais grandes, os cães são distraídos pela fuga desesperada de uma cutia e ao mudarem seus alvos, a irritação do caçador é evidente e o mínimo que faz é xingá-los.

Nas residências dos moradores é muito comum encontramos entre três a cinco cães destinados a vigiarem a área, correr atrás de animais domésticos e servir à caçada. A disputa pela “escassa” comida é observada no terreiro entre galinhas, patos domésticos e porcos. Deixar qualquer alimento na canoa ou por cima da mesa, se não estiver protegido é um risco; com suas habilidades de caçador, pela fome, o cão passa a ser um ladronaço aos olhos dos homens. Não menos interessante é observamos que a vida do cão em grupo, com outras espécies – galinhas, patos, porcos, carneiro, boi, bodes, mutum entre outros – só é possível graças à domesticação de sua natureza. A natureza orienta, segundo Elias (1980) biologicamente outras formas de vida não humana. O instinto do cão manda atacar, matar e comer outras espécies de animais. A “domesticação” da natureza do cão permite que os humanos possibilitem sua convivência entre outros animais domesticados: *eles comem filho de porco do mato. Filho de veado quando matam, comem. Filho de anta não porque é grande. Mas bicho de casa eles são ensinados desde pequeno a não comer*, é o que nos fala O. de 19 anos. Dominar a natureza do cão é a solução para a convivência “harmoniosa” entre os animais domésticos. Responder aos comandos do seu dono em sinal de obediência lhe proporciona vida tranqüila, caso contrário, chicotadas, porretadas ou um balaço no coração lhes ensinarão a não comer patinho, pintinho, morder o porco, matar o periquito. A vida harmoniosa que a natureza não lhe ensinou, tem que ser aprendida através do condicionamento. Só quem tem pleno direito de matar para comer são os humanos, mas o apego afetivo dá ao bom cão de caça respeito e sentimento de perda caso venha a óbito quando de suas investidas pela mata.

Esses cães sem raça definida, denominados vulgarmente de vira-latas, de porte pequeno e de grande resistência, parecem ser propícios a uma vegetação peculiar, como da área pesquisada. Entre áreas de capoeiras, cipoal ou na floresta, são como redes vivas lançadas: parece que nada escapa aos seus faros: *os cães vão remexendo com tudo. Faz correr cutia, veado,*

inambu. Basta o caçador lançar mão de sua espingarda para se observar a reação imediata dos animais; ficam em estado de prontidão, eufóricos, latindo, balançando a cauda, à espera daquilo que mais sabem fazer: perseguir a caça num comportamento suicida caso depararem com a onça pintada.

Os caçadores quando se organizam para caçar com os cães pela mata têm intenções bem definidas para apanhar aquilo que for farejado pela matilha, isto é, caça de pequeno a grande porte. O terçado é ferramenta que acompanha os caçadores para retirarem a caça encurralada nos troncos de árvores ocas. Quando os caçadores estão determinados a caçar veado, caititu, queixada ou anta, não dão importância às cutias que se espantam pelas laterais.

As duas espécies de porco – caititu e queixada – têm, há muito tempo, no homem um certo rival, não apenas pela sua carne que serve ao consumo humano, mas também pela perseguição que fizeram e fazem às roças de mandioca quando cultivadas no *centro*, próximas da mata primária. Nesse caso os porcos só deixam esses tubérculos suculentos quando homens e mulheres os detectam e os perseguem. Enquanto a família não se dá conta da presença dos porcos na roça, os prejuízos vão aumentando, pois como já vimos, a roça é a base que sustenta a família na área pesquisada.

O caititu, que se encontra em varas de seis a dez animais (há caçadores que já viram mais de vinte), quando perseguidos pela matilha fogem em disparada, procurando sempre buracos em troncos de árvores ou buracos em paredões de barro para se protegerem. Infelizmente para essa espécie, correr em círculo buscando a proteção não é uma tática eficaz da natureza quando tem o homem e os cães em seu encalço. A natureza do caititu é cruel para sua sobrevivência. Há ocasião, quando quatro a seis porcos por exemplo entram no buraco, todos são abatidos. Ao entrarem num abrigo, onde supostamente estariam protegidos, não saem. Do lado de fora os cães não permitem, até a chegada dos caçadores que imediatamente providenciam uma grade de paus roliços, bloqueando a única saída. Se não estão com material adequado (machado) para abrir um buraco no tronco da árvore caída, pega-se um vasculho e fustiga os porcos por entre as grades que mordendo ferozmente o vasculho para se defender, são atraídos até a posição adequada de tiro ou a porretada na cabeça. E assim, um a um todos vão sendo abatidos. Sabem os caçadores que se os cães entrarem no buraco onde estão os porcos, dificilmente sobrevivem aos ataques defensivos dos caititus com suas presas afiadas. Portanto, a natureza do cão é treinada para atacar e recuar, evitando, assim, o que seria sua última investida como caçador.

Com relação ao porco queixada, as manadas são maiores, perto de 50, 80 ou mais animais, esses quando perseguidos por cães caçadores correm sempre para o "centro da terra" ou parte central da floresta. É o instinto de proteção: seus antepassados parecem ter "aprendido" que, onde tem latido de cães, rajadas de chumbo virão em seguida. Contam os antigos caçadores, e essas histórias são revividas entre as novas gerações, que as grandes varas de queixadas com mais de cem animais, ao se defrontarem com os cães caçadores de número bem inferior, os enfrentavam. Os queixadas fechavam o cerco e aquela mancha preta entre o marrom das folhas caídas e a vegetação verde da mata só se desfazia quando os perseguidores não existiam mais. Eram estraçalhados, comidos vivos. Hoje a situação mudou, após anos de perseguição parece-me que as novas gerações já armazenaram informações suficientes para quando ouvirem o latir dos cães correrem para o centro da mata, pois sabem eles que atrás dos cães vem algo mais perigoso, o homem armado. Essa fuga não é desordenada e sim, comandada por um líder, que nós denominamos de "piara".

Quando a porcada se desloca pelo centro da mata observa uma grande fila e o piara vai à frente com oito ou dez metros e a qualquer sinal de perigo é ele quem orienta seus seguidores. O piara busca proteger sua manada fugindo sempre para o centro da mata como manda sua natureza e é quando monta um na cadeira do outro (dizer popular) como se empurrassem para ir mais rápido.

O caçador preparado espera o momento certo e dispara num animal da fila. É quando a porcada se dispersa com o "buum" da espingarda. No desfazer da grande fila indiana os filhotes ficam dispersos e desprotegidos, mas buscam reencontrar a vara emitindo gritos e focinho entesado para cima, seguindo os outros pelo cheiro exalado pelas glândulas odoríferas. Ao comando do piara a fila é refeita e o caçador continua seguindo-os até onde pode alcançá-los, conforme sua condição física, sua memória, conhecimento espacial da área e suas intenções: alimentação ou comercialização.

Orientado pelos latidos dos cães, o caçador ouve os gritos e o som dos cascos dos porcos no chão, correndo em fuga. Enquanto o piara comanda a fuga de 60, 90 ou mais porcos, o derradeiro da fila vai sofrendo a ação dos cães. Então, perseguido e ferido por dentes afiados o queixada escolhido reage até a morte. Saindo da fila, sua natureza o faz parar de fugir para reagir, procurando proteger a retaguarda. Acuado e com as costas protegidas por um tronco de uma árvore ou de uma galhada, o queixada "senta" e bate os dentes contra os cães provocando

um som característico para inibir o agressor. Um descuido do cachorro é o suficiente para ter dilacerado alguma parte do seu corpo, chegando a ponto de morte quando é grave o ferimento. Encurralado, o queixada só sai dali morto. Na situação de defesa, com a pressão dos cães pela frente não percebe a chegada dos caçadores por trás que o aniquilam com um tiro na cabeça.

O comportamento “suicida” tem seu lado vantajoso, isto é, o sucesso da manada, pois enquanto o queixada reage, retarda a perseguição dos cães e dos caçadores à vara, a qual continua sua fuga para o centro da mata. Com um ou dois porcos abatidos o caçador ou caçadores “precisam” voltar, a distância de suas residências, o cansaço e a carga que terão que levar induz na tomada de sua decisão.

Estar na mata com fome, fraco e longe de casa não é uma atitude sensata, assim retornam ao ponto de partida utilizando-se da trilha deixada pelos porcos ou seguindo os galhos quebrados que identificam o seu caminho. Se a distância for grande, os caçadores levam só o corpo do queixada, deixando para natureza as vísceras e as cabeças.

A caçada aos queixadas toma outro rumo quando se mata o piara. Ao abatê-lo, sabem os caçadores que a porcada perde o referencial. Confusos, sem rumo definido, tornam-se susceptíveis às miras dos experientes caçadores que matam quatro ou mais animais. A manada não fica sem piara por muito tempo, pois se houver encontro no dia seguinte com os caçadores, lá está o novo líder guiando a porcada para perpetuar a espécie.

Outra situação é encontrar com os porcos dispersos, comendo embaixo de fruteiras ou revirando a terra atrás de alimento. Ao sentir a presença de caçador, os queixadas batem os dentes, como forma de inibir o perseguidor. O caçador deve ser habilidoso, ágil e aproveitar enquanto o piara não dá o alarme, pois no momento que isso acontecer, o grito do líder faz seus seguidores entrarem em fila e correr com o objetivo de sumir na mata.

O caçador é homem experiente e guarda em sua memória espacial o conhecimento de atalhar a mata: *nós já sabemos para onde eles correm. Sempre a gente costuma encontrar eles na baixa e eles sobem para o Poço do Caranã. De lá eles sobem no teso da terra e vão baixar no Poço da Perema. De lá eles sobem para atravessar no canal do Antonico e eles sobem para o centro da mata e vai baixar na Baixa do Ipixuna. De lá eles sobem e vão baixar na baixa do Azeital, lá, muito dentro da mata. De lá sobem para Baixa do Bicudo, muito no centr da mata e tornam a subir a última baixa que é do Sanfoneiro. De lá pega o centro da terra que não tem baixão. É matona geral que vai pro Maués-Miri.* E continua O. de 19 anos, revivendo

momentos de sua aventura: *Nós (ele, o pai e o tio) dormimos nessa mata. Em seguida retrucou, dormimos não, passamos a noite. Fizemos uma casinha e fogo ao redor por causa de onça, com cinco queixadas mortas. Nós passamos da Baixa do Sanfoneiro e não deu tempo de voltar. Trouxemos os cinco queixadas sem cabeça, sem couro e sem bucho. Só veio mesmo a carne. Lá na matona encontrei um veado sentado, igualzinho a um cachorro, mas não quis atirar porque estava muito longe. Depois que encontra o porco a gente vai correndo, atalhando a mata e quando vê que está muito longe, depois de seis horas ou quando mata um, dois, três porcos aí a gente volta. Mas se o cara quiser ele continua até onde a resistência alcançar. Também, quando a gente pára está muito cansado. Com tudo que a gente corre, mata e carrega, cansa, mais a gente traz. Mas é gostoso, a gente vai animado, não vê nem o cansaço, só quando chega em casa.*

Para não continuarmos alongando o assunto sobre a perseguição aos queixadas, cito só mais uma, a qual sempre nos despertou atenção quando é relatada nas histórias nas rodas de compadres. Refiro-me a travessia da porcada em busca de outras terras. Por muito tempo, pode-se imaginar, como manda sua natureza, a vara de cem ou mais porcos atravessavam os rios sem serem percebidos e não é difícil, para quem conhece áreas pouco habitada por humanos, imaginarmos, que isso ainda ocorra com freqüência. Com o maior povoamento dos rios, lagos e cabeceiras o encontro dos humanos com os queixadas atravessando os rios se tornaram mais freqüentes. Há relatos de pessoas se deslocando em rabeta, canoa ou pequenos barcos se depararem com a porcada atravessando o rio. Enquanto nadam para pegar outra terra, os homens vão lhes caceteando na cabeça lhes rendendo um lucro de dez porcos mortos para mais. Os porcos aniquilados ficam flutuando e depois são recolhidos para dentro da embarcação.

A experiência de campo não pára por aí. Se o pesquisador não acompanhar os caçadores pela mata, ou ele retarda a caçada, ou “é” trazido no paneiro. Uma coisa é certa, se o visitante não quiser mais vomitar de fome ou não quiser que seu coração “saia” pela boca, que vá preparado para acompanhar seus informantes, pois a caçada, agora, será feita atrás do veado.

Caçar o veado pela mata exige, assim como caçar o queixada, condicionamento físico, habilidade em correr pela floresta e conhecer o comportamento do animal. Ao perceber que está sendo caçado pelos cães, o veado corre para o centro da mata, mas diferentemente do queixada que vai sempre no sentido do centro da mata, se afastando cada vez mais do caçador, o veado “foi” organizado pela natureza, após algumas horas em fuga, para procurar água e atravessar para outra terra em busca de refúgio, *é quando ele vem para morrer*. A travessia, como

é conhecida por onde o animal passa, há sempre um caçador (esperador) pronto para atirar.

A organização da caçada de cachorro pela mata, quando na perseguição de um veado, pode ser feita da seguinte forma: adentram a mata cães e o dono (mandador), pois os animais atendem aos seus comandos. Quando os cães avistam ou farejam a caça, o mandador atira-os a fim de alcançarem a caça o mais rápido possível. Pode acompanhar o mandador dois caçadores armados, que correm paralelos entre si, aproximadamente quarenta a cinquenta metros de distância um do outro. As regras dessa caçada são simples: não se pode correr nem atirar em diagonal e só o dono dos cães deve gritar.

Os caçadores e o mandador se orientam pelos latidos dos cães. Eles sabem quando a caça está sendo perseguida, encurralada ou se simplesmente os cachorros perderam a presa. Essa orientação se dá por uma distância que chega a mais de cem metros e supõe-se que a caça vá à frente dos cães por outros cem metros. Algumas vezes, os latidos dos cachorros fica muito longe e a perseguição sabe-se que vai durar horas.

Fora os homens que adentram a floresta, se localizam em pontos estratégicos os esperadores. Os pontos são as trilhas (veredas) pelas quais os animais têm o hábito de passar durante sua frequência ao se dirigir à roça e fazer suas refeições ou atravessar, por água, uma cabeceira para pegar outra terra. Assim, ficam caçadores nas trilhas em terra e/ou de canoa, ou próximo à margem de alguma cabeceira, esperando que o animal caia na água. Todos da caçada sabem se os caçadores não conseguirem abater o animal, essa responsabilidade cabe aos esperadores, que, situados nos pontos estratégicos, devem estar preparados, assim que ouvirem os cães vindo em sua direção. A tensão e o nervosismo nos menos experientes tornam-se evidentes. O esperador geralmente tem uma chance, pois o animal vem correndo, se não estiver cansado, devido às horas de perseguição.

O veado corre em sucessão de saltos e o esperador deve atirar no “tempo de vôo” do animal. Entre um salto e outro, deve ser abatido. Se isso não acontecer, ao tocar o chão, o animal sai para outro salto e assim por diante. Quando o caçador não consegue atirar entre um salto e outro, ele procura atirar no mesmo sentido em que o animal está correndo, pois a probabilidade de o projétil o atingir é maior.

No gritar dos mandadores e latir dos cães, os esperadores sabem de que direção está vindo a caça. Ela pode mudar essa direção e voltar para o centro da mata enganando a todos e se os caçadores não estiverem muito exaustos reiniciam a perseguição. Se isso não acontecer, o

“bumm” da espingarda excita os cães e caçadores, que se aproximando do esperador saberão em instantes se a caçada teve êxito.

No período em que o rio está muito cheio, há uma trégua à caçada de capivara, entretanto, no período da seca há uma nova investida. Após ter descoberto vestígios dos grandes roedores pelas margens dos rios, lagos ou cabeceiras, os caçadores se organizam em grupos de dois ou mais e vão à sua procura, munidos de cães de caça, espingarda e arpão, o mesmo usado na pescaria do pirarucu ou peixe-boi. Por terra os cães vasculham as entranhas da vegetação e ao se defrontarem com as capivaras colocam-nas a correr. Na busca de se refugiarem no rio, vão se deparar com o esperador que está de espingarda ou arpão para qualquer descuido do animal.

Espumando não muito profundo, pois o rio está baixo, deixa na água rastros visíveis. Acompanhando as bolinhas de ar que vêm do fundo, o caçador lança sua haste certa antes que o animal alcance outra terra. Com o arpão cravado em seu espesso couro, a luta para escapar é desesperada e na maioria das vezes inútil quando o balaço no peito ou na cabeça acaba com a força do animal.

A caçada continua e na fuga, as capivaras buscam no aningal, conforme sua natureza manda, o refúgio. Essa vegetação, que segundo os caçadores e pescadores, é reduto das grandes feras dos rios – sucuriçu, jacaré açu – acaba armando uma cilada ao maior roedor da terra. Em época de cheia o aglomerado de aninga (*Montrichardia arborescens* Schott) associadas com várias espécies de gramíneas, árvores e arbustos peculiares ao ambiente úmido, forma verdadeiras ilhas flutuantes e apresentam várias espécies de animais dentre elas capivaras, aves e outras formas de vida. Infelizmente, conforme a seca avança, o aglomerado de raízes vai se condensando e se aproximando do solo, formando barreiras naturais e os espaços abertos (buracos) entre a vegetação serão as ciladas às capivaras, que em perseguição correm para se salvar do perigo.

Cães à frente param e ficam latindo, o caçador em seguida aparece e com ar de felicidade vê que a caça mergulhou para fuga, como era de costume fazer em época da cheia. A densa barreira natural de raízes impede-a de passar para qualquer outro lugar e nessas tentativas fracassadas em poucos minutos o caçador observa bolinhas de ar saindo do fundo e com elas emergindo a capivara. Arma em punho, focinhos e olhos aparecem e o tiro é na cabeça, resultando num rebojar na água, se acalmando com a morte. Enfim, quando duas ou mais capivaras caem no buraco do aningal dificilmente alguma escapa.

1.3.6 Caçada na varrida

A caçada na varrida, desenvolvida à noite, dá ao caçador a oportunidade de abater a caça quando ela se desloca, em busca de água ou comida, por suas veredas. Em áreas de difícil visibilidade ao foco da lanterna, devido o emaranhado de cipós, a varrida é uma alternativa eficaz ao caçador. A varrida é feita passando por baixo de fruteiras, na margem do rio, no centro da mata ou na capoeira. “Não” importa a área: onde houver vestígios de caça, ela pode ser feita. Se o caçador é experiente, coloca um graveto na vereda do animal. Diariamente acompanha a posição do graveto. Ele saberá com que frequência e de onde vêm os animais ao constatar esses gravetos fora de lugar.

A varrida é uma trilha mais limpa possível de 50 a 60cm de largura (medida no chão), e cuja extensão (ex.: 100, 200m) vai permitir ao caçador se deslocar sem fazer ruídos que afugentem os animais. Podendo ter ramificações, ampliando o campo de ação do caçador, a varrida como a designação sugere, é uma trilha na qual se varre as folhas e corta-se galhos e cipós para deixar a passagem mais livre. Com a vassoura confeccionada a partir de galhos de arbustos, o caçador se empenha em fazê-la durante o dia para agir durante a noite, preferencialmente em dias em que as folhas caídas ao chão estão secas, permitindo ao caçador identificar o andar do animal e se posicionar com antecipação para um bom tiro.

A varrida pode passar por diversas veredas, e nesse caso, mais de uma fruteira, permitindo caça por mais de uma vez, pois nem sempre há regularidade no trânsito de animais pela mesma vereda. Ao esgotar as possibilidades, a varrida é “abandonada” por 15, 30 dias. Identificada a presença da caça pela área, a trilha é refeita e retoma-se à caçada. Observa-se que em fruteiras do tipo do piquizeiro e o uxi-coroa, a varrida deve ser feita margeando o raio de suas copas, para evitar que suas frutas venham cair na cabeça do caçador. A altura das árvores e o tamanho de seus frutos pode lesar o caçador.

Calçados de botas, quando têm, para não serem surpreendidos pela surucucu, um ou dois caçadores, de posse de lanternas e espingardas, percorrem o caminho. Cruzam entre si cobrindo sempre o espaço que já fora percorrido pelo outro. Passos lentos, um piscar da lanterna próximo ao chão tem o objetivo de orientar a direção, uma breve parada, para ouvir o que se mexe nas folhas, o odor de um tatu indicando que já passou por ali. O caçador vai pra lá e vem

pra cá, nesse "passeio" pela noite o ruído nas folhas secas acusa a aproximação de caça. O caçador pisca lanterna para alertar o parceiro, se esse vier em sua direção. O sinal indica-lhe parar ou voltar, com o objetivo de não afugentar a caça. O piscar da lanterna em direção ao chão abafa o excesso de luz e indica o rumo do caçado. Sua posição é favorável para que o vento não conduza seu cheiro às narinas da caça. Tatu, paca ou veado, não importa a espécie, após iluminado, o corpo não deve ser estragado, e o melhor tiro é na cabeça ou no coração, para condecorar o bom caçador.

1.3.7 Caçada na ilha

Água grande
terra pequena
vestígios de caça
sinal de fartura,
em dupla ou em trio
não importa não
com arma e de cão
é hora de perseguir
o animal que a terra
lhe tornou sua prisão.

O poemeto sintetiza a descrição a seguir, mas os pormenores não seriam compreendidos por pessoas não familiarizadas com o universo da área pesquisada. Na mata os animais estão em "vantagem", dispersos na extensa área de terra, exigindo horas para capturá-los ou não, porém, na ilha a situação muda drasticamente. Quanto mais enche o rio, menor o espaço físico e conseqüentemente, maior a concentração de animais. Se houver predadores do tipo da onça pintada e a suçuarana entre outros, estarão bem servidos, mas a criação de gado já fez muitas ilhas se tornarem campo a céu aberto nas quais pouco se tem notícias de vestígio de caça na época da cheia. Outras ilhas, ainda reduto de caça, já começam a dar sinais de "povoamento" com a derrubada da mata, o plantio de capim e a construção de casas.

Na enchente de 1953, a maior registrada no Amazonas nos últimos 55 anos, foi, segundo os moradores dessas comunidades, uma tragédia para os animais. Nessa época a população do município era menor para absorver toda carne de caça que se abatia, além do que algumas passavam pelo paladar seletivo. Hoje o entendimento é outro, se não comer estraga ou se

não matar, morre. Moradores da área de pesquisa naquela época, ainda crianças, outros adolescentes, em companhia de seus pais – caçador ou pescador – relatam que encontravam animais mortos flutuando na superfície do rio e os mais afetados foram os tatus. Entre os cipós e troncos de árvores que flutuavam pelo igapó, competiam pelo pequeno espaço as pacas. Alguns animais esqueléticos, sobrevivendo do consumo de lipídios, e posteriormente, de proteína do próprio corpo, eram capturados e levados para terra firme por esses homens.

As enchentes de 1972, 1974, 1997, 1999, 2006 e 2008, foram menores que a de 1953, mas com grande perseguição dos animais em razão do seu maior predador: o homem. *Mas tudo que Deus faz é bem feito*, argumenta o caçador e continua: *ano passado (1997) deu uma grande cheia, foi morta grande quantidade de caça nas ilhas. Muitos morreram baleados por aí, outros não conseguiram pegar terra. Mas, esse ano (1998), olha aí, a cheia vai ser pequena e não vai ter caçada na ilha. Vai ser um ano dos bichos se reproduzirem. Mas se no ano que vem a cheia for grande, pode ir na ilha que vai ter bicho.*

E assim, 1998 foi um ano da caça, mas em 1999 foi do caçador. Com a concepção de que Deus dá jeito pra tudo, o caçador, embora comente a cheia que foi pequena, esperará pacientemente, envolvido com outras atividades, a caçada do próximo ano. Em 2006, a natureza beneficiou o caçador e colocou à sua disposição grande quantidade de animais, que não tendo para onde se refugiar acabaram no porão da canoa com um balaço na cabeça ou no coração: *o bicho que mais matamos na cheia (2006) foi tatu. Matávamos 12, 13 por dia, de tiro, terçado, de pau.* E continua o caçador O. de 19 anos, *teve um dia que matamos 18 tatus. Matávamos até para vender.*

A ilha em que se caça, em virtude da cheia do rio, torna-se um espaço de terra pequeno no qual o caçador, de posse de sua espingarda, pode ir sozinho ou acompanhado com um ou dois companheiros, mas a caçada com cachorro na ilha é um ponto alto. Munidos de espingardas, quatro ou mais caçadores tendo como suporte mais quatro cães de caça, fazem a “festa” na ilha. No início da temporada, os caçadores se detêm à procura de animais de médio a grande porte da espécie porco caititu, veado e a anta. Conforme se intensifica a caçada, há redução da caça pelo motivo da matança e a “fuga” de alguns animais para outras ilhas. O espaço fica tão familiar a ponto de o caçador ignorar certas ilhas: *naquela só resta duas cutias, uma é grande e a outra é zote, acho que é filhote.* Essas cutias podem vir a ser reservas para outro dia ou de divertimentos de jovens que iniciam na atividade.

Se a ilha escolhida e estudada anteriormente não mostra sinais animadores, talvez por ter sido alvo de outro grupo de caçadores, continua a averiguação. Pela lógica da caçada que se expressa por meio dos vestígios e comportamentos dos animais, os experientes caçadores eliminam umas e selecionam outras ilhas. Enfim, encontrada a área adequada, é hora de deixar o remo, pegar a espingarda e traçar a tática: “eu vou pelo meio, ele vai por aquele lado e tu por aquele; quem enxergar bicho assobia pro outro”. E assim os caçadores, paralelamente percorrem a extensão da ilha. Não raro se vê cutia correr, se tiver no ponto é tiro certo, mas ciscando o chão a macucaua (*Crypturellus undulatus*) ou a inambu-galinha levantam vôo alto para pousar logo à frente, não despertam tanto interesse, mas se é o mutum que voa para as copas das árvores é preciso uma atenção especial.

No caso, um veado salta à sua frente e não pára de correr, o caçador assobia para o outro e juntos tentam fazer o cerco. No final da ilha ou nas passagens dos animais, ouve-se seu cair na água à procura de outro pedaço de terra longe do perigo. Se na ilha para qual se dirigiu não há caçadores, ou se aqueles que o perseguem não insistirem, estará salvo, ao menos naquele dia.

O movimento para caçar na ilha por esse período é intensificado quando corre notícias da morte de veado, de anta entre outras caças. Como falamos anteriormente soltar cinco ou mais cães de caça numa ilha é como se lançasse uma rede, aquilo que logrou as percepções sensoriais dos humanos, não escapa aos instintos treinados dos componentes da matilha. Se a caçada não é seletiva, qualquer caça farejada será perseguida. Nada passa despercebido, cada loca ou tronco oco é verificado, se houver algum habitante, possivelmente não escapará.

Em terra firme constatamos locas de tatus escavadas com aproximadamente um metro e meio de profundidade para ser retirado. Nas ilhas, conforme avança a enchente, mais superficialmente esses animais são encontrados. A água, que vem por “baixo” da terra, não permite o tatu escavar grande profundidade, ficando mais na superfície. Quanto mais sobe o nível da água mais na superfície é encontrado, chegando ao ponto de ficar em tronco de paus, quando a água traga por inteiro a terra. Uma porretada ou uma terçadada para deslocar a cabeça do corpo, acaba com o “sofrimento” do animal.

Se a caçada é seletiva, a abordagem e o cerco ao animal modificam. Os compadres no dia anterior armam estratégias para perseguir uma anta afugentada por um dos caçadores e se instalou em outra ilha. O ponto de encontro é a casa do compadre e logo, os

caçadores vão chegando, alguns com espingarda, outros com arpão e os cães. Uma vez que os homens não têm hora para chegar, um quebra (merenda) reforçado de carne de veado, porco, paca ou peixe acompanhado com bastante farinha de mandioca é necessário para manter o corpo nutrido para a longa atividade. Entre comes e bebes as conversas vão se desenrolando; as estratégias da caçada são planejadas, histórias de perseguição de animais, de seus comportamentos e hábitos são contadas, bem como anedotas que provocam boas risadas. Crianças, jovens e adultos de ambos os sexos participam do divertido encontro social, no qual possibilita aprendizagem aos menos experientes. Chega a hora da partida, o caçador dá um sinal e os cães logo pulam para a canoa. Do terreiro a criançada observa a saída dos homens e a mulher grita: *não vão errar o bicho e que sejam felizes*. A caravana com três ou quatro embarcações parte.

No igapó, quando algumas áreas estão fechadas pelos capins cortantes, espinhos e cipós, as trilhas são abertas a terçado e as embarcações, uma atrás da outra, rumam para a área escolhida e as estratégias da caçada são reforçadas junto com o alvoroço dos caçadores que é ouvido de longe. Planando no ar o assobio do gavião-de-anta (*Daptrius ater*) chama à atenção do caçador experiente. Ele sabe, assim como os outros, que isso reforça a suspeita da presença do mamífero pela redondeza. O caçador, em outro momento de sua vida, foi capaz de detectar o grande animal, por intermédio da pequena ave de rapina. Ela assobia e a anta responde aos seus chamados com um assobio reconhecido pela ave e pelo caçador. No intensificar dessa comunicação, mais baixo se torna o vôo da ave, até o momento que ela pousa sobre as costas ou barriga do animal o qual fica agradecido. O momento de protocooperação acontece: alimentando-se dos carrapatos, a ave de rapina elimina os hematófagos que se beneficia do grande mamífero das matas.

A caravana prossegue e chega próximo da referida ilha, o piara pede aos companheiros que contenham os cães, pois esses ficam afoitos ao pressentirem o início da caçada e tentam pular na água, mas ainda não é o momento de eles agirem. Assim, enquanto os cães, afoitos, ficam nas embarcações, afastados da ilha, os caçadores avançam e constataam a presença do grande animal. Como já foram traçadas as estratégias, os membros da caravana se deslocam para suas posições.

Por terra, os caçadores avançam em passos apressados, e se posicionarão na passagem ou na estrada de espera. A estrada é um caminho feito anteriormente pelos caçadores

de um a dois metros de largura que corta transversalmente a ilha de uma margem a outra e permite ao caçador ter visão máxima da caça quando vem correndo em fuga. Esses trechos são pontos de referências pelas quais os animais passam quando em fuga, tentando alcançar outra parte de terra, onde o perigo não esteja presente.

Por água, três ou mais caçadores, de casco, procuram pontos que possibilitem perseguir a presa, pois eles sabem que a anta não tem lugar determinado para atravessar quando perseguida, isto é, não há um sentido determinado, como outros animais, *onde ela meter a cara ela vara*. Assim, se o caçador não dispuser da espingarda, lançará mão do arpão, arma essencial quando o animal cair na água.

Todos em seus devidos postos, quando um dos caçadores, já combinado, grita para que os cães entrem em ação. Afoitos, conforme a embarcação vai abordando a ilha, eles pulam e farejam o chão marcado por vestígios de animais. O mandador atíça-os com maior determinação e a busca se intensifica.

Se o animal procurado ainda está refugiado na ilha, não tarda para os cães o encontrar. A agitação, a correria é sinal de animal em perseguição. A turbulência é formada: gritos humanos e ladridos, acompanhados por disparos de armas. O mandador grita para os esperadores: *lá vai o bicho* e os esperadores se preparam, mas há mudança brusca de direção e novo aviso: *caiu n'água. Vai atravessar, vai atravessar*. Os esperadores das canoas/cascos ficam atentos para a direção tomada pela anta.

Quando não é possível abater o animal, se este passou para outra ilha, os caçadores atravessam com água pelo peito ou chamam quem está nas embarcações para lhes dar passagem. Qualquer falha da equipe, eles sabem que o dia foi dia da caça.

Enquanto a anta não tem passagem certa, o veado ou o caititu tem. Os caçadores se posicionam nas passagens para esperar as caças que correm fugindo dos cães. Na estrada de espera, conforme sua extensão, os esperadores ficam posicionados: um, dois ou três caçadores cobrindo uma área delimitada que não oferece risco para os mesmos. Como regra geral deve ser respeitada a fronteira do outro, a menos que um deles peça ajuda. Ao ouvir o latir dos cães e o gritar do mandador, sabe-se que o bicho está se aproximando.

Os esperadores assumem a posição, geralmente agachados com apoio de um joelho no chão para firmar o corpo e estabilizar a arma, e o tronco do caçador fica a altura da caça, dando-lhe possibilidade de um bom disparo. Na posição de pé, o tiro sai de cima para baixo,

e como o animal vem em velocidade o alvo toma dimensão aparentemente menor e o projétil tende a atingir o chão.

Na fuga, a caça em velocidade, se não mudar o sentido, passa obrigatoriamente pela estrada de espera. Os caçadores, experientes, agachados disparam em sua direção, com maior probabilidade de acerto quando a caça, esmagando arbustos e diminuindo a velocidade, mancha de sangue o chão úmido esperneando, berrando, na agonia da morte ao chegar à flacidez total e posteriormente a rigidez cadavérica ao ser conduzido no ombro do caçador.

Se a caça desvia a direção antes de chegar à estrada de espera e ruma para o rio, logo é percebida, pois o seu deslocamento na água a denuncia.

No início da caçada na ilha a fartura é evidente, mas conforme se intensifica, a caça fica vasqueira. Relatam os experientes caçadores que o veado e a anta são animais que, ao pressentirem o menor sinal de perigo, buscam no meio do igapó, pequenas torres a lhes servir de esconderijos. Essas são descobertas por sorte, quando na perseguição da caça ferida ou quando a época já passou, ficando apenas nas histórias: *compadre, ano passado achei uma torre que estava lisa de tanto pisar de bicho.*

Se não há torres, o veado fica escondido no baixio, com água pela canela, até o perigo passar. Se o caçador encontrar vestígios de filhote desse animal, ele tem a certeza que os pais voltarão e só se contentará quando abatê-los.

Se capturarem os filhotes, estes são criados como animais de estimação. Já falamos que os filhotes capturados servem não apenas de animais de estimação, são observados conforme crescem quanto à hora de comer, descansar, a forma de roer o alimento e a marca de seus dentes na fruta que comem. Se é um animal de hábito mais noturno ou diurno, enfim, a casa do caçador passa a ser um laboratório, no qual as crianças e jovens podem absorver informações sobre hábito e comportamento do animal capturado, à medida que o caçador alerta os aprendizes: *o veado está bufando e arranhando a tábuca, ele está com fome; escuta, o veado está comendo.*

No auge da caçada na ilha, as conversas entre os compadres repercute o nome do caçador que abateu tantas caças no dia anterior; outro que deixou baleado um veado mas voltou no dia seguinte com os cães para procurar. Nessas conversas os caçadores combinam para formar as caravanas. Nos dias que antecedem os finais de semana, mais precisamente de quinta-feira a sábado, a caçada é intensificada. O animal abatido pode ser salmourado e armazenado para o sábado, domingo e segunda-feira, enquanto as pessoas se envolvem com as atividades sociais

(futebol ou festas). A intensificação da caçada se observa pelas redes de interdependências ampliadas, quando a carne de caça vira produto ao chegar na sede do município por intermédio da rabetá.

Em nossas anotações – 7-8-06 – pudemos computar o número de animais abatidos na cheia de 2006: R. abateu cinco tatus; D. abateu seis tatus em uma noite, mas totalizou vinte tatus e vinte e cinco pacas; B. matou cinco tatus e três pacas; A. matou uma anta, um veado, dez tatus e sete pacas; N. abateu quatro tatus e cinco pacas; P. e C. (pai e filho) mataram quarenta tatus, um veado; P. matou dez tatus e cinco pacas.

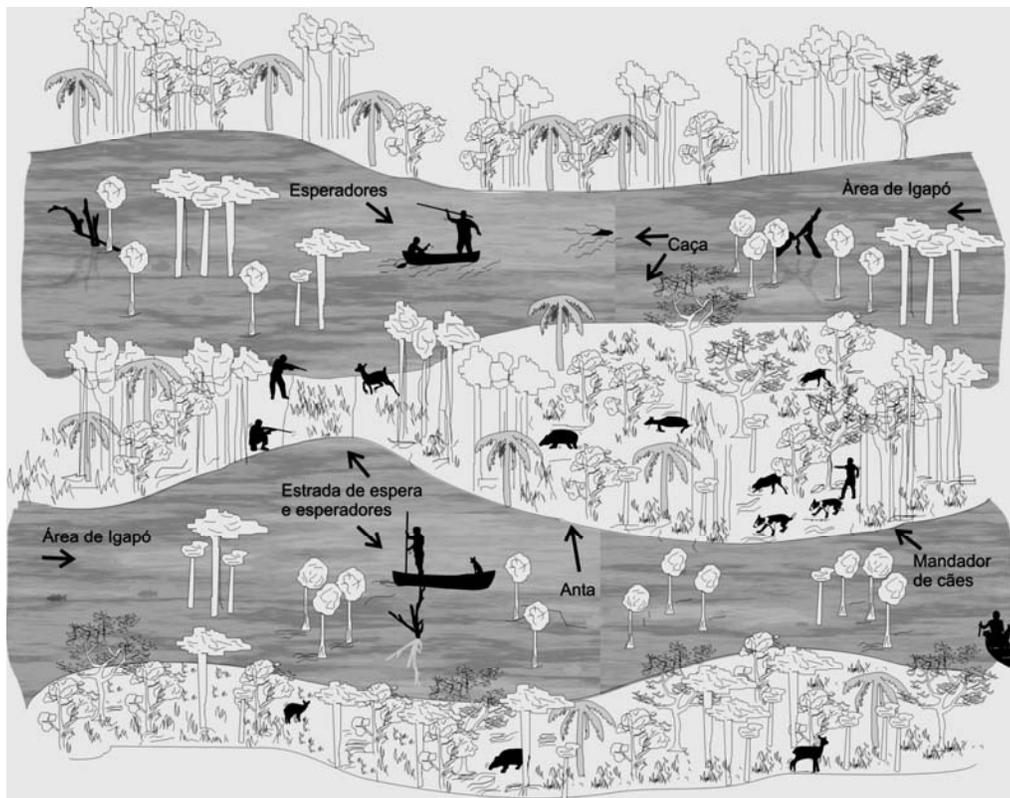


Figura 16: Esquema mostrando a estratégia de caçadores para caçada na ilha, de anta ou veado. Mandador, esperadores e cães. Todos em ação. (Ilustração técnica de Ednelza Santos de Albuquerque e Marcelo Reis – ambos designer. Esquema – acervo do autor)

Por esse período, não é preciso morar perto para ouvir o troar das armas que vem das ilhas. Quem está perto, caçando numa das ilhas, ou que vai se aproximando delas, fica contagiado. A emoção de disparar um tiro é evidenciada pelo caçador, que se manifesta: *toma, esse já levou o dele* ou ainda, *mas será que eu não vou dar um tiro hoje?* As ilhas são freqüentadas por caçadores, não só de uma comunidade, mas de todas àquelas em que o acesso

seja possível. Os caçadores que vieram da cidade, têm acesso às ilhas ao acompanharem seus parentes e amigos na caçada.

Os animais que fogem de uma área, não ficam totalmente fora de perigo. Caso ele escape de uma ilha, o caçador não satisfeito, com água pelo peito ou nadando vai ao encalço de sua presa. Atravessando de ilha para ilha, ora por água, ora pelo casco, ora carregando o casco para atalhar caminhos, o caçador não percebe o tempo passando. No final da tarde, chegando em casa, é momento de reviver as aventuras, e a criançada, absorvendo mais conhecimentos, fica admirando a embiara do pai, enquanto este e os companheiros reforçam sobre o comportamento do animal, a estratégia de captura. Falam dos animais que conseguiram escapar e se refugiaram em alguma das ilhas, já marcadas para próxima caçada.

Se não conseguem caçar os animais durante o dia, por fugirem ao pressentir perigo às suas vidas, se refugiando em baixios, buracos nos tronco de árvores ou da terra, os caçadores vão à noite, com auxílio de lanterna, caçá-los. Sabedores da presença de animais, os caçadores fazem pequenas estradas que, à noite, vasculham as entranhas da ilha. No ir e vir, encontrar os habitantes do pequeno espaço físico que saem à noite para se alimentar não é difícil. Paca, tatu, ou veado que fugiram durante o dia, à noite não escapam ou poucos escapam das habilidades do caçador, que evita atirar em outra parte que não seja na cabeça ou no coração. Animal que pula, corre ou tenta resistir ao balaço, normalmente leva outro tiro ou uma porretada na cabeça. O tremelicar corporal é o sinal de falência.

Depois de tantas investidas de caçadores, a marca do "predador" paira no meio ambiente. Todas as locas de tatus vasculhadas, escavadas e possivelmente sem sobreviventes; troncos de árvores ocos que são esconderijos de paca e cutia, também vasculhados e cortados a machado, sinalizando de que foi retirado seu hospedeiro.

As envireiras* entre elas a *Guatteria* sp., foram cortadas com sinais evidentes de que ali foi peiada a caça abatida. Ao lado de cada loca ou tronco de árvore oco um vasculho** ; nos troncos dos açazeiros (*Euterpe precatoria* Mart.), as peconhas. Elas constatam a retirada de seus frutos para se fazer vinho. Enfim, aquilo que estimulava a frequência dos caçadores à ilha, ou seja, os vestígios dos animais selvagens, agora cede lugar ao sinal predatório do homem. Muita caça serviu à mesa dos moradores dessas comunidades; alguns animais feridos foram

* Planta da qual se estrai fibras usadas para amarrar paneiros, caça etc.

** Vara longa com folhas ou não na extremidade que é introduzida no buraco no solo ou em tronco de árvores ocas para identificar se há animais.

reciclados pela própria natureza e outros serviram ao comércio.

O final dessa atividade é prenunciado pela natureza: folhas secas no igapó "talham" sobre a água, o "limo" (algas) torna a cor da água esverdeada e entre outros sinais, os caçadores sabem que o rio parou de encher, mas a essa altura poucas são as investidas às ilhas, pois delas já sugaram o máximo. Então, o rio passa dez a doze dias ali parado, quando começa a secar e a terra vem do fundo ligando uma com a outra, possibilitando aos sobreviventes de perpetuarem suas estirpes, dentro de um ciclo natural, cuja natureza ainda mantém sua autonomia.

Em relação aos animais que escaparam, caçadores relatam perplexos que já capturaram veado (principalmente o veado vermelho ou mateiro) com vários projéteis (chumbo, palanquetas) em seu corpo, isto é, quanto mais espesso seu escudo natural (pele ou couro, tecido adiposo e muscular) maiores são as chances de reterem os projéteis, por outro lado, ao serem penetrados, cicatrizam-se os ferimentos por meio da força instintiva. O animal ferido pode sufocar vermes aeróbios ao deitar na lama ou simplesmente abafando com seu corpo.

À medida que as áreas de ilhas cedem espaço para se tornarem pastagem ou povoadas por humanos, menos espaço sobram para os animais silvestres, mas para as ilhas que ainda refugiam os animais, a pressão sobre eles é mediada pela evolução das águas: grandes cheias proporcionam maior pressão e menor reprodução; pequenas cheias, menor é a pressão dos humanos, possibilitando maior reprodução das espécies.

CAPÍTULO V

1. O futebol como espaço de lazer

Chegamos ao capítulo V falando sobre futebol, como se rompêssemos bruscamente com a seqüência anteriormente descrita, entretanto, conforme nos pronunciamos no capítulo I, em Bicó, Cuiamucu e , o *jogo de bola* faz parte do seu cotidiano. Os moradores caçam, pescam, plantam, criam boi e jogam bola. Ao descrever as práticas de subsistências, pudemos apreender momentos em que o prazer permeia o fazer. A risada, o humor, a excitação agradável, o lúdico se misturam com a seriedade e fazem render mais o dia trabalhado. No contexto estudado é possível observarmos trabalho e divertimento entrelaçados, mas a orientação de homens e mulheres para o futebol volta-se para o prazer, para a satisfação sem necessidade de obrigatoriedade. Enquanto nas práticas de subsistência o quadro de referência é o outro, no lazer, o quadro de referência é o próprio indivíduo.

Nesse entendimento, optou-se para analisar o objeto de observação pelo viés do lazer. Conforme discutimos no capítulo da fundamentação teórica, nos ancoramos nas cinco esferas de tempo livre proposto por Elias (1992, pp. 108, 109, 110), com intenção de justificar o jogo de bola na área de pesquisa. Elias, como já vimos, propõe a seguinte esferas de tempo livre: 1) trabalho privado e administração da família; 2) repouso; 3) providências das necessidades biológicas; 4) sociabilidade e 5) a categoria das atividades miméticas ou jogo. Nessa última é onde centramos o futebol ou o jogo de bola como uma atividade de lazer em Bicó, Cuiamucu e , entendendo que as pessoas participantes, tanto o espectador como o ator, não façam dela uma atividade especializada como meio de ganhar a vida.

No jogo de futebol é onde se pode observar a reunião de maior número de pessoas residentes na área de pesquisa. Nesse espaço de sociabilidade vamos ver as diferenciações, as redes de interdependências e relações de poder ao observar as pessoas em suas individualidades se postando como o maior criador de gado, o representante da lei, o representante da comunidade, o pescador profissional, o adventista que comanda a igreja, o aposentado, o agente de saúde, enfim vamos “enxergando” como se configura a estrutura social

em Canela-Fina, Bicó e Cuiamucu, onde o jogo de bola é o grande atrativo, para qual convergem as pessoas em busca de excitações agradáveis.

1.1 Etnografando o espaço do jogo

“Oficialmente” pode-se contar cinco campos de futebol. O localizado em Bicó, um em e três em Cuiamucu. Os localizados nas sedes de Bicó e Canela-Fina estão em terras altas, e não sofrem pressão do ciclo das águas, isto é, não ficam submersos quando da enchente do rio. Em Cuiamucú há o campo de futebol localizado na sede da comunidade e os outros dois em áreas particulares, em lados opostos do rio. Esses últimos situam-se em terras baixas, sofrem pressão do ciclo das águas, cedendo na época da cheia, espaços para vidas aquáticas.

O rio vai secando, os campos submersos, que num certo momento eram apenas transitáveis por embarcações (canoas, cascos, rabetas) ou freqüentados por pescadores e serviam de abrigo aos seres de vida aquática (peixes, répteis, aves, insetos etc.) começam a aparecer e com eles as gramíneas apetitosas dão alimentos aos animais domésticos entre eles bovinos, ovinos, caprinos.

A vazante do rio continua e os humanos, que num determinado período utilizaram a área para obtenção de comida, fazem dela uma referência para se divertirem. Reaparecem os campos de futebol que denominamos, neste trabalho, campo de futebol “terra e água”*. Eles vão servir como áreas para jogar bola até a próxima cheia do rio, quando a natureza em seu curso, sem pedir licença o faz desaparecer dos olhares dos humanos, mas não de sua memória.

Verifica-se *in loco* que espaço não falta para jogar bola. Terra, ainda, há em abundância para se fazer campo de bola ou campo para gado pastar. Em visita à residência de um morador ouvia-se risos e gritos de crianças, não de pavor, mas de prazer. Aproximei-me e constatei que jogavam bola. Entre os “dribles”, de olho na bola e no adversário, o jogador foi ao chão. A gargalhada tomava conta do ambiente. Ria-se não de forma pejorativa, da queda em si,

* Terra e água é o nome comum da gramínea (*Brachiaria purpurascens* Henr.) que acompanha a enchente e vazante do rio mantendo-se viva e servindo de alimento para os animais domésticos

mas do cair sobre meleca. Imaginem, como fica, no dia seguinte, o espaço onde 15, 20 bois passaram a noite. O menino levantou-se, se limpou das fezes, não deu muita atenção ao ocorrido e continua a se divertir, enquanto seus coleguinhas ainda riam. O observador, discretamente, não tão discreto, também ria, a final a vida não pode ser tão séria.

Os espaços físicos onde se realizam os jogos são delimitados como uma exigência da regra do esporte praticado, esse é um fato, mas, independentemente da regra, a natureza vai demarcar a área de jogo que não pode ser na capoeira (vegetação secundária), e muito menos no rio, mas sim, no campo de futebol, espaço construído pela união de força motriz – puxirum – provinda dos braços dos humanos. Tanto para limpar ou para construir ou preparar um novo campo, é a ajuda mútua que contribui na realização de tais metas. As castanheiras, seringueiras, taperebazeiros (*Spondias lutea* L), goiaba-de-anta (*Bellucia imperialis* Sold. J. Cogn.) cajueiros, goiabeiras, mangueiras entre outros cuja denominação local os tornam conhecidos por muruxi, lacre, mombaca (touceira de espinho), jurubeba (arbusto de espinho), malva, navalhão (capim que corta), ajudam a delimitar o espaço de jogo. A vegetação impede que a bola, quando não fura no espinheiro, vá longe após um forte chute. Em torno do campo, as pessoas sentam-se em raízes, troncos de árvores ou em bancos, assistindo ao jogo a “um passo” do campo. Essas pessoas também evitam, após um forte chute, que a bola vá longe.

Para ir assistir ao jogo, algumas pessoas em suas embarcações, viajam de vinte a quarenta minutos, pelas “estradas” de rio. No percurso, peixes, aves e outros elementos naturais são estímulos que distraem a atenção do viajante sem se perceber da distância a ser vencida, quase sempre, sob o sol intenso. A entrada para área do jogo é o porto, espaço aberto onde se ancora a embarcação e dirige-se para o encontro de jogadores, jogadoras, compadres, comadres, coleguinhas e para ver as mocinhas.

1.2 O jogo, os jogadores e os espectadores

Conforme chegam – jovens, adultos, crianças – procuram lugar para se acomodarem. Já estão abertas as inscrições (R\$ 1,00 a R\$ 2,00) para o torneio de carreira e o torneio de pênalti. O torneio de carreira são seis jogadores e se caracteriza por ser uma disputa

movimentada. É onde se observa os ajustes trazidos do futebol para atender as peculiaridades dos moradores e moradoras de Bicó, Cuiamucu e .

No jogo de carreira e pênalti as pessoas vão como podem. Alguns jogam de chuteira no pé, outros sem proteção. Alguns jogam de camisa e outros sem. O árbitro, o “juiz”, pode estar sem camisa, mas não sem calção. Calçado ou descalço o árbitro pode apitar. O árbitro pode falar com o compadre que está fora ou no jogo, pode rir e até sentar-se para apitar o jogo. Além do que, o árbitro pode atuar como jogador. Esse foi o *jogo de bola* – de carreira e de pênalti – que escolhemos para observação de campo.

O jogo de carreira é composto por equipes de seis jogadores. Duração do jogo é de cinco minutos corridos e caso haja empate, vai ser decidido no pênalti. O ganhador assume a posição na chave da primeira rodada e aguarda seu retorno para jogar com o outro time ganhador. Entre as jogadas perdidas ou ganhas, os jogadores têm a liberdade de fazer parte de outro time caso seja convidado, mas por trás dessa liberdade, o risco do tudo ou nada se evidencia. O estímulo vem imbricado no prêmio oferecido no torneio de carreira ou de pênalti, que pode ser em dinheiro, um frango ou um animal assado, um bolo ou conforme as condições do patrocinador. O importante é entender que quem vai jogar bola, tem o direito de jogar até onde a condição física suportar; o bolso lhe subsidiar ou ainda ser convidado por quem pode pagar: *O torneio não tem problema de repetir o jogador. Qualquer um que comprar a inscrição e formar seu time com os jogadores que perderam, joga novamente. Quem perde sai, mais pode jogar de novo se ele pagar.*

O torneio de pênalti pode se inscrever de uma a três jogadores por equipe ou simplesmente os seis jogadores do torneio de carreira. Cada equipe tem direito a três chutes a gol. No torneio de pênaltis, se houver muitas equipes inscritas, o espaço de jogo, o campo de futebol, pode ser dividido de forma a comportar três ou quatro traves, dispostas de preferência no sentido em que exista bloqueio natural (árvores) atrás das mesmas. Trave na direção do rio não é interessante, pois os chutes fortes levam a bola até a água e bola molhada aumenta o peso e desgasta mais rapidamente. Muitos espectadores, dentre eles as crianças, desafiam o “perigo”, posicionando-se atrás do gol.

Caso haja equipe feminina, são elas a jogar primeiro. O jogo de mulheres é como um chamariz aos jovens que buscam não só assistir ao jogo, mas “laçar” com seu charme a moça nova que desabrocha para a fase adulta. Se risadas e gritarias, não de pavor, são fatos

constados no torneio dos homens, imaginem, as jogadoras com menos habilidades no pé e pouca visão de jogo. Quando todas correm em direção à bola, se observa, naquele monte de mulher a bom chutar a bola, entre a tentativa de driblar as adversárias, os espectadores já estão gargalhando do lado de fora. O gol é a pitada dessa excitação, que faz vibrar tanto quem está jogando quanto quem está assistindo ao jogo.

No País do futebol, nem tudo é jogo de carreira ou de pênalti. Há em Bicoló, Cuiamucu e o jogo amistoso. É onde se pode observar a participação de 11 jogadores numa partida de 30 minutos. É o que eles, os jogadores e jogadoras denominam de treinamento. É a preparação da equipe, para representar a comunidade em disputas de torneios com outras comunidades. O jogo amistoso busca treinar a equipe para a participar no Torneio Interlandino (entre as comunidades que compõem o município). O torneio segue as regras oficiais do esporte – futebol – quanto ao número de jogadores, uniforme, conduta do jogador e do árbitro, dos espectadores. O jogo amistoso é a resposta que a comunidade dá, por meio de sua equipe, ao processo de integração, onde o futebol exige uma linguagem universal, entretanto, o amistoso não representa o dia-a-dia da comunidade. O amistoso é mais “cansativo”, é mais tempo envolvido no treinamento, dando pouca margem aos outros jogadores com menos habilidades.

O jogo de carreira e pênalti, expressam melhor a dinâmica social de Bicoló, Cuiamucu e . As pessoas levam para o espaço de jogo o riso, metáforas, brincadeiras o humor, assim como o fazem no puxirum, no dia-a-dia, em outros momentos de sociabilidade ou no trabalho. O jogo de bola “reproduz” o que ainda é evidenciado na área pesquisada: a participação coletiva na relação de interdependência. O jogo de carreira é também onde se destacam os jogadores para compor as equipes que representarão suas comunidades.

Em determinado torneio tive oportunidade de contar vinte seis jogadores e ao final do evento, na relação das equipes inscritas contava-se quinze times participantes do torneio de carreira contra vinte e quatro times para o torneio de pênalti, variando entre duplas e trios. O torneio teve início às 15h, finalizando as 18h20, quando a luz do dia já se esvaía. O sol se punha no horizonte proporcionando ambiente nostálgico a suavizar o calor de horas antes. O crepúsculo não mais permitia enxergava a bola com nitidez. As aves diurnas se despediam dando lugar às noturnas que já piavam nas copas das árvores. Os mamíferos sobrevoavam o campo de futebol, os grilos cricrilavam, os sapos coaxavam e os jogadores vitoriosos comemoravam, sob a luz da lamparina, repartindo o frango assado e o bolo que eram os prêmios do torneio. Nessa

comemoração “particular” entre os jogadores, os carapanãs, que já haviam colocado os espectadores para “correr” do campo, são atraídos pelo calor corporal, aproveitavam para sugar sangue humano que abundava o local.

No decorrer do jogo as figurações vão se revelando: um convite para uma caçada; um convite para ajudar em determinado trabalho; quem vai promover o próximo torneio; uma venda de madeira; a situação da roça; o preço da farinha, do guaraná, da castanha ou do boi; sabe-se quem tem ovos de tracajá para vender. A notícia do compadre que matou o veado no bebedouro é o estímulo aos caçadores; sabe-se quem faleceu, quem nasceu, ou a menina nova que está grávida; sabe-se dos conflitos de casais; que os rapazes tomam cachaça escondidos atrás da castanheira; e que o hábito de fumar dirijo (drogas) está mais freqüente entre os rapazes. Em nossa pesquisa de campo detectamos tensões entre pais e filhos ao tentarem combater o mal pela raiz; grupos reunidos conversando em tom de voz baixo tratando de negócios, assuntos íntimos ou simplesmente alguém está sendo alvo de fuxico. Os “comerciantes” vendem bombons, bolachas; para tudo tem o cliente certo; entre os “mais” atualizados saem informações dos campeonatos e amistosos de futebol de destaque em nosso País; os representantes do esporte mostram suas intenções em procurar os políticos, nos bastidores, para conseguirem bolas entre outros equipamentos para possibilitar o jogo de futebol. Enfim, sob a sombra das árvores, sabe-se de tudo que aconteceu, está que acontecendo e o que está “por vir” nas comunidades. É momento de socialização e descontração vivida no ambiente do jogo.

Começa o jogo de carreira. Primeira partida “não muito” animada. Chama-se mais duas equipes: *Vira-copo x Risca-faca*. Jogo empolgante. Em dois minutos o gol. A torcida, à margem do campo, grita e vibra. Continua o divertido torneio, com muita gargalhada. Os que jogaram, agora somam-se aos espectadores, e espectadores tornam-se jogadores. Nesse entra-e-sai, a lista das equipes aumenta e um indivíduo chega a participar de três ou quatro equipes a qual se diferencia apenas pela troca de nome.

O torneio continua e mais duas equipes entram em campo: *Barcelona x Cobra-D'água*. Iniciado o jogo, a bola vem pra cima dos espectadores, mas é arrebatada por um jogador que escorrega, vai ao chão e sai correndo. A criança faz para mãe: *fuum, fuum*. E a mãe fala: *foi na merda de boi que ele caiu filho*. Enquanto o campo não é utilizado, em outros dias e horários da semana pelos humanos, são os animais domésticos – porcos, carneiros, bois – que pastam ou

dão a manutenção ao mesmo. Adubam com suas fezes, urinas e mantém a “grama” (capim) podada ao se alimentarem, permitindo a bola rolar mais livre.

Cruzar o campo de jogo não é proibido, só deve-se ter cuidado com a bola e os jogadores, principalmente quando a mãe se descuida e se assusta ao ver, na área de jogo, o filho brincando ou cruzando o campo. Brincar nas proximidades das laterais do campo também é permitido. Crianças correm uma atrás da outra, chutam bola, lutam e fazem o que bem entendem. Quando os jogadores vêm correndo com a bola em sua direção, pulam ou correm para fora do campo. Essa dinâmica faz parte do momento, no qual o torneio é a atração para o encontro social.

Enquanto isso, as cigarras chichiam indicando a força do verão e o jogador vai ao rio tomar água para ajudar na termorregulação corporal, principalmente quando se associa o esforço físico à temperatura e umidade do ar elevadas. Enquanto os humanos correm atrás de uma bola, passam despercebidos, sobrevoando aos pares, sobre o campo de futebol, as araras, os papagaios. A garça-branca-grande (*Egretta alba*), o socó-boi (*Tigrisoma lineatum*) pescam na margem do rio; enquanto as galegas catam nas copas das árvores e os curiós (*Oryzoborus angolensis*) entre os arbustos e os capins são contemplados por quem é de fora. A natureza se expressa, enquanto os humanos brincam de bola.

1.3 O jogo pelo olhar da teoria

A descrição densa ajuda a deslocar o nosso imaginário ao palco do jogo ocorrendo em Bicó, Cuiamucu e . Ela, como exigência do método etnográfico, nos aproxima da experiência do pesquisador que observa, entre outras coisas os espaços de jogo surgindo em propriedades particulares. Para entender por que vem ocorrendo, fomos consultar o jogador: *Lá, (o entrevistado se refere ao campo do vizinho) ele é o dono. Se a gente quer fazer o torneio tem que falar com ele. Aqui não, é da gente.*

Ao atentarmos para a resposta do informante ao falar – [...] *da gente* – expressa o *nós*, que não significa comunidade. O pronome na primeira pessoa do plural representa, *eu* ou o *nós* família enquanto unidade. Ao se referir [...] *nós* podemos jogar à vontade, não significa

permissão aos moradores da área pesquisada. Pois o campo é *dele* ou do *eu* família, portanto, é particular. O *nosso/meu* tem de permitir, da mesma forma que o *ele* – proprietário do outro campo – permitiu aos outros moradores/jogadores a se apropriarem do espaço para poder jogar. Nas relações de poder observa-se que há normas de convivências que orientam essas relações.

Programar-se para a realização de um torneio cujo objetivo, está em arrecadar verbas para fins particulares, pode ser sensivelmente prejudicado, se nesse caso o vizinho, do outro lado do rio, ofereça algo melhor, no mesmo dia, superando a oferta do outro. Felizmente, no momento em que as relações se mantêm em níveis cordiais, o acordo verbal regulamenta as ações: quando um promover o torneio, o outro participa ou não realiza em seu campo, outro jogo ao mesmo tempo. Nessa situação a balança de poder desequilibrará para um dos lados, se o acordo for rompido e o decurso do jogo, não o de bola, mas o social, tomará outro rumo. Observando que as pessoas nessas comunidades vivem uma situação na qual a balança de poder não se mostra tão desequilibrada, o apego afetivo, a solidariedade incondicional poderá ajudar na hora de optar na escolha do local a jogar.

No espaço de jogo, de sociabilidade, os assuntos que permeiam a vida das pessoas nessas comunidades vão sendo colocados em dia. Com a ajuda do fuxico ou por intermédio de fofocas elogiosas ou depreciativas (ELIAS, SCOTSON, 2000) podemos ter conhecimentos da intimidade das pessoas, isto é, o que de bom ou de ruim fizeram. Preocupam-se os moradores de , Bicó e Cuiamucu quando a fofoca começa a incomodar as relações sociais. H. de 38 anos – 21-7-07 – fala que: *As pessoas têm olho gordo, se importam com a vida dos outros. Tem uns que são tipo jornalistas. Qualquer coisa que acontece enfeitam. E pelo que tudo indica, isso não traz nenhum benefício. Traz um atraso, pois as pessoas ficam agoniadas com as outras. O fuxico é uma coisa que um começa a cutucar o outro e há desunião. Quando um está começando a ter alguma coisa o outro fica com inveja.*

Para não nos alongarmos na discussão, penso ter ficado entendido que o fuxico ou fofoca circunda os encontros de pessoas, estando estas em casa, no trabalho ou no divertimento. De certa forma, não é somente prejudicial ao convívio social, mas também, as pessoas “passam tempo” nos assuntos da vida dos outros. E diga de passagem, se o pesquisador sair da linha, entenderá o significado do “linguareto” ou do fofoqueiro. Nesse ponto nossa pesquisa não revela nada de novo, mas evidencia o fato da fofoca fazer parte da vida das pessoas

nessa e em outras sociedades. Ela tem espaço reservado em casa, na roça, no campo de futebol, no barco, na canoa e em outros locais onde se pode saber da vida alheia.

O fuxico não é o convite; nesse contexto, da reunião das pessoas, ele é decorrente desse encontro, onde o jogo de bola é espaço de diversão: *aqui no interior o que diverte é o futebol. É a única coisa que diverte a gente é o futebol. Não tem outra coisa. Vai jovem, adulto. Vai todo mundo.* E assim, nessa concentração de pessoas é possível obter mais informações sobre o motivo que as levam a freqüentar o espaço de jogo:

- *É bom o futebol porque é uma diversão mais bacana que tem por aqui. Dia de domingo é quando o pessoal se reúne.*
- *O futebol serve para incentivar, para exercitar mais o corpo. Serve para lazer, divertimento.*
- *O que reúne mais o povo é o esporte com festa. Mas o pessoal vem mais por causa do esporte. É um bom divertimento.*
- *Esporte quando é treinamento. Divertimento quando vem gente pra se divertir.*
- *As pessoas vendem suas coisas, ganham seu dinheirinho. Serve para encontrar seus amigos, trocar idéias.*

Mas de onde surgem as expressões: esporte, lazer, treinamento, preparação física? Essa inquietação pensamos responder compreendendo o processo de integração e maior mobilidade dos residentes em Bicó, Cuiamucu e . A integração é pelo contato físico, real e pelo visual (televisão, rádio, celular). Ao tratarmos sobre o transporte pode-se observar que as comunidades estão, muito mais do que antes, numa mobilidade nunca vista antes, não só física, mas como social. Ir à sede do município comprar chuteira, camisa, tecer comentários sobre jogos, tática e técnica de jogo não é mais coisa do passado.

À frente da televisão moradores das comunidades se postam para assistir aos grandes jogos de futebol. A Copa do mundo, pela primeira vez, foi assistida na comunidade de em 1994. Desde então, “não há” um jogo de importância nacional que não seja assistido por seus moradores, pois a condição de vida melhor possibilitou a aquisição de motor de força e a televisão, por algumas famílias. Na televisão não só os jogos são assistidos mas, como se pode ver, é no horário “nobre” que as luzes iluminam o escuro nas “entranhas” da mata e as margens dos rios. No início do escurecer, se observa pessoas que ainda não dispõem de televisão em casa, se dirigindo a remo, para casa do vizinho do outro lado do rio. Durante a semana, o horário nem sempre é de jogo, mas sim, da novela das sete e oito horas da noite. Como sabemos entre um capítulo e outro, ou um tempo e outro de jogo, as propagandas direcionam o espectador ao

consumo. Quem sabe no outro dia, alguém procure na madeira, no pescado ou na caça uma fonte de recurso que lhe possibilite à compra da chuteira, caneleira, motosserra, celular com câmera fotográfica e outros produtos oferecidos na tela da televisão.

De frente da TV comemora-se cada gol, cada “bela” jogada virtualmente. Mas é no espaço mimético, no jogo de bola, que os jogadores de Bicó, Cuiamucu e vão disputar entre si o podium do melhor jogador. Se não conseguem imitar seus ídolos, através das habilidades com a bola, o fazem por meio de vestuário, brinco, cabelos pintados que marcam no corpo, o personagem assumido ou sua equipe favorita.

A televisão, o celular e o rádio têm proporcionado, mais do que antes, uma relação de grupo com os meios de comunicação. Essa relação tem contribuído para maior integração e absorção de conceitos e valores outros que não eram comuns nessas comunidades. O conhecimento do termo lazer reforça a compreensão de que há, na figuração da área pesquisada, o não lazer. Este é expresso nas atividades de cultivo do solo, criação de boi e o extrativismo animal e vegetal. O lazer mostra-se como uma “ruptura” das práticas do cotidiano, as quais tornam-se “obrigatórias” ao se levar em consideração a manutenção da vida e necessidades outras, que aspiram os moradores da área pesquisada.

O trabalho de campo nos faz compreender a busca pelo lazer, no jogo de bola, por homens e mulheres da área pesquisada, não simplesmente para servir como função de “libertação das tensões” ou como forma de “recuperação do trabalho”, pois se fosse essa a questão, segundo Elias e Dunning (1992, p. 130), as pessoas em Cuiamucu, Bicó e , poderiam gastar a maior parte de seu tempo na esfera do tempo livre que se enquadra na categoria do repouso. Os comentários de H. de 38 anos ajudam a entender o exposto acima: *o pessoal aqui no interior tem muita energia. Vai trabalhar o dia inteiro na mata e quando chega ainda vai jogar bola*. Dessa forma, se alguém vai ao jogo de bola, é em busca de algo que o trabalho diário não lhe proporciona. Eles, sem obrigatoriedade, vão em busca de excitação agradáveis (ELIAS e DUNNING, 1992), peça fundamental na satisfação no lazer. Ir ao campo ou ao espaço de divertimento, de lazer, portanto, é, antes de tudo, ir na busca de emoções agradáveis voltadas para si, desobstruído da obrigatoriedade, situação “não” verificável na esfera de outras atividades desenvolvidas no cotidiano da comunidade.

Na área de pesquisa, uma das atividades capazes de reunir, sem obrigação, maior número de pessoas é o jogo de bola. É onde as pessoas podem experimentar e compartilhar

em público, divertidas excitações com aprovação social. Nesse sentido, compreende-se o papel da sociabilidade que figura nesse divertido jogo de bola: “um elemento do prazer é o sentimento agradável vivido pelo facto de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se têm voluntariamente”. (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 179)

O futebol associado ao divertimento prazeroso diferente da proporcionada na “rotina” das atividades de sobrevivência desenvolvidas nas comunidades, julgo termos compreendido, entretanto, associar o futebol à preparação física merece ser analisado a partir das falas dos sujeitos:

- *É bom, aquece o corpo. Não deixa ficar velho.*
- *Porque é um exercício que a gente faz.*
- *É divertimento. Sem o futebol a gente fica velho rápido. Se a gente ficar parado, fica com o nervo duro.*

A análise respalda-se na descrição etnográfica: se não houvesse a prática do futebol na comunidade como ficaria a condição física de seus moradores? Os dados de campo (MATOS, 1996), vão nos dizer que as atividades diárias proporcionam condição física aos membros das comunidades e não somente o jogo o futebol. Este em não sendo praticado diariamente não atende aos preceitos para o desenvolvimento das qualidades físicas, manutenção ou melhoria da saúde física como pode ser observado na literatura especializada no sentido funcional, fisiológico (WEINECK, 1991; FOX, BOWERS, FOX, 1991; McARDLE, KATCH, KATCH, 1998). Isso porque em não sendo praticado dentro de princípios da continuidade como pode ser constatados nos estudos de Powers, Howley (2000), Nahas (2003), Weineck (2003), qualquer atividade física não consolida o desenvolvimento da aptidão física. Nesse sentido não é jogo de bola por si só que leva aos indivíduos uma boa condição física. O futebol é parte do contínuo de atividades praticadas na área pesquisada. A associação – futebol e preparação física – que os informantes nos colocam, pensamos ter forte influência do processo de integração, mobilidade social, espacial e a relação com os meios de comunicação.

Cabe ainda no contexto do jogo de bola algumas reflexões. Uma refere-se à religião e outra ao autocontrole como marca da civilização. Enquanto os adventistas vão ao culto, os católicos vão à missa; enquanto os católicos rezam, os adventistas oram. Enquanto os adventistas guardam o sábado, os católicos usam o domingo para se divertir, mas, é no espaço de divertimento que a bola rola e as diferenças imbricadas nas religiões “amenizam”. Na área de

jogo, independentemente do credo, a bola tem de ser chutada ou rebatida, driblada ou tomada e passada para seu companheiro. No final do jogo – na derrota ou na vitória – se congratulam. “Somente”, enquanto jogadores, no espaço comum de divertimento prazeroso, “rezam e oram” por uma vitória ou “lamentam” a derrota, assim quanto no cotidiano, se organizam em puxirum para o sucesso das famílias.

A intenção não é tomar a religião por uma reflexão simplista; sabemos da complexidade do assunto, entretanto, espera-se que no ambiente pesquisado a religião não estimule divergências e diferenças. Espera-se na que área de diversão, por meio do jogo de bola, continuem se percebendo como humanos vivendo num espaço comum numa relação de interdependência. Espera-se que, ao continuarem a viver nessas comunidades, não venham se perceber, pensando com Elias e Scotson (2000) como grupos – de católicos e adventistas – de valor, um superior ao outro.

O jogo de bola nos proporciona visualizar a força do *nós* e do *eu*. É a comunidade ou a unidade familiar que se evidencia na conquista de um torneio ou de um prêmio. É à comunidade ou à família que se reserva a “pior” se seus participantes levarem para dentro do jogo de bola, ou para o jogo social a brutalidade, a ignorância, a agressão física. É também a força do *nós* que defende o *eu* numa situação de conflito. Basta saber que um de seus membros esteja sendo agredido fisicamente ou encurralado pelo *eles*, que o *nós* de outra comunidade vai em seu socorro e o conflito se instaura.

Buscamos o significado do futebol no cotidiano da comunidade e acreditamos termos sido entendido. Da mesma forma, pensamos ter ficado entendido, ao analisar os atuais preceitos do futebol esporte, enquadrar, como jogo de bola, aquele praticado em Bicó, Cuiamucu e , entretanto, independentemente de ser um ou outro, é nesse espaço mimético que as pessoas vão à procura de prazer, excitação e emoções agradáveis.

Fatou esclarecer, como essa excitação, vivida em espaço compartilhado, socializado e aceito publicamente, não coloca em risco os praticantes e os espectadores. A inquietação nos remete às considerações de Elias e Dunning (1992, p. 103): “Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação”.

Assistir a um torneio, algumas jogadas nos faz duvidar se do encontro de dois jogadores, possa ter “ficado” inteira a perna do jogador. O encontro “brutal” é permitido de forma

controlada. Permite-se ao espectador gritar, rir e se “espernear” sem invadir a área onde o jogo acontece. A área de jogo é delimitada pelo imaginário das pessoas. Alguém, sem ser punido, pode cruzá-la simplesmente para falar com compadre na outra extremidade que está sentado à sombra de uma árvore. Alguém, alcoolizado, vai ao centro do campo dar “orientação” a um jogador ou simplesmente fazer rir quem está assistindo ao jogo. A criança ao cruzar o campo, sem intenção de infringir as normas, corre o risco das boladas e de confrontos com os jogadores, devido sua frágil estrutura física, mas por não ser capaz de representar mentalmente o corpo (PIAGET,1978), no espaço em que está situado.

À criança permite-se tal comportamento e é nessa vivência que elas, ao se desenvolverem socialmente, vão entendendo e aprendendo a respeitar as regras do jogo, não só de futebol, como também o social. Assim, com mais idade, não será permitido entrar em campo simplesmente para agredir um jogador, pois: “o controle que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controle – em parte – já não se encontra sob seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade”. (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 103).

Elias (1994) nos fala do autocontrole como estrutura da personalidade mas é, antes de tudo, aprendido e não natural ao ser humano, pois “quanto mais alto o nível permanente de periculosidade, tanto mais baixo o nível da civilização,” (ELIAS, 2006, p. 22). Nesse sentido, esse controle não saiu da “floresta”. Ele foi levado para “dentro” dela com já comentamos na introdução desse trabalho, portanto, se os homens jogam bola em Bicó, Cuiamucu e , jogam seu jogo de bola obedecendo as regras “locais”, mas o jogam com a marca da civilização. Regras de conduta, autocontrole, segundo Elias (1993) são resultados do processo civilizatório do mundo ocidental, e não saiu da floresta: foi para dentro dela.

O jogo de bola tem-se mostrado um atrativo para os moradores de Bicó, Cuiamucu e , os quais freqüentam por vontade individual. Essa participação em “massa” reforça a sociabilidade, que segundo Elias e Dunning (1992) é característica do lazer.

Outras atividades festivas são desenvolvidas na área pesquisada, porém, há uma data marcada no calendário para sua realização, não sendo uma atividade semanalmente celebrada. É um momento mimético esporádico, no sentido de acontecer uma ou duas vezes por ano, contudo o futebol vem incluso em sua programação. Dessa forma há de se entender, que o futebol, é o espaço no qual as emoções, as excitações agradáveis e controladas são socialmente compartilhadas semanalmente.

O olhar sensível, embora não treinado pela academia, procurou revelar o ambiente natural e situar pesquisador e leitor onde o palco do jogo é parte integrante desse todo, mas, é nesse palco, que nos proporciona prazer e sociabilidade, o fuxico nos revela também, conflitos de grupo – matar ou roubar animais, invasão de terras, etc. – briga de casais, traição, luta pelo poder, entre outros problemas das figurações humanas, que podem ser detectado no contexto deste trabalho.

Considerações finais

Imergir nesse espaço e situá-lo no tempo, talvez nos leve a uma ampla visão, guardada as proporções, de como foi ou como ainda se vive em comunidades distribuídas geograficamente às margens de rios e lagos do Amazonas. Se a suposição é audaciosa, vamos centralizar no universo empírico de nossa pesquisa, ou seja, em Bicó, Cuiamucu e , nomes fictícios que tem como objetivo resguardar a identidade das comunidades.

A nos propormos estudar figurações, poder, diferenciação e redes de interdependências ocorrendo na área de pesquisa tivemos que retroceder no tempo para entender o espaço e por quem esse espaço foi ocupado. Pudemos ver no decorrer da descrição do fogo, áreas de Bicó e Canela-Fina já ter impresso em suas terras, vestígios da presença de ameríndios na região. Com as redes de interdependências, as figurações menos ampliadas, é possível supor que a interação dos índios com o ambiente foi de menor impacto ao ecossistema. Os recursos teóricos nos dão, sem receio de dúvida, entender que naquela época houve um nível de organização social voltada para identidade *nós* e um nível de diferenciação social que não é o mesmo de hoje.

Elias e Goudsblom nos assessoram durante a jornada de nossa investigação empírica e nos levam a transitar pela história para conseguirmos avançar nas interpretações. Vamos nos dando conta da chegada dos espanhóis, portugueses, ingleses, brasileiros de outras regiões para o Amazonas. No entrecruzar de raças surge o indivíduo, que se denominou posteriormente de *caboclo*. Sangue de índio e de branco, proporcionou um indivíduo adaptado ao ambiente do Amazonas. Um indivíduo, no qual os ajustes de desenvolvimento permitem-lhe suportar melhor as pressões climáticas, alicerçado às manhas de sobrevivência na mata e no rio. A relação com a água dá margem, não de categorizar os indivíduos que vivem em “prol” do rio, mas pode justificar a denominação de ribeirinhos que atribuem-se a essas pessoas.

A relação com o rio, de homens e mulheres de Cuiamucu, Bicó e Canela-Fina, se observa ao longo de todo o nosso trabalho. Pela água/rio se vai e se vem. A organização social, o modo de vida com relação ao rio/água se observa na construção das casas, pescaria, caçada, retirada da madeira, ir ao jogo de bola, ir à escola. Em áreas de rios de maior periculosidade,

deve-se “impor” às crianças, regras de condutas para não serem abocanhadas pelo jacaré ou laçadas pela sucuri. Em águas profundas, o saber nadar evita a morte e a dor dos pais, parentes e amigos. No momento em que se discute a importância da água para o futuro da sobrevivência dos seres humanos e não humanos em nosso planeta, deve-se levar em consideração o fato de que, quem vive na abundância de água, deve proceder de forma diferente de quem vive na escassez de água. Quem tem o rio para se banhar não deve ter e sofrer maiores pressões ecológicas e sociais de quem tem apenas uma bacia com água para dividir com a família. Isto nos leva a deduzir, que quem procede de áreas onde a água é farta, carrega consigo procedimentos, condutas que devem ser reorganizadas para a utilização da água. A água, como inerente à vida, nos instiga a pesquisar, a observar regras de condutas com relação à sua captação e ingestão para continuidade da vida.

Pelo rio/água se faz notar a maior mobilidade das pessoas no interior das comunidades e delas para o exterior, configurando novas redes de interdependências e relações de poder. As estradas de rios possibilitam o escoamento da madeira, da caça e do peixe às redes invisíveis de interdependência. Nessas redes, há indivíduos à espera dos produtos naturais para suprir suas necessidades básicas e econômicas. A “cultura” extrativista, com maior proeminência a partir da época dos colonizadores que chegaram pelas estradas de rios no Amazonas, se faz notar no ecossistema do universo empírico estudado.

O conceito de adaptação ajuda a compreender como os indivíduos continuam a viver em um ambiente de clima quente e úmido, a temperatura de 38⁰C / 39⁰C. A exposição ao sol, a umidade relativa do ar elevada, ferroadas de insetos entre outras pressões ecológicas se pode compreender pelos conceitos de aclimatação, ajustes de desenvolvimento e culturais. Na perspectiva da adaptação, é possível observar que a interação homem e meio convergiu para a unilateralidade, isto é, em prol do homem. A interação, a interdependência veio esfacelando à medida que o meio ambiente passou a ter a função de manter a vida humana e sustentar suas novas aspirações imbricadas na maior mobilidade espacial e às redes de interdependências ampliadas que contribuíram para o processo de integração.

O uso do fogo é considerado um dos primeiros impactos ambientais de maior importância na história da humanidade, entretanto a marca do fogo, não no sentido de lareira, mas sim, no especto de tocha, no ecossistema da área de pesquisa é mais evidenciada hoje, do que quando usado por seus primeiros habitantes. Dessa forma, supõem-se, a pesar de não termos condições de precisar as datas exatas, que os índios ao ocuparem a área de Bico e , terem vivido

na maior interação, maior interdependência com o seu ambiente. Em meio a essa organização as competências, as malícias e habilidades permitiram sobreviverem nesse espaço “selvagem”, onde o uso do fogo, como escudo, pode ter sido um instrumento importante para a continuação da vida, entretanto, com a chegada dos colonizadores, há de supor que o fogo, como identificador da presença humana, passou a ser utilizado sob maior controle, dando chances dos índios procurarem as cabeceiras centrais e novamente instalarem sua morada.

Observando o percurso histórico por intermédio dos conceitos de crescimento intensivo e extensivo, vamos nos dando conta de maiores impactos no ecossistema do Amazonas com a chegada dos colonizadores. Vamos observar, pela teoria eliasiana que a interação dos recém-chegados com o ambiente foi voltada para o domínio da natureza em prol de benefícios próprios, onde padrões sociais se mantiveram, diferentemente daqueles que na região já viviam. A racionalidade dos colonizadores que chegaram no Amazonas, convergiu para apropriação dos recursos naturais, sem se preocupar com a interação, interdependência. A figuração do passado histórico se concentrava, primeiramente, com as valências abertas para dentro dos rios e florestas e posteriormente, com a chegada dos povos migrantes, ampliou-se para o mundo, onde as relações de poder já não orientavam exclusivamente para as tribos indígenas, mas a nível de Estado e nações. Viu-se no Amazonas a intensificação do processo extrativista. O extrativismo animal e vegetal faz parte dessa história. Faz parte também o cultivo do solo e posteriormente a criação de animais domésticos.

Se algo semelhante ocorreu em outro lugar do Amazonas, nosso estudo se aproxima da incitação inicial, entretanto, não vamos planar por muito longe. Em uma simples viagem por Bico, Cuiamucu e , pudemos conjecturar uma existência de pouco mais de cem anos, portanto, um episódio na história do Amazonas. Há de entendermos que as casas surgiram em forma de barracões em espaços abertos na mata, mas às margens do rio. Vieram mais pessoas e mais casas foram construídas e as pessoas se organizaram em comunidades e nessa seqüência maiores foram as transformações no ecossistema da região.

Com o crescimento extensivo, maiores foram as áreas derrubadas, primeiramente com a força motriz por meio da união de pessoas em forma de puxirum e a utilização do fogo no sentido de tocha. Com a potencialização da energia do fogo, juntada ao crescimento demográfico, a roça foi cultivada e mais floresta foi derrubada para formação de pastagem para criação de boi. As manadas de porcos que antes atacavam as roças foram coagidas

por tiros e cães de caça e procuraram os centros da mata, espaço mais longe das casas e das roças. Os porcos se refugiaram e ainda se refugiam no espaço da mata, mas nem por isso foram deixados de serem perseguidos.

A relação homem e meio, no sentido de interdependência tomou a direção unilateral em benefício dos humanos. O crescimento intensivo proporcionou, com a aquisição de máquinas, a maior mobilidade dos moradores de Bico, Cuiamucu e e à força motriz se junta à tecnologia da motosserra. Essa mobilidade amplia as redes de interdependência. A figuração na área pesquisada converge com valências que se entrecruzam nessa mobilidade espacial e mobilidade social. As famílias melhoraram de vida e hoje, os pais recebem auxílio dos filhos. Os filhos formam famílias e percebem que para suprirem suas necessidades e aspirações, podem se apropriar dos produtos naturais, cujo valor simbólico de hoje não é mesmo de antes. Assim se observa que os paus da mata (árvores do tipo itaúba, massaranduba, maracatiara, jatobá etc.) vão se tornando madeira. Com a maior mobilidade, o escoamento de tábuas, pranchões, estacas, ripões, esteios e outras peças em madeira saem com mais frequência da área pesquisada. A diária do motosserrador tem preço, nem todos podem pagar, mas a mata é derrubada em menor tempo. Quem contrata o motosserrador já não tem compromisso em retribuir o dia de trabalho quando realizado em puxirum.

A mobilidade permite levar o peixe, a caça e quelônios para muita gente que de outros lugares vieram e residem na sede do município. A pressão é maior também no pescado. A pressão sobre determinadas espécies já faz notar sua escassez pelos próprios residentes das comunidades. Os pescadores não são só os residentes nas comunidades, mas também como aqueles que vêm da sede do município para pescar. O apego afetivo possibilita a retirada de peixes dos rios e lagos por amigos e parentes que chegam da sede do município “sem” que haja conflito.

Surge o pescador profissional, aquele que tem carteira de pescador e é associado à colônia de pescadores na sede do município. Agora como pescador profissional é amparado pelo seguro defeso, período que determinadas espécies de peixes ficam proibidas de serem pescadas para fins de reprodução. O pescador se distancia em comportamento de seus pares e transforma sua casa de palha em cobertura de telha de amianto, televisão, motor de luz e outros bens materiais que tornam sua vida melhor. Ao se tornar pescador profissional, ele deve seguir normas que regem a categoria. O pescador profissional “não” deve agir como antes fazia:

matar peixe-boi, “nunca” mais; pirarucu, tambaqui e outras espécies só na época “permitida” por lei.

A exploração extrativista tem mostrado o diferencial na interação homem e meio. Mais peixe, caça e madeira, em nome da subsistência, têm sido escoados das matas e dos rios para suprir necessidades básicas que surgem com maior força dada as novas aspirações. Mobilidade espacial e social, televisão, celular são elementos que vêm contribuindo para direcionar o comportamento de pessoas para figurações mais ampliadas. Tais figurações estão abertas para receber o produto vindo das “entranhas” dos rios e matas, em contrapartida lhes oferecem produtos tecnológicos, brinquedos e uma variedade de utensílios de plásticos, medicamentos, vestuário e outras coisas que contribuem no dia-a-dia.

O extrativismo e a roça vêm contribuindo para a sobrevivência das pessoas na área de pesquisa por muitas décadas, mas não as deixaram “mais” ricas. A roça, na opinião de alguns é o banco do povo. É de onde se pode tirar a mandioca para fazer farinha para consumo, venda ou troca na comunidade. Com mais gente, família crescendo, mais pessoas na sede do município e as novas aspirações, as roças precisaram ser aumentadas, mas não tanto. A roça equilibra a balança de poder na área de pesquisa. A roça se mantém com base na ajuda mútua, que não significa dádiva. O puxirum é uma troca de dia no sentido de perspectiva. Nessa relação espera-se restituição, mas que aos poucos o pagamento em espécies para o dia trabalhado vem surtindo maior efeito para os jovens que precisam suprir algumas de suas necessidades. A família que têm a maior roça e as que não tem roça, sabem muito bem de sua posição na estrutura social de Bico, Cuiamucu e .

Nesse processo de extrativismo e plantio de mandioca, outra atividade vai se fortalecendo na área pesquisada. A criação de boi é onde as famílias têm se ancorado para justificar o alcance de seus objetivos e metas advindo das novas aspirações. A criação de boi no sistema extensivo exige maior espaço físico onde os animais possam pastar. Tal necessidade derrubou mais mata e capoeira na área de terra firme e a mata de igapó na área de várzea, empurrando a mata para mais longe. Caça e peixe ficaram mais longe de casa. A cultura itinerante da roça, quando deixada de ser cultivada por três ou quatro anos, permitia o retorno à área, mas a criação de boi fez plantar capim para pasto e as terras se tornaram áreas de pastagem permanentes. O boi fez a roça ir para mais longe dificultando aos moradores, principalmente no período de estiagem, a retirada da mandioca para fazer farinha e outros produtos alimentícios.

Na criação de boi vimos o poder do fogo no sentido de tocha. Motosserra e força motriz no uso do machado de um lado e o poder do fogo do outro proporcionaram maiores impactos no ecossistema. Nessa atividade, se observa, que as relações de poder se tornam desequilibradas para as famílias que não possuem gado. O pescador vende peixe para o criador que ocupado com seus animais não tem tempo de sair para pescar. Há criador a encomendar ao pescador a banha de boto para fazer engordar alguns animais que emagreceram por falta de pasto.

Para se criar boi é preciso o empenho da família. Os pais encarregam aos filhos mais novos, algumas crianças e outros entrando na puberdade, a ordenhar a vaca no período da manhã, soltar o gado para pastar ou fazer alguns curativos. À tarde deve-se prendê-los no curral para retirar o leite pela manhã. Entre outras tarefas, os filhos vêm se ocupando com a criação de boi e as atividades de pesca dos tipos de arco e flecha, arpão e outras que levam mais tempo, e por motivo óbvio deixam de ser praticadas. Com pouca prática não há como ser um ótimo pescador, mas é possível ser um bom criador. As diferenças entre criador e pescador vão se tornando mais evidentes à medida que a idade avança, o boi aumenta e o pescador se “satisfaz” em fornecer o peixe ao criador.

A criação de gado nos faz observar maior reorganização social. Os bois, não tendo fronteiras, acabam por invadir a roça do compadre. O compadre, pela razão de conhecer seus direitos leva em juízo o criador, que deve pagar os prejuízos causados pelos bois na roça do compadre. O boi está fazendo os criadores cercarem suas áreas de terra para manterem-se em boas relações de vizinhança, entretanto, boi não vacinado pode ser fiscalizado. Com a proposta da erradicação da febre aftosa os criadores estão sendo “monitorados”. Com o programa do governo da erradicação da febre aftosa e da demarcação da terra por sistema de georeferenciamento, os criadores de boi deverão seguir, se quiserem permanecer na atividade, às normas direcionadas a tal atividade. Menos derrubada da mata, menos queimada, maior higienização do rebanho, que implica maior organização do criador, mais tecnologia e conhecimento .

O aumento do número de aposentados, projeto sociais do governo, seguro defeso, crédito rural, a entrada de criadores de outras regiões são fatores que impulsionam a maior monetarização em Bico, Cuiamucu e . Do criador de boi de maior poder aquisitivo espera-se que pague em espécie o dia trabalhado, nesse sentido não é o tempo natural, regido pela posição do sol, que vai orientar as horas trabalhadas. Quem orienta é o relógio que se encontra no pulso do criador.

Nesse contínuo de atividades – caça, pesca, retirada da madeira, criação de boi – se faz necessário o espaço onde homens e mulheres de Cuiamucu e Bico e , possam ir em busca de excitação agradáveis, prazerosas. As pessoas buscam no jogo de bola, o lazer. No espaço de lazer rompem com suas rotinas ao vivenciarem suas emoções prazerosas. Nesse convívio social, no espaço de lazer, as pessoas se revelam o criador de gado, o motosserrador, o mecânico, o pescador profissional, o dirigente da igreja, o representante da comunidade. É um espaço onde o telefone sem fio, o fuxico, coloca muitos moradores a par das intimidades e problemas dos outros.

Enfim, pode-se observar no universo empírico mudanças ocorrendo na estrutura física e social. O conceito de crescimento intensivo e extensivo nos possibilita enxergar maiores impactos no ecossistema da região à medida que avançamos em sua história. Em retrospectiva, o crescimento extensivo se contrapõe ao crescimento intensivo, no sentido da reciprocidade entre homem e meio. O crescimento demográfico e geográfico, causaram maior pressão ao ecossistema local, e por que não dizer, em muitos outros ecossistemas de nosso planeta. Animais e vegetais serviram aos humanos no sentido unilateral. O crescimento intensivo, no que diz respeito à melhor qualidade de vida, a incorporação de mais conhecimento e tecnologia acompanham a história humana, mas quase sempre voltados para o usufruto dos recursos naturais, sem dar atenção à reciprocidade. Acompanhando a história de Bico, Cuiamucu e vamos nos dando conta da direção unilateral tomada por seus habitantes ao se apropriarem, em nome da subsistência, dos recursos naturais sem a preocupação de reposição, já que a “abundância” ofusca a percepção fazendo perpetuar a idéia de que o que Deus fez não acaba. Hoje, a discussão converge para reverter esse pensamento dando atenção à interação homem e meio. Nesse sentido, crescimento extensivo e intensivo buscam se apoiarem em função de nosso planeta continuar a ser habitável pelos humanos.

Pensando com Elias, ninguém com suas metas e objetivos esteve ou está intencionado a provocar o efeito estufa, o aquecimento global ou o desflorestamento do Amazonas. As relações homem e meio foram ou continuarão ocorrendo, e à medida em que a interação assume o sentido de mão única, o impacto no ecossistema se fará notar. À medida que o boto se torna um empecilho ao pescador, deve pagar com a vida aos prejuízos que lhe causar. À medida que a banha de boto serve para engordar o boi do criador, então ele é encomendado ao pescador, como um suplemento alimentar.

Com as redes ampliadas, as novas figurações o jatobazeiro, o piquiazeiro transformam-se em peças de madeira nas mãos do motosserrador. As árvores em pé poderiam valer muito mais do que vendidas em toras, se as relações de interdependências levassem às redes invisíveis a pensar no efeito estufa, no aquecimento global. Nessa racionalização remeto o leitor à parábola *O Homem e a Pallheira*, para incitar a reflexão e contribuir para discussão ambiental, no qual o modo de vida de pessoas residindo em Cuiamucu, Bicó e Canela-Fina, seja levado em consideração. Tal reflexão pode contribuir para reorientar o comportamento e a reorganização de suas práticas socioculturais, no sentido de não só a extração, mas a reposição, pois nessa figuração, devemos entender que há sempre indivíduos com valências abertas à novas alternativas. Nesse sentido, crescimento extensivo e intensivo deve se apoiarem.

Espera-se que o esforço de transcender a especificidade da minha área de formação não venha causar constrangimento aos especialistas do setor, mas trazer contribuições teóricas e empíricas. Espera-se ter deixado implícito no contexto deste trabalho, que o universo empírico estudado exige uma figuração de profissionais de muitas áreas, num esforço comum, para melhor compreendê-lo.

Referências

ALCIDES WERK. **Trilha d'água**. 5. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2000.

AURICCHIO, P. **Primatas do Brasil**. São Paulo: Terra Brasil, 1995. 168p.

BARBANTI, V. J. **Teoria e prática do treinamento desportivo**. São Paulo: Edgard Blücher, 1979.

_____. **Treinamento físico: bases científicas**. São Paulo: CLR Balieiro, 1986.

BATISTA, F., Frigoríficos retoma exportações para EU. Amazonas em Tempo, Manaus, 2 mar. 2008. Economia, p.B/4.

BENCHIMOL, S. **Navegação e Transporte na Amazônia**. Edição reprográfica, Manaus, julho 1995.

BÍBLIA. **Levítico**. Português. Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro: GAMMA, 1980.

BRUHNS, H. T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papyrus, 1993.

BURGER, L.M. e RICHTER, H. G. **Anatomia da madeira**. São Paulo: Nobel, 1991.

DALY, H. E. (compilador). **Economía, ecología, ética: ensayos hacia una economía en estado estacionario**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DANTAS, E.H.M., **A prática da preparação física**. 5 ed. – Rio de Janeiro: Shape, 2003.

DESCOLA, P. **La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar.** Ecuador: ABYA-YALA, 1986.

DIAMOND, J. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso.** Rio de Janeiro: Record, 2006

DYCE, K. M. et al **Tratado de anatomia veterinária.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 1980

_____. **A busca da excitação no lazer. In.:** A busca da excitação. Norbert Elias e Eric Dunning, Lisboa:Difel, 1992.

_____. **A condição humana.** Lisboa: DIFEL Difusão editorial Lda/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A., 1991

_____. **Envolvimento e alienação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998a

_____. **Tecnização e civilização. In.:** **Escritos & ensaios; 1:** Estado, processo, opinião pública. Organização e apresentação, Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994a

_____. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994b

_____. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998b

ELIAS, N., DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa:Difel, 1992.

ELIAS, N., SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders.** Trad. De Vera Ribeiro. Rio De janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FAISCHILD, G. B. and BURGER, J. F., **A catalog of the Tabanidae (Diptera) of the Americas South of the United States.** Associated Publishers, 1994.

FOSS, M. L. e KETEYIAN, S. J., **Bases fisiológicas do exercício e do esporte.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2000.

FRISCH, J. D. **Aves brasileiras.** São Paulo: Dalgas – Ecoltec Ecologia Técnica, 1981. 353p.

FASSHEBER, J. R. M., e ROCHA FERREIRA, M. B., **Etno-futebol indígena.** ComCiência – Revista eletrônica de jornalismo científico (periódico – São Paulo, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), n. 79, 10 ago 2006. Disponível : www.comciencia.br/comciencia.

GEBARA, A. **Conversas sobre Elias:** depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Piracicaba, SP: Biscalchin Editora, 2005

_____. **Tecnologia e História: Johan Goudsblom e Norbert Elias.** In.: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, Paraná, Brasil, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOUDSBLOM, J. **Fire and civilization.** Londres: Allen Lane, The Pinguin Press, 1992

_____. **The Civiling process and the domestication of fire.** Journal of World History, vol. 3, n. I, 1992

GOUDSBLOM, J. **Pensar com Elias. In.:** Norbert Elias: a política e a história. Alain Garrigou e Bernard Lacroix (orgs.). São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

_____. **Introductory overview: the Expanding Anthroposphere. In.:** Mappae Mundi : Humans and their Habitats in a Long-Term Socio-Ecological Perspective Myths, Maps and Models. Bert de Vries and Johan Goudsblom (eds.). Amsterdam University Press, Amsterdam, 2002.

HOLLMANN, W. e HETTINGER, Th. **Medicina do esporte.** São Paulo: Manole, 1983

HIGREJA, L. S. DA.,; FRANZINELLI, E., **Aspectos das terras caídas na região amazônica. In.:** X Simpósio de Geologia da Amazônia. Porto Velho/RO, 2007.

LARAIA, R. DE B. **Cultura: um conceito antropológico.** 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LASKER, G. W. **Human biological adaptability: the ecological approach in physical anthropology.** Science 166: 1480 - 1486, 1969.

LAZO, D. M. **Alcoolismo: o que você precisa saber.** São Paulo: Ed. Paulinas, REINDAL, 1989.

LE BOULCH, J. **Rumo a uma ciência do movimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LE GOFF, J. **História e memória.** 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

LEVI-STRAUSS, C. **Mito e significado.** Lisboa: Edições 70, s/d.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental.** IN: Os Pensadores. 2. ed. São Paulo:

Abril Cultural, 1978.

MATOS, G. C. G. de, **Atividades corporais – uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 1996.

_____. Atividades corporais: uma adaptação biocultural num micro-universo amazônico. In: CONEXÕES: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

MATOS, G.C.G.; ROCHA FERREIRA, M. B. **Práticas corporais num ambiente rural Amazônico**. In.: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, p. 55-77, 2007.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia: com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi Strauss**. São Paulo: EPU, 1974.

MALLO, J. M. C. DE; NOVAIS, F. A., **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In.: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. Lilia Moritz Schwarcz (org. do volume). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

McARDLE, W. D. et al. **Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S. A, 2003.

McELROY, A. TOWNSEND, P. K., **Cultural and individual adaptation**. IN: Medical Anthropology. Massachusetts: Duxbury, 1979, p. 100-109.

MINOIS, G. **Histórias do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORAN, E. F. **The adaptive system of the amazonian caboclo.** IN: C. Wagley (ORG.). *Man in the Amazon.* Gainesville: University of Florida Press.

_____. **A ecologia humana das populações da Amazônia.** Petrópolis, R.J: Vozes, 1990.

_____., E. F. **O estudo da adaptação humana em ecossistemas amazônicos.** IN: Neves, W. A. (ORG.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia.* Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991

_____. **Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica.** São Paulo: EDUSP, 1994.

NOGUEIRA, R. J. B. **Amazonas: um Estado Ribeirinho.** Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** In: *O Trabalho do Antropólogo.* 2. Ed. Roberto Cardoso de Oliveira. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UUNESP, 2000.

OLIVEIRA, J. B. de, et al. **Classes gerais de solos do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento.** Jaboticabal, FUNEP, 1992. 201 pag.

PACHECO, K., GAMBOA, E., BREVES, K. 'Foi um horror', diz testemunha de acidente. *Diário do Amazonas,* Manaus, 5 maio, 2008. Cidades, p.10

PARLEBÁS, P. **Perspectivas para una Educación Física moderna.** Espanha: Unisport, 1987.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W., **Desenvolvimento humano**. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PIOVESAN, A. **Fundamentos sociais e culturais da saúde pública III**: metodologia de pesquisa aplicada à saúde, teoria. São Paulo: USP, Faculdade de Saúde Pública, 1974.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

POSEY, D. A. et al. **A ciência dos mebêngôkre: alternativas contra a destruição**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

POWERS, S. K., HOWLEY, E. T. **Fisiologia do Exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho**. São Paulo: Editora Manolle, 2000.

PRESTES, M., Há 30 mil embarcações na região. In.: Número de mortos em rios cresce 21%. Diário do Amazonas, Manaus, 11 março, 2008. Cidades, p.5

PRESTES, M., L. de M., **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 3. ed., 1. reimp. – São Paulo: Rêspel, 2007.

ROCHA FERREIRA, M. B., **O ser ánthropos e a atividade física**. IN: CONEXÕES: educação, esporte, lazer. Campinas, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, SP. 1998.

_____. **Criança e saúde: um enfoque antropológico**. Livro da Sociedade Internacional para Estudos da Criança -SIEC SIEC, Santa Maria, p. 141-156, 1999.

ROCHA FERREIRA, M. B. **Trajetória e travessia do desenvolvimento humano**. In.: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 21, p. 97 - 114, 2007.

SCHAFFER, R. M. **O mundo dos sons**. Correio da UNESCO, n. 4, p. 4-8, jan. 1977.

SCHUCKIT, M. **Abuso de álcool e drogas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 356p.

SCHMIDT-NILSEN, K. **Fisiologia animal: adaptação e meio ambiente**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 1996.

SICK, H. **Ornitologia brasileira**; ilustrações Paul Barruel; pranchas coloridas Paul Barruel e John P. O'Neill; coordenação e atualização José Fernando Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912p.:il.

SILVA, M. **História da Floresta, da vida e do mundo**. In: <http://www.senado.gov.br/web/senador/marinasi/artogos/art200200206HistóriaFloresta...11/5/2007>.

STRADELLI, E. **Vocabulários de língua peral: Português-Nheêngatú e Nheêngatú-Português**. Precedidos de um esboço de Grammatica. Nheênga-umbnê-sáua-mirî e seguidos de contos em língua geral nheêngatú- porandusca. Revista do Instituto Histórico, Rio de Janeiro, 1929.

THOMPSON, E. P. **O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial**. IN: SILVA, T. T. da (Org.). Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

TAYLOR, R.B., **Introduction to cultural anthropology**. Boston: Allyn and Bacon, 1973.

TOKARNIA, C. H. et al. **Plantas tóxicas da Amzônia a bovinos e outros herbívoros**. Manaus: INPA, 1979.

TUBINO, M. G., **Metodologia científica do treinamento desportivo**. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1984.

VIANNA, F. L. B., **Boleiros do cerrado: índios chavantes e o futebol**. São Paulo: Annablume; Fapesp; ISA, 2008.

VINHA, M., **Índios Kadiwéu: rivalidade e competitividade, diferentes sentidos entre duas memórias**. In.: Conexões: educação, esporte, lazer. Campinas, n. 4, p. 55-61, 2000

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

WEISS, M. L., MANN, A. E. **Human adaptability**. IN: An anthropological perspective. Little, Brown en Co. Bosto, 1981

WILMORE, J. H., COSTILL, D. L., **Fisiologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Editora Manole, 2001.

www.portalamazonia.globo.com (AMAZÔNIA de A a Z: Borracha, apogeu e decadência – Portal Amazônia

<http://www.aam.org.br/aam/municipio/historia.asp>

[http:// WWW.castanhal.com.br/monografia_juta.pdf](http://WWW.castanhal.com.br/monografia_juta.pdf)

<http://www.noticiasdaamazonia.com.br>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm

<http://portalamazonia.globo.com/noticias.php>.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm

APÊNDICE



APÊNDICE A: Solicitação ao Comitê de Ética da Universidade do Amazonas a Isenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SOLICITAÇÃO DE ISENÇÃO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE
ESCLARECIDO (TCLE)

Ilma.

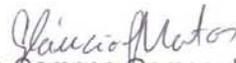
Profa. Dra. Maria Rosa Lozano Borrás
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa/ UFAM

Considerando as normas estabelecidas na Resolução nº 196, de 10 de Outubro de 1996, para pesquisa com seres humanos, solicitamos a *isenção* do TCLE baseado no item **risco** que a pesquisa poderá trazer ao grupo investigado.

*“Não será utilizado método invasivo, nesse sentido risco físico não ocorrerá. Por outro lado, como se trata de comunidades rurais onde o cultivo do solo e o extrativismo da caça, pesca e produtos da floresta são atividades de subsistência, poderá dependendo dos dados revelados, estigmatizar a comunidade e mal interpretá-la. Essa preocupação nos remete ao Comitê de Ética da UFAM para analisar nosso **pedido de isenção** quanto a apresentação do Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido. Tal preocupação tem como objetivo ético salvaguardar a identidade das comunidades e das pessoas que lá residem, e se o caso for, exclui-se, também, a identificação da área de estudo atribuindo-lhe um nome fictício.”*
(Trecho do item risco encontrado no projeto)

O maior risco é a **estigmatização** ao grupo investigado, por se tratar de uma pesquisa na qual as categorias de cultivo de solo e o extrativismo da caça, pesca e outros de produtos naturais são elementos de proteção.

Sem mais por o momento, agradecemos a atenção



Gláucio Campos Gomes de Matos

Responsável pelo projeto: O cotidiano do rural amazônico sob o olhar da teoria figuracional. CAAE – 02080.0.115.000-07

APÊNDICE B: Documento encaminhado á Marinha do Brasil

Manaus, 22 de janeiro de 2008

De: Gláucio Campos Gomes de Matos*
 Prof. Da UFAM/ Doutorando UNICAMP

Para: DÊNIS TEIXEIRA DE JESUS
 Capitão-de-Mar-e-Guerra
 Capitão dos Portos

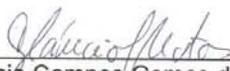
Ilustríssimo Capitão, por razões de minha tese de doutoramento intitulada "O cotidiano do rural amazônico sob o olhar da teoria configuracional" a ser defendida na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – sob a orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, venho solicitar, na medida do possível, algumas informações sobre o transporte no Amazonas que venha contribuir com o nosso trabalho no tópico ao qual vai tratar sobre **Meios de transportes**.

Para tanto elegemos algumas perguntas:

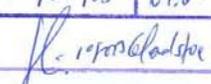
- 1) Quantos barcos de madeira e quantos de ferro temos registrados na jurisdição das Agências de Manaus, Itacoatiara e Parintins?
- 2) A construção de barcos de ferro é uma exigência da Capitania ou há uma pressão ecológica para não mais se construir barcos de madeira?
- 3) É possível saber a média no comprimento dos barcos construídos em madeira?
- 4) Na Amazônia Ocidental há algum Município cujo o transporte fluvial é predominantemente os construídos em ferro? No caso do Município de Tabatinga, essa informação pode ser confirmada?

Informamos ao Ilustríssimo Capitão que todos os dados utilizados em nossa tese será citado a fonte.

Sem mais para o momento agradeço a atenção


 Gláucio Campos Gomes de Matos

*Rua A, Qd. E, Nº 80, Conj. Shangri-lá VII – Paque dez
 Fone: (092) 3648-8379
 e-mail: glauciocampos@bol.com.br

MARINHA DO BRASIL		
CAPITANIA FLUVIAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL		
PROTOCOLO		
DE ENTRADA	DATA	HORA
0241	22/01/08	09:00
DISTRIBUIÇÃO: 		

APÊNDICE C: Participantes de alguns puxiruns dos quais nos envolvemos para coleta de dados

Puxirum do Sr. I. – 14-11-06

Anfitriões 2; Cozinha 5; Cavadores 16 (obs. participou um homem de 60 anos); Plantadoras 18 (obs. participou uma mulher de 70 anos, outra de 62 anos, uma criança de cinco anos, uma de sete e uma de oito anos) ; Maniveiros (Distribuidor de maniva) 6; Cortadores 6; Aguadeira 1; Carregadores de água 1.

Puxirum do Sr. G. – 27-10-06

Anfitriões 2; Cozinha 3; Cavadores 14; Plantadoras 16 (obs.: participou uma criança de sete anos); Maniveiros 3 (obs. uma criança); Cortadores 2; Aguadeira 1; Carregadores de água 1; Carregador de maniva 3;

Puxirum do Sr. R. – 10-11-06

Anfitrião 1; Cozinha 3; Cavadores 17; Plantadoras 18 (obs. participou três homens); Maniveiros 5 (obs.: uma criança); Cortadores 4; Aguadeira 1; Carregadores de água 1; Carregador de maniva (o anfitrião e filhos);

Puxirum do Sr. H. – 03-11-06

Anfitriões 2; Cozinha 3; Cavadores 14; Plantadoras 18 (participou dois homens); Maniveiros 7; Cortadores 3; Aguadeira 1; Carregadores de água 1; carregador de maniva (o anfitrião e filhos);

Puxirum do Sr. J. M – 31/10/06

Anfitriões 2; Cozinha 2; Cavadores 14; Plantadoras 11 (obs.: participaram dois homens); Maniveiros 6; Cortadores 2; Aguadeira 1 (um homem); Carregadores de água 1; Carregador de maniva (o anfitrião e filhos);

Puxirum do Sr. F. T. – 8-11-06

Anfitriões 2; Cozinha 3; Cavadores 7; Plantadoras 6 (obs. participaram dois homens);

Maniveiros 2 (obs.: uma criança); Cortadores 2; Aguadeira (qualquer um que pudesse levar água); Carregadores de água (qualquer um); Carregador de maniva (o anfitrião);

Puxirum da Sra. L. – 10-10-06

Anfitrião 1; Cozinha 3; Cavadores 10; Plantadoras 7 (obs.: participou um homem); Maniveiros 3; Cortadores 2; Aguadeira 1; Carregadores de água 1; Carregador de maniva (os filhos da anfitriã);

Puxirum do Sr. C – 10-11-06

Anfitriões 2; Cozinha 2; Cavadores 4; Plantadoras 4 (obs. participou um homem); Maniveiros 2 (uma criança de oito anos); Cortadores 1; Aguadeira (era o anfitrião); Carregadores de água (anfitrião); Carregador de maniva (anfitrião);

Puxirum da Sra. G. – 15-11-06

Anfitriã 1; Cozinha 2; Cavadores 7; Plantadoras 7 (obs.: participou um homem); Distribuidor de maniva 3 (um criança de oito anos e outra de nove anos); Cortadores 2; Aguadeira (cada um por si); Carregadores de água (filho da anfitriã); Carregador de maniva (filho da anfitriã);

Puxirum da Sr. D. S. –

Anfitriões 2; Cozinha 3; Cavadores 18; Plantadoras 17; Maniveiros 4; Cortadores 4; Aguadeira 1; Carregadores de água 1; Carregador de maniva 2.

Puxirum da Sr. A – 26/10/06

Anfitrião 1; Cozinha 2; Cavadores 9; Plantadoras 7 (obs. participou um homem e duas crianças); Maniveiros 2; Cortadores 2; Aguadeira 1 (homem); Carregadores de água (anfitrião); Carregador de maniva (anfitrião);

ANEXOS



ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

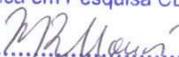
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM

**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0208.0.115.000-07, intitulado: **“O cotidiano do rural amazônico sob o olhar da teoria figuracional”**, tendo como Pesquisador Responsável Gláucio Campos Gomes de Matos.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus – EEM da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 12 de julho de 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFAM


.....
Profª Drª Maria Rosa Lozano Borrás
Coordenadora

ANEXO B: Parecer do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO

I - Identificação:

- Título do Projeto de Pesquisa: **“O cotidiano do rural amazônico sob o olhar da teoria figuracional”**
- Pesquisador Responsável: Gláucio Campos Gomes de Matos.
- Local de Realização: Universidade Federal do Amazonas
- Data de Apresentação ao CEP-UFAM: 12/06/2007
- CAEE nº. 0208.0.115.000-07

II - Objetivos:

Geral:

- Compreender as configurações e relações de poder no contexto dessas comunidades, levando em consideração as categorias de análise: cultivo do solo, extrativismo da caça, pesca e produtos da floresta;
- Compreender o significado do futebol como a desrotinizado do tempo e do puxirum como atividade de troca do “dia”.

III - Sumário do Projeto:

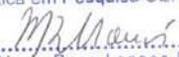
O presente projeto é um estudo sobre as figurações de um rural amazônico, com a finalidade para uma tese de doutoramento a ser apresentada na Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Será desenvolvida numa Comunidade Rural do Amazonas denominada Nossa Senhora de Fátima, Sagrado Coração de Jesus e Núcleo Maranata, localizadas no Igarapé Açu do Massauari do Município de Boa Vista do Ramos/AM, a cerca de 16 a 18 horas de viagem em barco de linha de Manaus à sede da comunidade. O método utilizado será a etnografia, que exige a pesquisa em campo utilizando-se da observação participante, entrevistas e conversas. As informações obtidas através destes procedimentos auxiliarão na compreensão e interpretação das figurações e das relações de poder nesse micro universo amazônico, tendo como categorias de análise o cultivo do solo, o extrativismo da caça, pesca e produtos da floresta, o puxirum como atividade coletiva de troca de “dia” e o futebol como uma atividade de desrotinização do cotidiano. Fundamentalmente a pesquisa será fundamentada pelas teorias de Norbert Elias, Clifford Geertz e Emilio Moran.

IV- Parecer:

Pelo exposto é parecer deste Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, que o projeto seja considerado **“Aprovado”**. Foi autorizada pelo CEP/UFAM a dispensa do uso de TCLE nesta pesquisa.

V - Data da reunião: 12/07/2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFAM


Profª Drª Mayra Rosa Lozano Borrás
Coordenadora

ANEXO C: Documento da Marinha do Brasil.



MARINHA DO BRASIL
CAPITANIA FLUVIAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL
 Rua Marquês de Santa Cruz, 264 - Centro
 69005-050 - Manaus - AM
 Tel.: (92) 2123-4950 - secom@cfaoc.mar.mil.br

Ofício nº 148/CFAOC-MB

Manaus, 14 de fevereiro de 2008.

A Sua Senhoria o Senhor
GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS
 Professor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM
 Rua A, Qd. E, nº 80, Conj. Shangri-lá VII- Parque Dez
 CEP 69.000-000 - Manaus-AM

Assunto: **Frota de embarcações**

Senhor,

1. Em atenção à solicitação contida na carta datada de 22 de janeiro de 2008, participo a Vossa Senhoria os seguintes dados e informações:

a) quantidade de embarcações de ferro (aço) e de madeira registradas:

Organização Militar	Madeira	Ferro (Aço)
Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental - CFAOC	5.398	1.649
Agência Fluvial de Itacoatiara	1.120	49
Agência Fluvial de Parintins	2.201	35

b) a construção de barcos de ferro **não** é uma exigência da Autoridade Marítima. Não é do conhecimento deste Agente da Autoridade Marítima a existência de qualquer "pressão" ecológica envidando esforços para evitar a construção de embarcações de madeira;

c) a média do comprimento de embarcações construídas em madeira é de cerca de 15m;

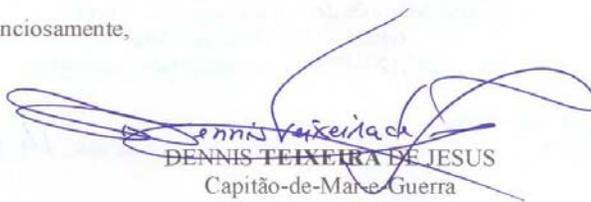
e

d) as embarcações de passageiros que navegam de Manaus até a cidade de Tabatinga são predominantemente fabricadas em aço. Tais embarcações apresentam maior segurança, pois há menor fadiga do material com o passar do tempo. Entretanto, há empurradores que formam comboios com

MARINHA DO BRASIL
(Continuação do OfExt n° 148 /2008, da CFAOC.....)

balsas fabricadas em aço que também navegam realizam o trajeto supracitado. Contudo, existem municípios vizinhos à cidade de Tabatinga cujo acesso se faz com embarcações predominantemente fabricadas em madeira.

Atenciosamente,


DENNIS TEIXEIRA DE JESUS
Capitão-de-Mar e Guerra
Capitão dos Portos

ANEXO D: Texto apresentado no dia da defesa**Semear a terra, plantar florestas e povoar os rios**

Quando recebi o convite para participar da avaliação da tese do Gláucio Campos Gomes de Matos, orientado pela Prof Maria Beatriz Rocha Ferreira pensei: o que um geógrafo vi fazer numa tese de Educação Física? Porém, como quase sempre na academia arrumamos uma gavetinha para enquadrar o que se produz, eu diria que o seu trabalho trata do etnoconhecimento, ou melhor, ele trata de tudo um pouco. Mesmo se todos esses temas que você trabalha: agricultura, caça, pesca, pessoas, suas histórias, cantos e contos não fossem importantes, o lugar em que eles se desenrolam – três comunidades amazônicas – constitui *per si* tema fundamental para entender o que fomos, o que somos e o que pretendemos ser. Seu trabalho trata de lugares dos quais poucos e pouco falam, mas que nos últimos anos graças a trabalhos como este produzidos por pesquisadores das diversas Universidades Amazônicas, esses lugares vêm à tona. É preciso falar desses lugares para compreender a Amazônia, não porque são importantes do ponto vista econômico e político, mas por serem lugares em que pulsam modos de vida que diferem significativamente do padrão característicos de outras regiões do Brasil.

Na reedição do livro a Invenção da Amazônia, Armando Dias Mendes propõe que os amazônidas deveriam inventar de novo a Amazônia, ou inventar uma Amazônia nova. Quando o autor se refere à invenção da Amazônia, está tratando da Amazônia portuguesa que se inicia com a instalação do Forte do Presépio e a partir daí passa a ser produzida para atender às diferentes formas espaciais que visavam servir de base ao desenvolvimento de novas atividades econômicas, o que se chocou com as relações de produção até então existentes. Para fazer essa retrospectiva história da ocupação da Amazônia indígena e a chegada dos colonizadores, primeiro os espanhóis depois os portugueses você dialoga com dois autores que você utiliza de modo recorrente no texto Elias e Goudsblom.

As relações preexistentes estavam fundamentadas em ações simples do homem (nós) com a natureza, de onde era retirado o necessário à vivência do grupo. Isso não significa considerar que as relações sociais pretéritas como as presentes estão isentas de conflitos

e tampouco são harmoniosas. O caboclo é bicho medonho, como você alude no seu trabalho e se expressa na (caça ao pato-do-mato e a outros animais, na retirada de ovos de quelônios e o curral para a captura, a pesca do pirarucu com filhotes, a pesca do peixe boi, etc.), mas estão orientadas para o uso do ambiente como meio por excelência para a vivência dos diferentes grupos humanos.

Antes a sociedade estava organizada para garantir formas simples de vivência, mas estas relações se transformaram com a chegada do novo, do moderno quando as relações passaram a ser mediadas por interesses longínquos cada vez mais afastados do meio em que estão inseridas e passam a ser mediadas pelo mercado. Agora em Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina o peixe não é pescado apenas para o consumo do pescador ele se insere nas redes de interdependências ampliadas como você apresenta no seu trabalho. Não foi, como não é, um processo contínuo no tempo e no espaço, e por isso não atingiu ao mesmo tempo todos os lugares da Amazônia, porém, configurou-se como tendência que, no início do século XXI, continua a revelar contradições assentadas na lógica do avanço de novas relações sociais de produção, que, de um lado, introduz tecnologia e modernização (basta verificar o que acontece nas três comunidades acesso ao motor de popa e ao rabeta, as antenas parabólicas) e, do outro, a perda de modos de vida. O pior, é que as novas relações sociais introduzidas (como a criação de gado, a pesca extensiva como uso da malhadeira e do arrastão) não significam a melhoria das condições de vida das populações locais, além de destruir gradativamente as bases culturais das mesmas.

Esta análise, de certo modo, perpassa todos os capítulos da tese e de modo mais específico no capítulo 3 a prática do puxirum, e principalmente os capítulos 4 e 5. Esses capítulos apresentam a etnografia da criação de animais, do cultivo da terra, da pesca, da caça e da prática do futebol. Os textos se entrelaçam e partem do entendimento de que a sociedade num determinado espaço se produz a partir do conhecimento acumulado, o que cria as possibilidades de permanências e de rupturas. Na Amazônia, se por um lado é necessário que as condições de existência sejam destruídas, com efeito, é igualmente necessário que preexistam os elementos constitutivos do novo modo de vida, de modo objetivo as formas de trabalho e de vivência e de modo subjetivo a cultura.

O seu trabalho nos mostra como contrariamente na Amazônia profunda as populações locais, embora arrancadas de seu meio, e separadas de sua cultura e de seu modo de vida, conseguiram reconstruí-las a partir de novas dimensões e de novas possibilidades. Com isso

se produz uma nova Amazônia como um conjunto de lugares com vários caminhos para o mundo; lugares onde a natureza dos processos externos aparece como delineamentos diversos e inovadores; lugares de complexidade que envolve o local e o global.

O seu trabalho traz implícita uma questão que eu reputo da maior relevância. Quando você se refere às três comunidades Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina você busca compreender um lugar específico cujas ações são pontuais e com reduzida capacidade de extrapolação para outras áreas. E você inicia as considerações finais abordando este aspecto: “guardadas as proporções de como foi ou como ainda é o modo de vida em comunidades (...) se a suposição é audaciosa, vamos centralizar no universo empírico de nossa pesquisa...”. Isso não significa sustentar que os acontecimentos das três comunidades não possam ser encontrados em outras, possivelmente sim, porém, e isso é o mais significativo, não é possível se falar de Amazônia no singular é preciso, compreendê-la como complexa e heterogênea apontando para a existência de várias Amazônias. Algumas atividades descritas na sua tese já não existem em outros lugares da Amazônia.

Por outro lado a Amazônia não é só isso. Há em curso a construção de lugares que buscam padrão de homogeneização, passando a ter a equivalência de mercado e para o mercado. Ora, tais práticas não conseguem inserir a todos no processo e, como resultado, há perdas de hábitos e costumes. O território como base de concretização da cultura fragmenta-se, o melhor exemplo disso, são as cidades e vilas surgidas em outra beira, a das estradas. O território passa a se constituir como lógica do mercado, embora o conjunto homogêneo seja negado pela fragmentação do detalhe.

Outro ponto que destaco na sua tese é a busca por romper com a perspectiva de que as sociedades da Amazônia sejam limitadas por fatores naturais. Você demonstra que a realidade amazônica não é só natureza, mas também história. Isto conduz a uma ênfase nas particularidades locais e históricas das comunidades estudadas.

Isto se aproxima de um artigo do Mark Harris “Presente ambivalente: uma maneira Amazônica de estar no tempo”, que saiu no livro “Sociedades caboclas amazônicas.org.” dentre outros pelo Walter Neves, em que o autor chama a atenção para a capacidade das populações ribeirinhas de se adaptarem às vicissitudes dos seus contextos socioeconômicos, especialmente à dinâmica do que você chama de crescimento extensivo que faz com que as populações oscilem entre períodos de maior inserção na economia de mercado e períodos de

retração para a economia de subsistência, demonstrando flexibilidade e abertura diante do novo. Esta seria uma habilidade desenvolvida pelas sociedades caboclas para negociar com as condições que se apresentam a cada momento presente, sem dar maior importância a um passado remoto.

A sua tese nos mostra que, na Amazônia, a vida no passado como no presente, resulta das duras condições o que é viver nesses tristes trópicos, mas também identifica a resistência, a força inquebrantável para a construção de uma nova vida que não é necessariamente melhor ou pior, mas é uma outra vida. Na maioria das análises sobre a Amazônia a resistência que se concretiza e se objetiva no dia-a-dia é sempre desconsiderada. Sua tese tem o mérito de buscar a superação dessa visão, pois considera que, para além das macroestruturas, há as coisas simples e a vivência do dia-a-dia.

Outro aspecto que também deve ser enfatizado é que a tese não parte da premissa de que os homens e mulheres da Amazônia são apenas vítimas ou pobres coitados, você mostra a vida como ela é, a violência da caçada, a banalização da vida animal.

As formas de viver na Amazônia em diferentes períodos, constituem-se na reatualização da exclusão, produzindo novos e velhos pobres nas florestas, nos rios e na terra; contudo, é também delas que emergem novos sujeitos sociais. Essa gente conhece os atalhos, as trilhas nas quais são traçadas as caminhadas de a sua História. Os moradores caçam, pescam, plantam, criam boi e jogam bola. Compreender isso é reinventar a Amazônia e entendê-la com área sociocultural que está contida e contém o mundo.

Mas do que construções disso, e isso não é pouco, você buscou compreender o resto de luz que brilha nos olhos e nos rostos cansados dos velhos e ilumina a retina dos jovens para ver além do horizonte em que o azul delimita o encontro de retas imaginárias de águas e do firmamento, possibilitando-os a visão de um céu mais intenso e deslumbrado. É uma luz que aponta para o futuro descortinando o horizonte. O seu trabalho é mais do que um projeto acadêmico é o grito de uma gente que quer ecoar. Estou aqui. Eu vivo. Eu sou gente. Essa gente quer escola, quer luz elétrica, quer os sinais da modernização e tem direito a isso. Mas essa gente quer é dignidade, essa gente quer é ser cidadão.

Só pesquisadores do lugar que vivenciaram o processo de transformação por que passa a Amazônia se capacitam intelectualmente e voltam ao lugar para jogar sementes (ou serão os alevinos?) que virarão peixes, cardumes, piracemas como o milagre da multiplicação

da vida a povoar nossos rios. A sua tese é o resultado de tudo isso, é emoção que se transforma no choro que brota das entranhas a se mistura com a racionalidade e a ponderação da análise científica para discutir alternativas para as coisas e a gente da Amazônia.

Por fim, sua tese de lugares onde está fincada a raiz da alma cabocla, verdadeiro arquivo cultural do mundo amazônico a se transformar em rabiscos simbólicos de uma cultura que teima em permanecer. Para além das dificuldades na Amazônia, há homens e mulheres para os quais há outro jeito de fazer e outro modo e esperar. Naqueles lugares brota a vida que se estrutura em outra lógica, pois que prenhe de sonhos, esperanças e resistências.

Dr. José Aldemir Oliveira
Professor da Universidade Federal do Amazonas
Membro da banca